COM A MORTE NA ALMA

Jean-Paul Sartre

COM A MORTE NA ALMA

OS CAMINHOS DA LIBERDADE

VOLUME III

Tradução de Isabel Brito

Título da edição original: Les Chemins de la Liberté — La Mort Dans l'Âme

Nova Iorque, nove horas da manhã, sábado, 15 de Junho de 1940.

Um polvo? Pegou na faca, abriu os olhos, era um sonho. Não. O polvo estava lá, sugava-o com as ventosas: o calor. Suava. Tinha adormecido cerca da uma hora; às duas, o calor havia-o acordado, mergulhara num banho frio e tornara-se a deitar sem se limpar; logo em seguida a forja voltara a ressoar-lhe sob a pele, recomeçara a transpirar. De madrugada tinha adormecido, sonhou com incêndios; agora o Sol já ia alto, e Gomez suava ainda: suava sem interrupção há quarenta e oito horas. "Meu Deus!", suspirava ao passar a mão pelo peito molhado. Isto não era do calor, era uma doença da atmosfera: o ar tinha febre, o ar suava, desfazia-se em suor. Levantar-se. Começar a suar dentro de uma camisa. Erguer-se: "Hombre! Já não tenho mais camisas." Encharcara a última, a azul, porque era obrigado a mudar-se duas vezes por dia. Agora era o fim: usaria este trapo húmido e mal cheiroso até que a roupa viesse da lavanderia. Levantou-se cautelosamente, mas sem poder evitar a inundação, as gotas corriam-lhe pelo corpo como piolhos e faziam-lhe cócegas. A camisa amarrotada, cheia de pregas, estava no espaldar da cadeira. Apalpou-a: nada seca neste país de merda. O coração batia-lhe, sentia um travo na boca, como se se tivesse embriagado na véspera. Vestiu as calças, aproximou-se da janela e correu as cortinas: na rua, a luminosidade era branca como uma catástrofe; mais treze horas de luz. Olhou para a rua com angústia e raiva. A mesma catástrofe: lá longe, na fértil terra negra, debaixo de fumo, sangue e gritos; aqui, entre as casinhas de tijolo vermelho, luz, apenas luz, apenas luz e transpiração. Mas era a mesma catástrofe. Dois negros passaram e riram, uma mulher entrou no drugstore. "Meu Deus!" Via as cores tornarem-se berrantes: mesmo tendo tempo, mesmo tendo cabeça para isso, como poderia pintar com esta luminosidade! "Meu Deus!", disse, "meu Deus!"

Bateram à porta. Gomez foi abrir. Era Ritchie.

— É um crime — disse Ritchie ao entrar.

Gomez estremeceu:

— O quê?

— Este calor: é um crime. O quê — acrescentou com um ar de censura —, não estás vestido?

Ramon espera-nos às dez horas. Gomez encolheu os ombros:

— Adormeci tarde. Ritchie tornou a sorrir, e Gomez apressou-se a acrescentar: — Está muito calor. Não consigo dormir.

— Acontece, nos primeiros tempos — disse Ritchie complacentemente.

— Depois habituas-te

— Tomas pastilhas de sal?

— Olhou para ele atentamente.

— Sim, claro, mas não fazem efeito. Ritchie abanou a cabeça e a sua benevolência matizou-se de severidade: as pastilhas de sal deviam impedir a transpiração. Se não produziam efeito em Gomez, então ele não era como as outras pessoas.

— Mas então! disse subitamente Ritchie, franzindo o sobrolho —, tu devias estar treinado: em Espanha também há muito calor. Gomez pensou nas manhãs

secas e trágicas de Madrid, nessa bela luminosidade sobre Alcalá, que era ainda a esperança; abanou a cabeça:

— Não era o mesmo calor.

— Menos húmido, não? — disse Ritchie, com uma espécie de orgulho.

— Sim. E mais humano, Ritchie tinha um jornal na mão; Gomez estendeu o braço para lhe pegar, mas não ousou. A mão pendeu-lhe.

— É um grande dia — disse Ritchie alegremente: a festa de Delaware. Sou de lá, sabes?

Abriu o jornal na décima terceira página; Gomez viu uma fotografia. La Guardia cumprimentava um homem forte e ambos sorriam com naturalidade.

— Este tipo à esquerda — continuou Ritchie — é o governador de Delaware. La Guardia recebeu-o ontem no World Hall. Foi formidável.

Gomez tinha vontade de lhe arrancar o jornal e de ver a primeira página. Mas pensou: "Estou-me nas tintas", e foi para a casa de banho. Encheu a banheira de água fria e barbeou-se rapidamente. Quando se ia a meter no banho, Ritchie gritou-lhe:

— Como vais de massas?

— Muito mal, já não tenho nenhuma camisa e restam-me dezoito dólares. Além disso, Manuel chega na segunda-feira, tenho de lhe devolver o apartamento.

Mas estava a pensar no jornal: Ritchie lia enquanto esperava; Gomez ouvia-o voltar as páginas. Limpou-se cuidadosamente; em vão: e água emergia da toalha. Enfiou a camisa húmida, esfregando-a nas costas, e entrou no quarto.

— Desafio dos Gigantes. Gomez olhou Ritchie sem compreender.

— O basebol, ontem. Ganharam os Gigantes.

— Ah!, sim, o basebol...

Baixou-se para apertar os sapatos. Procurava ler, espreitando, os títulos da primeira página. Acabou por perguntar:

— E Paris?

— Não ouviste a rádio?

— Não tenho rádio.

— Acabado, liquidado — disse Ritchie tranqüilamente. — Entraram esta noite.

Gomez dirigiu-se para a janela, colou a testa ao caixilho escaldante, olhou para a rua. Este sol inútil, este dia inútil. De futuro, apenas dias inúteis. Voltou-se e deixou-se cair na cama.

— Despacha-te — disse Ritchie. — Ramon, não gosta de esperar.

Gomez levantou-se. A camisa já estava encharcada.

Foi pôr a gravata em frente do espelho:

— Ele está de acordo?

— Em princípio, sim. Sessenta dólares por semana e farás a crônica das exposições. Mas ele quer ver-te.

— Ver-me-á — disse Gomez. — Ver-me-á.

Voltou-se bruscamente:

— Preciso de um adiantamento. Achas que ele irá nisso?

Ritchie encolheu os ombros. e, após um momento:

— Disse-lhe que vieste de Espanha e ele desconfia de que não tens grande admiração por Franco; — mas não lhe falei das tuas... explorações. Não lhe digas que eras general: no fundo, não sabemos o que pensa. General!

Gomez olhou para as calças usadas e para as manchas escuras que o suor punha na camisa. Disse serenamente:

— Não tenhas medo, não tenho vontade de me gabar. Sei o que custa, aqui, ter feito a guerra em Espanha: há seis meses que estou sem trabalho. Ritchie pareceu abalado:

— Os Americanos não gostam de guerra — explicou secamente.

Gomez pôs o casaco debaixo do braço:

— Vamos.

Ritchie dobrou lentamente o jornal e levantou-se. Na escada perguntou:

— A tua mulher e o teu filho estão em Paris?

— Espero bem que não — replicou vivamente Gomez.

— Espero que Sarah tenha sido suficientemente esperta para se raspar para Montpellier. Acrescentou:

— Não tenho notícias deles desde o dia 1 de junho. Se tiveres trabalho, podes mandá-los vir — disse Ritchie.

Sim — disse Gomez. — Sim, sim. Veremos.

A rua, o brilho das janelas, o sol a incidir sobre as longas casas achatadas e sem tecto, de tijolos escurecidos. Em frente de cada porta degraus de pedra branca; uma bruma de calor do lado de East River; a cidade tinha um ar definhado. Nem uma sombra: em nenhuma rua do mundo nos sentiríamos tão estranhos. Agulhas incandescentes furavam-lhe os olhos; levantou a mão para se defender, e a camisa colou-se-lhe à pele. Arrepiou-se:

— Um crime!

— Ontem — disse Ritchie —, um pobre velho caiu à minha frente: insolação.

Brr — exclamou.

— Não gosto de ver mortos.

"Vai para a Europa e estás servido", pensou Gomez. Ritchie acrescentou:

— Faltam quarenta prédios. É melhor apanhar o autocarro.

Pararam junto ao posto amarelo. Uma jovem esperava. Olhou-os com ar sabido e triste, depois voltou-lhes as costas.

— Bela rapariga — disse Ritchie com ar colegial.

— Tem ar de prostituta — disse Gomez com rancor.

Aquele olhar tinha-o feito sentir-se sujo e transpirado. Ela não estava a transpirar. Ritchie também não: rosado e fresco na sua bonita camisa branca, só o nariz arrebitado brilhava um pouco. O belo Gomez. O belo general Gomez. O general debruçara-se sobre olhos azuis, verdes, negros, sombreados pelo bater dos cílios; a prostituta apenas se apercebera de um pequeno meridional avaliado em cinqüenta dólares por semana, — que suava no seu fato comprado feito. "Tomou-me por um dago*" Mesmo assim, olhou para as belas pernas longas enquanto continuava a suar. "Há quatro meses que não sei o que é fazer amor." Dantes, sentia o desejo como um sol seco no ventre. Presentemente, o belo general Gomez tinha desejos vergonhosos e fugidios de vagabundo.

* Termo, em gíria norte-americana, e como que são designados os imigrantes do Sul da Europa. (N. da T.)

— Um cigarro? — ofereceu Ritchie.

— Não. Sinto a garganta a arder. Gostaria mais de beber.

— Não temos tempo.

Com um ar perturbado deu-lhe uma pequena palmada no ombro:

Faz por sorrir — disse. Se Ramon te vê com essa cara, assusta-se. Não te peço que sejas cerimonioso — apressou-se a dizer, perante um gesto a Gomez. — Ao entrares, fazes um sorriso impessoal e esforças-te por conservar; durante esse tempo podes pensar no que quiseres:

— Vou sorrir — disse Gomez.

Ritchie olhou com solicitude.

— É com o garoto que estás preocupado?

— Não. — ele fez pr. p 5~Qroso esforço de reflexão: 'Á'~ o'r e a u —, .4, s~

— Paris? estou-me nas tintas por Paris — disse Gomez violentamente. Ainda bem que tomaram a cidade sem combate, não achas? Os Franceses não podiam defendê-la — respondeu Gomez com uma voz neutra.

— Bah, uma cidade plana.

— Podiam defendê-la. Madrid resistiu dois anos e meio...

— Madrid... — repetiu Ritchie com um gesto vago. Retomou:

— Mas para quê defender Paris? É estúpido. Teriam destruído o Louvre, a ópera, Notre-Dame. Quanto menos estragos houver, melhor. Agora — acrescentou satisfeito —, a guerra, acabará depressa.

Essa agora! — disse Gomez ironicamente. — dentro de três meses teremos a paz nazi.

A Paz — disse Ritchie — não é democrática, nem nazi: é a paz. Sabes que não gosto dos nazis. Mas são homens como os outros. Uma vez conquistada a Europa, verá surgir as primeiras dificuldades e terão de se moderar. Se forem razoáveis, deixarão que cada país se administre por si próprio no seio de uma federação européia. Qualquer coisa como os nossos Estados Unidos.

Falava lentamente e com aplicação. Acrescentou:

— Se isso vos impedir de estar em guerra de vinte em vinte anos, será esse o preço. Gomez olhou-o irritado: havia uma imensa boa vontade nos seus olhos cinzentos. Ritchie era alegre, amava a humanidade, as crianças, as aves, a arte abstracta; pensava que com dois reis de bom senso todos os conflitos seriam sanados. Não tinha muita simpatia pelos imigrantes de raça latina; entendia-se melhor com os alemães. "A tomada de Paris, para ele, que poderia representar?"

Gomez voltou a cabeça e olhou para o mostruário multicor do vendedor de jornais: Ritchie pareceu-lhe, de repente, impiedoso.

— Vocês, os Europeus — disse Ritchie —, agarram-se sempre a símbolos. Há oito dias que se sabe que a França está perdida. Bem: viveste lá, tens boas recordações, compreendo que isso te entristeça. Mas a tomada de Paris? Em que te perturba, se a cidade, está intacta? No fim da guerra voltaremos.

Gomez sentiu-se tomado de uma extraordinária e colérica alegria:

— Em que é que me perturba? — perguntou com voz trêmula.

— Dá-me prazer! Quando Franco entrou em Barcelona eles abanavam a cabeça, diziam que era pena, mas ninguém mexeu um dedo. Pois bem, é a vez deles; que se avenham! Sim, dá-me prazer — gritou no meio do ruído do autocarro que, entretanto, tinha chegado —, dá-me prazer!

Subiram depois da mulher jovem. Gomez fez o possível por lhe ver as pernas; ficaram de pé na plataforma. Um homem gordo, de óculos de ouro, afastou-se precipitadamente deles e Gomez pensou: "Devo, cheirar mal."

Na última fila de lugares sentados, um passageiro tinha desdobrado um jornal. Gomez. leu, por cima do ombro: "Toscanini aclamado no Rio, onde toca pela primeira vez depois de cinqüenta e quatro anos." E mais abaixo: "Estréia em Nova Iorque: Ray Milland e Loretta Yoting em O Doutor Vú Casar."

Por todo o lado se abriam jornais: La Guardia recebe o governador de Delaware; Loretta Young; incêndio no Illinois; Ray Milland; o meu marido começou a gostar de mim quando comprei desodorizante Pitts; comprem Chrisargyl, o laxativo da lua-de-mel; um homem em pijama sorria à jovem esposa; La Guardia sorria ao governador de Delaware; "Não há bolos para os mineiros", declara Buddy Smith. Iam lendo; as grandes folhas brancas e negras falavam-lhes de si próprios, das suas preocupações, dos seus prazeres; sabiam quem era Buddy Smith, e Gomez não sabia; viravam para o chão, para as costas do condutor, as letras grossas da primeira página: "Tomada de Paris", ou então "Montmortre em chamas". Iam lendo, mas os títulos gritavam-lhes entre as mãos sem serem ouvidos. Gomez sentiu-se velho e cansado. Paris estava longe; era o único a preocupar-se, no meio de cento e cinqüenta. milhões de homens, era apenas uma pequena preocupação pessoal, pouco mais importante do que a sede que lhe queimava a garganta.

— Dá-me o jornal — pediu a Ritchie.

Os Alemães ocupam Paris. Pressão em direcção ao Sul. Tomada do Havre. Assalto da Linha Maginot. As letras gritavam, mas os três negros que conversavam atrás dele continuavam a rir sem ouvir. Intacto o exército francês, a Espanha toma Tânger. O homem de óculos de ouro procurava alguma coisa, metodicamente, na pasta, e acabou por retirar uma chave Yale, que examinou com satisfação. Gomez teve vergonha, sentia vontade de fechar o jornal, como se nele se falasse dos seus segredos mais íntimos. Estes gritos enormes que lhe faziam tremer as mãos, os pedidos de socorro, os estertores, eram enormes incongruências, como o seu suor de estrangeiro, como o seu cheiro demasiado intenso. A palavra de Hitler posta em dúvida; o presidente Roosevelt não acredita... Os Estados Unidos farão o que puderem pelos Aliados; o Governo de Sua Majestade fará o que puder pelos Checos; os Franceses farão o que puderem pelos republicanos de Espanha. Ligaduras, medicamentos, latas de leite. Miséria! Manifestação de estudantes em Madrid para exigir a devolução de Gibraltar aos Espanhóis. Viu a palavra Madrid e já não pôde continuar.

"Bem feito, patifes! Patifes! Que peguem o fogo aos quatro cantos de Paris que a reduzam a cinzas." Tours (do nosso correspondente particular Archambaud): A luta continua, os Franceses declaram que a pressão inimiga

diminui; pesadas perdas nazis. Naturalmente a pressão diminui, diminuirá até ao último dia e até ao último jornal francês; pesadas perdas, pobres palavras, últimas palavras de esperança que já não enganam ninguém; pesadas perdas fascistas à volta de Tarragona; a pressão diminui; Barcelona resistirá... e, no dia seguinte, a debandada. Berlim (do nosso correspondente particular Brook Peters): A França perdeu toda a indústria; Montmédy foi tomado; a Linha Maginot assaltada; o inimigo em fuga; canto de glória, canto cheio de sonoridade, sol; em Berlim, em Madrid, canta-se em uniforme; Barcelona, Madrid, em uniforme; Barcelona, Madrid, Varsóvia, Paris, amanhã Londres. Em Tours, senhores de casaco escuro passeavam pelos corredores dos hotéis.

— Bem feito! É bem feito, que tomem tudo, a França, a Inglaterra, que desembarquem em Nova Iorque, é bem feito!

O senhor de óculos de ouro olhava-o; Gomez teve vergonha, como se tivesse gritado. Os negros sorriam, a jovem mulher sorria, o cobrador sorria, not to grin is a sin.

— Vamos descer — disse Ritchie sorrindo.

Nos anúncios, na capa das revistas, a América sorria. Gomez pensou em Ramon e começou a sorrir.

São dez horas — continuou Ritchie —, só estamos atrasados cinco minutos. Dez horas, três horas em França: uma tarde enevoada, sem esperança, despontava desta manhã colonial. Três horas em França.

— Estamos bem arranjados — disse o tipo. Estava petrificado no assento; Sarah via o suor escorrer-lhe pela nuca; ouvia o barulho das buzinas. — Já não temos gasolina! Abriu a porta, saltou do carro e ficou parado em frente dele, olhando-o ternamente:

— Santo Deus! — murmurou entre dentes. — Santo Deus!

Afagava o carro escaldante: Sarah via-o, através da janela, de pé contra o céu faiscante, no meio de tanto barulho; os carros que passavam desde manhã distanciavam-se numa nuvem de poeira. Atrás deles, as buzinas, os apitos, as campainhas: um gorjeio de pássaros de ferro, o canto do ódio.

— Porque se zangam? — perguntou Pablo.

— Porque impedimos a passagem.

Ela gostaria de ter saltado do carro, mas o desespero mantinha-a no assento. O tipo levantou a cabeça:

— Desça! — disse ele irritado.

— Não os está a ouvir? Ajude-me a empurrar. Desceram.

— Empurre atrás — ordenou o tipo a Sara. — E com força.

— Também quero empurrar — disse Pablo.

Sarah agarrou-se ao carro e empurrou com toda a força, de olhos fechados, como num pesadelo. O suor ensopava-lhe a blusa: através das pálpebras cerradas, o sol feria-lhe os olhos. Abriu-os: em frente dela, o tipo empurrava com a mão esquerda apoiada na janela; com a direita, manobrava o volante; Pablo tinha-se precipitado contra o pára-choques traseiro e dava gritos selvagens.

— Cuidado para não seres atropelado — recomendou Sarah.

O carro deslizou devagar para a beira da estrada.

— Parem! Parem! — disse o tipo — Já está, meu Deus!

As buzinas calaram-se; o rio recomeçou a correr.

Os carros passavam junto do automóvel avariado, com rostos colados contra as janelas; Sarah sentiu-se corar sob esses olhares e escondeu-se. Um homem alto e magro, ao volante de um Chevrolet, debruçou-se e gritou:

— Filho da puta!

Caminhões, camionetas, automóveis, táxis com bandeiras pretas, carroças. De cada vez que um carro passava por eles, Sarah perdia um pouco de coragem e Gien afastava-se um pouco mais. Depois, o desfile das carroças, e Gien afastava-se cada vez mais, rangendo; por fim a mancha negra dos peões cobriu a estrada. Sarah refugiou-se na valeta: as multidões assustavam-na. Andavam devagar, com dificuldade, o sofrimento dava-lhes um ar de família: quem quer que entrasse no grupo se lhes assemelharia. Recuso-me. Recuso-me a ser como eles. Não a olhavam; evitavam o carro sem o olhar: já não tinham olhos. Um gigante de chapéu de palha com uma mala em cada mão esbarrou no carro deu meia volta e retomou a sua marcha. Estava pálido. Uma das malas tinha etiquetas de várias cores: Sevilha, Cairo, Sarajevo, Stresa.

— Está morto de cansaço — gritou Sarah.

— Vai cair. Não caía. Ela seguiu com os olhos o chapéu de fita vermelha e verde que balançava alegremente acima do mar de chapéus. Pegue na mala e continue sem mim. Sarah estremeceu — e, sem responder olhava a multidão com uma repugnância assustada.

— Está a ouvir o que eu digo?

Ela voltou-se para ele:

— Não será possível esperar que um carro passe e pedir-lhe uma lata de gasolina? Depois dos peões, virão mais automóveis.

O tipo sorriu agressivamente.

— Aconselho-a a tentar.

— Porque não, porque não havemos de tentar?

Ele cuspiu com desprezo e durante um momento não respondeu.

— Não os viu?

— perguntou ele por fim.

— Empurraram-se uns aos outros. Como quer que parem?

— E se eu encontrar gasolina?

— Já lhe disse que não encontra. Ou pensa que vão perder o lugar na bicha por sua causa?

— Olhou-a de alto a baixo, troçando:

— Se você fosse bonita e tivesse vinte anos não digo que não.

Sarah fingiu não ouvir. Insistiu:

— E se, apesar de tudo, eu conseguisse?

Abanou a cabeça, teimoso:

— Não há nada a fazer. Não continuo. Mesmo que arranje vinte litros; ou até cem. Já vi como é. Cruzou os braços.

— Está a ver — disse ele com severidade.

— Travar, derrapar, engatar de vinte em vinte metros. Mudar de velocidade cem vezes por hora: é isso que dá cabo de um carro!

O vidro estava sujo. Ele pegou no lenço e limpou-o solicitamente.

— Não me devia ter deixado arrastar.

— Bastava ter gasolina em quantidade suficiente.

Abanou a cabeça sem responder; ela tinha vontade de o esbofetear. Conteve-se e disse calmamente:

— Então? O que tenciona fazer?

— Ficar aqui e esperar.

— Esperar o quê?

Ele não respondeu. Ela pegou-lhe no braço e apertou-o com toda a força:

— Se ficar aqui, sabe o que lhe acontece? Os alemães deportarão todos os homens válidos.

— Claro! E cortarão as mãos ao garoto e violá-la-ão, se tiverem coragem. Tudo isso são balelas: eles não são certamente tão maus como dizem.

Sarah tinha a garganta seca e os lábios tremiam-lhe. E, quase sem voz:

— Está bem. Onde estamos?

— A vinte e quatro quilômetros de Gien. "Vinte e quatro quilômetros! Não me vou pôr a chorar em frente deste patife!"

Entrou para o carro, pegou na mala, tornou a sair, deu a mão a Pablo.

— Vem, Pablo!

— Aonde?

— Para Gien.

— É longe?

— Ainda é bastante, mas pegar-te-ei ao colo quando estiveres cansado.

E depois — acrescentou em ar de desafio — encontraremos certamente boa gente que nos ajude.

O homem plantou-se-lhes na frente, impedindo-lhes a passagem. Franzia o sobrolho e coçava a cabeça com ar inquieto.

— Que pretende? — perguntou Sarah secamente.

Ele não sabia o que queria. Olhava alternadamente para Sarah e Pablo; parecia procurar alguma coisa.

— Então? — disse ele inseguro. — Vai-se embora sem se quer me agradecer?

— Obrigada — disse Sarah apressadamente —, obrigada.

O homem tinha encontrado o que procurava: o, ódio. Encolerizou-se e tornou-se escarlate.

— E os meus duzentos francos? Onde estão?

— Não lhe devo nada — disse Sarah.

— Não me prometeu duzentos francos? Esta manhã? Em Melun? Na minha garagem?

— Sim, se me levasse a Gien: mas deixou-me no meio da estrada com uma criança.

— Não sou eu que a deixo, é o carro.

— Abanou a cabeça e as veias das têmporas incharam-lhe. Os olhos brilhavam-lhe e parecia contente. Sarah não tinha medo dele.

— Quero os meus duzentos francos.

— Ela meteu a mão na carteira.

— Tome lá cem francos. Não lhos devo, e você é certamente, mais rico do que eu. Dou-lhos para que me deixe em paz.

Ele pegou na nota e meteu-a no bolso; depois tornou a estender a mão. Estava vermelho, com a boca aberta e olhar pensativo.

— Ainda me deve cem francos.

— Não lhe dou nem mais um tostão. Deixe-me passar.

Ele não se mexia, impávido. Na verdade, não queria os cem francos. Não sabia o que queria: talvez quisesse que o garoto lhe desse um beijo antes de partir: a sua linguagem traduzia isso. Avançou para ela e ela percebeu que lhe ia tirar a mala.

— Não me toque.

— Ou me dá os cem francos ou fico com a mala.

Olhavam-se olhos nos olhos. Era visível que ele não tinha vontade alguma de ficar com a mala e Sarah estava tão cansada que de boa vontade lha teria dado. Mas, presentemente, era preciso representar a cena até ao fim. Hesitaram, como se não se lembrassem do respectivo papel; depois Sarah disse:

— Experimente levá-la! Experimente!

Ela agarrou na mala pela pega e começou a puxar. O homem podia ter-lha arrancado com um esticão, mas limitava-se a puxar, sem ver o que estava a fazer; por seu lado, Sarah puxava também; Pablo começou a chorar. O rebanho de peões já ia longe, recomeçara o desfile dos automóveis. Sarah sentiu-se ridícula. Puxou com força pela mala; ele, por sua vez, puxou ainda mais e arrancou-lha. Olhou para Sarah e para a mala com espanto; talvez nunca lha tivesse querido tirar, mas era um facto, presentemente: segurava-a na mão.

— Devolva-me a mala — disse Sarah.

Ele não respondeu; tinha um ar idiota e persistente. A raiva apoderou-se de Sarah, que se lançou em direcção aos automóveis:

— Agarrem que é ladrão! — gritou ela.

Um grande Buick preto passou ao pé deles.

— Vamos — disse o tipo —, nada de histórias!.

Agarrou-a pelos ombros, mas ela conseguiu libertar-se; as palavras e os gestos saíam-lhe com segurança e precisão. Saltou para o degrau do automóvel e agarrou-se ao caixilho da janela.

— Um ladrão! Um ladrão!

Um braço saiu do carro e empurrou-a.

— Desça, vai matar-se. Ela começava a sentir-se endoidecer: era agradável.

— Parem — gritou.

— Um ladrão! Ajudem-me!

— Vamos, desça!

— Como quer que pare? Chocariam comigo.

A raiva de Sarah desapareceu subitamente. Saltou para o chão e tropeçou. O garagista levantou-a do chão. Pablo gritava e chorava. Tudo acabado; Sarah tinha vontade de morrer. Meteu a mão na carteira e tirou cem francos.

— Tome! Mais tarde terá vergonha.

O tipo pegou na nota sem levantar os olhos e deixou a mala.

— Agora, deixe-nos passar.

Ele afastou-se; Pablo ainda estava a chorar.

— Não chores, Pablo — disse ela sem meiguice. — Acabou-se, vamos embora.

— Afastaram-se.

O tipo ficou a murmurar:

— Quem me pagava a gasolina?

O cortejo de formigas negras continuava a ocupar a estrada; Sarah tentou aproximar-se deles, mas o barulho das buzinas atirou com ela para a valeta.

— Vem atrás de mim.

Torceu o pé e parou.

— Senta-te.

Sentaram-se na erva. Os insectos arrastavam-se à sua frente, enormes, lentos, misteriosos; ele estava de costas, com a inútil nota de cem francos na mão; os automóveis rangiam como lagostas, cantavam como grilos. Os homens haviam-se transformado em insectos. Ele tinha medo.

— Ele é mau — disse Pablo. — Mau! Mau!

— Ninguém é mau! — disse Sarah apaixonadamente.

— Então porque é que roubou a mala?

— Não se diz: porque é que roubou a mala. Porque roubou a mala.

— Então porque roubou a mala? Estava com medo — explicou ela. De que estamos à espera?

Sarah perguntou Pablo. De que os automóveis passem, para podermos ir pela estrada. Vinte e quatro quilômetros. O garoto pode fazer oito, quando muito. Bruscamente subiu a rampa e começou a acenar. Os carros iam passando por ela e sentia-se vista por olhos escondidos, por estranhos olhos de moscas, de formigas.

— Que estás a fazer, mamã?

— Nada — disse Sarah amargamente. — Tolices.

Tornou a descer para a valeta, pegou na mão de Pablo e olha ram para a estrada em silêncio. A estrada e as carapaças que por ela se arrastavam. Gien, vinte e quatro quilômetros. Depois de Gien, Nesers, Limoges, Bordéus, Hendaia, os consulados, papelada, as esperas humilhantes nas repartições. Teria muita sorte se arranjasse um comboio para Lisboa. Em Lisboa, seria um milagre apanhar barco para Nova Iorque. E em Nova Iorque? Gomez está sem dinheiro, talvez viva com uma mulher; talvez seja a desgraça e a vergonha total. Ele abriria o telegrama e diria: "Santo Deus!" Voltar-se-ia para uma loira enorme, com um cigarro entre os lábios grossos, e dir-lhe-ia: "A minha mulher está para chegar, que grande desgraça!" Agora vê-o no cais, os outros acenam com lenços; ele não, olha para a escada com ar carrancudo. "Vá, anda", — pensou ela, "se eu fosse sozinha nunca mais ouvirias falar de mim; mas tenho de viver para educar o filho que me fizeste".

Os automóveis tinham desaparecido, a estrada estava vazia. Do outro lado da rua, havia campos amarelos e colinas. Passou um homem de bicicleta; estava pálido e suava; pedalava furiosamente. Olhou para Sarah desnorteado e gritou sem parar:

— Paris está em chamas. Bombas incendiárias.

— Como? Mas ele já atingira, os automóveis, ela viu-o agarrar-se à parte traseira de um Renault. Paris em chamas. Para quê viver? Para quê proteger esta frágil vida? Para que ele vagueie de país em país, amargo e amedrontado?, — para que arraste durante meio século a maldição que pesa sobre a sua raça? Para que aos vinte anos morra numa estrada, metralhado e com as tripas de fora? Serás orgulhoso, sensual e mordaz como o teu pai. E judeu, como eu. Pegou-lhe na mão:

— Anda! — Vamos! São horas.

A multidão invadiu a estrada e os campos, densa, tenaz, implacável; uma inundação. Nenhum barulho, além do roçar chiante das solas dos sapatos. Sarah sentiu-se angustiada por um instante, teve vontade de fugir para os campos; mas controlou-se, pegou em Pablo, levou-o consigo, deixou-se ir. O cheiro. O cheiro dos homens, quente e insípido, de sofrimento, amargo, perfumado; o cheiro antinatural dos animais que pensam. Por entre duas nucas avermelhadas abrigadas por chapéus, ela viu afastarem-se os últimos carros, as últimas esperanças. Pablo pôs-se a rir e Sarah estremeceu.

— Chiu! disse ela envergonhada.

— Não devemos rir.

Continuava a rir, sem fazer barulho.

— Porque ris?

— É como nos enterros — explicou ele.

Sarah, sentia rostos e olhos, à direita, à esquerda, mas não tinha coragem de olhar para eles. Andavam; obstinavam-se em andar como ela teimava em viver: levantavam-se nuvens de poeira que caíam sobre eles; continuavam a andar. Sarah, muito direita, de cabeça erguida, olhava fixamente para longe, entre cabeças, e murmurava: "Não serei como eles!" Mas, instantes depois, este caminhar colectivo penetrou-a, subiu-lhe pelas coxas até ao ventre, sentiu-o bater dentro de si como um grande coração. O coração de todos.

— Eles matavam-nos, os nazis, se nos apanhassem? — perguntou Pablo de repente.

Chiu! — disse Sarah. — Não sei.

— Matavam toda esta gente?

— Está calado. Já te disse que não sei.

— Então vamos a correr.

Sarah apertou-lhe a mão.

— Não corras. Fica aqui. Não nos matarão.

À sua esquerda, uma respiração áspera. Há cinco minutos que a ouvia sem lhe prestar atenção. Agora apoderara-se dela, instalara-se-lhe nos brônquios, tornara-se a sua respiração. Voltou-se e viu uma velha de melenas cinzentas e húmidas de suor. Era uma velha da cidade, pálida e olheirenta; ofegava. Devia ter vívido sessenta anos num pátio de Montrouge, nas traseiras de uma loja de Clichy; agora, haviam-na abandonado na estrada; sustinha contra ela um pacote de forma alongada; cada passada, uma queda: tropeçava ora num pé ora noutro e a cabeça caía-lhe também. "Quem a teria aconselhado a partir, com esta idade? As pessoas não serão já suficientemente infelizes, para ainda procurarem mais

complicações?" A bondade subiu-lhe ao peito como leite: ajudar-lhe-ei, pegar-lhe-ei no pacote, na fadiga, na desgraça. Perguntou ternamente:

— A senhora está sozinha?

A velha nem sequer virou a cabeça.

— Está sozinha? — perguntou Sarah mais alto.

A velha olhou-a com um ar hermético.

— Posso levar-lhe o embrulho — ofereceu Sarah.

Esperou um instante; olhava o embrulho com concupiscência. Acrescentou com uma voz insistente:

— Dê-mo, peço-lhe: levá-lo-ei enquanto o garoto puder andar.

— Não lhe dou o embrulho — disse a velha.

— Mas a senhora está exausta; não chegará ao fim.

A velha lançou-lhe um olhar raivoso e deu um passo para o lado:

— Não dou o meu embrulho a ninguém — respondeu ela.

Sarah suspirou e calou-se. A sua bondade não utilizada enchia-a como um gás. Não querem ser amados. Algumas cabeças tinham-se voltado para ela, corou. Não querem ser amados, não estão habituados.

— Ainda é longe, mamã?

— Quase tão longe como há bocado — respondeu Sarah, aborrecida.

— Pega-me ao colo, mamã.

Sarah encolheu os ombros. "Está a experimentar-me, ficou com ciúmes por eu querer levar o embrulho da velha." Tenta andar mais um bocado.

— Já não posso mais, mamã. Pega-me.

— Ainda não estás cansado, Pablo — cochichou-lhe severamente. — Acabas de sair do carro.

O garoto recomeçou, a andar; Sarah caminhava, de cabeça erguida, esforçando-se por não pensar nele. Após um momento, lançou-lhe uma olhadela e viu-o chorar. Chorava calmamente, sem barulho, só para ele; de vez em quando levava a mão à cara para limpar as lágrimas. Ela teve vergonha, e pensou: "Sou demasiado dura. Boa para os outros por orgulho, dura para ele que é meu." Entregava-se aos outros, esquecia-se de si, esquecia-se de que era judia; porque era perseguida, evadia-se numa grande caridade impessoal e, nesses momentos, detestava Pablo, porque ele era carne da sua carne e porque reflectia a sua raça. Pôs a mão na cabeça do garoto e pensou: "Não tens culpa de teres a cara do teu pai e a raça da tua mãe." Os silvos da respiração da velha entravam-lhe nos pulmões. "Não tenho o direito de ser generosa." Passou a mala para a mão esquerda e acocorou-se.

— Põe os braços à volta do meu pescoço — disse ela alegre mente. — Faz-te leve. Upa!

Ele era pesado, ria-se às gargalhadas e o sol secava-lhe as lágrimas, ela tornara-se como os outros, uma ovelha do rebanho; línguas de fogo lambiam-lhe os brônquios de cada vez que respirava; uma dor aguda e falsa serrava-lhe o ombro; uma fadiga, que não era desejada nem generosa tocava tambor no seu peito. Uma fadiga de mãe e de judia, a sua fadiga, o seu destino.

A esperança apagou-se: nunca mais chegaria a Gien. Nem ela, nem ninguém. Ninguém tinha esperança, nem a velha, nem as duas nucas encha

peladas, nem o casal que empurrava um carrinho de pneus furados. Mas estamos metidos na multidão e a multidão avança e nós avançamos; somos apenas patas deste interminável verme. Para quê andar se a esperança está morta? Para quê viver? Quando começaram a gritar, quase não se surpreendeu; parou enquanto todos debandavam, saltavam a valeta e se deitavam nos fossos.

Deixou cair a mala e ficou no meio da estrada, direita, sozinha e orgulhosa; ouvia os estrondos do céu, olhava a sua sombra já longa, apertava Pablo contra si, os ouvidos encheram-se-lhe de estrépitos; por momentos, foi a morte. Mas o barulho diminuiu, viu que os girinos se sumiam nas águas do céu, as pessoas saíam dos fossos, era preciso recomeçar a viver, recomeçar a andar.

— Bem vistas as coisas — disse Ritchie —, correu tudo bem: ofereceu-nos o almoço e avançou-te cem dólares.

— Sim, de facto — disse Gomez.

Encontravam-se no rés-do-chão do Modem Art Museum, na sala de exposições temporárias. Gomez estava de costas para os quadros e para Ritchie: tinha a testa apoiada na janela e olhava para o asfalto e para a relva do jardinzinho. Disse, sem se voltar:

— Agora talvez. possa pensar em algo mais do que a minha sobrevivência.

— Deves estar muito contente — disse Ritchie bondosamente.

Era um convite discreto: "Encontraste um emprego, tudo está óptimo no melhor dos mundos; convém que manifestes um entusiasmo construtivo." Gomez olhou de soslaio para Ritchie: "Contente? Tu é que estás contente, porque já não me terás sempre à tua volta." Sentia-se tão ingrato quanto possível.

— Contente? — disse ele.

— Vamos a ver.

A expressão de Ritchie endureceu ligeiramente:

— Não estás contente?

— Vamos a ver — repetiu Gomez com ar trocista.

Tornou a apoiar a testa na janela, olhou para a relva com um misto de desejo e repulsa. Até esta manhã, graças a Deus, as cores tinham-no deixado tranqüilo; enterrara as recordações do tempo em que vagueava pelas ruas de Paris, alucinado, doido de orgulho perante o destino, e repetindo cem vezes por dia: sou pintor. Mas Ramon tinha-lhe dado dinheiro, — Gomez bebera Chili White Wine, falara de Picasso pela primeira vez em três anos. Ramon dissera: "Depois de Picasso, não vejo o que um pintor possa fazer de melhor." Gomez sorrira e respondera: "Eu sei", uma chama seca reacendera-se-lhe no peito. À saída do restaurante, foi como se o tivessem operado a uma catarata: todas as cores se tinham tornado visíveis ao mesmo tempo e festejavam-no, como em 29, no baile de máscaras, no Carnaval, a Fantasia; as pessoas e os objectos haviam-se congestionado; um vestido lilás tornara-se arroxeado, a porta vermelha de um drugstore tornara-se escarlate, as cores palpitavam violentamente nos objectos, como pulsos desordenados; eram pontadas, vibrações que inchavam até à explosão; os objectos iam destruir-se ou cair apoplécticos, e tudo gritava, em uníssono; era uma feira. Gomez encolhera os ombros: devolviam-lhe as cores quando ele já não acreditava no destino; sei muito bem o que é preciso fazer, mas outro o fará. Agarrara seco braço de Ritchie; apressara o passo, de olhar fixo,

mas as cores continuavam a assaltá-lo, rebentavam-lhe nos olhos como ampolas de sangue e fel.

Ritchie arrastara-o até ao museu e, presentemente, estava lá e, do outro lado da janela, existia este verde, este verde natural, inacabado, ambíguo, uma secreção orgânica, semelhante ao mel, ao leite cru; este verde a oferecer-se; atrai-lo-ei, levá-lo-ei à incandescência... Que farei dele? Já não pinto. Suspirou: um crítico de arte não é pago para se ocupar da loucura da erva, mas sim para pensar no pensamento dos outros. Atrás dele, as cores dos,outros estendiam-se sobre as telas: extractos, essências, pensamentos. Essas haviam tido a sorte de se concretizarem; tinham-nas inchado, soprado, levado ao extremo limite, e cumpriam o seu destino; agora bastava conservá-las nos museus. As cores dos outros; presente mente era tudo o que possuía.

— Vamos — disse ele —, tenho de ganhar estes cem dólares.

Voltou-se: cinqüenta telas de Mondrian nas paredes brancas desta clínica: pintura esterilizada numa sala climatizada; nada de suspeito; estava-se ao abrigo dos micróbios e das paixões. Aproximou-se de um quadro e olhou-o atentamente. Ritchie auscultava o rosto de Gomez e sorria antecipadamente.

— Não me diz nada — murmurou Gomez.

Ritchie parou de sorrir, mas mostrou-se muito compreensivo.

— Claro — disse ele, dando provas de tacto. — Não vem de repente, tens de te adaptar.

— Adaptar-me? — repetiu Gomez irritado. — Mas não a isto.

Ritchie voltou-se para o quadro. Uma vertical negra cruzada por dois traços horizontais sobressaía de um fundo cinzento; um disco azul coroava a extremidade esquerda do traço superior.

— Pensei que gostasses de Mondrian.

— Também eu — disse Gomez. Pararam em frente de outra tela; Gomez olhava-a e tentava lembrar-se.

— É mesmo necessário que escrevas sobre isto? — perguntou Ritchie inquieto.

— Necessário, não. Mas Ramon quer que o meu primeiro artigo lhe seja dedicado. Parece-me que ele acha que dá um ar de seriedade.

— Trata de ser prudente — disse Ritchie. — Não comeces com atritos.

Porque não? — perguntou Gomez agressivo. Ritchie sorriu com uma ironia benévola:

— Vê-se que não conheces o público americano. Sobretudo, preciso não o assustar. Começa por fazer nome: diz coisas simples sensatas, e di-las de um modo agradável. E se tiveres mesmo de atacar alguém, que não seja Mondrian: é o nosso Deus.

— Evidentemente — concordou Gomez —, não levanta problemas.

Ritchie abanou a cabeça e deu vários estalos com a língua, em sinal de desaprovação.

— Levanta muitíssimos — disse. Sim, mas. não problemas importantes.

Ah! — continuou Ritchie , referes-te a problemas sobre a sexualidade, ou o sentido da vida, ou a pobreza? É certo que estudaste na Alemanha. A Gründlichkeit, hem? — disse ele batendo-lhe no ombro.

— Não achas que está um pouco fora de moda?

Gomez não respondeu.

— A minha opinião — prosseguiu Ritchie — é que a arte não é feita para levantar problemas perturbadores. Imagina que alguém me pergunta se eu desejei a minha mãe: pô-lo-ia na rua, a não ser que se tratasse de um investigador científico. Nestas condições, não vejo porque se hão-de autorizar os pintores a interroga-me publicamente sobre os meus complexos. Sou como toda a gente — acrescentou conciliador —, tenho os meus problemas. Só que, no dia em que eles me angustiam, não, vou ao museu: telefono ao psicanalista. Cada um no seu lugar: o psicanalista inspira-me confiança porque começou por se fazer analisar. Enquanto os pintores não fizerem o mesmo, podem dizer o que quiserem, mas não lhes pedi rei que me ponham perante mim próprio.

— Que lhes pedes? — perguntou Gomez distraidamente. Inspeccionava a tela atentamente. Pensava: "é água límpida."

— Peço-lhes inocência — disse Ritchie.

— Esta tela...

— Então?

— É seráfica — continuou ele em êxtase.

— Nós, os Americanos, queremos, a pintura para as pessoas felizes ou que tentam sê-lo.

— Não sou feliz — retorquiu Gomez —, e seria um patife se tentasse sê-lo, quando todos os meus companheiros estão presos ou foram fuzilados.

A língua de Ritchie estalou outra vez:

— Meu velho — disse ele —, compreendo muito bem as tuas inquietações de homem. O fascismo, a derrota dos Aliados, a Espanha, a tua mulher, o teu filho: são problemas! Mas é necessário, por momentos, que nos elevemos acima de tudo isso.

— Nem por um instante! — replicou Gomez. — Nem por um instante!

Ritchie corou ligeiramente.

— Que pintavas então? — perguntou ele, magoado. — Greves? Carnificinas? Capitalistas de cartola? Soldados atirando sobre o povo? Gomez sorriu.

— Sabes, nunca acreditei muito na arte revolucionária. E, presentemente, não acredito mesmo nada.

— Sim, e então? — disse Ritchie.

— Estamos de acordo.

— Talvez; só que agora pergunto a mim próprio se não deixei de acreditar mesmo na arte.

— E na revolução? — perguntou Ritchie.

Gomez não respondeu. Ritchie sorriu novamente:

— Vocês, os intelectuais europeus, divertem-me: têm um complexo de inferioridade relativamente à acção.

Gomez virou-se bruscamente e agarrou Ritchie pelo braço:

— Vem! Já vi o suficiente. Conheço Mondrian de cor, posso perfeitamente engendrar um artigo. Subamos.

— Aonde? — Ao primeiro andar, quero ver os outros.

— Quais outros?

Atravessaram as três salas de exposição. Gomez empurrava Ritchie à sua frente sem olhar para nada.

— Quais outros? — repetiu Ritchie de mau humor.

— Todos os outros. Klee, Rouault, Picasso: os que levantam problemas importantes.

Estavam ao pé da escada. Gomez parou. Olhou para Ritchie, perplexo, e disse, quase timidamente:

— São os primeiros quadros que vejo desde trinta e seis!

— Desde trinta e seis! — repetiu Ritchie estupefacto.

— Foi nesse ano que parti para Espanha. Nessa altura fazia gravuras em cobre. Houve uma que não tive tempo de acabar, ficou em cima da minha mesa.

— Desde trinta e seis! E em Madrid? E as telas do Prado?

— Encaixotadas, escondidas, dispersas. Ritchie abanou a cabeça:

— Deves ter sofrido muito.

Gomez sorriu de um modo grosseiro:

— Não.

O espanto de Ritchie misturava-se de censura:

— Pessoalmente — disse — nunca toquei num pincel, mas tenho de ir a todas as exposições: é uma necessidade. Como pode um pintor estar quatro anos sem ver pintura?

— Espera — respondeu Gomez —, espera um pouco! Daqui a um instante saberei se sou ainda um pintor.

Subiram a escada, entraram numa sala. Na parede da esquerda estava um Rouault vermelho e azul. Gomez pôs-se em frente do quadro.

— É um rei mago — disse Ritchie.

Gomez não respondeu.

— Eu não aprecio muito Rouault — continuou Ritchie. — Mas a ti deve-te agradar.

— Cala-te, por favor!

Olhou ainda um instante, depois baixou a cabeça:

— Vamo-nos embora.

— Se gostas de Rouault — disse Ritchie —, há um, ao fundo, que me parece muito mais belo.

— Não vale a pena — replicou Gomez. — Tornei-me cego.

Ritchie olhou para ele, entreabriu a boca e calou-se. Gomez encolheu os ombros.

— Era preciso não ter atirado sobre os homens.

Desceram a escada. Ritchie muito direito, com ar de aprecia dor. “Ele acha-me suspeito”, pensou Gomez. Ritchie era um anjo, bem entendido; lia-se nos seus olhos a obstinação dos anjos; os seus bisavôs, que também eram anjos, tinham queimado feiticeiros nas praças de Boston. “Transpiro, sou pobre, tenho pensamentos equívocos, pensamentos europeus; os belos anjos da América acabarão por me queimar. Lá longe os campos de concentração, aqui a fogueira: resta-me escolher.” Tinham chegado ao balcão de venda, ao pé da entrada. Gomez folheou distraidamente um álbum de reproduções. A arte é optimista.

— Conseguimos fazer fotos magníficas — disse Ritchie. — Olha para estas cores: é um verdadeiro quadro. Um soldado morto, uma mulher a gritar: reflexos sobre um coração tranqüilo. A arte é optimista; os sofrimentos justificam-se, pois servem de origem à beleza. Não estou tranqüilo, não quero justificar os sofrimentos que vi. Paris...

Voltou-se bruscamente para Ritchie.

— Se a pintura não for tudo, é uma brincadeira.

— Agrada-te?

Gomez fechou violentamente o álbum: — não se pode pintar o Mal.

A desconfiança tinha gelado o olhar de Ritchie; fitava Gomez com um ar provinciano. De repente riu-se abertamente e apontou-lhe um dedo para as costelas:

— Compreendo, amigo! Quatro anos de guerra: vai ser precisa toda uma reeducação.

— Não vale a pena — disse Gomez. — Estou pronto para ser crítico. Fez-se um silêncio; depois Ritchie falou apressadamente:

— Sabes que há um cinema na cave? Nunca lá pus os pés. Projectam clássicos e documentários.

— Queres lá ir?

— Preciso de ficar por aqui — Justificou-se Ritchie.

— Tenho um encontro aqui perto, às cinco horas. Aproximaram-se de um painel de madeira laqueada e leram o programa:

— Caravana para o Oeste, já o vi três vezes — disse Ritchie. Mas a extracção dos diamantes no Transval talvez seja divertido.

Tu vens? — acrescentou sem entusiasmo.

— Não gosto de diamantes — respondeu Gomez.

Ritchie pareceu aliviado. Sorriu abertamente, de lábios salientes, e deu-lhe uma palmada no ombro.

— See you again — despediu-se em inglês, como se retomasse ao mesmo tempo a sua língua natal e a sua liberdade.

— "É o momento de lhe agradecer", pensou Gomez. Mas não conseguiu dizer uma palavra. Apertou-lhe a mão em silêncio.

Ritchie o polvo; mil ventosas o sugavam, o suor brotava por todos os poros e encharcou-lhe de uma só vez a camisa, passavam-lhe uma lâmina incandescente pelos olhos. Que importa! Que importa! Estava contente porque tinha saído do museu: o calor era um cataclismo mas era real. Também era real o selvagem céu índio que o cimo dos arranha-céus afastava mais do que todos os céus da Europa; Gomez andava por entre casas de tijolos, que eram reais, demasiado feias para que alguém pensasse em pintá-las, e aquele edifício alto que se assemelhava, como os barcos de Êlaude Lorrain, a uma leve pincelada sobre uma tela, era real, enquanto os barcos de Claude Lorrain não eram reais: os quadros são sonhos. Pensou nessa vila da Sierra Madre onde se tinham batido de manhã à noite: na estrada o vermelho era real. Nunca mais pintaria, decidiu com um áspero prazer. Deste lado do vidro, precisamente aqui, aqui esmagado por este espesso forno, neste passeio escaldante; a verdade construía altos muros à sua volta, tapava todas as fendas do horizonte; não havia nada no mundo além

deste calor e destas pedras, a não ser os sonhos. Voltou no Sétima Avenida; a multidão avançava como as marés, cada vaga trazia na crista um feixe de olhos brilhantes e mortos, o passeio estremecia, as cores superaquecidas salpicavam-no, a multidão fumegava como um trapo húmido ao sol; sorrisos e olhos, not to grin is a sin, olhos vagos ou firmes, rápidos ou lentos, todos mortos.

Tudo lhe rebentou nas mãos, a alegria apagou-se; tinham olhos como nos quadros. Saberão que Paris foi tomada? Será que pensam? Andavam todos com o mesmo passo apressado, a espuma branca dos olhares roçava-o de passagem. "Não são reais", pensou ele, "são os sósias. Onde estarão os reais? Não importa onde, mas aqui não estão. Ninguém aqui está a sério; eu não mais do que os outros". O sósia de Gomez tinha apanhado o autocarro, lido o jornal, sorrido a Ramon, falado de Picasso, observado os Mondrian. Ia caminhando por Paris; a Rue Royal está deserta, a Place de la Concorde está deserta, uma bandeira alemã foi içada na Câmara dos Deputados, um regimento de SS passa sob o Arco do Triunfo, o céu está coalhado de aviões. As paredes de tijolos caíram, a multidão recolheu-se, Gomez andava sozinho por Paris. Em Paris, na verdade, na única Verdade; no sangue, no ódio, na derrota e na morte. "Patifes de Franceses!", murmurou cerrando os punhos. "Não souberam agüentar-se, fugiram como coelhos, já sabia, eu sabia que estavam perdidos." Virou à direita, meteu-se pela 56 a Rua, parou em frente de um bar-restaurante francês: À la Petite Coquette. Olhou para a entrada vermelha e verde, hesitou um instante, depois empurrou a porta: queria ver a cara que os franceses tinham.

— Não são famosas as notícias, pois não? — perguntou Gomez.

Lá dentro estava escuro-e quase frio; as cortinas estavam corridas, os candeeiros acesos. Gomez ficou contente por encontrar luz artificial. A sala do fundo, mergulhada na sombra e no silêncio, era o restaurante. Um tipo enorme, de lunetas e cabelo cortado à escovinha, estava no bar; de vez em quando a cabeça caía-lhe para a frente, mas ele endireitava-a logo, com dignidade. Gomez sentou-se num tamborete do bar. Conhecia vagamente o barman.

— Um uísque duplo — pediu em francês.

— Não tem um jornal de hoje?

O barman tirou de uma gaveta um New York Times e deu-lho. Era um jovem louro de ar triste e pontual; poderia parecer de Lille se não tivesse sotaque de Borgonha. Gomez fingiu que estava a ler o Times e levantou subitamente a cabeça. O barman olhou-o com um ar cansado. O barman inclinou a cabeça.

— Paris foi tomada — disse Gomez.

O barman emitiu um som melancólico, encheu uma medida de uísque e despejou-a para um copo grande; recomeçou a operação e pôs o copo grande diante de Gomez. O americano de lunetas olhou por um instante para eles com olhos vítreos, depois a cabeça inclinou-se-lhe lentamente, como se os estivesse a cumprimentar.

— Soda?

— Sim.

Gomez recomeçou sem se desencorajar.

— Parece-me que a França está perdida.

O barman suspirou sem responder e Gomez pensou, com uma alegria cruel, que estava demasiado infeliz para poder falar. Insistiu, quase ternamente.

— Não acredita?

O barman deitou a água gasosa no copo de Gomez. Gomez não deixava de olhar para esta cara lunar e lamurienta. E se, no momento exacto, lhe dissesse com voz alterada: "O que fez você pela Espanha? Pois bem, é a vossa vez." O barman levantou os olhos e o dedo; subitamente, com uma voz grossa, lenta e agradável, um pouco nasal, com um forte sotaque da Borgonha, disse:

— Tudo se paga.

E Gomez, trocista:

— Sim — disse ele tudo se paga.

O barman passeou o dedo por cima da cabeça de Gomez: um cometa anunciando o fim do mundo. Não tinha, de modo algum, um ar infeliz.

— A França — prosseguiu ele — vai saber o que custa abandonar os aliados naturais.

"Que quer isso dizer?", pensou Gomez espantado. O triunfo insolente e rancoroso que ele esperava que lhe brilhasse no rosto acabava de o surpreender nos olhos do barman. Começou prudentemente, para tactear:

— Quando a Checoslováquia... O barman encolheu os ombros e interrompeu-o:

— A Checoslováquia! — retorquiu com desprezo.

— Então? — perguntou Gomez. — Você deixou transparecer qualquer coisa.

O barman sorria:

— Senhor — disse ele —, no reinado de Luís, o bem-Amado, a França já não tinha mais nenhum erro para cometer.

Ah! — exclamou Gomez —, você é canadiano?

Sou de Montreal — explicou o barman. — Já o devia ter dito.

Gomez pôs o jornal no balcão. Depois perguntou:

— Nunca cá vêm franceses?

O barman apontou para trás de Gomez e este voltou-se: sentado a uma mesa coberta com uma toalha branca, um velho sonhava em frente de um jornal. Um verdadeiro francês, de cara redonda, sulcada, enrugada, de olhos brilhantes e duros e com um bigode cinzento. Ao pé da bela face americana do homem de lunetas, parecia feito de um material pobre. Um verdadeiro francês, com um verdadeiro desespero no coração.

— É boa! — disse ele —, não o tinha visto.

— Este senhor é de Roanne — explicou o barman. — É um.

Gomez bebeu o uísque de um gole e saltou para o chão.

— Que fez pela Espanha? — quase gritou.

O velho olhou-o espantado. Gomez plantou-se diante dele e contemplou esse velho rosto avidamente.

— É francês?

— Sou — respondeu o velho.

— Pago-lhe um copo — disse Gomez.

— Obrigado. Não é altura para isso.

A crueza do velho fez bater o coração de Gomez.

— Por causa disso? — perguntou pousando o dedo no título do jornal.

— Por causa disso. Por isso lhe ofereço um copo — disse Gomez. — Vivi dez anos em França, a minha mulher e o meu filho ainda lá estão. Uísque?

— Sem soda, então.

— Um uísque sem soda e outro com — pediu Gomez.

Calaram-se. O americano de lunetas voltara-se para eles e olhava-os em silêncio. Bruscamente o velho perguntou:

— Não é italiano, espero?

Gomez sorriu:

— Não — respondeu. — Não, não, sou italiano.

— Os Italianos são uns patifes — disse o velho.

— E os Franceses?

Gomez continuou, com voz doce:

— Tem lá alguém?

— Em Paris, não. Só tenho os meus sobrinhos em Moulins.

Olhou para Gomez atentamente:

— Vê-se bem que não está cá há muito tempo.

— E você? — perguntou Gomez.

— Estabeleci-me cá em noventa e sete. É alguma coisa. Acrescentou:

— Não gosto deles.

— Porque fica?

O velho encolheu os ombros:

— Ganho dinheiro.

— É comerciante?

— Barbeiro. O meu estabelecimento é perto daqui. De três em três anos ia dois meses a França. Devia lá ir este ano, mas aconteceu isto.

— Pois foi — disse Gomez.

— Desde esta manhã — retomou o velho —, já foram quarenta clientes à minha barbearia. Há dias assim. E queriam tudo: barba, corte, lavagem da cabeça, massagens eléctricas. Pensa que me falaram da, minha terra? Uma ova! Liam os jornais sem uma palavra e eu ia vendo os títulos enquanto os barbeava. Havia entre eles dois clientes de vinte anos, e nada disseram. Se não os cortei, foi porque tiveram sorte: a mão tremia-me. Finalmente deixei o trabalho e vim até aqui.

— Estão-se nas tintas — disse Gomez.

— Não é tanto por se estarem nas tintas, é que não sabem o que hão-de dizer. Paris é uma palavra que lhes diz alguma coisa. Por isso não falam: justamente porque os toca. São assim.

Gomez lembrava-se da multidão da Sétima Avenida.

— Todos esses tipos que andam pelas ruas, acredita que pensam em Paris? — perguntou Gomez.

— De certo modo, sim. Mas, sabe, não o fazem como nós. Para o Americano, pensar em qualquer coisa que o aborreça consiste em fazer tudo o que pode para não pensar nisso.

O barman trouxe copos. O velho pegou no dele e levantou-o.

Bom — disse —, à sua saúde.

À sua — brindou Gomez.

O velho sorriu tristemente.

— Não sabemos ao certo o que desejar, hem?

Reconsiderou, após uma breve reflexão:

— Sim: — bebo pela França. Apesar de tudo, pela França.

— Pela entrada dos Estados Unidos na guerra.

O velho fez um breve sorriso.

— Pode esperar!

Gomez esvaziou o copo e virou-se para o barman.

— A mesma coisa.

Tinha necessidade de beber. Ainda há pouco pensava ser o único a preocupar-se com a França, a queda de Paris era consigo: uma desgraça para a Espanha e ao mesmo tempo uma punição para França. Agora sabia que ela estava também no bar, errando sob uma forma vaga e abstracta através de seis milhões de almas. Era quase insuportável: tinham-se-lhe rompido os laços com, Paris, não era mais do que um imigrante recém-chegado, atravessado, como tantos outros, por uma obsessão colectiva.

— Não sei — disse o velho — se me vai compreender, mas há mais de quarenta anos que cá vivo, e só esta manhã é que me senti verdadeiramente no estrangeiro. Conheço-os e não guardo fusões, garanto-lhe. Mas pensei que, pelo menos, haveria um que tivesse uma palavra de conforto para me dizer.

Os lábios começaram a tremer-lhe, repetiu:

— Clientes de vinte anos.

"É um francês", pensou Gomez. "Um desses que nos chamavam Frente Crapular". Mas não conseguia sentir-se satisfeito: "É demasiado velho", decidiu. O velho olhava vagamente e disse, sem acreditar muito:

— Repare: é talvez por discrição.

— Hum! — fez Gomez.

— É possível — continuou o velho.

— É muito possível. Com eles tudo é possível.

Prosseguiu no mesmo tom:

— Tinha uma casa em Roanne. Contava retirar-me para lá. Agora penso que morro cá: isso mede a perspectiva.

"Naturalmente", pensou Gomez, "naturalmente, vais morrer cá". Voltou a cabeça; sentia vontade de se ir embora. Mas reconsiderou, corou bruscamente, fitou o velho nos olhos e perguntou com voz estridente:

— Era pela intervenção em Espanha? Qual intervenção? — perguntou por sua vez o velho, espantado. Olhou para Gomez interessadamente:

— Você é espanhol?

— Sou.

— Também teve muitas desgraças, você.

— Os Franceses não nos ajudaram muito — disse Gomez com voz neutra.

— Não. E veja: os Americanos também não nos ajudam. As pessoas e os países são a mesma coisa: cada um por si.

— Sim — confirmou Gomez —, cada um por si. Não levantaram o dedo para defender Barcelona; Barcelona caiu; Paris caiu e nós estamos os dois no exílio, nas mesmas condições.

O empregado pousou os dois copos na mesa; eles pegaram-lhes ao mesmo tempo, sem deixarem de se olhar.

— Bebo pela Espanha — declarou o velho.

Gomez hesitou, depois disse entre dentes:

— Bebo pela libertação da França.

Calaram-se. Era incrível: dois fantoches velhos e partidos, no fundo de um bar de Nova Iorque. Bebiam pela Espanha, pela França. Desgraça! O velho dobrou cuidadosamente o jornal e levantou-se:

— Tenho de voltar à barbearia. A última rodada é minha.

— Não — disse Gomez.

— Não, não. Barman, eu pago tudo.

— Então obrigado.

O velho chegou à porta, Gomez viu que ele coxeava. "Pobre velho", pensou.

— A mesma coisa — pediu ao barman.

O americano desceu do tamborete e dirigiu-se para ele.

— Estou bêbedo — disse ele.

— Ah! — exclamou Gomez.

— Não tinha notado?

— Não, imagine.

— E sabe porque estou bêbedo? — perguntou.

— Estou-me nas tintas.

O americano arrotou ruidosamente e caiu sobre a cadeira que o velho acabara de deixar.

— Porque os "hunos" tomaram Paris. A expressão tornou-se-lhe triste e acrescentou: É a pior notícia desde 1927.

— Em 1927, o que aconteceu?

Pôs um dedo na boca.

— Chiu — disse ele. — Pessoal.

Pousou a cabeça na mesa e pareceu adormecer. O barman deixou o balcão e aproximou-se de Gomez:

— Tome conta dele dois minutos — pediu.

— Está na hora: preciso de lhe ir buscar um táxi.

Quem é este tipo? — perguntou Gomez. — Trabalha na Wall Street. É verdade que se embebedou porque Paris foi tomada? Se o disse, deve ser verdade. Só que, na semana passada, foi por causa dos acontecimentos da Argentina e, na semana anterior, tinha sido por causa da catástrofe de Salt Lake City. Embebeda-se todos os sábados, mas nunca sem razão.

— É demasiado sensível — concluiu Gomez.

O barman saiu rapidamente. Gomez pôs a cabeça entre as mãos e olhou para a parede; via-se com nitidez a gravura que tinha deixado em cima da mesa. Seria necessária uma, mancha escura à esquerda para equilibrar. Arbustos. Reviu a gravura, a mesa, a grande janela e começou a chorar. Domingo, 16 de junho.

— Ali! Ali! Mesmo por cima das árvores.

Mathieu dormia e a guerra estava perdida. Perdida até ao fundo do seu sono. A voz acordou-o sobressaltado: deitara-se de costas, de olhos fechados, com os braços colados ao corpo, e tinha perdido a guerra. Não se lembrava muito bem do sítio onde se encontrava, mas sabia que perdera a guerra.

— À direita! — gritou Charlot vivamente.

— Mesmo por cima das árvores, como te disse! Não tens olhos na cara?

Mathieu ouvia a voz lenta de Nippert.

— Ah!, ah! Assim! — exclamou Nippert.

— Assim! Onde estamos? Na erva. Oito citadinos no campo, oito civis em uniforme, enrolados dois a dois em cobertores do exército e deitados no meio de um pomar. Perdemos a guerra; confiaram-no-la e nós perdemo-la. Tinha-se-lhes escapado e fora perder-se algures no Norte, desgraçadamente. — Ah! Assim! Assim!

Mathieu abriu os olhos e viu o céu; estava cinzento-pérola, sem nuvens, sem profundidade, apenas como uma ausência. Nele se formava lentamente uma manhã, uma gota de luz que ia cair sobre a terra e inundá-la de ouro. Os Alemães estão em Paris e nós perdemos a guerra. Um começo, uma manhã. A primeira manhã do mundo, como todas as manhãs: tudo estava por fazer, todo o futuro estava no céu. Tirou uma mão debaixo do cobertor e coçou uma orelha: é o futuro dos outros. Em Paris, os Alemães levantavam os olhos para o céu, liam nele a vitória e o futuro. Eu já não tenho futuro. A manhã acetinada acariciava-lhe o rosto; mas ele sentia contra si, à direita, o calor de Nippert; à esquerda, na coxa, o calor de Charlot. Ainda muitos anos para viver: anos para matar. Este dia triunfante que se anunciava, vento brando de manhã nos choupos, ao meio-dia sol nas searas, à tarde odor de terra aquecida; à noite, os Alemães farão de nós prisioneiros. O barulho aumentou, ele pôde ver o avião no sol-nascente.

— É um macaroni — disse Charlot.

Vozes sonolentas lançaram pragas ao ar. Tinham-se habituado à escolta complacente dos aviões alemães, a uma guerra cínica, barulhenta e inofensiva: era a sua guerra. Os italianos não faziam o mesmo jogo: atiravam bombas.

— Um macaroni?

Ah! Parece-me que sim — confirmou Lubéron.

— Não ouves o trabalhar regular do motor? É mesmo um Messerschmidt.

Sentiu-se um alívio debaixo dos cobertores; rostos voltados para cima sorriram ao avião alemão. Mathieu ouviu algumas detonações abafadas e quatro nuvenzinhas redondas formaram-se no céu.

— Bandidos! — protestou Charlot.

— Agora atiram sobre os alemães.

— Ainda acabamos num massacre — disse Longin irritado.

E Schwartz acrescentou com desprezo:

— Esses tipos ainda não compreenderam.

Soaram duas detonações, e duas nuvens escuras e espessas apareceram por cima dos choupos.

— Bandidos! — repetiu Charlot.

— Bandidos! Pinette tinha-se apoiado, num cotovelo.

Com o seu ar parisiense estava rosado e fresco. Olhava para os camaradas numa atitude de desafio:

— Cumprem o seu dever — disse secamente.

Schwartz encolheu os ombros:

— Para quê, neste momento?

A D.C.A. calara-se; as nuvens desfaziam-se; já só se ouvia um roncar glorioso e regular.

— Já não o vejo, — disse Nippert.

— Olha, além, na direcção do meu dedo.

Um legume branco levantou-se e apontou para o avião: Charlot dormia nu debaixo dos cobertores:

— Está quieto — ordenou o sargento Pierné com uma voz inquieta.

— Podem ver-nos.

— Nem penses nisso! A esta hora, pensam que somos couves-flores.

Mesmo assim encolheu-se quando o avião passou sobre eles e todos seguiram com os olhos, a sorrir, esse pedaço de sol rutilante: era uma distracção matinal, o primeiro acontecimento do dia.

— Dá um pequeno passeio como aperitivo — disse Lubéron.

Eram oito e haviam perdido a guerra, cinco secretários, dois observadores, um meteorologista, deitados uns ao lado dos outros no meio de alhos-porros e cenouras. Tinham perdido a guerra, como se perde tempo: sem se aperceberem. Oito: Schwartz, o canalizador, Nippert, o empregado bancário, Longin, o preceptor, Lubéron, oficial de diligências, Charlot Wroclaw, fabricante de sombrinhas, guarda-chuvas, Pinette, controlador na T.C.R.P., e os dois professores: Mathieu e Pierné. Tinham-se aborrecido durante nove meses, ora nos pinhais ora nas vinhas; um belo dia, uma voz de Bordéus anunciara-lhes a derrota e haviam compreendido que não tinham razão. Uma mão desajeitada passou pela cara de Mathieu. Voltou-se para Charlot:

— Que queres, rapaz?

Charlot deitara-se de lado, Mathieu via-lhe as faces vermelhas e a boca bem rasgada.

— Queria saber — respondeu Charlot em voz baixa — se partimos hoje.

Pelo seu rosto jovial passou um ar de angústia que não chegou a perdurar.

— Hoje? Não sei.

Tinham deixado Morsbronn a 12; haviam feito uma corrida desordenada e, depois, de repente, esta paragem.

— Que estamos aqui a fazer? Sabes dizer-me?

— Dizem que estamos à espera da infantaria.

— Se eles não conseguirem safar-se, não nos vamos deitar a perder com eles.

Acrescentou, com modéstia:

— Sou judeu, compreendes. E tenho um nome polaco.

— Eu sei — disse Mathieu tristemente.

— Calem-se — ordenou Schwartz.

— Ouçam!

Era um ruído abafado e contínuo. Na véspera e na entevéspera durara de madrugada até à noite.

Ninguém sabia quem atirava nem contra quem.

— Devem ser quase seis horas — disse Pinette.

— Ontem começaram às seis menos um quarto. Mathieu levantou o braço e olhou para o relógio:

— São seis e cinco.

— Seis e cinco — confirmou Schwartz.

— Muito me admirava se partíssemos hoje. — Bocejou. — Vamos! Mais um dia neste terreno.

O sargento Pierné também bocejou:

Pois bem — disse , temos de nos levantar.

Sim — apoiou Schwartz. — Sim, sim. Temos de nos levantar.

Ninguém se mexeu. Um gato passou ao pé,deles a toda a velocidade, aos ziguezagues. De repente agachou-se, prestes a dar um salto; depois, esquecendo o projecto, afastou-se desinteressado. Mathieu apoiara-se sobre o cotovelo e seguia-o com o olhar. Viu diante de si. umas pernas arqueadas metidas em polainas de caqui e levantou a cabeça: o tenente Ulmann plantara-se diante deles, de braços cruzados, e olhava-os arqueando as sobrancelhas. Mathieu reparou que ele não fizera a barba.

— Que estão a fazer? Mas que estão a fazer? São doidos? Podem dizer-me o que fazem aqui?

Mathieu esperou um instante e, como ninguém falava, respondeu sem se levantar:

— Preferimos dormir ao ar livre, meu tenente.

— Vejam isto! Com aviões inimigos a sobrevoar a região! A vossa preferência pode ficar-nos cara: vocês são capazes de fazer bombardear a divisão.

— Os alemães sabem muito bem que estamos aqui, pois deslocámo-nos sempre à luz do dia — disse Mathieu pacientemente.

O tenente pareceu não ouvir.

— Tinha-vos proibido — insistiu ele. — Tinha-vos proibido de saírem da quinta. E que maneiras são essas de continuarem deitados na presença de um superior!

Ouviu-se um remexer indolente pelo chão e os oito homens sentaram-se nos cobertores, piscos de sono. Charlot, que estava nu, tapou o sexo com um lenço. Estava frio. Mathieu teve um arrepio e procurou à sua volta o casaco para pôr pelos ombros.

— Você também aí está, Pierné! Não tem vergonha, um graduado? Devia dar o exemplo.

Pierné cerrou os lábios e não respondeu.

— Incrível — comentou o tenente.

— Mas explicam-me por que deixaram a quinta, ou não?

Falava sem convicção, com uma voz violenta e cansada; tinha olheiras, e o seu ar fresco tornara-se carregado.

— Tínhamos muito calor, meu tenente. Não podíamos dormir.

— Muito calor? O que queriam mais? Um quarto climatizado? Vou mandá-los dormir para a escola, esta noite. Com os outros. Não sabem que estamos em guerra?

Longin fez um gesto com a mão.

— A guerra acabou, meu tenente — disse com um estranho sorriso.

— Não acabou. Devia ter vergonha de dizer que acabou, quando há tipos que morrem a trinta quilômetros daqui para nos defenderem.

— Pobres tipos — comentou Longin.

— Dão-lhes ordens para se deixarem abater enquanto assinam o armistício.

O tenente corou violentamente.

— Em todo o caso, vocês ainda são soldados. Enquanto não vos mandarem para casa, serão soldados e obedecerão aos vossos chefes.

— Mesmo nos campos de prisioneiros? — perguntou Schwartz.

O tenente não respondeu: olhava para os soldados com uma timidez desdenhosa; os homens devolviam-lhe o olhar sem impa ciência nem perturbação; mal gozavam o prazer inédito de se sentirem intimidantes. Após um momento, o tenente encolheu os ombros e deu meia volta:

— Façam-me o favor de se levantarem, e depressa — ordenou por cima do ombro.

Afastou-se, muito direito, com passos de dança. "A sua última dança", pensou Mathieu; "daqui a algumas horas os pastores alemães levar-nos-ão para leste, em bicha, sem distinção de hierarquia". Schwartz bocejou e começou a chorar; Longin acendeu um cigarro; Charlot arrancava tufos de erva à sua volta. Todos tinham medo de se levantarem.

— Viu? — comentou Lubéron.

— Ele disse: "Vou mandá-los dormir para a escola." Portanto, é porque não partimos hoje.

— Disse por dizer — respondeu Charlot.

— Sabe tanto como nós.

O sargento Pierné explodiu bruscamente:

— Então quem é que sabe? — perguntou.

— Quem é que sabe?

Ninguém respondeu. Um instante depois, Pinette deu um salto:

— Vamo-nos lavar? — perguntou.

— Eu vou assentiu Charlot bocejando.

Levantou-se. Mathieu e o sargento Pierné levantaram-se

— Bebê Cadum! — gritou Longin. Rosado e nu, sem um pêlo, com as faces rosadas e a barriga gorda acariciada pela luz clara da manhã, Charlot parecia o mais belo bebê de França.

Schwartz foi atrás dele sorrateiramente, como todas as manhãs.

— Estás todo arrepiado — disse fazendo-lhe cócegas.

— Estás todo arrepiado, bebê.

Charlot riu e gritou, esquivando-se, como de costume, mas com menos entusiasmo. Pinette voltou-se para Longin, que fumava com ar contrariado.

— Não vens?

— Fazer o quê?

— Lavar-te.

— Merda! — suplicou Longin.

— Lavar-me! Para quem? Para quem? Para os “boches”? Levam-me como estou.

— Ainda não se sabe se te levam.

— Vamos, vamos! — disse Longin. — Vamos!

— Podemos safar-nos, meu Deus! — comentou Pinette.

— Acreditas no Pai Natal?

— Mesmo que te levassem, não era razão para estares sujo.

— Para eles, não me quero lavar...

— É idiota o que estás a dizer! — contrapôs Pinette, estupidamente idiota!

Longin troçou sem responder; continuava metido nos cobertores com um ar de superioridade. Lubéron também não se mexera: fingia dormir. Mathieu pegou no cantil e aproximou-se. do tanque. A água corria por dois canos de ferro para o tanque de pedra; era fria e nua como a própria pele; durante toda a noite Mathieu tinha ouvido o seu murmúrio cheio de esperança, a sua interrogação infantil.

Mergulhou a cabeça no tanque, o pequeno canto elementar tornou-se numa frescura muda e luzidia nas orelhas, nas narinas, neste ramo de rosas molhadas, de flores de água sem coração: os banhos no Loire, os juncos, a pequena ilha verde, a infância. Quando se endireitou, Pinette ensaboava o pescoço furiosamente. Mathieu sorriu-lhe: gostava muito de Pinette.

— Longin é parvo — disse Pinette.

— Se os “boches” chegarem, temos de estar limpos.

Meteu um dedo no ouvido e rodou-o violentamente.

— Se gostas tanto de limpeza — gritou-lhe Longin, do seu lugar lava também os pés.

Pinette lançou-lhe um olhar de piedade.

— Os pés não se vêem.

Mathieu começou a fazer a barba. A lâmina era velha e arranhava-lhe a pele: “No cativeiro deixarei crescer a barba.” Nascia o Sol. Os longos raios oblíquos ceifavam a erva; sob as árvores a erva estava tenra e fresca, um pedaço de sono apesar da manhã. Na folhagem dos choupos, obedecendo a um sinal invisível, uma multidão de pássaros pôs-se a cantar estridentemente, como, uma rajada extraordinariamente violenta, e, depois, calou-se misteriosamente.

A angústia rondava pela verdura e pelos legumes desabrochados como. as faces de Charlot; não conseguiu pousar em parte nenhuma. Mathieu limpou a lâmina cuidadosamente e pô-la na caixa. O fundo do seu coração era cúmplice da madrugada, do orvalho, da sombra; no fundo do seu coração esperava uma festa. Levantara-se cedo e barbeara-se como para uma festa. Uma festa num jardim, uma primeira comunhão ou um casamento, com lindos vestidos rodados nos bosques, uma mesa posta na relva, o zumbido quente das vespas ébrias de açúcar.

Luberon levantou-se e foi urinar contra a cerca; Longin entrou na quinta, com os cobertores debaixo do braço; tornou a sair, aproximou-se descontraidamente do tanque e mergulhou um dedo na água com um ar trocista e ocioso. Mathieu não precisou de olhar muito para o seu rosto pálido para sentir

que não haveria festa, nem agora, nem nunca mais. O velho lavrador saíra de casa. Olhava para eles, enquanto fumava cachimbo.

— Viva, papa — cumprimentou Charlot.

— Viva! — respondeu o lavrador abanando a cabeça.

— É Sim. Viva!

Deu alguns passos e plantou-se diante deles:

— Então? Não se foram embora?

— É como vê — respondeu Pinette secamente.

O velho escarneceu, não parecia bem-disposto.

— Já vos tinha dito. Vocês não partirão.

— Talvez.

Cuspiu entre os pés e limpou o bigode.

— E os "boches"? É hoje que vêm?

Puseram-se a rir:

— Talvez sim, talvez não — respondeu Luberon. Estamos como você, esperamo-los: preparamo-nos para os receber.

O velho olhava para eles com um ar estranho.

— Como eu, não é bem assim — replicou.

— Vocês escaparão.

Tirou uma fumaça e acrescentou:

— Eu sou alsaciano.

— Já sabemos, papa — disse Schwartz —, mude de disco.

O velho sacudiu a cabeça.

— É uma estranha guerra — comentou ele. — Agora são os civis que são mortos e os soldados que escapam. Matam.

— Vamos, vamos! Você sabe muito bem que eles não o já te disse que sou alsaciano.

Também eu — retorquiu Schwartz.

— Também sou alsa...

— Pode ser — insistiu o velho — ; mas eu, quando deixei a Alsácia, ela pertencia-lhes.

Não lhe farão mal — tranqüilizou-o Schwartz.

— São homens como nós.

— Como nós? — replicou o velho subitamente indignado.

— Então, merda! Tu eras capaz de cortar as mãos a uma criança, tu? Schwartz desatou a rir.

— Está-nos a contar histórias da outra guerra — disse piscando o olho a Mathieu.

Pegou na toalha, limpou os braços musculosos e explicou, voltando-se para o velho:

— Eles não são doidos. Claro que vos darão cigarros e chocolates, é o que se chama propaganda, e vocês não terão outro remédio senão ficar com eles, isso não obriga a nada.

Acrescentou, rindo sempre:

— Já lhe disse, papá, hoje em dia vale mais ser de Estrasburgo do que de Paris.

— Não me quero tornar alemão com esta idade — retorquiu o lavrador.

— Bolas! Prefiro que me fuzilem.

Schwartz deu uma palmada na própria coxa:

— Ouviram? Bolas! — comentou imitando-o.

— Eu preferia ser um alemão vivo do que um francês morto.

Mathieu levantou a cabeça e olhou-o; Pinette. e Charlot olhavam-no também. Schwartz parou de rir, corou e sacudiu os ombros. Mathieu desviou os olhos; não gostava de brincar aos juizes e, além disso, apreciava aquele homem rude, forte e tranqüilo; não queria de modo algum contribuir para a sua confusão. Ninguém dizia palavra; o velho inclinou a cabeça e olhou em volta com rancor.

— Ah — disse ele —, era preciso não a perder, esta guerra, absolutamente necessário.

Calaram-se; Pinette tossiu, aproximou-se do tanque e pôs-se a mexer na torneira com um ar imbecil. O velho despejou o cachimbo no chão, esgravatou a terra com o salto do sapato para enterrar a cinza, depois voltou-lhes as costas e dirigiu-se para casa com passos lentos. Houve um longo silêncio; Schwartz mantinha-se muito direito, de braços abertos. Por fim, pareceu ter acordado. Riu-se dolorosamente:

— Disse aquilo para o aborrecer.

Não obteve resposta: todos os homens olhavam para ele. E depois, sem que nada tivesse mudado aparentemente, alguma coisa cedeu, se distendeu; assistiu-se a uma dispersão imóvel; o pequeno grupo carrancudo que se formara à sua volta desfez-se, Longin começou a palitar os dentes com uma faca, Lubéron coçou o pescoço, e Charlot, de olhar inocente, pôs-se a cantarolar. Não conseguiam nunca manter-se indignados, a não ser quando se tratava de uma licença ou do rancho. Mathieu sentiu subitamente um odor a absinto e a hortelã: depois dos pássaros, as ervas e as flores acordavam; lançavam os seus odores como eles tinham lançado os seus gritos: "É verdade", pensou Mathieu, "os odores também existem". Odores verdes e alegres, ainda pontiagudos, ainda ácidos: tornar-se-iam cada vez mais doces, cada vez mais opulentos e femininos, à medida que o céu se tornasse azul e se aproximassem os tanques alemães. Schwartz fungou ruidosamente e olhou para o banco que haviam arrastado na véspera para junto do muro da casa.

— Bem — disse ele —, bem, bem.

Foi sentar-se no banco. Tinha as mãos pendentes entre os joelhos e as costas curvas, mas mantinha a cabeça erguida e olhava em frente com um olhar duro. Mathieu hesitou por um momento, depois juntou-se-lhe e sentou-se ao lado dele. Pouco depois, Charlot afastou-se do grupo e foi-se pôr em frente deles. Schwartz levantou a cabeça e olhou para Charlot, com ar concentrado.

— Tenho de ir lavar a roupa — disse.

Fez-se um silêncio. Schwartz continuava a olhar para Charlot.

— Não fui eu quem a perdeu, esta guerra...

Charlot parecia perturbado; pôs-se a rir. Mas Schwartz continuou na sua idéia.

— Se toda a gente tivesse feito como eu, talvez a ganhássemos. Nada tenho a censurar-me.

Coçou a face com um ar surpreendido:

— Tem graça! — comentou.

"Tem graça", pensou Mathieu. "Sim, tem graça. Olha sem ver, pensa: "sou francês" e acha isso engraçado, pela primeira vez na vida. Tem graça. A França, nunca a tínhamos visto: estávamos cá dentro, sentíamos a pressão do ar, a atracção da terra, o espaço, a visibilidade, a certeza tranqüila de que o mundo foi feito para o homem; era tão natural ser francês, era o meio mais simples, mais econômico, de nos sentirmos universais. Não havia nada a explicar: competia aos outros, aos Alemães., aos Ingleses, aos Belgas, explicar por que desgraça ou erro eles não eram completamente homens. Agora, a França virou-se ao contrário e vemo-la, vemos uma grande máquina avariada e pensamos: era isto. Isto: um acidente de terreno, um acidente da História. Ainda somos franceses, mas já não, é natural. Bastou um acidente para nos fazer compreender que nós éramos acidentais. Schwartz pensa que é acidental, já não se compreende, sente-se embaraçado; — pensa: "Como é que se pode ser francês?" Pensa: "Com um pouco de sorte podia ter nascido alemão. "Toma então um ar grave e apura o ouvido para sentir chegar a pátria substituta; espera o exército cintilante que o vai festejar; espera. O momento em que possa trocar a nossa derrota pela rua vitória, em que parecerá natural ser vitorioso e alemão".

Schwartz levantou-se bocejando:

— Vamos — disse —, vou lavar a roupa.

Charlot deu meia volta e juntou-se a Longin com Pinette. Mathieu ficou sozinho no banco. Lubéron bocejou também, ruidosamente.

— Aborrecemo-nos imenso aqui! — concluiu que conversava.

Charlot e Longin bocejaram. Lubéron viu-os bocejar e bocejou mais uma vez.

O que nos falta — disse — é um bordel.

— E como é que conseguias fazer o serviço às seis horas da manhã? — perguntou Charlot indignado.

— Eu? Consigo a qualquer hora.

— Pois bem, eu não. De resto, não tenho mais vontade de fazer amor do que de receber um pontapé no cu.

Lubéron riu-se.

— Se fosses casado, aprenderias a fazer isso mesmo sem vontade, grande parvo! O que há de bom no amor é que não se pensa em mais nada.

Calaram-se. Os choupos agitavam-se, um velho sol estremecia entre as folhas; ouvia-se ao longe o roncar sereno dos canhões, tão quotidiano, tão calmo, que mais parecia um ruído da natureza. Alguma coisa rebentou no ar e uma vespa fez o seu aparecimento entre eles.

— Ouçam! — exclamou Lubéron.

— Que é?...

Havia uma espécie de vazio à volta deles, uma estranha calma. Os pássaros cantavam, um galo ria na capoeira; ao longe, alguém batia regularmente sobre um pedaço de ferro; no entanto, havia silêncio: o barulho dos canhões parara.

— Eh! — disse Charlot.

— Eh!, ouçam!

— Sim.

Apuraram o ouvido sem deixarem de se olhar.

— Assim é que vai começar — comentou Pierné desinteressado.

— Num dado momento, em toda a frente, far-se-à o silêncio.

— Em que frente? Não há frente nenhuma.

— Enfim, por toda a parte.

Schwartz deu um passo em direcção a eles, timidamente.

— Sabem — disse —, parece-me que vamos ter primeiro um toque de clarim.

— Nem sonhes! — contrariou Nippert, já não há ligações: mesmo que já tivessem assinado há vinte e quatro horas ainda cá estaríamos à espera.

— Talvez a guerra tenha acabado à meia-noite.

— Ou ao meio-dia.

— Não, pateta, à meia-noite: às zero horas, compreendes?

— Calam-se, ou não? — perguntou Pierné.

— Calaram-se.

Pierné apurava o ouvido com esgares de nervosismo; Charlot mantinha a boca aberta. através do silêncio murmurante ouviam a Paz. Uma Paz sem glória nem sinos, sem tambores nem trombetas, que parecia a morte.

— Merda! — exclamou Lubéron.

O barulho dos canhões recomeçara: parecia menos surdo, mais próximo, mais ameaçador. Longin apertou as mãos e fez estalar as falanges. Comentou com azedume:

— Mas, meu Deus, porque esperam eles! Acham que ainda não fomos suficientemente derrotados? Que ainda não. perdemos uma quantidade suficiente de homens? Será preciso que a França esteja completamente desfeita para pararem com a carnificina?

Estavam nervosos e moles, indignados na sua fraqueza, com esse tom acinzentado próprio das indignações. Bastara um ruído de tambor ao longe para que a grande vaga da guerra se abatesse sobre eles. Pinette voltou-se bruscamente para Longin. Tinha os olhos coléricos, a mão crispada na borda do tanque.

— Que carnificina? Hem? Que carnificina? Onde estão os mortos e feridos? Se os viste, tens sorte. Eu só vi medricas como tu, que corriam pelas estradas com o rabo entre as pernas.

— Que tens tu, pateta? — perguntou Longin solicita e velhacamente. — Não te sentes bem?

Olhou para os outros com cumplicidade:

— Era bom tipo, o nosso Pinette, gostávamos dele porque sentia medo como nós, não era ele que se apresentava quando pediam um voluntário. Agora que a guerra está no fim é que lhe está a dar.

Os olhos de Pinette faiscaram.

— Não é agora, ouviste, patife?

— Então estás a brincar aos soldadinhos.

— Melhor do que borrar-me todo, como tu.

— Estão a ver: borro-me todo porque digo que o exército francês foi derrotado.

— Como é que sabes que o exército francês foi derrotado? — perguntou Pinette gaguejando de raiva.

— Estás nos segredos de Weygand?

Longin fez um sorriso insolente e cansado:

— Não preciso dos segredos de Weygand: metade dos efectivos está derrotada e a outra cercada; não te basta?

Pinette varreu o espaço com um gesto peremptório:

— Vamos reagrupar-nos no Loire; juntar-nos-emos às tropas do Norte, em Saumur.

— Tu acreditas nisso, grande malandro?

— Foi o capitão que me disse. Pergunta a Fontainat.

— Pois sim, mas é preciso que elas se possam mexer, as tropas do Norte, e têm os "boches" atrás, percebes? E, pela nossa parte, muito me admirava se estivéssemos presentes ao encontro.

Pinette, de cabeça baixa, espreitava Longin assobiando e ba tendo com o pé. Abanou violentamente os ombros como para se desembaraçar de uma matilha. Acabou por dizer, furioso e acossado:

— Mesmo que recuássemos até Marselha, mesmo que atravessássemos a França toda, ainda Tínhamos a África do Norte. Longin ergueu os braços e sorriu de desprezo:

— E porque não Saint-Pierre et Miquelon, grande parvo? Pensas que és muito esperto? Estás convencido disso? — perguntou Pinette avançando para ele.

Charlot meteu-se entre os dois:

— Calma!, calma! Não vão começar a lutar? Toda a gente está de acordo em que a guerra não resolve nada e que não são precisas disputas. Santo Deus! — disse convictamente —, que isso nunca mais aconteça.

Olhava para eles intensamente, tremia de paixão. A paixão de conciliar tudo: Pinette e Longin, os Alemães e os Franceses.

Enfim — concluiu com uma voz quase suplicante —, devíamos poder entender-nos com eles, não nos querem comer, que diabo!

Pinette virou a sua raiva contra ele.

— Se a guerra está perdida, os responsáveis são os tipos como tu.

Longin escarnecia:

— Mais um que ainda não compreendeu, é o que é.

Fez-se um silêncio; depois, lentamente, todas as cabeças se viraram para Mathieu. Ele já estava à espera: no fim de cada discussão, perguntavam-lhe a opinião, porque ele era instruído.

— Que pensas? — inquiriu Pinette.

Mathieu baixou a cabeça e não respondeu.

— És surdo? Estamos a perguntar-te o que pensas.

— Não penso nada — respondeu Mathieu.

Longin atravessou o canteiro e pôs-se em frente dele:

— Não é possível: um professor está sempre a pensar.

— Pois bem, estás a ver: não é sempre.

— Enfim, não és estúpido: sabes muito bem que a resistência é impossível.

— Como poderia saber?

Por sua vez Pinette aproximou-se. Estavam um de cada lado de Mathieu, como o bom e o mau anjo.

— Não és um cretino, tu — reforçou Pinette. — Não podes querer que os Franceses deponham as armas antes de se terem batido até ao fim!

Mathieu encolheu os ombros:

— Se fosse eu a bater-me, talvez tivesse uma opinião. Mas os outros é que se farão abater, é no Loire que lutarão: não posso decidir por eles.

— Estás a ver — replicou Longin olhando Pinette com um ar trocista.

— Não podemos decidir da morte dos outros.

Mathieu olhava-os com inquietação:

— Não disse isso.

— Como, não disseste isso? Acabas de o dizer.

— Se tivéssemos alguma hipótese — acrescentou Mathieu uma pequena hipótese...

— E então?

Mathieu abanou a cabeça:

— Como podemos saber?

— Que queres dizer com isso? — perguntou Pinette.

— Quero dizer — explicou Charlot — que não temos nada a esperar, embora não devamos deixar que façam de nós parvos.

— Não! — gritou Mathieu. — Não!

Levantou-se bruscamente, de punhos cerrados.

— Espero desde a infância!

Olhava para eles sem compreender; conseguiu acalmar-se.

— Que adianta decidirmos nós ou não — insistiu. — Quem nos pede a nossa opinião? Será que vocês se apercebem da nossa situação?

Recuaram, assustados.

— Sim — disse Pinette —, claro que nos apercebemos.

— Tens razão — apoiou Longin —, somos demasiado insignificantes para ter opinião.

Esboçou um sorriso frio e sabujo que horrorizou Mathieu.

E um prisioneiro ainda mais — respondeu secamente. Tudo nos pede a nossa opinião. Tudo. Uma grande interrogação nos rodeia: é uma farsa. Põem-nos o problema como a homens; querem fazer-nos crer que ainda somos homens. Mas não. Não. Não. Que farsa esta sombra de problema posto por uma sombra de guerra a homens em aparência!

— Para que serve ter uma opinião? Não és tu quem vai decidir.

Calou-se. Pensou bruscamente: será preciso viver. Viver, colher dia a dia os frutos bolorentos da derrota, trocar em miúdos esta escolha total que agora recusava. Mas, meu Deus! Eu não queria.esta guerra, nem esta derrota; como podem obrigar-me a assumi-las? Sentiu subir-lhe no peito uma raiva de animal apanhado à traição e, levantando a cabeça, viu brilhar a mesma raiva nos olhos dos outros. Gritaram todos juntos: "Não temos nada a ver com estas histórias! Estamos inocentes!" O seu entusiasmo decresceu: claro que a inocência estava patente no sol matinal, podia tocar-se-lhe nas folhas das ervas. Mas mentia: o real era este erro intocável e comum, o nosso erro. Fantasma de guerra, fantasma de

derrota, culpabilidade fantasma. Olhou ora para Pinette ora para Longin, abrindo as mãos: não sabia se queria ajudá-los ou pedir-lhes ajuda. Olharam-no também e depois viraram a cabeça e afastaram-se. Pinette olhava para os pés; Longin sorria para si próprio com um sorriso altivo e perturbado; Schwartz mantinha-se à parte com Nippert; falavam um com o outro em alsaciano; tinham já o ar de dois cúmplices; Pierné abria e fechava espasmodicamente a mão direita. Mathieu pensou: "Eis no que nos tornámos." Marselha, catorze horas. Bem entendido, condenava severamente a tristeza, mas, quando se está dentro dela, é o diabo para conseguir sair. "Devo ter um temperamento infeliz", pensou ele. Tinha muitas razões para estar satisfeito: em particular, devia felicitar-se por ter escapado da peritonite, por se haver curado. Em vez disso pensava: "Sobrevivo", e afligia-se. Na tristeza, são as razões de satisfação que se tornam tristes e então alegramo-nos tristemente. "De resto", pensou, "estou morto". Tanto quanto dependia de si, estava morto em Maio de 40, em Sedan: o aborrecimento, eram todos os anos que ainda lhe restavam para viver. Suspirou de novo, seguiu com o olhar uma grande mosca verde que andava no tecto e concluiu: sou um medíocre. Esta idéia era-lhe profundamente desagradável. Até lá, Boris havia criado uma regra segundo a qual nunca se interrogava sobre si próprio e sentia-se bem assim; por outro lado, enquanto não se tratasse de se matar decentemente, não era muito importante ser medíocre: pelo contrário, menos tinha a lamentar. Mas, presentemente, tudo havia mudado: destinavam-no a viver e ele era obrigado a reconhecer que não possuía vocação, nem talento, nem dinheiro. Enfim, nenhuma das qualidades requeridas, senão, justamente, a saúde. "Como me vou aborrecer!", pensou. E sentiu-se frustrado. A mosca levantou vôo, zumbindo; sob a camisa, Boris passou a mão pela cicatriz que lhe traçava o ventre na altura da virilha; gostava de sentir este pequeno sulco de carne. Olhava para o tecto, acariciava a cicatriz e tinha o coração pesado. Francillon entrou no quarto, avançou para Boris sem pressa, entre as camas desertas, e parou de repente, fingindo-se surpreendido.

Andava à tua procura no pátio — disse ele.

Boris não respondeu. Francillon cruzou os braços com indignação:

— Às duas da tarde, ainda estás na cama!

— Estou chateado — retorquiu Boris.

— Estás preocupado?

— Não estou preocupado: estou chateado.

— Deixa lá — replicou Francillon. — Isto tem de acabar.

Sentou-se à cabeceira de Boris e começou a enrolar um cigarro. Francillon possuía uns olhos enormes que lhe saíam da cara e um nariz aquilino; tinha um ar terrível. Boris gostava muito dele: por vezes, só de o ver, desatava às gargalhadas. Falta pouco! disse Francillon. Quanto? Precisamente quatro. Boris contou pelos dedos.

— Então é a dezoito.

Francillon resmungou em sinal de consentimento, lambeu a cola do papel, acendeu o cigarro e debruçou-se sobre Boris, em confidência:

— Não está cá ninguém? Todas as camas estavam vazias; os homens estavam no pátio ou tinham saído.

— Bem vês — disse Boris. — A não ser que haja espiões de baixo das camas.

Francillon debruçou-se ainda mais:

— Na noite de dezoito — explicou ele — é Blin que está de serviço. O pássaro estará na pista pronto a partir. Entramos à meia-noite, descolamos às duas horas, estaremos em Londres às sete. Que dizes a isso?

Boris não dizia nada. Apalpava a cicatriz, pensava: "Têm sorte", e sentia-se cada vez mais triste. "Vai perguntar-me o que decidi".

— Então? Então? Que pensas?

— Penso que vocês têm sorte — respondeu Boris.

— O quê, sorte? Tens é de vir connosco. Depois não digas que não te pedimos.

— Não — reconheceu Boris.

— Não direi isso.

— Então, que decidiste?

— Não decidi nada de especial — disse ele com humor.

— Espero que não queiras ficar em França?

— Não sei.

— A guerra ainda não acabou — reforçou Francillon com ar teimoso.

— Os que dizem que já acabou são caga rolas e mentirosos. É preciso que estejas onde se der o combate; não tens o direito de ficar em França.

— Não me digas isso a mim — retorquiu Boris amargamente.

— Então?

— Então, nada. Espero uma companheira, já te disse. Resolverei depois de a ver.

— Uma companheira não é razão: isto é negócio de homens.

— Pois bem, é como te disse — respondeu Boris secamente.

Francillon pareceu intimidado e calou-se. "E se ele pensa que estou com medo?" Boris perscrutou-lhe os olhos para se certificar; mas Francillon endereçou-lhe um sorriso que o tranqüilizou.

— Chegam às sete horas? — perguntou Boris.

— Sim, às sete horas.

— Deve ser formidável ver a costa de Inglaterra de manhãzinha. Há grandes falésias brancas do lado de Dôver.

— Ah! — exclamou Francillon.

— Nunca andei de avião — disse Boris.

Tirou a mão da camisa.

— Acontece-te, a ti, coçar a cicatriz.?

— Não.

— Eu estou sempre a coçá-la: irrita-me.

— Atendendo ao sítio em que tenho a minha — retorquiu Francillon —, era difícil coçá-la em público. Fez-se um silêncio, depois Francillon recomeçou:

— Quando chega a tua companheira?

— Não sei. Ela devia vir de Paris, imagina!

— Ela que se despache — disse Francillon. — Porque nós não podemos esperar.

Boris suspirou e virou-se de barriga. Francillon continuou descontraidamente:

— A minha não sabe de nada e, no entanto, vejo-a todos os dias. No dia da partida mando-lhe um bilhete: quando o receber já estaremos em Londres.

Boris abanou a cabeça sem responder.

— Espantas-me! — comentou Francillon. — espantas-me.

— Não podes compreender — disse Boris.

Francillon calou-se, estendeu a mão e pegou num livro. Passarão sobre as falésias de Dôver de madrugada. Não queria pensar nisso: Boris não acreditava no impossível, sabia que Lola diria que não. Guerra e Paz leu Francillon.

— Que é isto?

— É um romance sobre a guerra.

— Sobre a de catorze?

— Não. Outra. Mas é sempre a mesma coisa.

— Sim — concordou Francillon rindo —, é sempre a mesma coisa.

Tinha aberto o livro ao acaso e lia franzindo o sobrolho com um ar de interesse doloroso. Boris tornou a deixar-se cair sobre a cama. Pensava: "Não posso fazer-lhe isso, não posso partir pela segunda vez sem lhe pedir opinião. Se ficar por causa dela, será uma prova de amor. Oh! lá! lá! Uma estranha prova de amor. Mas teremos o direito de ficar por uma mulher? Francillon e Gabel diriam que não, bem entendido. Mas eles eram muito jovens, não sabiam, o que era o amor. O que quero que me digam", pensou Boris, "não é que é o amor: isso sei eu muito bem. É o que ele vale. Teremos o direito de ficar para tornar uma mulher feliz? Posto nestes termos, penso que não. Mas teremos o direito de partir, se isso faz a infelicidade de alguém?"

Lembrava-se de uma frase de Mathieu: "Não sou suficientemente cobarde para ter medo de fazer sofrer alguém quando é preciso." Está certo: simplesmente, Mathieu fazia sempre o contrário do que dizia; nunca tinha coragem de desgostar ninguém. Boris parou, com a respiração suspensa: "Se fossem apenas desculpas? Se a minha vontade de partir me fosse ditada por puro egoísmo, pelo medo de me aborrecer na vida civil? Talvez eu seja um aventureiro. Talvez seja mais fácil deixarmo-nos matar do que viver. E se eu ficasse por gosto pelo conforto por medo, para ter uma mulher à mão?" Voltou-se. Francillon debruçava-se sobre o livro com uma aplicação cheia de confiança, como se fosse obrigado a decifrar as mentiras do autor. "Se for capaz de lhe dizer: vou-me embora, se a frase puder sair da minha boca, digo." Engoliu em seco, entreabriu a boca e esperou. Mas a frase não saiu. "Não posso dar-lhe esse desgosto."

Boris compreendeu que não podia partir sem ter consultado Lola. "Ela dirá certamente que não e, então, estamos quites. E se ela não chegar a tempo?", pensou ele, aflito., Se ela não estivesse lá às dezoito? Teria de decidir sozinho? "Suponhamos que fico, que ela chega às vinte e me diz: ter-te-ia dito que partisses. Ficarei em bom estado! Outra suposição: parto, ela chega às dezanove e suicida-se. Oh! merda." Misturou-se-lhe tudo na cabeça, fechou os olhos e afundou-se no sono.

Serguine — gritou Berager da porta. Está uma pequena à tua espera no pátio.

Boris sobressaltou-se e Francillon levantou a cabeça.

— É a tua companheira.

Boris saltou da cama e coçou a cabeça.

— Era bom de mais — disse ele bocejando.

— Não, é o dia da minha irmã. Ah! — repetiu Francillon com um ar estúpido —, é o dia da tua irmã? É a pequena que estava contigo da outra vez?

— É.

— Não é feia de todo — acrescentou Francillon sem entusiasmo.

Boris compôs as polainas e vestiu o casaco; despediu-se de Francillon apenas com dois dedos, atravessou a sala e desceu a escada assobiando. No meio dos degraus parou e pôs-se a rir: "É engraçado", pensou. "É engraçado que eu esteja triste." Não o divertia nada ver Ivich. "Quando se está triste, ela não ajuda", pensou, "agrava". Ela estava à espera no pátio do hospital: os soldados que andavam por ali a passear olhavam-na de passagem, mas ela não lhes prestava atenção. Sorriu-lhe ao longe:

— Bom dia, mano.

Quando viram aparecer Boris, os soldados riram-se e gritaram; gostavam muito dele. Boris saudou-os com a mão, mas verificou sem prazer que ninguém lhe dizia: "Que sorte!" Ou "Quem me dera tê-la na minha cama". De facto, Ivich envelhecera muito e estava mais feia depois de ter abortado. Naturalmente, Boris sentia-se orgulhoso dela, mas de outro modo.

— Bom dia, monstrozinho — cumprimentou passando a ponta dos dedos pelo pescoço de Ivich.

Presentemente, à volta dela havia sempre um cheiro a febre e a água-de-colônia. Examinou-a com imparcialidade.

— Estás com mau aspecto — disse-lhe ele.

— Já sei. Sou feia.

— Nunca te pintas.

— Não — concordou ela secamente.

Calaram-se. Ela trazia uma blusa cor de sangue de boi, de gola alta, muito russa, que a fazia parecer ainda mais pálida. Se, pelo menos, se permitisse mostrar os braços ou o peito: tinha uns belos ombros roliços. Mas usava sempre blusas subidas e saias muito compridas: dir-se-ia que sentia vergonha do seu corpo.

— Ficamos aqui? — perguntou. ela.

— Posso sair tenho direito a isso.

— O carro espera-nos — disse Ivich.

— Ele está lá? — perguntou Boris, assustado.

— Quem?

— O teu sogro.

— Não!

Atravessaram o pátio e transpuseram o portão. Ao ver o enorme Buick verde do senhor Sturel, Boris sentiu-se contrariado:

— Na próxima vez deixa o carro na esquina da rua — recomendou.

Subiram para o carro; era ridiculamente grande, perdiam-se lá dentro.

— Podíamos jogar às escondidas — disse Boris entre dentes.

O motorista voltou-se e sorriu para ele; era um tipo atarracado e cerimonioso com um bigode grisalho. Perguntou:

— Para onde, minha senhora?

— Que achas? — perguntou Boris.

Ivich reflectiu:

— Preciso de ver gente.

— A Canabière, então?

— A Canabière, oh!, não. Sim, sim, se quiseres.

— Para o cais, na esquina da Canabière — ordenou Boris

— Sim, senhor Serguine.

"Mandrião!" pensou Boris. O carro começou a andar e Boris pôs-se a olhar pela janela: não tinha vontade de falar porque o motorista podia ouvi-los.

— E Lola? — perguntou Ivich.

Boris voltou-se para a irmã, que tinha aspecto de quem está completamente à vontade; ele pôs um dedo sobre a boca, mas ela repetiu alto e forte, como se o motorista não contasse absoluta mente para nada:

— Tens notícias de Lola?

Ele encolheu os ombros sem responder.

— Hum?

— Não tenho notícias — respondeu.

Quando Boris se foi tratar para Tours, Lola fora-se instalar perto dele. No princípio de junho havia sido evacuado para Marselha e ela tinha ido a Paris, prevendo o pior, para levantar dinheiro do banco, antes de se juntar a ele. Depois, ocorreram "os acontecimentos" e ele não soubera mais nada. Um solavanco fê-lo ir contra Ivich; ocupavam tão pouco lugar no assento do Buick que lhe fez lembrar o tempo em que tinham desembarcado em Paris: divertiam-se a considerarem-se dois órfãos perdidos na capital e muitas vezes abraçavam-se assim, um contra o outro, num banco do Dôme ou da Coupole. Levantou a cabeça para falar a Ivich, mas viu o seu ar caído e disse apenas:

— Paris foi tomada, viste?

— Sim, vi — respondeu Ivich com indiferença.

— E o teu marido?

— Também não tenho notícias.

Inclinou-se para ele e disse rapidamente e baixo:

— Gostava que ele morresse.

Boris lançou uma olhadela ao motorista e viu que ele os olhava pelo retrovisor. Tocou no cotovelo de Ivich, que se calou: mas mantinha nos lábios um sorriso mau e grave. O automóvel parou ao fundo da Canabière. Ivich saltou para o passeio e disse ao motorista com superioridade:

— Venha buscar-me ao Café Riche às cinco horas.

— Boa tarde, senhor Serguine — cumprimentou o motorista delicadamente.

— Adeus — disse Boris aborrecido.

Pensou: “Volto, de autocarro.” Deu o braço a Ivich e subiram a Canabière. Passaram oficiais; Boris não os saudou e eles não pareceram preocupados com isso. Boris sentia-se indignado porque as Mulheres se voltavam à sua passagem.

— Não cumprimentas os oficiais? — perguntou Ivich.

— Para quê?

— As mulheres olham para ti — acrescentou ela ainda.

Boris não respondeu; uma morena sorriu lhe, Ivich voltou-se vivamente:

— Sim, é verdade, é belo — disse ela nas costas da morena.

— Ivich! — suplicou Boris —, não nos tornes notados.

Agora era assim. Um dia alguém afirmara que ele era belo e, a partir daí, toda a gente lhe dizia o mesmo. Francillon e Gabei chamavam-lhe “Belo Amor”. Naturalmente, Boris não ligava importância, mas era desagradável porque a beleza não é um atributo masculino. Teria sido preferível que todas estas mulheres se preocupassem com o próprio corpo e que os homens fizessem, ao passar, um pequeno cumprimento a Ivich, não muito: apenas o suficiente para ela se sentir bonita. Na esplanada do Café Riche, quase todas as mesas estavam ocupadas; sentaram-se no meio de belas mulheres morenas, de oficiais, de soldados elegantes, de homens idosos de mãos gordas; todo um mundo inofensivo e bem-pensante, gente para destruir sem lhes fazer mal. Ivich passava as mãos pelos cabelos. Boris perguntou-lhe:

— Há alguma coisa que não vai bem?

Ela encolheu os ombros. Boris estendeu as pernas e verificou que se chateava.

— Que queres beber? — perguntou ele.

— É bom, o café?

— Assim, assim.

— Morro de vontade de beber um café. Lá em baixo é infecto...

— Dois cafés — pediu Boris ao empregado.

Virou-se para Ivich e perguntou:

— Como vai isso com os teus sogros?

Desapareceu o entusiasmo do rosto de Ivich.

— Vai indo — respondeu. — Estou quase como eles.

Acrescentou, com um sorriso:

— A minha sogra diz que eu sou parecida com ela. Que fazes durante todo o dia?

— Ontem levantei-me às dez horas, arranjei-me o mais devagar que pude, até às onze e meia, li os jornais...

— Tu não sabes ler os jornais — interrompeu Boris severamente.

— Não. Não sei.

Ao almoço, falou-se da guerra e a mamã Sturel chorou umas lágrimas ao pensar no seu querido filho; quando ela chora, levantam-se-lhe os lábios, penso sempre que vai começar a rir. Depois fizemos malha e ela fez-me confidências de mulher: Georges, quando era pequeno, tinha uma saúde delicada, imagina, teve uma enterite aos oito anos; se ela fosse obrigada a escolher entre o filho e o marido, é horrível, mas preferia que fosse o marido a morrer, porque é mais mãe do que esposa. Depois falou-me das suas doenças, do útero, dos intestinos e da

bexiga, está tudo muito mal. Boris tinha sobre os lábios um grande ar de gozo: surgira-lhe uma idéia tão depressa que estava na dúvida se a tinha lido algures. No entanto, não. “As mulheres, entre si, falam do interior ou dos seus interiores.” É uma maneira pretensiosa de dizer, parecia uma máxima de La Rochefoucauld. “Uma mulher fala do seu interior ou dos seus interiores”, ou “Quando uma mulher não fala do seu interior, é porque está a falar dos seus interiores.” Assim, sim, talvez... Perguntou a si próprio se diria, a Ivich. Mas ela tinha cada vez menos sentido de humor. Disse simplesmente:

— Estou a ver. E depois? Depois, fui para o meu quarto até à hora do jantar. E que fizeste mais? Nada. Depois de jantar ouvimos noticias na rádio e comentámo-las. Parece que nada está perdido, que devemos manter o sangue-frio e que a França já esteve pior. Depois, fui novamente para o quarto e fiz chá no meu fogão eléctrico. Tenho-o escondido porque rebenta quase sempre com os fusíveis. Sentei-me numa poltrona e esperei que adormecessem e então?

— Respirei fundo.

— Devias dedicar-te à leitura — recomendou Boris.

— Quando leio, as letras dançam diante dos meus olhos — explicou ela. — Penso constantemente em Georges. Estou sempre à espera da notícia da sua morte.

Boris não gostava do cunhado e nunca percebera o que levara Ivich, em Setembro de 38, a fugir de casa para. se deitar ao pescoço daquele grande nabo. Mas agradava-lhe reconhecer que ele não era tão mau como isso; quando soube que ela estava grávida, Georges mostrou-se mesmo muito sério: insistiu em casar com ela. Mas era demasiado tarde: Ivich odiava-o por ele lhe ter feito um filho. Ela achava-se horrível, tinha-se refugiado no campo e nem quisera tornar a ver o irmão. Certamente que se mataria, se não tivesse tanto medo de Morrer.

— Que porcaria. Boris sobressaltou-se. O quê? Isto! — disse ela apontando para a chávena de café. Boris saboreou o café e comentou calmamente:

— Não é famoso, de facto,! — Reflectiu um momento, e observou:

— Vai tornar-se cada vez pior, imagino.

— País de vencidos! — disse Ivich.

Boris olhou prudentemente à sua volta. Mas ninguém lhes prestava atenção: as pessoas falavam da guerra com decência e compunção. Dir-se-ia que voltavam de um enterro. O empregado passou com um tabuleiro vazio.

— É infecto! — lançou-lhe ela.

O empregado olhou-a surpreendido: tinha um bigode grisalho; Ivich podia ser filha dele.

— Este café — continuou Ivich. — É infecto, pode levá-lo.

O empregado encarava-os com curiosidade: ela era demasiado jovem para o intimidar. Quando percebeu do que se tratava, fez um silêncio brutal:

— Queria um Moca? Talvez não saiba que estamos em guerra.

— Talvez eu não saiba — respondeu ela vivamente —, mas o meu irmão, que acaba de ser ferido, sabe-o seguramente melhor do que você. Boris, vermelho de confusão, desviou o olhar.

Ivich tornara-se atrevida e não merecia resposta, mas ele lamentava o tempo em que ela se mantinha em silêncio, com os cabelos caídos pela cara: não provocava tanto escândalo.

— Não é no dia em que os "boches" entram em Paris que nos vamos queixar para um café — resmungou o empregado, despeitado. Foi-se embora: Ivich bateu o pé.

— Só falam na guerra; nunca mais param de ser derrotados e ainda parecem orgulhosos. Que a percam, a guerra, que a percam de uma vez para sempre e que se calem.

Boris reprimiu um bocejo: os repentes de Ivich já não o divertiam. Quando ela era rapariga, era um prazer vê-la puxar os cabelos, batendo o pé e revirando os olhos; divertia-se para o dia inteiro. Presentemente, os seus olhos mantinham-se mortiços, dir-se-ia que se habituara; nesses momentos era parecida com a mãe. "é uma mulher casada", pensou ele, escandalizado. "Uma mulher casada, com sogros, um marido na frente e um automóvel. familiar". Olhou-a com perplexidade e desviou o olhar porque sentiu que ia ficar horrorizado. "Vou-me embora." Endireitou-se brusca-mente: a decisão estava tomada. "Vou-me embora, vou com eles, não posso continuar em França." Ivich, entretanto falara.

— Quê? — perguntou ele.

— Os pais.

— Então?

— Estou a dizer que eles deviam ter ficado na Rússia; tu não me estás a ouvir.

— Se lá tivessem ficado, seriam presos.

— Em todo o caso, não nos deviam ter naturalizado. Assim, podíamos voltar para a nossa terra.

— A nossa terra é em França — disse Boris. — Não, é na Rússia.

— É em França, pois eles naturalizaram-nos.

— Justamente — insistiu Ivich —, é por isso que não o de viam ter feito.

— Está bem, mas fizeram.

— Não me importo. Já que não o deviam ter feito, é como se não o fizessem. de ver.

— Se estivesses na Rússia — retorquiu Boris —, havias.

— Não me importo, porque é um grande país e eu sentir-me-ia orgulhosa. Aqui, passo o tempo a ter vergonha.

Calou-se por um instante, mostrava-se hesitante. Boris olhava para ela com beatitude; não sentia vontade alguma de a contrariar. "Ela será obrigada a parar", pensou ele com optimismo. "Não vejo o que poderá acrescentar". Mas Ivich tinha imaginação: levantou uma mão e fez um estranho gesto, como se mergulhasse na água.

— Detesto os Franceses — disse ela.

Um cavalheiro que lia o jornal ao lado deles levantou a cabeça e olhou-os com ar sonhador. Boris fitou-o nos olhos. Mas, logo a seguir, o cavalheiro levantou-se: uma mulher jovem dirigia-se-lhe; ele fez uma reverência, ela sentou-se e deram-se as mãos, sorrindo. Tranqüilizado, Boris voltou-se para Ivich. Era a grande corrida: ela murmurava entre dentes:

— Detesto-os, detesto-os. Detesto-os porque não sabem fazer café! Detesto-os por tudo.

Boris pensara que a tempestade acalmaria por si mesma; mas agora via que se tinha enganado e que era preciso enfrentá-la, corajosamente.

— Eu gosto muito deles — contrariou. — Agora que perderam a guerra, toda a gente lhes vai cair em cima, mas vi-os na primeira linha e garanto-te que fizeram tudo o que puderam.

— Estás a ver! — disse Ivich —, estás a ver!

— A ver o quê?

— Porque dizes: eles fizeram o que puderam? Se te sentisses francês, dirias nos.

Havia sido por modéstia que Boris não dissera nos. Sacudiu a cabeça e franziu o sobrolho.

— Não me sinto nem francês nem russo — retorquiu.

— Mas quando eu estava lá em cima, com os outros camaradas, sentia-me bem com eles.

— São uns ratos — disse ela.

Boris fingiu enganar-se no sentido do termo.

— Sim, espertos como ratos.

— Não, não, ratos que fogem assim, olha — mostrou ela, passando a mão rapidamente pela mesa.

— És como todas as mulheres — replicou Boris. Só aprecias o heroísmo militar.

— Não é isso. Mas já que queriam fazer esta guerra, que a fizessem até o fim. — Boris levantou a mão, com um gesto indignado: "Já que a quiseram fazer, que a fizessem até ao fim."

Evidentemente era o que ele tinha dito na véspera a Francillon e a Gabel. Mas... a mão caiu-lhe mole:

— Quando uma pessoa não pensa como nós, é difícil e fatigante provar-lhe que não tem razão.

— Mas quando ela é da nossa opinião e é preciso explicar-lhe que se engana, perdemo-nos. Deixa-me — disse ele.

Ratos! — insistiu Ivich sorrindo furiosamente.

Os tipos que estavam comigo não eram ratos — contrariou Boris. — Havia mesmo alguns extraordinariamente destemidos. Tu disseste-me que eles tinham medo de morrer. E tu? Tu não tens?

— Mas eu sou mulher.

— Pois bem, eles tinham medo de morrer e eram homens retorquiu Boris. É isso que se chama coragem. Sabiam a que se arriscavam.

Ivich olhou para ele, meditativa.

— Não me vais dizer que tu tinhas medo de morrer? Não, porque sabia que estava lá para isso?

Ele olhou para as unhas e acrescentou com um ar desinteressado

— O engraçado é que, apesar de tudo, cheguei a ter medo.

Ivich sacudiu os ombros:

— Mas porquê?

— Não sei. Talvez por causa do barulho. — Na realidade só durara dez minutos, talvez vinte, até ao início do ataque. Mas ele não se importava com o facto de Ivich o tomar por um cobarde. Ela olhava-o com um ar indeciso, admirada por um russo poder ter medo, sobretudo se era um Serguine e o seu próprio irmão. Por fim, Boris sentiu vergonha e acrescentou:

— Não vás pensar que tive sempre medo.

Ela sorriu-lhe, aliviada, e ele pensou tristemente: "Já não estamos de acordo em nada." Fez-se um silêncio; Boris bebeu um gole de café e quase o cuspiu: foi como se lhe tivessem metido na boca toda a sua tristeza. Mas pensou que ia partir e sentiu-se — de certo modo — reconfortado.

— Que vais fazer presentemente? — perguntou Ivich.

— Penso, que me vão desmobilizar — respondeu Boris.

— Na verdade, já estamos quase todos curados, mas mantêm-nos porque não-sabem o que nos hão-de fazer.

— E depois?

— Pedirei... um lugar de professor.

— Não tens a agregação.

— Não. Mas posso ser professor num colégio.

— Diverte-te dar aulas?

— Ah! não — disse ele apressadamente.

Corou e acrescentou com humildade:

— Não fui feito para isso.

— Então para que foste feito, meu querido mano?

— Isso pergunto eu.

Os olhos de Ivich brilharam:

— Queres que te diga para — que fomos feitos? Para sermos ricos.

Não é isso — replicou aborrecido.

Olhou-a por momentos, enquanto repetia: "Não é isso!", segurando com força na chávena.

— Então que é?

— Sentia-me importante — explicou — e depois, até da minha morte se apoderaram. Agora sinto que não sei fazer nada, não tenho jeito para nada e já não tenho gosto por nada. — Suspirou e calou-se, envergonhado de ter falado de si.

"O que acontece é que não, me posso resignar a viver mediocremente. No fundo, é o que ela acaba de dizer", pensou.

Ivich prosseguiu na sua idéia.

— Lola não tem dinheiro? — perguntou.

Boris deu um salto e bateu no tampo da mesa: ela tinha o dom de lhe adivinhar os pensamentos e de os traduzir em termos inaceitáveis:

— Não quero o dinheiro de Lola!

— Porquê? Ela dava-to, antes da guerra. Está bem, mas já não me dará mais.

Então matemo-nos os dois — disse Ivich ardentemente.

Ele suspirou. "Ela recomeça", pensou aborrecido. "Não é próprio da sua idade. Ivich olhava para ele a sorrir",

— Alugamos um quarto sobre o Vieux Port e abrimos o gás.

Boris, em sinal de recusa, apenas abanou o indicador da mão direita. Ivich não insistiu: baixou a cabeça e começou a brincar com o cabelo. Boris percebeu que ela tinha alguma coisa para lhe pedir. Ao fim de algum tempo, disse sem olhar para ele:

— Pensei...

— O quê?

— Pensei que me levarias contigo e que viveríamos os três com o dinheiro de Lola.

Boris conseguiu engolir sem se engasgar.

— Ah — comentou —, tinhas pensado nisso.

— Boris — insistiu Ivich com uma paixão súbita —, já não posso viver com aquela gente.

— Maltratam-te?

— Pelo contrário, trazem-me nas palminhas; a mulher do filho querido, estás a ver. Mas eu detesto-os, detesto Georges, de testo os criados...

— Também detestas Lola — observou Boris.

— Lola não é a mesma coisa.

— Não é a mesma coisa porque ela está longe e já não a vês há dois anos.

— Lola sabe cantar e bebe, e, além disso, é bela...

Boris gritou —, eles são horrorosos! Se me deixas com eles, mato-me; não, não me matarei, será o fim. Se soubesses como me sinto velha e má, por vezes!

"Tretas", pensou Boris. Bebeu um pouco de café para poder engolir a saliva. "Não podemos desgostar duas pessoas". Ivich já não brincava com o cabelo. O seu rosto pálido tinha-se colorido, olhava-o com um ar firme e ansioso, parecia a Ivich de outros tempos. "Talvez rejuvenesça. Talvez torne a ser bela." Então disse:

— Com a condição de cozinhares para nós, monstrozinho.

Ela pegou-lhe na mão e apertou-a com toda a força:

— Aceitas? Oh! Boris! Aceitas?

— Serei professor em Guéret. Não, em Guéret, não: é um liceu. Em Castelnaudary. Casarei com Lola: um professor num colégio não pode viver com uma concubina; amanhã vou começar a preparar as aulas.

Passou a mão pelo cabelo e puxou-o para lhe verificar a solidez. "Vou ficar careca", decidiu. "Tenho a certeza: o cabelo cair-me-á. antes que eu morra".

— Claro que aceito. Via um avião deslizar pela madrugada e pensava: "As falésias, as belas falésias brancas, as falésias de Denver."

Três horas em Padoux. Mathieu tinha-se sentado na relva; seguia com os olhos os turbilhões negros por cima do muro. De vez em quando um coração de fogo subia no meio do fumo, tingia-o de sangue, rebentava: no céu saltavam, então, faíscas semelhantes a pulgas.

— Vão deitar fogo a tudo — disse Charlot.

Borboletas de fuligem esvoaçavam à volta deles; Pinette apanhou uma e desfê-la pensativamente entre os dedos.

— Tudo o que resta de um mapa à escala de um para dez. mil — comentou ele mostrando o polegar sujo de cinza.

Longin empurrou a cancela e entrou no jardim: vinha a chorar.

— Longin está a chorar! — exclamou Charlot.

Longin limpou os olhos.

— Patifes! Pensei que me iam matar.

— Deixou-se cair na relva; tinha na mão um livro de capa rasgada.

— Foi preciso atiçar o fogo com um abano, enquanto queimavam a papelada. Apanhava com todo o fumo na cara.

— Acabou?

— Nem por sombras! Mandaram-nos embora porque vão queimar documentos secretos. Imagina que segredos: ordens que eu próprio passei à máquina.

Cheira Mal! — disse Charlot — Cheira a esturro. isso de queimarem os arquivos é suspeito.

— Pois é: cheira a esturro. Foi o que eu disse.

Riram-se. Mathieu apontou para o livro e perguntou:

— Onde o encontraste?

— Lá em baixo — explicou Longin vagamente.

— Lá em baixo, onde? Na escola?

— Sim — confirmou ele. — Apertou o livro contra si, desconfiado.

Há lá mais? — perguntou Mathieu.

Havia, mas os tipos da Intendência levaram-nos.

— O que é?

— Um livro de História.

— Mas qual?

— Não sei o título.

Lançou uma olhadela, à capa, depois acrescentou, aborrecido:

— História das Duas Restaurações.

— De quem é? — perguntou Charlot.

— Voulabelle — leu Longin.

— Voulabelle, quem é?

— Como queres que eu saiba?

— Emprestas-mo? — pediu Mathieu.

— Quando o tiver lido.

Charlot deitou-se na relva e tirou-lhe o livro das mãos:

— Olha lá! É o terceiro volume.

Longin arrancou-lho.

— Que importância tem? É para me distrair.

Abriu o livro ao acaso e fingiu ler, para melhor se apoderar dele. Cumprida a formalidade, levantou a cabeça.

— O capitão queimou as cartas da mulher — contou ele. Olhava de sobrancelhas arqueadas, com um ar ingênuo, imitando de antemão com os olhos e os lábios o espanto que contava provocar.

Pinette saiu do seu devaneio amuado e virou-se para ele, interessado:

— A sério?

— Sim. E também queimou as fotografias, via-as em chamas. Ela é boa!

— A sério?

— É o que te digo.
— Que dizia ele?
— Não dizia nada. Via-as a queimarem-se.
— E os outros?
— Também não diziam nada. Só Ulfirich é que tirou umas cartas da carteira para as queimar igualmente.
— Que estranha idéia — murmurou Mathieu.
Pinette voltou-se para ele:
— Tu não vais queimar as fotografias da tua pequena?
— Não tenho pequena.
— Ah! Então é por isso.
— E tu, queimaste as da tua mulher? — perguntou Mathieu.
— Estou à espera de que os "boches" apareçam.
Calaram-se; Longin tinha-se posto a ler: Mathieu lançou-lhe um olhar invejoso e levantou-se. Charlot pôs a mão no ombro de Pinette:
— A desforra?
— Se quiseres.
— A que estão a jogar? — perguntou de novo Mathieu.
— Ao morpion *.
— Pode jogar-se a três?
— Não.
Pinette e Charlot sentaram-se às cavalitas no banco; o sargento Pierné, que estava a escrever sobre os joelhos, chegou-se um pouco para lá para lhes dar lugar.
— Estás a escrever as tuas memórias?
— Não — replicou —, estou a estudar Física.
Começaram a jogar. Deitado de costas, com os braços cruzados, Nippert dormia; ressonava. Schwartz tinha-se sentado um pouco afastado e sonhava. Ninguém falava, a França estava morta. Mathieu bocejou, olhou para os documentos secretos que se desfaziam em fumo pelo céu, fitou a fértil terra negra por entre os legumes e sentiu a cabeça vazia: estava morto; esta tarde branca e morta era uma tumba. Lubéron entrou no jardim. Estava a comer, os cílios batiam-lhe sob os grandes olhos de albino, as orelhas mexiam ao mesmo tempo que os maxilares.
— Que estás a comer? — perguntou Charlot.
— Um bocado de pão.
— Onde o arranjaste?

* Morpion — espécie de jogo-do-galo, também disputado entre dois jogadores embora mais complexo. Conhecido igualmente por jeu des cinc croix (jogo das cinco cruzes).

Apontou para fora sem responder e continuou a mastigar.
Charlot calou-se bruscamente e considerou-o com uma espécie de assombro: o sargento Pierné, de lápis no ar, de cabeça levantada, também estava a olhar para ele. Lubéron continuava a mastigar depressa: Mathieu notou-lhe o ar

importante e compreendeu que trazia notícias; então, teve medo como os outros e deu um passo para trás. Lubéron acabou tranqüilamente de mastigar e limpou as mãos às calças. “Não era pão”, pensou Mathieu.

Schwartz aproximou-se e esperaram em silêncio.

— Pronto, já está! — disse Lubéron.

— Quê? Quê? — perguntou Pierné brutalmente. — Que é?

— Já está. Sim. — Um clarão de aço e depois o silêncio; a carne mole e azul deste dia recebera a eternidade como um duro golpe. Nem um ruído, nem um sopro de ar, o tempo fixara-se, a guerra retira-se: ainda há pouco estavam dentro dela, abrigados, podiam acreditar em milagres, na França imortal, no apoio da América, na defesa pouco escrupulosa, na entrada da Rússia na guerra; agora a guerra tinha ficado para trás, terminada, completa, perdida. As últimas esperanças de Mathieu tornaram-se recordações de esperança. Longin foi o primeiro a recompor-se. Esticou os braços, avançou as mãos como para apalpar a notícia com precaução. Perguntou timidamente:

— Então... assinaram?

— Esta manhã. Durante nove meses.

Pierné desejara a paz. A paz a todo o custo. Agora estava ali, pálido e a suar; o acontecimento tornara-o furioso.

— Como sabes? — gritou ele.

— Foi Guiccioli que acabou de mo dizer.

— Como é que ele sabe?

— Pela rádio. Ouviram há pouco.

Tinha feito a voz pausada e neutra de um locutor; gostava de se mostrar implacável.

— E o canhão?

— O cessar-fogo é à meia-noite.

Charlot também estava vermelho, os seus olhos faiscavam:

— Nem posso crer!

Pierné levantou-se. Perguntou:

— Há pormenores?

— Não — respondeu Lubéron.

Charlot tossicou:

— E nós?

— Nós, o quê?

— Quando nos vamos embora?

— Já te disse que não sei pormenores.

Estavam calados. Pinette deu um pontapé numa pedra, que rolou por entre as cenouras.

O armistício! — disse ele furiosamente. — O armistício.

Pierné abanou a cabeça; a pálpebra esquerda tinha-se posto a bater no seu rosto pálido como uma persiana num dia de vento.

— As condições vão ser duras — comentou, troçando com satisfação.

Todos gozaram.

— Imagino! — confirmou Longin. — Imagino!

Schwartz fez um gesto violento e vago, deu meia volta e deixou o jardim; Mathieu sentiu-se imensamente fatigado. Deixou-se cair sobre o banco.

— Está calor — disse ele. Estão a olhar para nós.

Cada vez mais densa, a multidão via-os engolir esta pílula histórica, envelhecida e afastava-se recuando, a cochichar: "Os vencidos de quarenta, os soldados da derrota; por causa deles estamos acorrentados." — Continuavam onde estavam, imutáveis sob estes olhares variáveis, julgados, avaliados, explicados, acusados, desculpados, condenados, prisioneiros deste dia inesquecível, submersos no zumbido das moscas e do canhão, no odor da verdura aquecida, no ar que dormitava, sobre as cenouras, culpados até ao infinito, aos olhos dos filhos, dos netos e dos bisnetos, para sempre os vencidos de quarenta. Bocejou, milhões de homens o viram bocejar: "Boceja, ainda por cima; um vencido de quarenta e ainda tema lata de bocejar."

Mathieu reprimiu este bocejo inumerável e pensou: "Não estamos sós." Olhou para os camaradas, o seu olhar em trânsito encontrou neles o olhar eterno e assombrado da História: pela primeira vez a grandeza tinha descido sobre eles: eles eram os soldados fabulosos de uma guerra perdida. Petrificados! "Meu Deus, eu li, bocejei, ventilava os meus problemas, não me decidia a escolher e, no entanto, já escolhera, havia escolhido esta guerra, esta derrota, e ,era esperado no coração deste dia. Tudo está por fazer, já não há nada a fazer." Os dois pensamentos entraram um no outro e anularam-se; ficou a calma superfície do Vazio. Charlot sacudiu os ombros e a cabeça; pôs-se a rir e o tempo recomeçou a passar. Charlot ria, ria contra a História, defendia-se da petrificação pelo riso, olhava-os com malicia, e dizia:

— Estão com bom aspecto, estes gajos. Bom aspecto têm eles!

Voltaram-se para ele admirados, depois Lubéron começou a rir. Franzia o nariz com um ar embaraçado e o riso saía-lhe pelas narinas:

— Bem podes falar! Fomos apanhados!

— É uma desfeita — replicou Charlot com uma espécie de embriaguez — uma derrota, uma tarefa! Longin riu por sua vez:

— Os soldados de quarenta ou os reis da corrida a pé! gracejou.

— Os campeões da estrada.

— Campeões olímpicos de corrida a pé.

— Não se importem — consolou-os Lubéron — seremos bem recebidos quando voltarmos; ainda nos hão-de felicitar!

Longin teve um suspiro feliz:

— Vão-nos esperar à estação. Com coros e clubes de ginástica.

— E eu que sou judeu, diz lá! — acrescentou Charlot rindo até às lágrimas.

— Estão a imaginar os anti-semitas do meu bairro?

Mathieu deixou-se contagiar por este riso desagradável, foi um momento atroz: tinham-no deitado, a tremer de febre, em lençóis gelados; depois a sua eternidade de estátua partiu-se, voou às gargalhadas. Riam, recusavam as obrigações de grandeza em nome da canalha, não faz mal desde que haja saúde, comida e bebida, chateio metade do mundo e estou-me nas tintas para a outra metade, recusavam o conforto da grandeza por uma austera lucidez, recusavam mesmo o direito de sofrer; trágicos: não, históricas; nem isso, somos uns cretinos,

não valemos uma lágrima; predestinados: também não, o mundo é um acaso. Riam, esbarravam nos muros do Absurdo e do Destino, que os recambiavam; riam para se punirem, para se purificarem, para se vingarem; desumanos, demasiado humanos, para além e para aquém do desespero: homens. Por um momento ainda quiseram apagar a afronta das negras mágoas; Nippert continuava a ressonar, a sua boca aberta era também uma afronta. Depois o riso tornou-se pesado, arrastou-se, parou depois de algumas sacudidelas: estava terminada a cerimônia, o armistício consagrado, estavam oficialmente após. 0 tempo passava, calma mente, tisana amornada pelo sol: era preciso recomeçar a viver.

— E pronto — disse Charlot.

— Pronto! — repetiu Mathieu.

Lubéron tirou furtivamente a mão do bolso, levou-a à boca e pôs-se a mastigar; a boca saltava-lhe debaixo dos olhos de coelho.

— Pronto — repetiu também. — Pronto, pronto.

Pierné assumiu um ar miudinho e vencedor:

— Que vos tinha eu dito?

— Que nos tinhas tu dito?

— Não se façam parvos. Delarue, lembras-te do que eu tinha dito depois da Finlândia? E depois de Narvik, lembras-te? Chamavas-me ave agoirenta e, como és mais desembaraçado do que eu, embrulhavas-me sempre. Corara: atrás dos óculos os olhos faiscavam-lhe de rancor e vitória.

— Não a devíamos ter feito, esta guerra; sempre disse que não a devíamos fazer: não estaríamos neste ponto.

Esfregava as mãos, deliciado, e o rosto brilhava-lhe de inocência: esfregava as mãos, lavava as mãos desta guerra, não a fizera, não a vivera; negara-se durante dez meses, recusando ver, falar, sentir, protestando contra as ordens através do zelo maníaco que punha no seu cumprimento, distraído, nervoso, fixado numa ausência da alma. Agora recebia a paga do seu sofrimento. Tinha as mãos limpas e haviam-se cumprida as suas previsões: os vencidos eram os outros, os Pinette, os Lubéron, os Delarue, os outros. Ele não.

Os lábios de Pinette começaram a tremer.

— Então? — perguntou com uma voz entrecortada.

— Está tudo bem? Estás contente?

— Contente?

— Aí a tens, a tua derrota!

— A minha derrota? Ora essa, é tanto minha como tua.

— Tu estavas à espera: é tua. Nós não a esperávamos, não te queríamos privar dela.

Pirné fez um sorriso de incompreendido:

— Quem te disse que eu a esperava? — perguntou ele pacientemente. Tu, e ainda não foi há muito tempo. Disse que a tinha previsto. Esperar e prever não é a mesma coisa, não achas?

Pinette olhava para ele sem responder, a sua expressão tornara-se sombria, a boca saliente; revirava os grandes e belos olhos mistificados. Pierné prosseguiu em seu proveito:

— E porque a teria eu esperado? Podes dizer-me? Será que sou da quinta-coluna?

— És pacifista — respondeu Pinette com esforço.

— E então?

— É a mesma coisa.

Pierné sacudiu os ombros e abriu os braços, acabrunhado. Charlot correu para Pinette e passou-lhe o braço pelos ombros.

— Não se zanguem — disse ele com ar conciliador. — Para que serve zangarem-se? Perdemos, ninguém teve culpa, ninguém tem de se condenar. Foi uma infelicidade, é tudo.

Longin, fez um sorriso político:

Foi uma infelicidade? Foi! — continuou Charlot, sempre conciliador.

— Sejamos justos: infelicidade, sem dúvida. E mesmo uma grande infelicidade. Mas, que queres? Eu digo para mim: cada um por sua vez. Ganhámos na última vez, agora foram eles, na próxima voltaremos a ser nós.

— Não haverá próxima vez — replicou Longin.

Levantou o dedo e acrescentou, com um ar paradoxal:

— Fizemos a última das últimas, eis a verdade. Vencedores ou vencidos, é a mesma coisa,: os tipos de quarenta conseguiram o que os pais tinham perdido. Acabaram-se as nações, acabou a guerra. Hoje estamos nós de joelhos: amanhã serão os ingleses, os "boches" levam tudo, põem ordem em tudo e dão início aos estados unidos da Europa

— Estados unidos, o raio! — protestou Pinette. Seremos os lacaios de Hitler.

— Hitler? Que é isso, Hitler? — perguntou Longin com soberba.

— Claro que era preciso um. Como queres que os países se entendam, se os deixares em liberdade? São,como as pessoas, cada um puxa para seu lado. Mas quem se lembrará do teu Hitler daqui a cem anos? Estará morto e enterrado, e o nazismo também.

— Grande safado! — gritou Pinette.

— Quem é que os vai viver, estes cem anos?

Longin pareceu escandalizado:

— Não devemos pensar assim, pateta: devemos procurar ver sempre. mais longe; precisamos imaginar a Europa do futuro.

— E será a Europa do futuro que me dará de comer?

Longin passou pelo sol uma mão pacifista:

— Ora! — disse. — Ora, ora! Os oportunistas safar-se-ão

A mão episcopal descaiu, acariciou os cabelos encaracolados de Charlot:

— Não te parece?

— Eu — replicou Charlot — não consigo sair disto: já que tínhamos de assinar este armistício, acho bem que seja já: haverá menos mortos e os Alemães não terão tempo para se encolerizarem.

Mathieu olhava-o incrédulo. Todos! Todos se revelavam: Schwartz transformava-se, Nippert refugiava-se no sono, Pinette no ódio, Pierné na inocência; preso ao momento que passava, Lubéron comia, tapava todos os seus buracos com comida; Longin tinha saído deste século. Cada um deles,

apressadamente, havia assumido a atitude que lhe permitiria viver. Endireitou-se e disse com voz forte:

— Vocês decepcionam-me.

Olharam-no sem surpresa, com sorrisos desajeitados: ele estava mais espantado do que eles; a frase soava-lhe ainda nos ouvidos e ele perguntava-se como a podia ter pronunciado. Hesitou um instante entre a confusão e o ódio, depois tomou o partido do ódio: virou-lhes as costas, empurrou a cancela e atravessou a estrada. Estava deslumbrante e deserta; Mathieu saltou por cima das urzes, que lhe arranharam as polainas, e desceu pela escarpa do bosque, até ao ribeiro. "Merda", disse em voz alta. Olhou para o ribeiro e repetiu: "Merda! merda!", sem saber porque o fazia.

A cem metros dele, nu até à cintura, sarapintado pelo sol, um soldado lavava a roupa; estava ali, assobiava, amassava aquela farinha húmida, perdera a guerra e não o sabia. Mathieu sentou-se; tinha vergonha: "Quem me deu o direito de ser tão severo? Acabam de saber que estão tramados, desenrascam-se como podem porque não estão habituados. Eu já estou e nem por isso valho mais E, além disso, eu também escolhi a fuga. E o ódio."

Ouviu um ligeiro estalido e viu Pinette sentar-se à borda da água. Sorriu a Mathieu, este correspondeu-lhe e ficaram um longo momento sem se falarem.

— Olha aquele tipo lá em baixo — começou Pinette.

— Não sabe de nada.

O soldado, curvado sobre a água, esfregava a roupa obstinadamente; um avião anacrônico roncava sobre eles.

O soldado levantou a cabeça e olhou para o céu através das folhas, com uma apreensão que os fez rir: toda esta cena tinha o pitoresco das reconstituições históricas.

— Dizemos-lhe?

— Oh!, deixa — disse Mathieu —, deixa correr.

Calaram-se. Mathieu mergulhou a mão na água e agitou os dedos. Tinha a mão pálida e prateada, envolta num balo azul-céu. Bolhas subiram à superfície. Uma hastezinha, trazida por um pequeno redemoinho, veio colar-se, volteando, ao seu pulso; depois afastou-se, voltou mais uma vez. Mathieu tirou a mão.

Está calor — disse ele.

Está — confirmou Pinette. — Faz sono.

— Tens sono?

— Não, mas vou tentar adormecer.

Estendeu-se de costas, com as mãos debaixo da nuca e fechou os olhos. Mathieu mergulhou um galho seco no ribeiro e agitou-o. Após um instante, Pinette abriu os olhos.

— Merda!

Ergueu-se e pôs-se a coçar a cabeça com as duas mãos.

— Não consigo dormir.

— Porquê?

— Sinto-me inquieto.

— Não tem mal nenhum — disse Mathieu. — É saudável.

— Quando estou assim — acrescentou Pinette —, preciso de agredir alguém; senão, sufoco. Olhou para Mathieu com curiosidade:

— Nunca te acontece?

— Acontece.

Pinette debruçou-se e começou a desapertar as botas:

— Nem cheguei a dar um tiro — comentou amargamente.

Tirou as meias, tinha uns pés infantis e moles, com traços de sujidade.

— Vou lavar os pés.

Mergulhou o pé direito na água e começou a esfregá-lo com as mãos. A sujidade desfazia-se em bolinhas. Bruscamente olhou de soslaio para Mathieu.

— Vêm-nos buscar, hem?

Mathieu assentiu com a cabeça.

— E levam-nos com eles?

— É provável.

Pinette esfregou o pé raivosamente:

— Sem este armistício, não me teriam apanhado tão facilmente.

— Que terias feito?

— Alguma coisa de jeito.

— Fanfarrão! — disse Mathieu.

Sorriram, mas Pinette entristeceu de repente e os seus olhos tornaram-se desconfiados:

— Disseste que nós te decepcionámos.

— Não era para ti.

— Era para todos.

Mathieu ainda estava a sorrir.

— É a mim que queres agredir?

Pinette baixou a cabeça sem responder.

— Agride — encorajou-o Mathieu. — Eu agredirei também. Talvez nos acalme.

— Não ousarei fazer-te mal — replicou Pinette com humor.

— Pior para ti.

O pé esquerdo de Pinette estava reluzente com a água e o sol. Olharam os dois para ele e Pinette pôs-se a mexer os dedos.

— Têm piada, os teus pés — comentou Mathieu.

— São pequenos, não são? Consigo pegar numa caixa de fósforos e abri-la.

— Com os dedos dos pés?

— Sim. Sorria; mas a raiva sacudiu-o de repente e ele agarrou no tornozelo com brutalidade.

— Nem ao menos matei um “boche”! Chegam e levam-me.

— Pois disse Mathieu. — Não é justo.

— Não é justo nem injusto: é assim.

— Não é justo: pagamos pelos outros, pelos tipos do exército de Corap e por Gamelin.

— Se tivéssemos estado no exército de Corap, teríamos feito como eles.

— Fala por ti.

Abriu os braços, respirou fundo, cerrou os punhos e, enchendo o peito, olhou para Mathieu com arrogância.

— Tenho cara de quem foge perante o inimigo?

Mathieu sorriu-lhe:

— Não.

Pinette fez músculo com os seus braços louros e gozou por momentos, sozinho, a sua juventude, a sua força e coragem. Sorria, mas os olhos mantinham-se inquietos e o sobrolho carregado.

— Ter-me-ia deixado abater em combate.

— Isso é o que tu dizes.

Pinette sorriu e morreu: uma bala atravessou-lhe o coração. Morto e triunfante, voltou-se para Mathieu. A estátua de Pinette, morto pela pátria, repetiu:

— Ter-me-ia deixado abater. E depois, mais uma vez, o ódio e a vida aqueceram este corpo petrificado.

— Não sou culpado; fiz tudo o que me mandaram fazer. Não tenho culpa se não me souberam utilizar.

Mathieu olhava para ele com uma espécie de ternura; Pinette estava transparente ao sol, a vida subia, descia, rodava depressa na árvore azul das suas veias, ele devia sentir-se tão magro, tão são, tão leve: como poderia ter acreditado na doença indolor que começara a consumi-lo, que curvaria o seu jovem corpo sobre as batatas dos campos da Silésia, ou sobre as auto-estradas da Pomerânia, que o incharia de fadiga, de tristeza e de amargura. A derrota, aprende-se.

— Não pedi nada a ninguém — continuou Pinette. — Fazia tranqüilamente o meu trabalho; os "boches", era contra eles: não tinha visto nenhum; o nazismo, o fascismo, nem sabia o que era; e Dantzig, então, se me permites: a primeira vez que vi num mapa esse lugarejo já estava mobilizado. Bem: aí aparece Daladier, que declara a guerra, e Gamelin, que a perde. O que tenho eu a ver com isso? Como posso ter culpa? Pensas que me consultaram?

Mathieu encolheu os ombros:

— Há quinze anos que a sentimos chegar. Era preciso intervir a tempo para a evitar, ou para a ganhar.

— Não sou deputado.

— Mas votavas.

— Evidentemente — confirmou Pinette pouco seguro. Por quem?

Pinette ficou calado.

— Estás a ver — disse Mathieu.

— Tive de fazer o serviço militar — replicou Pinette com humor.

— E depois estive doente: só uma vez é que pude votar.

— E depois fizeste-o?

Pinette não respondeu. Mathieu sorriu:

— Eu também não, também não votava acrescentou com doçura.

O soldado torcia as camisas e amontoava-as. Embrulhou-as numa toalha vermelha e subiu a encosta assobiando.

— Conheces a ária que ele está a assobiar?

— Não — respondeu Mathieu.

— Secaremos a Nossa Roupa na Linha Siegfried.

Riram-se. Pinette parecia um pouco mais calmo.

Trabalhei muito — continuou ele. — E nem sempre comi tudo o que tinha na vontade. Depois encontrei este lugar na T.C.R.P. e casei com a minha mulher: precisava de a alimentar, não é? Ela é de boas famílias, sabes. A principio as coisas entre nós não iam muito bem. Depois — acrescentou vivamente —, lá nos conseguimos entender, mas é apenas para te dizer: não nos podemos ocupar de tudo ao mesmo tempo.

— Claro que não! — concordou Mathieu. O que podia eu fazer mais?

— Nada.

— Não tinha tempo para me ocupar de política. Chegava a casa cansado, havia discussões, e depois, se és casado, é para fazeres amor todas as noites, não?

— Imagino.

— Então?

— Então nada. É assim que se perde uma guerra.

Pinette teve um sobressalto de fúria.

— Acho-te piada! Mesmo que me tivesse ocupado de política, mesmo que não fizesse outra coisa, o que é que isso impediria?

— Terias feito o possível.

— E tu fizeste? Não.

— E se tivesses feito, podias dizer que não foste tu quem, perdeu a guerra?

— Não.

— Então?

Mathieu não respondeu, ouviu o zumbir hesitante de um mosquito e enxotou-o com a mão. O zumbido parou. "Esta guerra, também eu, de início, pensava que era uma doença. Que disparate! Sou eu, é Pinette, é Longin. Para cada um de nós, é o próprio; é feita à nossa imagem e temos a guerra que merecemos." Pinette fungou longamente sem deixar de olhar para Mathieu; este achou-lhe um ar estúpido e uma onda de raiva inundou-lhe aboca e os olhos: "Basta! Basta! Estou farto de ser o tipo que sabe tudo!" O mosquito rodava-lhe a volta da cabeça, irrisória coroa de glória. "Se eu me tivesse batido, se chegasse a disparar, alguém morreria..."

Levantou bruscamente a mão e deu uma violenta palmada na têmpora; baixou os dedos e viu no indicador uma minúscula renda sangrenta, um tipo que sangrava sobre pedras; uma palmada na têmpora, uma pressão do indicador no gatilho, os vidros multicolores do caleidoscópio parariam, o sangue rendilharia as ervas do caminho. "Estou farto! Estou farto!" Mete-se por um acto desconhecido como por uma floresta. Um acto. Um acto que compro mete e nunca se, compreende completamente. Disse apaixonadamente:

— Se houvesse alguma coisa a fazer...

Pinette olhou para ele com interesse:

— Quê?

Mathieu encolheu os ombros.

— Não há nada — disse ele. — Nada, por agora.

Pinette calçava as meias; as sobrancelhas louras franziam-se-lhe na testa.

Perguntou bruscamente:

— Mostrei-te a minha mulher?

— Não — respondeu Mathieu.

Pinette endireitou-se, procurou no bolso do casaco e tirou uma fotografia da carteira. Mathieu viu uma mulher bastante bonita, de ar duro, com uma sombra de buço ao canto dos lábios. Atravessado na fotografia tinha escrito: "Da Denise para a sua boneca, 12 de Janeiro de 1939." Pinette corou:

— Chama-me assim. Não a consigo desabituar.

— Precisa de te pôr um nome. dignidade.

Mathieu devolveu-lhe a fotografia.

— É bonita.

— Na cama — acrescentou Pinette — é formidável. Nem podes imaginar. Tinha corado ainda mais.

Acrescentou, com um ar perplexo:

— É de boas famílias.

— Já me disseste.

— Ah? — exclamou Pinette espantado.

— Já te disse? Disse-te que o pai era professor de Desenho?

— Disseste.

Pinette tornou a pôr cuidadosamente a fotografia na carteira.

— Chateia-me.

— Que é que te chateia?

— É chato voltar assim.

Cruzara as mãos nos joelhos.

— Ora! — disse Mathieu.

— O pai é um herói de catorze — Justificou-se Pinette.

Três citações, da Cruz de Guerra. Está sempre a falar nisso.

— E então?

— E então, é chato voltar assim.

— Pobre pateta — replicou Mathieu. — Não voltarás tão depressa.

A raiva de Pinette desaparecera. Abanou a cabeça tristemente.

Ainda bem — disse. — Não tenho vontade de voltar.

Pobre pateta — repetiu Mathieu.

Ela gosta de mim — continuou Pinette —, mas tem um temperamento difícil: está convencida de que é alguém. E a mãe também. Uma mulher deve-nos respeitar, não? Senão, é o diabo lá em casa.

Levantou-se de repente:

— Estou farto de estar aqui. Vens?

— Aonde? — perguntou Mathieu.

— Não sei. Com os outros. Se quiseres — concordou Mathieu sem entusiasmo.

Levantou-se também, subiram a encosta.

— Guiccioli. Olha — exclamou Pinette —, está ali Guiccioli, de pernas abertas, com a mão em pala sobre os olhos, olhava para eles, gozando.

— Esta foi boa! disse ele.

— O quê?

— Foi bem boa. Caíram que nem patos.

— Mas o quê?

— O armistício — continuou Guiccioli sempre a rir.

Pinette compreendeu subitamente.

— Era brincadeira?

— Claro! — confirmou Guiccioli. — Foi Lequier que nos veio chatear; queria novidades, demos-lhas.

Então — perguntou Pinette com vivacidade — não há armistício?

— Nem ermistício, nem coisa nenhuma!

Mathieu olhou para Pinette pelo canto do olho:

— Que diferença faz?

— Faz muita — respondeu Pinette.

— Verás. Verás como tudo se vai modificar.

Quatro horas. Ninguém no Boulevard Saint-Germain; ninguém na Rua Danton. As persianas de ferro nem sequer estavam fechadas, as montras brilhavam: ao partirem tinham apenas fechado as portas com o trinco. Era domingo. Há três dias que era domingo; em Paris só havia um dia para toda a semana. Um domingo como outro qual quer, só um pouco mais vazio, mais preparado, demasiado silencioso, cheio de secretas corrupções. Daniel. aproximou-se de um grande estabelecimento de lãs e tecidos; os novelos, multicores dispostos em pirâmide faziam-se amarelos, cheiravam a velho; na secção ao lado casaquinhos de bebê e as camisolas enxovelhavam-se; o pó acumulava-se, sobre os balcões. Longos traços brancos sujavam os vidros, parecia uma festa: as moscas eram aos milhões. Domingo. Os Parisienses, quando chegassem, encontrariam um domingo podre atarefado sobre a cidade morta, Se chegarem!

Daniel deu asas a esta formidável vontade de rir que passeava através das ruas desde manhã. Se chegarem! A Plece de Saint-André-des-Arts, deserta, estendia-se ao sol, como noite cerrada à luz do dia, o sol era um artifício: um clarão de magnésio que escondia a noite, que se podia apagar num vigésimo de segundo, e que não se apagava. Colou a testa ao grande vidro da Brasserie Alsacienne: "Ali almocei lá com Mathieu: foi em Fevereiro, quando ele estava de licença, estava cheia de anjos e de heróis."

Acabou por distinguir na penumbra manchas hesitantes, como cogumelos: eram toalhas de papel. Onde estão os heróis? Onde estão os anjos? Duas cadeiras de ferro tinham ficado no terraço; Daniel pegou numa pelas costas, levou-a para a borda do passeio e sentou-se como um velho reformado, sob o céu militar, neste calor branco que abundava de recordações de infância. Sentia nas costas a pressão magnética do silêncio, olhava para a ponte deserta, os alfarrabistas dos cais fechados a cadeado, o relógio sem ponteiros. "Deviam ter destruído tudo isto", pensou ele. "Umas bombas, para sabermos como é". Uma silhueta esgueirou-se ao longo da prefeitura da polícia, do outro lado do Sena, como levada por um tapete rolante. Paris não estava propriamente deserta: povoava-se de pequenas derrotas instantâneas que brotavam em todos os sentidos e se dissolviam logo sob esta luz de eternidade. "A cidade está oca", pensou Daniel. Sentia debaixo dos pés os corredores do metropolitano, atrás, à frente, em cima, grandes escarpas escavadas: entre o céu e a terra milhões de salões Luís Filipe,

salas de jantar Império e cosy-corners desfaziam-se abando nados. Voltou-se bruscamente: alguma coisa bateu no vidro.

Daniel olhou-o durante muito tempo, mas apenas viu o seu reflexo. Levantou-se, a garganta cerrada por uma estranha angústia, mas não muito descontente: era divertido ter terrores nocturnos durante o dia. Aproximou-se da Ponte Saint-Michel e olhou para o dragão esverdeado. Pensava: "Tudo é permitido." Podia tirar as calças sob o olhar vítreo de todas estas janelas escuras, arrancar uma pedra do passeio e atirá-la à montra da brasserie, podia gritar: "Viva a Alemanha", não acontecia nada. Quando muito, no sexto andar de algum prédio, um rosto assustado viria colar-se ao caixilho, mas era sem conseqüência, já não tinham forças para se indignarem: o homem de bem, lá em cima, voltar-se-ia para a mulher e diria num tom puramente objectivo: "Está um tipo, na praça, que acaba de tirar as calças", e ela responder-lhe-ia do fundo do quarto: "Não estejas à janela, não se sabe o que pode acontecer."

Daniel bocejou. Partir o vidro? Ora! Ver-se-ia muito mais quando a pilhagem começasse. "Espero", pensou ele, "que ponham tudo a ferro e fogo". Bocejou mais uma vez: sentia dentro de si uma imensa e inútil liberdade. Por instantes a alegria apoderara-se dele. Quando se ia a afastar, uma caravana desembocou da Rue de la Huchette. "Agora, deslocam-se em grupos." Era o décimo que encontrava desde manhã. Daniel contou nove pessoas: duas velhas com cestos, duas garotas, três homens duros e ossudos, com bigodes; atrás deles vinham duas mulheres jovens, uma bonita e pálida, a outra em adiantado estado de gravidez e que mostrava um ar sorri dente. Andava lentamente: ninguém falava. Daniel tossiu e eles voltaram-se para ele, todos ao mesmo tempo: não havia simpatia nem censura nos seus olhares, apenas um espanto incrédulo.

Uma das duas garotas chegou-se à outra sem deixar de olhar para Daniel, murmurou algumas palavras e riram-se as duas com um ar maravilhado: Daniel sentia-se tão insólito como uma cabra-montês ao fixar o olhar lento e virgem sobre alpinistas. Passavam, fantásticos e ultrapassados, afogados na sua solidão; Daniel atravessou a calçada para se ir debruçar na entrada da Ponte Saint-Michel, sobre o parapeito de pedra. O Sena reluzia; muito ao longe, a noroeste, erguia-se uma nuvem de fumo sobre as casas. De repente, o espectáculo pareceu-lhe insuportável, voltou atrás, pelo mesmo caminho, e pôs-se a subir o bulevar. A caravana tinha desaparecido. O silêncio e o vazio a perder de vista: um abismo horizontal. Daniel estava cansado: as ruas não levavam a parte alguma. Sem os homens, tornavam-se todas parecidas. O Boulevard Saint-Michel, ontem longo caudal de ouro em direcção ao sul, era agora esta baleia morta, de barriga para o ar. Daniel bateu com os pés neste enorme ventre oco e balofo; esforçou-se por se sentir eufórico, disse em voz alta: "Detestava Paris."

Em vão; nada tinha vida além da verdura, além dos longos braços verdes dos castanheiros; sentia a impressão insípida e adocicada de caminhar por um bosque. As asas imundas do tédio começavam a roçá-lo quando, por sorte, viu um anúncio branco e vermelho colado num andaime. Aproximou-se e leu: "Venceremos porque somos os mais fortes" abriu os braços e sorriu deliciado,aliviado: eles correm, correm, não param de correr. Levantara a cabeça e voltara o sorriso para o céu, respirava abertamente: um processo em curso há

vinte anos, espiões até debaixo da cama, cada transeunte era uma testemunha ou um juiz, ou as duas coisas; tudo o que dizia podia ser virado contra ele. E depois, de uma só vez, a debandada. Eles correm, as testemunhas, os juízes, os homens de bem, correm debaixo de sol e o azul põe-lhes aviões sobre as cabeças.

As muralhas de Paris apregoavam ainda orgulho e mérito; nós somos os mais fortes, os mais virtuosos, os cruzados da democracia, os defensores da Polônia, da dignidade humana e da heterossexualidade, os caminhos continuarão interrompidos, secaremos a roupa na Linha Siegfried. Nas paredes de Paris os anúncios proclamavam ainda todo um canto de glória passada. Mas eles, eles corriam, loucos de medo, deitavam-se em fossos, pediam perdão. Perdão na honra, bem entendido, tudo está perdido excepto a honra, levem tudo mas com honra: podem encher-me o cu de lama desde que seja com honra, lamberei o vosso, se me pouparem a vida. Eles correm, trepam. Eu, o Culpado, reino na cidade. Andava de olhos baixos, gozava, ouvia os carros a passar na estrada, perto dele, e pensava: "Marcelle foi para Dax, tratar do miúdo, Mathieu deve estar prisioneiro, Brunet deve ter sido morto; todas as minhas testemunhas estão mortas ou longe de mim; eu fui recuperado..." De repente disse: "Que carros?" Levantou bruscamente a cabeça, sentiu o coração bater-lhe nas têmporas e viu-os.

Vinham de pé, puros e graves, em grupos de quinze ou vinte sobre grandes carros camuflados que deslizavam lentamente em direcção ao Sena, iam direitos e de pé, lançavam-lhe um olhar inexpressivo e outros se lhes seguiam, outros anjos semelhantes e que o fitavam de um modo semelhante. Daniel ouviu ao longe uma música militar, pareceu-lhe que o céu se enchia de estandartes e teve de se apoiar num castanheiro. Sozinho nesta longa avenida, único francês, único civil, e todo o exército inimigo olhava para ele. Não tinha medo, ,abandonava-se confiante a estes milhares de olhos, pensava: "Os nossos vencedores!", e sentia-se envolvido em prazer. Devolveu-lhes altivamente o olhar, embriagou-se com estes cabelos louros, estes rostos, bronzeados em que os olhos pareciam lagos de aço, estas silhuetas esbeltas, estas pernas incrivelmente altas e musculosas. Murmurou: "Como são belos!"

Já não estava no chão: tinham-no levado nos braços, abraçavam-no. Alguma coisa caiu do céu: era a antiga lei. Desmantelada a sociedade de juízes, anulada a sentença; derrotados os horríveis soldados de cáqui, campeões dos direitos do homem e do cidadão. "Que liberdade!", pensou, e os olhos humedeceram-se-lhe. Era o único sobrevivente do desastre, o único bem face destes anjos de ódio e de raiva, destes anjos exterminadores cujos olhos lhe devolviam uma infância. "Eis os novos juízes", pensou, "eis a nova lei!" Como pareciam insignificantes, por cima das suas cabeças, as maravilhas do céu sereno, a inocência dos pequenos cúmulos: era a vitória do desprezo, da violência e da má-fé, era a vitória da terra. Passou um tanque, majestoso e lento, coberto de folhagem, quase não roncava. Atrás dele, um homem muito jovem, com o capote pelos ombros, as mangas da camisa ,arregaçadas, cruzava os braços nus.

Daniel sorriu-lhe, o jovem olhou-o demoradamente, com um ar duro, os olhos brilhavam-lhe; depois, de repente, enquanto o tanque se afastava, começou a sorrir. Procurou rapidamente no bolso das calças e atirou um pequeno objecto

que Daniel apanhou no ar: era um maço de cigarros ingleses. Daniel apertava tanto o maço que sentia os cigarros esmagarem-se-lhe entre os dedos. Ainda sorria. Uma sensação insuportável e deliciosa subiu-lhe das pernas à cabeça; não via muito claro, repetia com a respiração ofegante: "Como em manteiga — entram em Paris como em manteiga." Outros rostos passaram pelo seu olhar baço, outros e ainda outros, sempre igualmente belos. "Vão-nos fazer mal, é o reino do mal que começa, se é! Gostaria de ser uma mulher para lhes atirar flores."

Merda, merda, uma onda de barulho, como um comboio; a rua estava deserta, um barulho de caçarolas apoderou-se dela, um clarão de aço atravessou o céu, passou entre as casas; Charlot, encostado a Mathieu, gritou da sombra do celeiro: "Estão a voar rente ao chão." As gaivotas ávidas e indolentes davam voltas à aldeia procurando comida, depois foram-se embora levando com elas o barulho de caçarolas que passava de tecto em tecto; as cabeças foram aparecendo prudentemente, homens saíram do celeiro, das casas, outros saltaram pelas janelas, formigavam, parecia uma feira. Silêncio. Estavam todos em silêncio, uma centena, técnicos, radiotelegrafistas, telefonistas, secretários, observadores, todos, excepto os motoristas, que esperavam desde a véspera ao volante dos seus carros; sentaram-se para que espectáculo? —, sentaram-se na calçada, porque a estrada estava deserta e os automóveis já não passavam, sentaram-se na borda do passeio, nos parapeitos das janelas e outros ficavam de pé, encostados às casas.

Mathieu tinha-se instalado num banquinho, em frente da mercearia Charim e Pinette foram ter com ele. Ninguém falava, estavam apenas juntos a olharem uns para os outros; viam-se tal como eram: a grande feira, a multidão demasiado calma, com mil faces cinzentas; a rua calcinava-se de sol, torcia-se sob o céu estripado; queimava os pés e as nádegas, eles deixavam-se queimar; o general habitava em casa do médico: a terceira janela do primeiro andar era sua, mas eles estavam-se nas tintas para o general, olhavam uns para os outros e tinham medo. Sofriam com a partida abortada, ninguém falava nisso, mas sentiam-na no peito, nos braços, nas pernas, dolorosa como o cansaço, era um pião que lhes girava nos corações. Um homem suspirou, como um cão a sonhar; disse, em sonhos: "Na Intendência há latas de carne."

Mathieu pensou: "Pois há, mas a porta está guardada por polícias", e Guiccioli respondeu: "Que novidade, mas puseram polícias a guardar a porta." Outro camarada sonhou, por sua vez, com voz neutra e sonolenta: "É como no padeiro: há pão, garanto-te, vi lá umas buchas, mas fizeram uma barricada à porta da loja." Mathieu continuou o sonho, mas sem falar; viu um tornedó e a boca encheu-se-lhe de saliva; Grimaud soergueu-se, apontou para as filas de persianas fechadas e perguntou: "o que se passa nesta aldeia? Ontem conversavam connosco, hoje escondem-se." As casas, na véspera, espreguiçavam-se como ostras, depois tinham-se tornado a fechar; lá dentro, homens e mulheres fingiam-se mortos, suavam na penumbra e odiavam-nos; Nippert disse: "Não é por termos sido vencidos que nos tornámos pestilentos."

Ouviu-se o estômago de Charlot, Mathieu comentou: "o teu estômago está a cantar." E Charlot respondeu: "não está a cantar, está a chorar." Uma bola de borracha caiu ao pé deles, Latex apanhou-a no ar, uma garota de cinco ou seis

anos apareceu e olhou-os timidamente. “É tua?”, perguntou Latex. “Vem. busca-la”. Toda a gente olhava para ela, Mathieu tinha vontade de lhe pegar ao colo; Latex tentava transformar a sua voz grossa numa voz suave: “Anda, vem!, vem!, vem ao meu colo.” Ouviram-se sussurros por todo o lado: vem!, vem!, mas a miúda não se mexia; “Vem, minha jóia, vem, vem, minha linda, vem!” — “Meu Deus”, disse Latex, “agora até metemos medo aos garotos”. Os camaradas riram-se, replicaram: “Tu é que lhes metes medo, com essa cara!” Mathieu ria, Latex repetia com uma voz cantante: “Vem, pequenina!” De repente, zangado, gritou: “Se não vieres, fico com ela.” Elevou a bola acima da cabeça para lha mostrar, fingiu metê-la, no bolso, a miúda gritou, todos se levantaram, todos começaram a gritar: “Dá-lha; patife, fazes chorar uma criança, não, não, mete-a no bolso, atira-a para o telhado.” Mathieu, de pé, gesticulava, Guiccioli, com os olhos a brilhar de raiva, afastou-o, pôs-se em frente de Latex: “Dá-lha, santo Deus, não somos selvagens!”

Mathieu bateu com o pé, encolerizado; Latex foi o primeiro a acalmar, baixou os olhos e disse: “Não se zanguem! Vamos dar-lha!” Atirou a bola desajeitadamente, ela bateu num muro, saltou, a miúda apanhou-a e fugiu. Calma. Todos se tornaram a sentar, Mathieu, triste e apaziguado, pensava: “Não somos pestilentos.” Nada mais: nada mais do que o pensamento de todos, Em certos momentos, ele era apenas um vadio ansioso, mas noutros transformava-se em toda a gente, a angústia passava, o pensa mento de todos corria-lhe pela testa em gotas pesadas e rolava-lhe pela boca, não somos pestilentos.

Latex estendeu as mãos e olhou-os tristemente: “Tenho seis, eu que daqui vos falo, o mais velho tem sete anos e nunca lhes bati.” Tinham-se tornado a sentar, pestilentos, esfomeados, amarfanhados sob o céu brilhante, ao pé destas grandes casas cegas que suavam ódio. Calavam-se: não podiam deixar de se calar, os vermes abjectos que sujavam este belo dia de Junho. Paciência! O exterminador virá, as ruas serão varridas a Flytox. Longin apontou para as persianas! “Esperam a chegada dos “boches” para se verem livres de nós.” Nippert disse: “Com os “boches”, podes crer que serão mais amáveis.” E Guiccioli: “Claro! A serem ocupados, preferem que sejam os vencedores a fazê-lo. É mais divertido e melhor para o comércio. Nós somos os portadores da desgraça.” — “Seis filhos”, lamentou-se Latex, “o mais velho tem sete anos. Nunca lhes meti medo.” E Grimaud concluiu: “Somos detestados.”

Um ruído de passos fez levantar todas as cabeças, mas baixaram-se logo e o major Prat atravessou a rua por entre ca~. Ninguém o cumprimentou; parou em frente da casa do médico, as cabeças tornaram a levantar-se e os olhos fixaram-se nos ombros acolchoados, enquanto ele levantava a aldraba de ferro e batia três vezes. A porta entreabriu-se e o major esgueirou-se pela abertura estreita; das cinco e quarenta e cinco até às cinco e cinqüenta e seis, um a um, todos os oficiais do estado-maior passaram, direitos mas envergonhados, entre os soldados silenciosos; as cabeças baixavam-se à sua passagem e, logo a seguir, levantavam-se. Payen disse: “Há festa em casa do general.” Charlot voltou-separa Mathieu e perguntou: “Que estarão eles a tramar?” Mathieu respondeu: “Está calado.” Charlot olhou para ele e calou-se.

Depois da passagem dos oficiais, os homens ficaram mais cabisbaixos, mais desanimados, mais macambúzios; Pierné olhava para Mathieu com uma surpresa inquieta: era a sua própria palidez que o surpreendia no rosto do outro. Ouviu-se cantar, Mathieu sobressaltou-se, o canto aproximou-se: Enquanto houver merda no penico, o quarto cheirará mal.

Cerca de trinta rapazes apareceram à esquina da rua, bêbedos, sem espingarda, nem capote, nem capacete; avançavam com grandes passadas, cantavam com um ar excitado e alegre; tinham os rostos vermelhos de sol e de vinho. Quando viram esta larva cinzento que se mexia lentamente rente ao chão e apontava para eles as cabeças múltiplas, pararam e deixaram de cantar. Um barbudo enorme deu um passo em frente; estava nu até à cintura, preto, com músculos salientes e fio de ouro ao pescoço. Perguntou:

— Será que estão mortos?

Ninguém respondeu; voltou a cabeça e cuspiu; tinha dificuldade em se manter de pé. Charlot olhou para eles com ar de míope, piscando os olhos. Perguntou:

— Não são de cá?

— E isto, é de cá? — perguntou o barbudo batendo no sexo.

Santo Deus, não, não somos de cá, e ainda bem.

— Donde vêm?

Fez um gesto vago:

— Lá de cima.

— Houve bronca lá em cima?

— Merda, não! Não houve bronca, só o nosso capitão é que se retirou quando começou a cheirar mal, e nós fizemos o mesmo, mas não no mesmo sitio, para não nos encontrarmos com ele.

Atrás do barbudo, os camaradas riram-se e dois grandes rapagões puseram-se a cantar em desafio: Arrasta os colhões pelo chão, pega na piça com a mão, camarada — Vamos partir para a guerra. Vamos à caça às putas.

Todas as cabeças se voltaram para a janela do general; Charlot agitou a mão com um ar assustado:

— Calem-se.

Os cantores calaram-se; estavam ali, de boca aberta, cambaleantes; de repente, pareceram cansados.

— Estão ali os oficiais — explicou Charlot apontando para a casa.

— Estou-me cagando para os vossos oficiais — disse o barbudo, com voz forte.

O fio de ouro brilhava ao sol; baixou os olhos para os que estavam sentados na calçada e acrescentou:

— E se eles vos chateiam, não têm mais do que vir connosco, assim já não vos chateiam mais.

— Venham connosco! — gritavam os outros atrás dele. Connosco! Connosco! Connosco!

Fez-se um silêncio. O olhar do barbudo parara em Mathieu, que desviou os olhos.

— Então? Quem é que vem? Um, dois, três.

Ninguém se mexeu. O barbudo concluiu com desprezo:

— Não são homens, são paneleiros. Venham rapazes, não quero apodrecer aqui: eles fazem-me vômitos.

Puseram-se em marcha; os homens afastavam-se para os deixarem passar. Mathieu pôs os pés debaixo do banco. Arrasta os colhões pelo chão Todos olhavam para a janela do general; havia rostos colados aos vidros, mas os oficiais não se mostraram. Vamos partir para a guerra... Desapareceram: ninguém disse uma palavra. As vozes acabaram por deixar de se ouvir. Só então Mathieu respirou.

Antes de mais — disse Nippert sem olhar para os camaradas —, não está provado que não partimos.

Está — replicou Longin. — Está provado. Que é que está provado? Está provado que não partimos. Porquê? Não há gasolina.

Para os oficiais há sempre — esclareceu Guiccioli. Os depósitos estão cheios.

— Só os nossos caminhões é que não têm gasolina.

Guiccioli deu uma risada seca:

— Naturalmente.

— Digo-vos que fomos traídos! — gritou Longin enchendo a sua voz fraca. — Traídos, abandonados aos alemães. Traídos!

— Deixa-nos — disse Ménard aborrecido.

— E depois, bolas! — acrescentou um telefonista. — Não estejam sempre a falar da partida, quando for se verá. Acaba por ser uma grande chatice.

Mathieu imaginava-os marchando e cantando pela estrada, apanhando flores, talvez. Tinha vergonha, mas era uma vergonha comum a todos. Não era, completamente desagradável.

— Paneleiros — protestou Latex.

— Chamou-nos paneleiros, aquele safado. Eu que sou pai de família. E viste o fio que trazia ao pescoço? Devia estar calado!

— Ouçam! — exclamou Charlot. — Ouçam!

Ouviu-se um roncar de avião, uma voz cansada murmurou:

— Abriguem-se, rapazes. Lá vêm eles.

— É a décima vez desde esta manhã — comentou Nippert.

— Contaste-as? Eu já nem os conto.

Levantaram-se sem pressa, encostaram-se à porta, entraram pelos corredores. Um avião rasou os tectos, o barulho diminuiu, tornaram a sair examinando o céu e tornaram a sentar-se.

— Era um avião de caça — disse Mathieu.

— Pet! Pet! — fez Lubéron. Ouviu-se ao longe o estalido seco de uma metralhadora uma ova! É o avião que dispara!

Olharam uns para os outros.

— Não estamos em tempo de andar a passear pela estrada — comentou Grimaud.

Eles não responderam, mas os seus olhos brilharam e ostentavam um sorriso ao canto da boca. Um instante depois Longin disse simplesmente:

— Não devem ter ido muito longe.

Guiccioli levantou-se, meteu as mãos nos bolsos e dobrou três vezes os joelhos, para se distender; ergueu para o céu uma expressão vazia com uma ruga à volta da boca.

— Aonde vais?

— Dar uma volta por aí. Vou ver o que lhes aconteceu.

— Toma cuidado com os macaronis!

— Não tenhas medo. Afastou-se vagarosamente.

Todos tinham vontade de o acompanhar, mas Mathieu não ousou levantar-se; fez-se um longo silêncio; os rostos haviam retomado cor e voltaram-se uns para os outros com animação.

— Seria bom que pudéssemos dar um passeiozinho pela estrada como em tempo de paz.

— Que pensavam aqueles tipos? Que podiam andar por aí à vontade? Há tipos que confiam de mais.

— Se fosse possível, nós não teríamos esperado por eles para o fazermos.

Calaram-se, nervosos e tensos; esperavam; um tipo magro, cujas mãos tremiam, estava encostado à grade de ferro da mercearia. Ao fim,de uns minutos Guiccioli voltou com o mesmo passo desengonçado.

— Então? — gritou Mathieu.

Guiccioli encolheu os ombros: os camaradas tinham-se erguido sobre os cotovelos e olhavam para ele com olhos brilhantes.

— Liquidados — disse ele.

— Todos?

— Como queres que saiba? Não os contei.

— Onde estavam? Na estrada?

— Merda, Se são tão curiosos, vão lá vocês.

Sentou-se; um fio de ouro brilhava-lhe ao pescoço: pegou-lhe, revirou-o entre os dedos, depois largou-o bruscamente. Disse, com desgosto:

— Preveni os maqueiros. Pobres tipos! O fio de ouro brilhava, fascinava. Alguém seria, capaz de dizer “pobres tipos”? Andava de boca em boca; alguém cometeria a hipocrisia de dizer: pobres tipos? Seria mesmo uma hipocrisia? O fio de ouro brilhava no pescoço moreno; a crueza, o horror, a piedade, o rancor, rondavam por ali, era atroz e confortável; nós somos o sonho de um imenso verme, e nosso pensa mento torna-se espesso, torna-se cada vez menos humano; pensa mentos peludos, cheios de patas, correm por todo o lado, saltam de uma cabeça para a outra: o verme vai acordar.

— Delarue! Meu Deus, tu és surdo?

Delarue voltou-se bruscamente; Pinette sorria-lhe de longe: está a ver Delarue.

— Que é?

— Vem!

Tremeu, subitamente, só é um homem. Fez um gesto para afastar Pinette, mas o grupo reconstituiu-se à sua volta; os olhos de verme exilavam-no, olhavam-no com uma gravidade espantada como se nunca o tivessem visto, como se o vissem através das profundezas da lama. Não valia mais do que eles, não tinha o direito de os trair.

— Então? Vem.

Delarue levantou-se, o indescritível Delarue, o escrupuloso Delarue, o professor Delarue foi, a passos lentos, juntar-se a Pinette. Atrás dele o pântano, o animal de duzentas patas. Atrás dele, duzentos olhos: sentia medo pelas costas. E novamente a angústia. Começou prudentemente, como uma caricia, depois instalou-se, modesta e familiar, no vazio do estômago. Não era nada: simples mente o vazio. Vazio dentro de si e à sua volta. Passeava em gás rarefeito.

O bravo soldado Delarue tirou o capacete, o bravo soldado Delarue passou a mão pelo cabelo, o bravo soldado Delarue voltou para Pinette um sorriso cansado:

— Que tens, pateta? — perguntou Delarue.

— Divertes-te com eles?

— Não.

— Então porque ficas?

— Somos parecidos — disse Mathieu.

— Parecidos, quem?

— Eles e nós.

— E então?

— Então, é melhor estarmos juntos.

Os olhos de Pinette lançaram chames:

— Não sou como eles! — gritou ele, deitando a cabeça para trás.

Mathieu calou-se. Pinette disse:

— Vem comigo.

— Aonde?

— Ao correio.

— Ao correio? Há cá algum correio?

— Há uma agência na aldeia.

— E que é que vais fazer ao correio?

— Não te interessa.

— Deve estar fechado.

— Para mim estará aberto — disse Pinette.

Deu o braço a Mathieu e arrastou-o.

— Arranjei uma namorada — acrescentou.

Os olhos brilhavam-lhe com uma alegria febril, sorria com ar superior:

— Quero apresentar-ta. — Para quê?

Pinette olhou-o severamente:

— És um amigo, ou não?

— Claro que sou — concordou Mathieu Perguntou:

— É a funcionária do correio, a tua namorada?

— É a menina dos correios, é.

— Pensei que não te querias meter em histórias de mulheres.

Pinette teve um riso forçado:

— Já que não combatemos, temos de fazer passar o tempo.

Mathieu voltou-se para ele e achou-lhe um ar presumido.

— Não pareces o mesmo, rapaz. É o amor que te transforma?

— Ora — disse Pinette —, ora! Podia ter sido pior. Tem umas boas mamas: bestiais. E é instruída: em Geografia ou em Cálculo não a batias.

— E a tua mulher? — perguntou Mathieu.

Pinette mudou de expressão:

— Que se lixe! — exclamou bruscamente.

Tinham chegado a uma casinha de um andar; as persianas estavam cerradas e haviam corrido o trinco da porta. Pinette bateu três vezes:

— Sou eu — gritou.

Voltou-se para Mathieu, sorrindo:

— Tem medo de que a violem.

Mathieu ouviu o barulho de uma chave:

— Entrem depressa — disse uma voz de mulher.

Mergulharam num odor de tinta, de cola e de papel. Uma banca comprida encimada por uma grade dividia o compartimento em dois. Ao fundo, Mathieu viu uma porta aberta. A mulher recuou até esta porta e fechou-a; ouviram-na correr o fecho. Ficaram alguns instantes no estreito corredor reservado ao público, depois a empregada apareceu atrás do seu guichet, abrigada. Pinette debruçou-se e apoiou a testa contra a grade.

— Está de penitência? Não é simpático da sua parte.

— Ah! — explicou ela —, é preciso ter juízo.

Tinha uma bela voz, quente e sombria. Mathieu viu-lhe brilhar os olhos negros.

— Então — disse Pinette —, tem medo de nós!

Ela riu:

— Nem medo, nem confiança, por causa do meu amigo? Mas, justamente, ele devia inspirar-lhe confiança, pois é funcionário como você.

Falava num tom elegante e sorria cortesmente.

— Vamos — pediu —, passe ao menos um dedo pela grade. Só um dedo.

Ela passou um dedo magro através da grade e Pinette deu-lhe um beijo na unha.

— Pare — ralhou ela — ou tiro o dedo.

— Não seria simpático — protestou ele. — o meu amigo tem de a cumprimentar.

Voltou-se para Mathieu:

— Permite-me que te apresente a menina-que-não-quer-dizer-o-nome. É uma francesinha corajosa: podia ter sido evacuada, mas não quis deixar o seu lugar, pois podia ser necessária.

Sacudia os ombros e sorria: não parava de sorrir. A sua voz era lenta e cantante, com um leve sotaque inglês.

— Bom dia, menina — cumprimentou Mathieu.

Ela agitou o dedo através da grade e ele apertou-o entre os seus.

— É funcionário? — perguntou ela.

— Sou professor.

— E eu empregada dos correios.

— Bem vejo.

Mathieu tinha calor e aborrecia-se; pensava nos rostos cinzentos e neutros que deixara para trás.

— É esta menina — explicou Pinette — quem tem a responsabilidade de todas as cartas de amor da aldeia.

— Oh! Sabe — replicou ela com um ar modesto —, as cartas de amor, aqui...

— Pois eu — insistiu Pinette —, se vivesse neste lugarejo, enviaria cartas de amor a todas as raparigas, só para que passassem pelas suas mãos. Você seria assim a empregada do amor.

Ria com uma certa excitação:

— A empregada do amor! A empregada do amor!

— Era bom, era — concordou ela. — Redobraria o meu serviço.

Fez-se um longo silêncio. Pinette conservava o seu sorriso desajeitado, mas tinha um ar tenso e examinava tudo com o olhar. Uma caneta estava-atada à grade por um fio; Pinette pegou nela, mergulhou-a na tinta e escreveu algumas palavras num impresso de cheque-postal.

Tome — disse ele estendendo-lhe o impresso.

Que é? — perguntou ela sem lhe pegar. Pegue! Cumpra o seu dever de empregada dos correios.

Ela acabou por lhe pegar e leu:

— Pague mil beijos à Senhora Sem-Nome... — protestou meio a sério meio a brincar agora inutilizou-me um cheque postal!

Mathieu estava farto.

— Pois bem — disse ele deixo-vos.

Pinette parecia desconcertado.

— Não ficas?

— Tenho de voltar lá para baixo.

— Vou contigo — resolveu Pinette precipitadamente. — Sim, Sim! Vou contigo.

Voltou-se para a empregada:

— Volto daqui a cinco minutos: torna a abrir-me a porta?

— Oh! Como ele é aborrecido — queixou-se ela. — Sempre a entrar e a sair.

— Decida-se de uma vez!

— Bem, então fico. Mas lembre-se: pediu-me que ficasse.

— Não pedi absolutamente nada.

— Pediu-me.

— Não! Oh! Merda! — praguejou Mathieu entre dentes.

Voltou-se para a rapariga:

Adeus, menina. Adeus — respondeu ela friamente.

Mathieu saiu e foi andando, com a cabeça vazia. A noite caía; os soldados estavam sentados, tal como os deixara. Passou pelo meio deles e logo vozes se elevaram do chão:

— Novidades?

— Não há novidades — respondeu Mathieu.

Foi para o seu banco e sentou-se entre Charlot e Pierné. perguntou.

— Os oficiais ainda estão em casa do general?

— Ainda.

Mathieu bocejou; olhava tristemente para os camaradas encobertos na sombra; murmurou: "Nós." Mas já não tinha sentido estava só. Atirou a cabeça para trás e olhou para as primeiras estrelas. O céu estava sereno como uma mulher; todo o amor da terra subira ao céu. Mathieu piscou os olhos: Charlot?

— Uma estrela cadente, camaradas. Façam um voto.

Lubéron peidou-se:

— Aqui está o meu voto.

Mathieu bocejou outra vez.

— Bem — disse ele —, muito bem, vou deitar-me. Tu vens?

— Estou a pensar: se partimos esta noite, prefiro estar pronto.

Mathieu riu grosseiramente:

— És mesmo parvo! — exclamou.

— Bom, bom! — replicou Charlot precipitadamente. —, Vou contigo.

Mathieu entrou no celeiro e deitou-se, todo vestido, no feno. Morria de sono, tinha sempre sono quando se sentia infeliz. Uma bola vermelha começou a rolar, rostos de mulheres debruçavam-se de uma varanda e começaram também a rolar. Mathieu sonhou que estava no céu; debruçava-se e via a terra. A terra era verde com uma barriga branca, dava saltinhos. Mathieu pensou: "Tenho de evitar que me toque."

— Mas ela levantou cinco enormes dedos e apanhou Mathieu pelos ombros.

— Levanta-te! Depressa!

— Que horas são? — perguntou Mathieu.

Sentiu um hálito quente sobre a cara.

— Dez e vinte — disse a voz de Guiccioli.

— Levanta-te sem barulho, vai até à porta e olha sem te verem. Mathieu. sentou-se e bocejou.

— Que há?

— Os carros dos oficiais estão à espera na estrada a cem metros daqui.

— E então?

— Faz o que te digo, vai ver.

Guiccioli desapareceu; Mathieu esfregou os olhos. Chamou baixinho:

— Charlot! Charlot! Longin! Longin!

Nenhuma resposta. Levantou-se e foi, titubeando de sono, até à porta, que estava escancarada. Um homem escondia-se na sombra.

— Quem está aí?

— Sou eu — respondeu Pinette.

— Pensei que estavas a fazer amor.

— Ela está com manias; não conseguirei nada antes de amanhã.

Meu Deus — suspirou —, dói-me a boca de tanto sorrir.

— Onde está Pierné?

Pinette apontou para um alpendre sombrio, do outro lado da rua.

— Ali, com Longin e Charlot.

— Que estamos aqui a fazer?

— Não sei.

Esperaram em silêncio. A noite estava fria e clara, havia luar. Em frente deles, debaixo do alpendre, um feixe de sombras remexia vagamente. Mathieu voltou a cabeça para a casa do médico: a janela do general estava fechada, mas via-se uma luz pálida por debaixo da porta. Eu estou aqui. O tempo desabou, com o seu grande futuro espantalho. Ficou apenas uma vacilante permanência local. Já não havia Paz nem Guerra, França nem Alemanha: apenas esta luz sob uma porta que talvez se fosse abrir. Abrir-se-ia? Nada mais contava, Mathieu não tinha mais do que este futuro minúsculo. Abrir-se-ia? Uma alegria aventureira iluminou o seu coração magoado. Abrir-se-ia? Era importante: parecia-lhe que a porta, ao abrir-se, lhe traria uma resposta para todas as perguntas que lhe havia feito durante a vida. Mathieu sentiu que um arrepio de alegria lhe ia subir das entranhas; teve vergonha, disse aplicadamente, "Perdemos a guerra."

Por agora, o Tempo foi-lhe restituído, a pequena pérola do futuro diluiu-se num futuro imenso e sinistro. O passado, o futuro a perder de vista, desde os faraós até aos estados unidos da Europa. A alegria desapareceu, a luz debaixo da porta apagou-se, a porta rangeu, abriu-se lentamente, abriu-se para as trevas; a sombra debaixo do alpendre palpitou, na rua ouviram-se estalidos como numa floresta, depois recaiu no silêncio. Demasiado tarde: não há aventura. Ao fim de um instante desenharam-se silhuetas no portão; um após outro, os oficiais desceram os degraus; os primeiros pararam no meio da calçada à espera dos outros, e o aspecto da rua mudou: 1912, uma guarnição debaixo de neve, era tarde, a festa nocturna em casa do general tinha acabado; belos como imagens, os tentes Sautin e Cadine davam-se o braço; o major Prat pousara a mão no ombro do capitão Mauron, curvavam-se, sorriam, faziam pose para a Lua, mais uma, a última, o grupo todo, acabou, o maior deu meia volta, olhou para o céu e levantou dois dedos, como para abençoar a aldeia. O general também saiu, um coronel fechou docemente a porta atrás dele: o estado-maior divisionário estava completo, uma vintena de oficiais, numa noite de neve, de céu puro, dançara até à meia-noite, a mais bela recordação da guarnição. O grupo pôs-se em marcha prudentemente. No primeiro andar tinha-se aberto uma janela sem ruído; uma silhueta branca debruçara-se e via-os partir.

— Não me digas! — murmurou Pinette.

Andavam tranqüilamente, com uma serena solenidade; nos seus rostos de estátua, brilhando sob a lua, havia tanta solidão e tanto silêncio que era um sacrilégio olhar para eles; Mathieu sentia-se culpado e purificado.

— Não me digas! Não me digas!

O capitão Mauron hesitou. Teria ouvido? O seu corpo grande, gracioso e arqueado oscilou ligeiramente e voltou-se para o celeiro; Mathieu viu-lhe brilhar os olhos. Pinette rosnou e fez um movimento para sair, mas Mathieu agarrou-o fortemente pelo pulso, Durante um momento o capitão ainda escutou as trevas, depois virou-se e bocejou com indiferença, tapando a boca com os dedos enluvados. O general passou, Mathieu nunca o vira tão de perto. Era um homem forte e imponente, moreno, que se apoiava no braço do coronel. As ordenanças acompanhavam-nos levando as bagagens, uns tantos lugar-tenentes, cochichando e rindo, fechavam o grupo.

— Oficiais! — disse Pinette quase em voz alta.

“Ou,antes deuses”, pensou Mathieu. Deuses que partem para o Olimpo depois de uma curta passagem pela Terra. O cortejo olímpico perdeu-se na noite; uma lâmpada eléctrica descreveu uma curva pela estrada e depois apagou-se. Pinette voltou-se para Mathieu; a lua iluminava o seu belo rosto desesperado. Oficiais! Oissão! Os lábios de Pinette começaram a tremer; Mathieu teve medo de que ele começasse a soluçar.

— Vamos! Vamos! — encorajou Mathieu. — Vamos, pateta, anima-te.

— É preciso ver para crer — insistiu Pinette. — o mundo está virado do avesso.

Agarrou na mão de Mathieu e apertou-a, como se conservasse uma última esperança:

— Talvez os motoristas se recusem a partir?

Mathieu encolheu os ombros: os motores já estavam a trabalhar, ouvia-se um agradável canto de cigarras, muito ao longe, no fundo da noite. Instantes depois, os automóveis partiram e o barulho dos motores desapareceu. Pinette cruzou os braços:

— Oficiais! Desta vez começo a acreditar que a França está perdida.

Mathieu voltou-se: as sombras distinguiam-se das muralhas como carros, soldados saiam silenciosamente das ruelas, das portas traseiras, dos celeiros. Verdadeiros soldados, de segunda classe, mal vestidos, mal arranjados, que se esgueiravam contra a obscura brancura das fachadas; num instante a rua encheu-se. Traziam expressões tão tristes que Mathieu sentiu que o coração lhe doía.

Vem — disse ele a Pinette.

— Aonde? Lá para fora com os camaradas.

Oh! , merda! — exclamou Pinette —, vou-me deitar: não estou com disposição para conversar.

Mathieu hesitou: tinha sono e sentia enormes pontadas na cabeça; gostaria de dormir e não pensar em mais nada. Mas eles estavam tristes e, ao vê-los passar iluminados pela lua, sentia-se um deles.

— A mim apetece-me conversar — insistiu.

— Boa noite.

Atravessou a rua e meteu-se na multidão. A luz esbranquiçada da rua iluminava os rostos petrificados; ninguém falava. De repente, ouviram distintamente o barulho dos motores.

— Estão a voltar! — gritou Charlot.

— Estão a voltar!

— Não estão nada, imbecil! Meteram-se pela estrada departamental. Apesar disso, puseram-se à escuta, com uma vaga esperança.

O barulho diminuiu e desapareceu. Latex suspirou:

— Acabou-se. — Enfim, sós! — disse Grimaud. Ninguém se riu.

Alguém perguntou com voz baixa e ansiosa:

— Que vai ser de nós?

Não houve resposta; os tipos estavam-se nas tintas para o que pudesse acontecer; tinham outra preocupação, um pesar obscuro que não conseguiam exprimir. Lubéron bocejou; filou após um longo silêncio:

— Não serve de nada estarmos de vigília. Para a cama, rapazes, para a cama!

Charlot fez um gesto largo, de desencorajamento.

— Bom — concluiu —, vou-me deitar: mas é um acto de desespero.

Olhavam-se com inquietação: não tinham vontade alguma de se separarem, razão alguma para ficarem juntos. De repente, uma voz amarga elevou-se no meio deles:

— Nunca gostaram de nós. Falava para todos, todos se puseram a falar:

— Não! Não, não! Isso é verdade, tens razão, dizes bem. Nunca gostaram de nós, nunca, nunca, nunca! O inimigo, para eles, não eram os "boches", éramos nós; fizemos a guerra juntos e agora abandonam-nos.

Agora Mathieu repetia com os outros:

— Nunca gostaram de nós! Nunca!

— Quando os vi passar — acrescentou Charlot —, fiquei tão desiludido que quase caí morto.

Um murmúrio inquieto cobriu-lhe a voz: já não era aquilo que convinha dizer. Agora era preciso rebentar o abcesso, não podiam parar, era preciso dizer: ninguém gosta de nós. Ninguém gosta de nós: os civis acusam-nos de não termos sabido defendê-los, as nossas mulheres não se orgulham de nós, os nossos oficiais abandonam-nos, os aldeões desprezam-nos e os "boches" avançam pela calada da noite. Melhor ainda: somos os bodes expiatórios, os vencidos, os cobardes, os vermes, a escória; perdemos a guerra, somos horríveis, somos culpados e ninguém, ninguém, ninguém no mundo gosta de nós. Mathieu não ousou, mas Latex.explicou atrás dele, num tom objectivo:

— Somos parasitas.

Ouviram-se vozes por todo o lado; repentinamente, sem piedade:

— Parasitas!

As vozes calaram-se. Mathieu olhava para Longin, sem razão especial, por nada, porque eleva-o também. Charlot e Latex estava na sua frente, e Longin olha olhavam-se; todos olhavam uns para os outros, todos tinham ar de quem espera como se houvesse mais alguma coisa a dizer. Não havia mais nada, mas, de repente, Longin sorriu para Mathieu e Mathieu correspondeu; Charlot sorriu, Latex sorriu; a lua fez eclodir flores pálidas em todas as bocas. Segunda-feira, 17 de Junho.

— Vem — disse Pinette. — Anda, vem!

— Não. — Anda, vem! Vem comigo.

Olhava para Mathieu com um ar suplicante e sedutor.

— Não me chateies — disse Mathieu.

Estavam os dois debaixo das árvores, no meio da praça, a igreja em frente, a Câmara à direita. Em frente da Câmara, sentado no primeiro degrau da entrada, Charlot sonhava. Tinha um livro sobre os joelhos. Soldados passavam vagarosamente, sozinhos ou em grupos pequenos: não sabiam o que fazer da sua liberdade. Mathieu sentia a cabeça pesada e dolorosa como se tivesse bebido.

— Pareces de mau humor — disse Pinette.

— Estou mesmo de mau humor — confirmou Mathieu.

Dera-se a inesgotável embriaguez da amizade: flamejavam ao luar e valia a pena viver. Depois as tochas tinham-se apagado; haviam ido deitar-se porque já nada podiam fazer e porque ainda não possuíam o hábito de amar. Agora, era o dia seguinte de uma festa, sentiam vontade de se matar.

— Que horas são? — perguntou Pinette.

— Cinco e dez.

— Merda! Já estou atrasado.

— Pois bem apressa-te.

— Não quero ir sozinho.

— Tens medo de que ela te coma?

— Não é isso — retorquiu Pinette. — Não é isso...

Nippert passou perto deles sem os ver, com os olhos baixos, recolhido.

— Leva Nippert — lembrou Mathieu.

— Nippert? Estás doido?

Seguiram Nippert com os olhos, intrigados pelo ar cego e pelo passo dançante.

— Queres apostar que vai entrar na igreja? — perguntou pinette.

Esperou um momento, depois bateu na coxa:

— Vai entrar, vai entrar! Ganhei.

Nippert tinha desaparecido; Pinette voltou-se para Mathieu e examinou-o com um ar perplexo:

— Parece-me que há mais de cinqüenta lá dentro, desde esta manhã. De vez em quando há um que sai para mijar e torna logo a entrar. Que pensas que estão a fazer?

Mathieu não respondeu. Pinette coçou a cabeça.

— Apetece-me ir dar uma espreitadela.

— Já estás atrasado para o teu encontro — lembrou Mathieu.

— Merda para o encontro — replicou Pinette.

Afastou-se descontraidamente; Mathieu aproximou-se de um castanheiro.

Tudo o que restava do estado-maior divisionário era um pacote deixado na estrada; havia um em todas as aldeias; os alemães apanhá-los-iam ao passarem. “Porque esperam, meu Deus? Que se despachem!” A derrota tornara-se quotidiana: era o sol, as árvores, o ar do tempo e esta vontade dissimulada de estar morto; mas, tinha-lhe ficado da véspera, no fundo da boca, um gosto de fraternidade. O vago mestre aproximava-se enquadrado pelos dois cozinheiros; Mathieu olhou para eles: na noite, ao luar, estas bocas haviam-lhe sorrido. Mais nada; as suas expressões fechadas anunciavam que é preciso desconfiar do luar e dos êxtases da meia-noite: cada um por si e Deus por todos, não estamos neste mundo para nos divertimos. Também eles estavam no dia seguinte a uma festa. Mathieu tirou um canivete do bolso e começou a talhar a casca do castanheiro. Tinha vontade de gravar o seu nome algures no mundo.

— Estás a escrever o teu nome?

— Estou.

— Ah! Ah!

Riram-se e passaram. Outros soldados os seguiam de perto: tipos que Mathieu nunca vira. Mal barbeados, com olhos brilhantes e aspecto estranho;

havia um coxo. Atravessaram a praça para se irem sentar no passeio, em frente da padaria fechada. Depois, vieram outros e outros ainda, que Mathieu também não conhecia, sem espingardas nem polainas, com rostos cinzentos e lama seca agarrada aos sapatos. Esses podiam ter gostado deles. Mas Pinette, juntando-se a Mathieu, lançou-lhes um olhar hostil.

— Então? — perguntou Mathieu.

— A igreja está cheia. — Acrescentou com um ar desiludido: — estão a cantar.

Mathieu fechou o canivete; Pinette perguntou:

— Sempre escreves o teu nome?

— Gostava — disse Mathieu metendo o canivete no bolso. — Mas leva muito tempo.

Um grande rapagão, parou perto deles; tinha uma expressão cansada e balofa como bruma por cima do colarinho desapertado.

— Salve, rapazes — cumprimentou ele sem sorrir.

Pinette encarou-o.

— Salve — respondeu Mathieu.

— Há oficiais por aqui? Pinette pôs-se a rir.

Estás a ouvir? — Perguntou a Mathieu.

Voltou-se para o tipo e acrescentou:

— Não, meu velho, não. Não há oficiais: estamos numa república.

— Estou a ver — disse o tipo.

— De que divisão és?

— Da quarenta e dois.

— A quarenta e dois? — resmungou Pinette.

— Nunca ouvi falar. Onde estão?

— Épinal.

— Então o que fazem aqui?

O soldado encolheu os ombros; Pinette perguntou, subitamente inquieto:

— Vem para aqui, a vossa divisão? Com os oficiais e a malta toda?

O soldado riu-se por sua vez e apontou para quatro tipos sentados no passeio.

— Ali está ela, a divisão — disse ele.

Os olhos de Pinette brilharam:

— É difícil aquilo lá por Épinal?

— Era. Agora deve estar calmo.

Deu meia volta e foi juntar-se aos companheiros. Pinette seguia-o com os olhos.

— A quarenta e dois, estás a ver! Tu sabes o que é a quarenta e dois? Nunca tinha ouvido falar em tal.

— Não era razão para o gozares — ralhou Mathieu.

Pinette encolheu os ombros.

— Estão sempre a chegar tipos, que nem se sabe donde vêm — disse ele com desprezo. — Já não estás em tua casa.

Mathieu não respondeu: olhava para as marcas deixadas no tronco do castanheiro

— Vamos! — convidou Pinette. — Vem! Vamos para o campo, os três; não haverá ninguém. Estaremos bem.

— Para que queres tu que eu vá contigo e com a rapariga? Para fazerem o que têm a fazer não precisam de mim.

— Não pode ser assim de repente — explicou Pinette lamentando-se. — É preciso conversar primeiro.

Interrompeu-se bruscamente:

— Olha-me só para isto! Olha só: mais um forasteiro.

Um soldado vinha em direcção a eles, baixo e atarracado, muito empertigado. Um penso sujo de sangue tapava-lhe o olho direito.

— Estamos, talvez no meio de uma grande batalha — exclamou Pinette com um víb de vai ser! Mathieu ia responder — Ouve lá!

— Não se arranca nada deles.

Recomeçou a andar. Ao fim de alguns metros parou, encostou-se a um castanheiro e deixou-se escorregar até ao chão. Agora estava sentado, com os joelhos no queixo.

Pinette fez sinal ao tipo do penso: O tipo parou e olhou-o com o olho que lhe restava.

— Que há lá em baixo?

O tipo olhava para ele sem responder. Pinette voltou-se para Mathieu.

— Isto está mau — disse Pinette.

— Vem! — exclamou Mathieu.

Aproximaram-se.

— Há alguma coisa, camarada? — perguntou Pinette.

O soldado não respondeu.

— Então? Há alguma coisa?

— Nós ajudamos-te — disse Mathieu ao soldado.

Pinette debruçou-se para o segurar por baixo dos braços e levantou-se logo.

— Não vale a pena.

O homem continuava sentado, de olhos arregalados, de boca aberta. Tinha um ar calmo e sorridente.

— Não vale a pena?

— Não! Olha para ele.

Mathieu baixou-se e encostou a cabeça ao casaco do soldado.

— Tens razão — concordou.

— Pois bem — continuou Pinette —, temos de lhe fechar os olhos.

Fê-lo com a ponta dos dedos, aplicado, a cabeça metida,nos ombros, o lábio inferior saliente. Mathieu olhava para ele e não para o morto: o morto já não contava.

— Dir-se-ia que nunca fizeste outra coisa na vida

— Oh! — replicou Pinette —, lá ver mortos, já eu vi. Mas, desde que estamos em guerra, é o primeiro.

O morto, de olhos fechados, sorria para os seus pensamentos. Parecia fácil morrer. Fácil e quase alegre. “Mas então, para quê viver?” Tudo começou a rodar no céu. Os vivos, os mortos, a igreja as árvores. Mathieu sobressaltou-se. Uma

mão pousara-lhe no ombro. Era o rapagão de rosto sombrio, que olhava para o morto com os olhos deslavados.

— Que tem ele?

— Está morto.

— O Gérin — explicou.

— Ei!, rapazes! Venham depressa!

Os quatro soldados levantaram-se e puseram-se a correr.

— Gérin morreu!, — gritou ele.

— Merda! Rodeavam o morto e olhavam para ele desconfiados.

— É curioso que não tenha caído.

— Ás vezes acontece. Há quem fique de pé.

— Tens a certeza de que está morto?

— Eles é que disseram.

Debruçaram-se todos ao mesmo tempo sobre o morto. Um pegava-lhe no pulso,outro ouvia-lhe o coração, o terceiro tirou um espelho do bolso e encostou-lho à boca, como nos romances policiais. Endireitaram-se, satisfeitos:

O gajo! — comentou o tipo alto, meneando a cabeça.

Os quatro abanaram também a cabeça e repetiram em coro

— O gajo! Um pequeno e gordo voltou-se para Mathieu:

— Andou vinte quilômetros. Se tivesse ficado quieto ainda estaria vivo.

— Não queria ser apanhado pelos "boches" — disse Mathieu em jeito de desculpa.

— E depois? Têm ambulâncias, os "boches". Eu falei com ele na estrada. Sangrava como um porco, mas não se lhe podia dizer nada. Só fazia o que tinha na cabeça. Queria voltar para a terra.

— Onde é a terra dele? — perguntou Pinette.

— É de Cahors. Era padeiro em Cahors.

Pinette encolheu os ombros.

— De qualquer modo, não era este o caminho.

— Não.

Calaram-se e olharam para o morto, embaraçados.

— O que fazemos dele? Levamo-lo?

— É o que temos a fazer.

Pegaram-lhe pelos braços e pelos joelhos. Ele sorria ainda, mas parecia cada vez mais morto.

— Vamos ajudar.

— Não vale a pena.

— Sim! Sim! — exclamou Pinette vivamente.

— Não temos nada que fazer, é uma distracção.

O soldado alto olhou para ele com firmeza.

Não — insistiu. — Isto é connosco. Ele pertencia-nos, nós é que o devemos enterrar.

— Onde é que o vão pôr?

Com a cabeça, o gordo apontou para o norte:

— Além.

Começaram a andar, levando o cadáver: pareciam tão mortos como ele.

— Talvez ele fosse religioso — alvitrou Pinette.

Olharam para ele, admirados. Pinette apontou para a igreja:

— Há lá muitos padres.

O alto levantou a mão, num gesto nobre e arisco:

— Não. Não, não. Isto fica entre nós.

Deu meia volta e foi atrás dos outros. Atravessaram a praça e desapareceram.

— Que tinha o tipo? — gritou Charlot.

Mathieu, voltou-se: Charlot levantara a cabeça e pousara o livro ao lado dele, no degrau.

— Estava morto.

— Não me digas — disse Charlot —, não me lembrei de olhar; só o vi quando o levaram. Não é de cá, espero?

— Não.

— Ah! Melhor — concluiu.

Aproximaram-se. Pelas janelas da Câmara saíam cantos e gritos desumanos.

— Que se passa lá dentro? — perguntou Mathieu.

Charlot sorriu:

— Um verdadeiro bordel — respondeu simplesmente.

— E consegues ler?

Não estou bem a ler — explicou Charlot com humildade. Que livro é?

— É o Vaulabelle.

— Pensei que era Longin. que o estava a ler.

— Longin! — comentou Charlot ironicamente. — Ah! Parece-me bem que não está em estado de ler.

Apontou com o dedo para o edifício:

— Está lá dentro, cheio como um odre.

— Longin? Ele só bebe água.

— Então vai ver como ele está!

— Que horas são? — perguntou Pinette.

— Cinco e trinta e cinco.

Pinette voltou-se para Mathieu.

— Não vens? Estás mesmo certo?

— Estou mesmo certo. Não vou.

— Então vai à fava.

Olhou para Charlot com os belos olhos de míope:

— Chateia-me imenso!

— Que é que te chateia, pateta?

— Arranjou uma gaja — respondeu Mathieu.

— Se te chateia, não tens mais do que apresentar-ma.

— Não posso — disse Pinette.

— Ela adora-me.

— Então arranja-te como puderes.

Pinette rogou-lhe uma praga, voltou-lhe as costas e foi-se embora. Charlot seguiu-o com os olhos a sorrir:

— Ele agrada às mulheres.

— É verdade — anuiu Mathieu.

— Não o invejo — comentou Charlot. — Eu, neste momento, só de pensar em me pôr numa mulher...

Olhou para Mathieu com curiosidade:

— Dizem que o medo excita.

— E depois?

— Não é o meu caso: pelo contrário.

— Estás com medo?

— Medo, não. Mas há qualquer coisa que me pesa no estômago.

— Bem sei. Subitamente Charlot agarrou Mathieu pela manga; baixou a voz. Senta-te, tenho uma coisa para te dizer.

Mathieu sentou-se.

— Há tipos que dizem asneiras incríveis — confidenciou, Charlot em voz baixa. asneiras.

— Que asneiras?

— Sabes — continuou Charlot perturbado — e são mesmo

— Diz lá.

— Pois bem, o cabo Cabel diz que os "boches" nos vão castrar.

Riu-se sem deixar de olhar para Mathieu.

— Não há dúvida — concordou Mathieu. — São asneiras.

Charlot continuava a rir:

— Nota bem que não acredito. Dar-lhes-ia muito trabalho.

Calaram-se. Mathieu pegara no Vaulabelle e folheava-o, tinha uma certa esperança de que Charlot lho emprestaria. Charlot disse negligentemente:

— Têm castrado os judeus?

— Não.

— Tinham-me falado nisso — insistiu Charlot no mesmo tom.

Bruscamente agarrou Mathieu pelos ombros. Mathieu não pôde suportar a vista deste rosto aterrorizado e baixou os olhos.

— Que vão fazer-me? — perguntou Charlot.

— O mesmo que aos outros. Fez-se um silêncio.

— Mathieu acrescentou:

— Rasga a tua caderneta e deita fora o bilhete de identidade.

— Já há muito que o fiz.

— Então?

— Olha para mim — pediu Charlot.

Mathieu não podia decidir-se a levantar a cabeça.

— Disse-te que olhasses para mim!

— Estou a olhar — replicou Mathieu.

— E então?

— Tenho ar de judeu?

— Não — respondeu Mathieu. — Não tens ar de judeu.

Charlot suspirou: um soldado saiu da Câmara, cambaleando, desceu três degraus, falhou o quarto e escorregou entre Mathieu e Charlot indo estatelar-se no meio da calçada.

— Como ele está! — comentou Mathieu.

O tipo apoiou-se nos cotovelos e vomitou, depois a cabeça caiu-lhe e não se mexeu mais.

— Roubaram vinho da Intendência — explicou Charlot. — Se os tivesses visto passar, com garrafões que encontraram não sei onde e uma grande bacia cheia de vinho! Era incrível.

Longin apareceu a uma janela do rés-do-chão e arrotou. Tinha os olhos vermelhos e uma face toda negra.

— Estás bonito! — gritou-lhe Charlot severamente.

Longin olhou para eles piscando os olhos; quando os reconheceu levantou os braços tragicamente:

— Delarue!

— Que é?

— Estou desmoralizado.

— Sai daí.

— Não consigo sair sozinho.

— Eu vou lá — ofereceu-se Mathieu.

Levantou-se, apertando o Vaulabelle contra si.

— És muito bom — disse Charlot. — Temos de passar o tempo.

Subiu dois degraus e Charlot gritou atrás dele.

— Devolve-me o Vaulabelle.

— Está bem, não grites tanto — replicou Mathieu despeitado.

Atirou-lhe com o livro, empurrou a porta, entrou num corredor de paredes brancas e parou, angustiado: uma voz estridente e sonolenta cantava o Artilleur de Metz. Lembrou-lhe o asilo de Ruão, em 24, quando ia ver a tia, viúva e louca de desgosto: os doidos cantavam atrás das grades das janelas. Na parede da esquerda estava afixado, num painel coberto por uma grade — "Mobilização geral." Pensou: "Fui civil."

A voz adormecia-lhe por momentos, caia sobre ele próprio e esvaziava-se num sussurro, para tornar a acordar num grito. "Fui civil há muito tempo." Olhava: no painel, as duas bandeiras cruzadas; e via-se com um casaco de alpaca e de colarinho engomado. Nunca tinha usado nem uma coisa nem outra, mas era assim que imaginava os civis. "Horroriza-me tornar a ser civil", pensou. "De resto, é uma raça em vias de extinção". Ouviu Longin, que gritava "Delarue". viu uma porta aberta à esquerda; entrou.

O Sol já estava baixo; os longos raios poeirentos dividiam a sala em duas partes, sem a iluminarem. Sufocado por imenso cheiro a vinho, Mathieu piscou os olhos e primeiramente só distinguiu um mapa que fazia uma mancha na brancura da parede; depois viu Ménard sentado em cima de um armário, com as pernas caídas, baloiçando as botifarras na púrpura do sol-poente. Era ele quem cantava; os olhos brilhavam-lhe sobre a boca aberta; a voz saia-lhe sem esforço, vivia nele como um enorme parasita que lhe tivesse sugado as tripas e o sangue para os transformar em canções; inerte, de braços caídos, olhava admirado para este verme que lhe saía da boca. Nem um móvel: deviam ter levado as mesas e as cadeiras. Um grito de boas-vindas ecoou pela sala:

— Delarue! Boa tarde, Delarue!

Mathieu baixou os olhos e só viu homens. Um ocupava-se a vomitar, outro roncava, estendido ao comprido; um terceiro estava encostado à parede; tinha a boca aberta como Ménard, mas não cantava; uma barba grisalha ia-lhe de uma orelha à outra e, atrás das lunetas, os olhos estavam fechados.

— Olá, Delarue! Delarue, olá!

À direita havia mais tipos, mais ou menos no mesmo estado. Guiccioli estava sentado no chão, com uma bacia cheia de vinho entre as pernas abertas; Latex e Grimaud tinham-se acocorado à turca: Grimaud pegava num púcaro pela asa e ia batendo com ele no chão para acompanhar a canção de Ménard; a mão de Latex estava metida até ao pulso na braguilha das calças. Guiccioli disse algumas palavras, mas foram abafadas pela voz do cantor.

— Que estás a dizer? — perguntou Mathieu com a mão no ouvido.

Guiccioli olhou para Ménard furiosamente:

— Cala-te um bocado! Meu Deus, dás-nos cabo dos ouvidos.

Ménard parou de cantar. Disse lamentando-se:

— Não consigo parar.

E, logo a seguir, prisioneiro da própria voz, entoou Les de Camaret.

— Estamos bonitos! — comentou Guiccioli.

Não estava descontente; olhou para Mathieu orgulhosamente:

— Ah! É por estar alegre — comentou. — Aqui, estamos todos alegres: somos uns vadios, uns bandoleiros; somos um bando de desordeiros!

Grimaud aprovou com a cabeça e riu-se. Disse, com aplicação, como se falasse uma língua estrangeira:

— Não permitimos a melancolia.

— Estou a ver — assentiu Mathieu.

— Queres beber um copo? — perguntou Guiccioli.

No meio da sala havia um tacho de cobre cheio de vinho tinto, da Intendência. Umas coisas flutuavam lá dentro.

— É um tacho de fazer compotas — verificou Mathieu. — Donde o trouxeram?

— Deixa lá isso — replicou Guiccioli. Merda, bebes ou não?

Exprimia-se com dificuldade e mal podia ter os olhos abertos, mas conservava o ar agressivo.

— Não — disse Mathieu. — Vim buscar Longin.

— Buscar para quê?

— Para apanhar ar.

Guiccioli pegou na tigela com as duas mãos e bebeu:

— Não sou eu quem te impedirá de o levares — disse ele. — Está sempre a falar no mano, chateia toda a gente. Não te esqueças de que somos um bando de boa disposição; aqui, não queremos bebedeiras tristes.

Mathieu pegou em Longin pelo braço.

— Anda, vem!

Longin afastou-se, irritado:

— Só um bocadinho para me habituar à idéia.

— O tempo que quiseres — concordou Mathieu.

Deu meia volta para ir dar uma espreitadela ao armário. Através dos vidros viu grandes volumes encadernados. Muita coisa para ler. Teria lido qualquer coisa: até o Código Civil. O armário estava fechado à chave: tentou abri-lo, mas em vão.

— Parte o vidro — disse Guiccioli.

— Não! — replicou Mathieu aborrecido.

— Porque não o partes?

— Espera e vais ver se os "boches" se importam.

Voltou-se para os outros:

— Os "boches" vão dar cabo de tudo e Delarue não quer arrombar o armário.

Puseram-se todos a gozar.

— Burgueses! — disse Grimaud com desprezo. Latex puxou Mathieu pelo casaco. — Olha! Delarue, vem ver.

Mathieu voltou-se.

— Ver o quê? Latex puxou o sexo para fora das calças. Olha!, é de se lhe tirar o chapéu: com este que aqui vês, fiz seis.

— Seis quê?

— Seis filhos. E bonitos, sabes, pesava cada um umas vinte libras; não sei quem vai tratar deles agora. Mas hás-de nos fazer mais — disse ele, inclinado ternamente para o seu pênis. — Dúzias deles, meu lindo!

Mathieu desviou o olhar.

— Tira o chapéu, aprendiz! — gritou Latex furioso.

— Não tenho chapéu — replicou Mathieu.

Latex olhou à sua volta: — Seis em oito anos. Quem fez melhor?

Mathieu foi ter com Longin:

— Então? Vens ou não?

Longin olhou para ele com um ar sombrio:

— Não gosto de que me obriguem.

— Não te obrigo, foste tu que me chamaste.

Longin pôs-lhe o dedo no nariz:

— Não gosto muito de ti, Delarue. Nunca gostei muito.

— E reciprocamente — retorquiu Mathieu.

— Bem! — continuou Longin satisfeito. — Assim, vamo-nos entender. Primeiro — perguntou, olhando para Mathieu desconfiado —, porque não posso beber? Qual a vantagem de não beber?

— Ficas triste — explicou Guiccioli. — Se não beber, pior ainda.

Ménard cantava: Se eu morrer quero que me enterrem Na cave onde houver bom vinho. Mathieu olhou para Longin:

— Bebe o que te apetecer — disse-lhe.

— Quê? — resmungou Longin, desiludido.

— Disse — gritou Mathieu — que podes beber o que quiseres: estou-me nas tintas.

Estava a pensar: "O que tenho a fazer é ir-me embora." Mas não se decidia. Debruçava-se sobre eles, respirava o odor forte e açucarado da embriaguez e da desgraça; pensava: "Embora para onde?", e tinha vertigens. Eles não o

desiludiam, estes vencidos que bebiam a derrota até ao fim. Estava desiludido consigo próprio. Longin baixou-se para apanhar o púcaro e caiu sobre os joelhos.

— Merda.

Arrastou-se até à bacia, mergulhou o braço no vinho até ao cotovelo, tirou o púcaro cheio, debruçou-se para beber. Pelos cantos da boca trêmula, o líquido escorria para a bacia.

— Não me sinto bem — queixou-se ele.

— Vomita aconselhou Guiccioli.

— Como é que se faz? — perguntou Longin.

Estava lívido e respirava com dificuldade. Guiccioli meteu dois dedos na boca, inclinou-se para o lado, arquejou um pouco e vomitou algumas mucosas.

— Assim — disse, limpando a boca com as costas da mão.

Longin, sempre de joelhos, passou o púcaro para a mão esquerda.e enfiou a mão direita pela boca a baixo.

— Eh! — gritou Latex —, vais vomitar para dentro do vinho.

— Delarue! — gritou Guiccioli —, puxa-o! Puxa-o depressa!

Mathieu puxou Longin, que caiu sentado sem ter tirado os dedos da boca. Todos olhavam para ele com um ar encorajador. Longin tirou os dedos e arrotou.

— Não mudes de mão — recomendou Guiccioli.

— Vais ver que já vem.

Longin tossiu e tornou-se escarlate.

— Não vem nada-protestou ele tossindo.

— Que chato que és! — gritou Guiccioli irritado.

— Quem não sabe vomitar, não bebe.

Longin procurou qualquer coisa no bolso, tornou a pôr-se de joelhos, depois acocorou-se ao pé da bacia.

— Que estás a fazer? — gritou Grimaud.

— Fiz uma compressa húmida — respondeu Longin, retirando da bacia o lenço encharcado de vinho.

Aplicou-o na testa e pediu com ar infantil:

— Delarue, és capaz de me fazer o favor de mo atares atrás?

Mathieu pegou nas duas pontas do lenço e atou-as na nuca de Longin.

— Ah! — disse Longin —, assim está melhor.

O lenço tapava-lhe o olho esquerdo; gotas de vinho tinto escorriam-lhe pelas faces e pelo pescoço.

— Pareces Jesus Cristo — comentou Guiccioli a rir.

— Lá nisso tens razão — concordou Longin. — Sou parecido com Jesus Cristo.

Estendeu o púcaro a Mathieu para que ele lho enchesse.

— Ah! não — disse Mathieu. — Já bebeste o suficiente.

— Faz o que te digo — gritou Longin. — Faz o que te digo, meu Deus!

Acrescentou, lamuriento:

— Estou chateado.

— Meu Deus — acudiu Guiccioli —, dá-lhe depressa de beber: vai recomeçar com as histórias do irmão.

Longin olhou para ele com altivez:

— E porque não hei-de falar do meu irmão, se me apetece? És tu que me impedes?

— Oh!, deixa-nos — pediu Guiccioli.

Longin virou-se para Mathieu:

— O meu irmão está em Hossegor — explicou ele.

— Então não é soldado?

— Não querias mais nada: ele sabe-a toda! Anda a passear pelos pinhais com a mulher; vão dizendo:

"Coitado do Paul, que não teve sorte", e consolam-se a pensar em mim. Hei-de-lhes dizer como é! Concentrou-se por um instante e depois concluiu:

— Não gosto do meu irmão.

Grimaud ria-se até às lágrimas.

— De que te estás a rir? — perguntou Longin irritado.

— Queres proibi-lo de se rir? — perguntou por sua vez Guiccioli indignado.

— Contínua, rapaz — disse paternalmente a Grimaud —, diverte-te, goza um bocado, estamos aqui para nos divertirmos.

— Estou-me a rir por causa da minha mulher — explicou Grimaud.

— Estou-me nas tintas para a tua mulher — replicou Longin.

— Se falas do teu irmão, posso perfeitamente falar da minha mulher. Que tem a tua mulher?

Grimaud pôs um dedo sobre a boca:

— Chiu! — disse.

Curvou-se sobre Guiccioli e confidenciou: Tenho uma mulher com cara de cu. Guiccioli quis falar.

— Nem uma palavra! — exigiu Grimaud autoritário. — Cara de cu, e não se discute mais. Espera — acrescentou levantando-se um pouco e metendo a mão esquerda nas calças, para chegar ao bolso de trás. — Vou-ta mostrar para te ajudar a vomitar.

Depois de alguns esforços infrutíferos, deixou-se cair.

— Enfim, já sabes: é feia como um cu, podes crer. Não te estou a mentir, não tenho interesse nenhum nisso.

Longin pareceu interessado:

— Ela é mesmo feia? — perguntou.

— Estou-te a dizer: como um cu.

— Mas que tem ela de feio?

— Tudo. Os seios chegam-lhe aos joelhos, o rabo aos calcanhares. E se visses as pernas! Mijo entre parêntesis.

— Então — disse Longin rindo —, tens de ma apresentar, é uma mulher para mim. Governei-me sempre com as feias, as bonitas eram para o meu irmão.

Grimaud piscou o olho, malicioso.

— Oh!, não, não ta apresento, meu pateta, porque posso não encontrar outra, visto que eu também não tenho nada de bonito. É a vida — concluiu suspirando. — Temos de nos contentar com o que temos.

É esta vida — cantou Ménard —, a vida que os frades levam.

— É a vida! — disse Longin. — É a vida! São os mortos que se lembram da vida. E, meu Deus, não eram vidas regaladas.

Guiccioli atirou-lhe com a tigela à. cara. Esta tocou na face de Longin e caiu na bacia.

Muda de disco — gritou Guiccioli furioso. — Eu também tenho os meus aborrecimentos, mas não chateio ninguém com eles. Estamos entre camaradas, percebes?

Longin olhou para Mathieu desesperado:

— Leva-me daqui — pediu em voz baixa. — Leva-me daqui!

Mathieu baixou-se para o agarrar pelas axilas; Longin escorregou como uma cobra e escapou-se-lhe. Mathieu perdeu a paciência:

— Estou farto — protestou. — Vens ou não vens?

Longin tinha-se deitado de costas e olhava para ele maliciosamente:

— Querias que eu fosse, não é? Querias!

— Estou-me nas tintas. Só quero que te decidas, num sentido ou noutro.

— Pois bem — disse Longin —, bebe um copo. Tens tempo de beber enquanto penso, Mathieu não respondeu.

Grimaud estendeu-lhe um púcaro.

— Toma!

— Não, obrigado — recusou Mathieu com um gesto.

— Porque não bebes? — perguntou Guiccioli estupefacto. Há que chegue para todos: não faças cerimônia.

— Não tenho sede.

Guiccioli pôs-se a rir.

— Diz que não tem sede! Então não sabes, infeliz, que somos do clube dos que bebem sem sede?

— Não me apetece beber.

Guiccioli arqueou as sobrancelhas:

— Porque não tens vontade como os outros? Porquê?

Olhou para Mathieu severamente:

— Pensei que fosses um tipo esperto. Delarue, desiludes-me?

Longin endireitou-se, apoiando-se num cotovelo:

— Vocês não estão a ver que ele nos despreza?

Fez-se um silêncio. Guiccioli olhou para Mathieu com olhos interrogadores; depois, de repente, concentrou-se e fechou os olhos. Sorriu miseravelmente e disse, conservando os olhos fechados:

— Os que nos desprezam que se vão embora. Não obriga mos ninguém, estamos em família.

— Não desprezo ninguém — replicou Mathieu.

Parou: “Eles estão bêbedos e eu foi que bebi.” Este facto dava-lhe, ainda que contra vontade, uma superioridade de que se envergonhava. Tinha vergonha da voz paternal que era obrigado a fazer ao pé deles. “Embebedaram-se porque já não podiam mais!” Mas ninguém podia compartilhar daquela miséria, a não ser que estivesse tão bêbedo como eles. “Não devia ter vindo”, pensou.

— Despreza-nos — repetiu Longin com uma raiva linfática.

Está aqui como no cinema, diverte-se ao ver tipos bêbedos que dizem disparates.

— Fala por ti — retorquiu Latex. — Eu não digo disparate nenhum.

— Oh!, deixa lá isso — disse Guiccioli cansado.

Grimaud olhava pensativamente para Mathieu:

— Se ele nos despreza, mijo-lhe em cima.

Guiccioli riu-se:

— Mijam-te em cima — repetiu. — Mijam-te em cima. Ménard parara de cantar; deixou-se escorregar do armário, olhou em volta com um ar de acossado, depois pareceu tranqüilizar-se, deu um suspiro de alívio e caiu desmaiado no chão.

Ninguém lhe prestou atenção: olhavam em frente e, de vez em quando, examinavam Mathieu com hostilidade. Mathieu já não sabia o que havia de fazer: tinha ido ali sem pensar, só para ajudar Longin, mas devia ter previsto que a vergonha e o escândalo entravam com ele. Por sua causa eles haviam tomado consciência do estado em que estavam; não falavam a mesma linguagem e ele tornara-se, sem querer, juiz e testemunha. A bacia cheia de vinho e de porcarias causava-lhe repugnância, mas, ao mesmo tempo, esta repugnância envergonhava-o: "Quem sou eu para me recusar a beber, agora que os meus companheiros estão bêbedos?" Latex acariciava pensativamente o baixo-ventre. De repente voltou-se para Mathieu com um clarão de desafio nos olhos; depois pôs a tigela entre as pernas e mergulhou nela o pênis.

— Ponho-o de molho porque é fortificante.

Guiccioli desatou a rir. Mathieu voltou a cabeça e encontrou o olhar irônico de Grimaud:

— Perguntas a ti próprio onde vieste cair? — perguntou Grimaud.

— Ah! Não nos conheces, meu pateta: nós somos capazes de tudo.

Debruçou-se para a frente e gritou, com um piscar de olhos cúmplice:

— Eh! Latex, aposto que não és capaz de beber esse vinho!

Latex devolveu-lhe o olhar:

— Até vou fazer cerimônia!

Levantou a tigela e bebeu ruidosamente, olhando para Mathieu. Longin gozava; todos sorriam. "Fazem isto por minha causa."

Latex pousou a tigela e deu um estalo com a língua:

— Fica com um gosto especial.

— Então — perguntou Guiccioli — que achas? Não somos pândegos, nós? Somos uns verdadeiros pândegos!

— E ainda não viste nada — disse Grimaud. — Ainda não viste nada.

Com as mãos trêmulas procurava desabotoar a braguilha; Mathieu inclinou-se para Guiccioli:

— Dá-me o teu púcaro — pediu baixinho. — Vou também divertir-me.

— Caiu na bacia — explicou Guiccioli com humor.

— Tenta pescá-lo.

Mathieu mergulhou a mão na bacia, remexeu os dedos no vinho, apalpou o fundo, retirou o púcaro cheio. As mãos de Grimaud imobilizaram-se; olhou para os outros, depois tornou a pô-las nos bolsos e olhou para Mathieu.

— Ah! — disse Latex mais calmo. — Eu sabia que não podias conter-te.

Mathieu bebeu. Havia no vinho pedaços de uma substância mole e incolor. Cuspiu e tornou a encher o púcaro. Grimaud ria tranqüilo:

— Quem olha para nós não pode resistir: precisa de beber. Ah! Como nós provocamos a inveja.

— Vale mais provocar inveja do que piedade — volveu Guiccioli a gozar.

Mathieu teve o cuidado de tirar uma mosca que se debatia no vinho, depois bebeu-o. Latex olhava para ele com um ar de conhecedor:

Não é uma bebedeira — comentou. — É um suicídio.

O púcaro estava vazio.

— Nunca consigo embebedar-me — lamentou-se Mathieu.

Encheu o púcaro pela terceira vez. O vinho era pesado, com um estranho gosto açucarado.

Vocês não mijaram no vinho? — perguntou Mathieu, assaltado por uma estranha dúvida.

— Serás parvo? — contrapôs Guiccioli indignado. — Pensas que íamos dar cabo do vinho, não?

— Oh! — retorquiu Mathieu —, de qualquer modo estou-me nas tintas.

Bebeu de um trago e respirou fundo.

— Então? — perguntou Guiccioli interessado. — Sentes-te melhor.

Mathieu sacudiu a cabeça:

— Ainda não é bem isso.

Pegou no púcaro; curvava-se, de dentes cerrados, sobre a bacia, quando ouviu, pelas costas, a voz galhofeira de Longin:

— Quer provar-nos que agüenta mais do que nós.

Mathieu voltou-se:

— Não é verdade! Embebedo-me para me divertir.

Longin sentara-se, muito direito; o lenço atado na cabeça tinha-lhe escorregado para o nariz. Por cima do lenço, Mathieu via-lhe os olhos fixos e redondos de galinha velha.

— Não gosto muito de ti, Delarue! — disse Longin.

— Já mo tinhas dito.

— Os camaradas também não gostam muito de ti — continuou Longin. — Ficam intimidados por seres instruído, mas não penses que gostam de ti.

— Porque haviam de gostar? — perguntou Mathieu entre dentes.

— Não fazes nada como as outras pessoas — prosseguiu Longin. — Mesmo quando te embebedas, não és como nós.

Mathieu olhou para Longin perplexo, depois voltou-se e atirou com o púcaro para os vidros do armário.

— Não consigo embebedar-me — gritou com voz forte. Não consigo. Vocês vêem perfeitamente que não consigo.

Ninguém disse nada; Guiccioli pôs no chão um grande pedaço de vidro que lhe tinha caído nos joelhos. Mathieu aproximou-se de Longin, pegou-lhe solidamente no braço e pô-lo de pé.

— Que é? Que tenho eu a ver com isso? — gritou Longin. Mete-te na tua vida, aristocrata!

— Vim-te buscar — insistiu Mathieu — e hei-de levar-te.

Longin debatia-se furiosamente.

— Deixa-me em paz, estou a dizer-te, deixa-me. Deixa-me, meu Deus, ou faço, uma fita.

Mathieu tentou tirá-lo da sala. Longin levantou a mão e quis meter-lhe os dedos nos olhos.

— Patife! — exclamou Mathieu.

Largou Longin e deu-lhe dois socos no queixo, não com muita força; Longin tornou-se flácido e deu uma volta sobre si próprio; Mathieu apanhou-o e carregou com ele aos ombros como um saco.

— Estão a ver — disse.

— Eu, quando quero, também sei ser engraçado.

Odiava-os. Saiu e desceu os degraus do patamar com o seu fardo. Charlot desatou a rir à sua passagem.

— Como ele está!

Mathieu atravessou a calçada e encostou Longin. a um castanheiro. Longin. abriu um olho, quis falar e vomitou.

— Como vai isso? — perguntou Mathieu.

Longin tornou a vomitar.

— Faz bem — respondeu entre dois soluços.

— Deixo-te — disse Mathieu. — Quando acabares de vomitar, vai dormir um bocado.

Estava ofegante quando chegou aos correios. Bateu. Pinette veio abrir e examinou-o com um ar deliciado.

— Ah! — disse —, acabaste por te decidir.

— Sim, finalmente — respondeu Mathieu.

A rapariga apareceu na sombra, atrás de Pinette.

— Ela já não tem medo — explicou. Pinette.

— Vamos passear pelo campo.

A rapariga lançou-lhe um olhar sombrio. Mathieu sorriu-lhe. Pensava: "Ela não me grama", mas estava-se completamente nas tintas.

Cheiras a vinho — comentou Pinette.

Mathieu riu, sem responder. A rapariga calçou umas luvas pretas, fechou a porta à chave e puseram-se a caminho. Tinha colocado a mão no braço de Pinette e Pinette dava o braço a Mathieu. Ao passarem foram cumprimentados por soldados.

Vamos dar o passeio dos domingos — gritou-lhes Pinette.

Ah! — retorquiram eles —, sem os oficiais é todos os dias domingo. Silêncio de lua sob o sol; grosseiras efígies de gesso, dispostas em círculo no deserto, lembrarão às espécies futuras o que foi a raça humana. Grandes ruínas brancas escorriam sulcos de gordura negra. A noroeste, um arco de triunfo; a norte, um templo romano; a sul, uma ponte que leva a outro templo; num tanque, água estagnada; um punhal de pedra aponta para o céu. Pedra; pedra cristalizada no açúcar da História. Roma, Egipto, a Idade da Pedra: eis o que resta de uma praça célebre.

Repetiu: “Tudo o que resta”, mas o prazer tinha-se esvaído. Nada é mais monótono do que uma catástrofe; começava a habituar-se. Encostou-se à grade, ainda feliz. mas cansado, com um gosto febril a Verão no fundo da boca: passeara o dia inteiro; agora as pernas tinham dificuldade em o transportar e, no entanto, ele era mesmo obrigado a andar. Numa cidade morta é preciso andar. “Mereço um prêmio”, disse. Qualquer coisa, qualquer coisa que florescesse só para ele na esquina da rua. Mas não havia nada. Deserto por todo o lado: saltavam estilhaços de palácios, negros e brancos, pombos, pássaros imemoriais transformados em pedra à força de se alimentarem de estátuas A única,nota alegre nesta paisagem mineral era a bandeira nazi no Hotel Crillon. Oh!, bandeira de carne viva sobre a seda dos mares e das flores árcticas. No meio do mar de sangue o círculo, branco como o das lanternas mágicas nos lençóis da minha infância; no meio do círculo, o nó de serpentes negras, sigla do mal, a minha sigla. Uma gota vermelha forma-se em cada segmento nas pregas do estandarte, separa-se, cai no asfalto: a virtude sangra. Murmurou: “A virtude sangra.” Mas isso já não o divertia tanto como na véspera. Durante três dias não tinha dirigido a palavra a ninguém e a sua alegria endurecera; por momentos o cansaço turvou-lhe a vista e perguntou a si própria se não ia voltar. Não. Não podia voltar: a sua presença era reclamada em toda a parte. Andar. Acolheu, aliviado, o rasgão sonoro do céu: o avião brilhava ao sol, era a rendição, a cidade morta tinha outra testemunha, levantaria para outros olhos as suas mil cabeças mortas. Daniel sorria: era ele quem o avião procurava entre os túmulos. “É só para mim que ele ali está.”

Sentia vontade de se atirar para o meio da praça e de agitar o lenço. Se atirassem bombas! Seria uma ressurreição, na cidade ouvir-se-ia o som da actividade, belas flores parasitárias apareceriam nas fachadas. O avião passou; à volta de Daniel formou-se um silêncio planetário. Andar! Andar sem descanso à superfície deste astro arrefecido. Retomou a marcha arrastando os pés; a poeira cobria-lhe os sapatos. Sobressaltou-se: com a testa colada a uma janela, um general ocioso e vencedor, com as mãos atrás das costas, talvez observasse este indígena perdido no museu das antiguidades parisienses. Todas as janelas se tornaram olhos alemães; endireitou-se e começou a andar com leveza, bamboleando-se um pouco, por gozo; sou o guarda da Necrópole.

As Tulherias, o cais das Tulherias; antes de atravessar a calçada, olhou para a esquerda e para a direita, por hábito, mas sem ver mais do que um longo túnel de folhagem. Ia meter-se pela Ponte Solferino quando parou, com o coração a bater: o prêmio. Um arrepio percorreu-o dos pés à cabeça, as mãos e os pés arrefeceram-lhe, imobilizou-se e reteve a respiração, toda a vida se lhe refugiou nos olhos: comia com os olhos o esbelto rapaz que inocentemente lhe voltava as costas e estava debruçado sobre a água. “Que maravilhoso encontro!” Daniel não ficaria mais comovido se o vento da noite se tivesse transformado em voz para o chamar, ou se as nuvens” tivessem escrito o seu nome no céu cor de malva, tão evidente era que esta criança havia sido posta ali para ele, que as suas mãos grandes e fortes, saindo de punhos de seda, eram palavras da sua língua secreta: ele é para mim. O pequeno era alto e meigo, com cabelos louros despenteados e

ombros redondos, quase femininos, ancas estreitas, nádegas firmes e salientes, deliciosas orelhinhas; devia ter dezanove ou vinte anos.

Daniel olhava para estas orelhas, pensava: "Que maravilhoso encontro", e quase tinha medo. Todo o seu corpo parecia morto, como os insectos ameaçados de perigo; o pior perigo é a beleza. As mãos arrefeciam-lhe cada vez mais, dedos de ferro enterravam-se-lhe no pescoço. A beleza, a mais traiçoeira das armadilhas, oferecia-se com um sorriso de conivência e de facilidade, acenava-lhe, adquiria um ar de quem espera. Que mentira: esta deliciosa cabeça que se oferecia não esperava nada nem ninguém: acariciava-se nesta gola de casaco e divertia-se assim, tal como se divertiam consigo mesmas as longas coxas que se adivinhavam quentes e louras sob a flanela cinzenta. Vive, olha para o rio, pensa, inexplicável. e solitário como uma palmeira; é meu e ignora-me. Daniel sentiu uma náusea de angústia e, durante um segundo, tudo estremeceu: o rapaz, minúsculo e longínquo, chamava-o do fundo do abismo; a beleza chamava-o; Beleza, um destino. Pensou: "Tudo vai recomeçar. Tudo: a esperança, a desgraça, a vergonha, as loucuras." E depois, subitamente, lembrou-se de que a França estava perdida: "Tudo é permitido!" O calor subiu-lhe do ventre à ponta dos dedos, o cansaço desapareceu, o sangue afluiu-lhe às faces: únicos representantes visíveis da espécie humana, únicos sobreviventes de uma nação desaparecida, é inevitável que comuniquemos: o que há de mais natural?"

Deu um passo em direcção àquele que já baptizava de Milagre, sentia-se jovem e bom, cheio da revelação exaltante que ele lhe trazia, E, logo, a seguir, parou: tinha visto que o Milagre tremia todo, um movimento convulsivo ora lhe lançava o corpo para trás ora lhe colava o ventre à balaustrada, debruçando-o sobre a água. "Imbecil!", pensou Daniel irritado. O rapaz não era digno deste momento extraordinário, não estava presente ao encontro, preocupações infantis distraíam esta alma que devia estar pronta rapaz se voltou, inquieto, com a perna no ar. Apercebeu-se da sua presença e Daniel viu uns olhos tempestuosos num rosto lívido; o rapaz hesitou um segundo, o pé voltou para o chão raspando a pedra, depois começou a andar descontraidamente arrastando a mão no rebordo do parapeito. Tu, tu queres-te matar!

O encantamento de Daniel gelou de repente. Era apenas isso: um rapaz desorientado, incapaz de suportar as conseqüências das suas leviandades. Uma lufada de desejo inflamou-lhe o sexo; pôs-se a andar atrás do rapaz com a alegria gelada do caçador. Sentia-se exultar, liberto, limpo, tão mau quanto possível. No fundo, sabia amar melhor do que isto, mas divertia-o ter rancor ao rapaz: que resta matar, idiota? Se pensas que é fácil! Outros mais espertos do que tu não o conseguiram. O rapaz tinha consciência de uma presença atrás de si; dava grandes passadas de cavalo, levantando muito alto as pernas direitas. No meio da ponte apercebeu-se bruscamente da existência da mão direita que roçava a balaustrada ao passar: a mão levantou-se, rígida e fatídica, baixou-a à força, meteu-a no bolso, prosseguiu a marcha encolhendo o pescoço. "Tem um ar ambíguo", pensou Daniel, "é assim que gosto deles". O jovem apressou o passo; Daniel fez o mesmo. Um riso cínico subiu-lhe aos lábios: "Ele sofre, tem pressa de acabar com esta situação, mas não pode fugir, porque vou atrás dele. Vai, vai, não te deixarei."

No fim da ponte o rapaz hesitou, depois meteu-se pelo Cais de Orsay; chegou a uma escada que conduzia à margem, parou, virou-se para Daniel com impaciência e esperou. Num ápice, Daniel viu um encantador rosto pálido, um nariz pequeno, uma boca pequena e mole, uns olhos altivos. Baixou as pálpebras hipocritamente, aproximou-se lentamente, ultrapassou o rapaz sem olhar para ele, depois de alguns passos olhou por cima dos ombros: o rapaz tinha desaparecido. Calmamente Daniel debruçou-se no parapeito e viu-o na margem, de cabeça baixa, absorto na contemplação de uma argola de amarração na qual dava pontapés, pensativamente; era preciso descer o mais rapidamente possível e sem ser visto.

Por sorte, a vinte metros dali havia outra escada, estreita e de ferro, que uma saliência da muralha dissimulava. Daniel desceu lentamente e sem barulho: divertia-se doidamente. No fundo da escada encostou-se à parede: o rapaz, à beira da margem, olhava para a água. O Sena, esverdeado, com reflexos de enxofre, transportava estranhos objectos moles e sombrios; não era tentador mergulhar neste rio doente. O rapaz baixou-se, apanhou uma pedra e lançou-a à água, depois retomou a sua contemplação maníaca; vamos, vamos, ainda não é hoje; dentro de cinco minutos desisto. Devo esperar? Ficar escondido, esperar que esteja, bem penetrado pela sua abjecção, e, quando ele se afastar, dar uma grande gargalhada? É arriscado: pode ficar a detestar-me para sempre. Se me lançar já sobre ele, como para o impedir de se afogar, fica-me agradecido por o ter achado capaz, mesmo que não o diga, e, sobretudo, por lhe ter evitado o encontro consigo próprio. Daniel passou a língua pelos lábios, respirou fundo e saiu do esconderijo. O jovem voltou-se, aflito; teria caído se Daniel não o tivesse agarrado pelo braço; disse:

— Eu...

Mas reconheceu Daniel e pareceu acalmar-se; nos seus olhos o espanto tomou o lugar do ódio. É de outro que ele tem medo.

— Que é? — perguntou altivamente.

Daniel não pôde responder logo: o desejo cortava-lhe a respiração.

— Jovem Narciso! — disse com dificuldade. — Jovem Narciso!

Acrescentou ao fim de um instante:

— Narciso debruçou-se demasiado, jovem: caiu à água.

— Não sou Narciso — replicou o rapaz —, tenho o sentido do equilíbrio e dispenso os seus serviços.

"É um estudante", pensou Daniel. Perguntou brutalmente:

— Querias matar-te?

— Está doido?

Daniel pôs-se a rir e o rapaz corou:

— Deixe-me em paz! — gritou com um ar diferente.

— Quando eu quiser! — retorquiu Daniel abraçando-o mais.

O rapaz baixou os belos olhos e Daniel teve apenas tempo de se afastar para trás para evitar um pontapé. "Pontapés!", pensou Daniel retomando o equilíbrio. "Pontapés ao acaso, sem mesmo olhar para mim." Estava radiante. Respiravam em silêncio: o pequeno tinha a cabeça baixa e Daniel podia admirar a seda dos seus cabelos finos.

— Então? Dás pontapés ao acaso como as mulheres?

O rapaz abanou a cabeça da direita para a esquerda, como se tentasse em vão levantá-la. Ao fim de um instante disse com uma grosseria estudada:

— Vá à merda.

Havia na sua voz mais obstinação do que esperança, mas acabara por levantar a cabeça e olhava Daniel de frente, com uma agressividade que se admirava consigo própria. Finalmente, os olhos desviaram-se e Daniel pôde contemplar à sua vontade esta bela cabeça triste e como que oferecida. "Orgulho e fraqueza", pensou. "E má-fé. Um pequeno rosto burguês perturbado por uma alucinação abstracta; traços encantadores, mas sem generosidade". No mesmo instante recebeu um pontapé no tornozelo e não pôde impedir um esgar de dor:

— Grande parvo. Não sei o que me impede de te aquecer o rabo com uma palmada.

Os olhos do rapaz brilharam:

— Experimente!

Daniel pôs-se a sacudi-lo:

— E se experimentasse? Se me apetecesse tirar-te as calças, pensas que me podias impedir?

O rapaz corou violentamente e pôs-se a rir.

— Não me mete medo.

— Apre! — exclamou Daniel.

Segurou-o pela nuca e tentou curvá-lo para a frente.

— Não! Não — gritou o rapaz com uma voz desesperada. — Não, não!

— Ainda me vais dar mais pontapés?

— Não, mas deixe-me.

Daniel deixou-o endireitar-se. O rapaz ficou quieto; tinha um ar perturbado. "Já conheceste o freio, potrozinho; alguém me prestou o serviço de começar o trabalho. Um pai? Um tio? Um amante? Não, um amante não: mais tarde trataremos disso, mas, por agora somos virgens."

— Portanto — perguntou sem o largar, —, querias matar-te porquê?

O pequeno mantinha-se obstinadamente silencioso.

— Teima até quereres — insistiu Daniel. — que pode isso.

O rapaz dirigiu a si próprio um tênue sorriso de entendimento. "Nunca mais acabamos com isto", pensou Daniel, contrariado; "temos de sair deste impasse". Recomeçou a sacudi-lo:

— Porque sorris? Queres dizer-me?

O jovem olhou-o nos olhos.

— Tem de me largar.

— Muito bem — concordou Daniel. Deixo-te imediatamente

Largou-o e meteu as mãos nos bolsos:

— E depois? — perguntou.

O rapaz não se mexeu, ainda sorria. "Está-me a gozar."

— Ouve, sou um excelente nadador, já salvei duas pessoas, uma das quais em mar agitado.

O rapaz riu-se, com um sorriso feminino e trocista:

— É uma mania!

— Talvez — assentiu Daniel. — Talvez seja uma mania. Atira-te — acrescentou afastando os braços. — Atira-te se o coração to pede. Deixar-te-ei beber um gole, verás como é agradável. Depois dispo-me devagar, mergulho, agarro-te e trago-te meio morto.

Riu-se.

— Deves saber que raramente se recomeça um suicídio falhado! Depois de reanimado, não pensas mais nisso.

O rapaz avançou para ele como se lhe fosse bater:

— Quem lhe deu o direito de falar-me nesse tom? Quem lhe deu esse direito? fazer-me? De qualquer modo, falhaste. Daniel continuava a rir:

— Ah!, ah! Quem mo deu? Pensa! Pensa bem!

Apertou-lhe o pulso de um modo brutal:

— Enquanto aqui estiver não te matarás, mesmo que tenhas muita vontade. Sou o dono da tua vida e da tua morte.

— Não estará sempre aqui — replicou o rapaz com um ar estranho.

— Aí é que te enganas — contrariou Daniel. — Estarei sempre aqui.

Estremeceu de prazer: tinha surpreendido nos belos olhos cor de avelã um clarão de curiosidade.

— Mesmo que seja verdade que eu me quero matar, que tem você com isso? Nem sequer me conhece.

— Tu o dizes: é uma mania — respondeu Daniel alegremente.

— Tenho a mania de impedir as pessoas de fazerem o que querem.

Olhou para ele com ternura:

— É assim tão grave?

O rapaz não respondeu. Fazia um grande esforço para se impedir de chorar. Daniel comoveu-se tanto que as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Felizmente, o rapaz estava demasiado aborrecido para se aperceber. Durante mais alguns segundos Daniel conseguiu conter a vontade de lhe acariciar os cabelos; depois a mão direita saiu-lhe do bolso e veio pousar-se, tacteando, no crânio louro. Retirou-a, como se se tivesse queimado: "Demasiado cedo! É falta de jeito..." O rapaz sacudiu violentamente a cabeça e deu alguns passos ao longo da margem. Daniel esperava, contendo a respiração: "Demasiado cedo, imbecil, era demasiado cedo." Concluiu, para se castigar. "Se ele se for embora, deixo-o partir sem um gesto." Mas, logo que ouviu os primeiros soluços, correu para ele e rodeou-o com os braços. O rapaz encostou-se-lhe ao peito.

— Pobre pequeno! consolou-o Daniel perturbado. — Pobre pequeno!

Teria dado tudo para poder consolá-lo ou chorar com ele. Instantes depois o pequeno levantou a cabeça. Já não chorava, mas duas lágrimas rolavam-lhe pelo rosto fino; Daniel gostaria de as ter lambido e bebido para sentir no fundo da garganta o gosto salgado desta dor. O jovem olhava para ele, desconfiado:

— Como veio aqui parar?

— Ia a passar — explicou Daniel.

— Não é soldado?

Daniel ouviu a pergunta sem prazer.

— Esta guerra não me interessa.

Continuou rapidamente:

— Vou fazer-te uma proposta. Sempre estás decidido a matar-te?

O rapaz não respondeu, mas tomou um ar sombrio e determinado.

— Muito bem — insistiu Daniel.

— Então, ouve. Diverti-me a meter-te medo, mas nada tenho contra o suicídio, se for maduramente pensado, e estou-me nas tintas para o teu suicídio, visto que nem te conheço. Não vejo porque te impediria de te matares, se tiveres razões fortes para o fazeres.

Viu com alegria o empalidecimento do rapaz. "Pensavas que já estavas safo", disse para consigo.

— Olha — prosseguiu mostrando-lhe a grande pedra engastada no anel. — Tenho cá dentro um veneno fulminante. Trago sempre este anel, mesmo de noite, e se me encontrar numa situação que o meu orgulho não possa suportar...

Parou de falar e desatarraxou a pedra. O rapaz olhou para os dois comprimidos castanhos com uma desconfiança cheia de repulsa...

— Vais explicar-me o que se passa. Se eu julgar as tuas razões aceitáveis, um destes comprimidos é para ti. Sempre é mais agradável do que um banho frio. Quere-lo, já? — perguntou como se, tivesse mudado bruscamente de idéias.

O rapaz passou a língua pelos lábios e não respondeu.

— Quere-lo? Dou-to; vais engoli-lo à minha frente e eu não te deixarei.

Pegou-lhe, na mão e continuou:

— Segurar-te-ei a mão e fechar-te-ei os olhos.

O rapaz sacudiu a cabeça:

— Que esforço prova me dá de que é veneno? — perguntou com Daniel deu uma gargalhada jovem e aberta:

— Tens medo de que seja um purgante? Engole e verás.

O rapaz não respondeu: estava pálido e tinha as pupilas dilatadas, mas fez um sorriso maroto e provocante e olhou de revés para Daniel.

— Então, não queres?

— Agora não.

Daniel tornou a atarraxar a pedra do anel:

— Como queiras — disse friamente.

— Como te chamas?

— É preciso dizer o meu nome?

— O nome pelo qual és conhecido.

— Pois bem, se é necessário... Philippe.

— Pois bem, Philippe — continuou Daniel dando o braço ao rapaz —, se queres explicar-te, vamos até minha casa.

Empurrou-o para a escada e fê-lo subir rapidamente os degraus; depois, continuaram pelo cais, de braço dado. Philippe baixava obstinadamente a cabeça; recomeçara a tremer, mas encostava-se a Daniel e roçava-lhe a anca a cada passo. Bonitos sapatos de pele de porco quase novos, mas comprados há pelo menos um ano, fato de flanela de bom corte, gravata branca e camisa de, seda azul. Era a moda de 38, em Montparnasse, cabelo cuidadosamente despenteado: muito narcisismo em tudo isto. "Porque não é ele soldado? Demasiado jovem, sem dúvida, mas também pode ser mais velho do que parece, a infância prolonga-se

nas crianças oprimidas. Em todo o caso, não é certamente a miséria que o leva ao suicídio."

Perguntou bruscamente, ao passarem em frente da Ponte Henri IV:

— Era por causa dos alemães que te querias suicidar?

Philippe pareceu espantado e sacudiu a cabeça. Era belo como um anjo. "Ajudar-te-ei", pensou Daniel apaixonadamente, "ajudar-te-ei." Queria salvar Philippe, fazer dele um homem. "Dar-te-ei tudo o que tenho, saberás tudo o que eu sei." As Halles estavam vazias e escuras, não cheiravam a nada, mas a cidade mudara de aspecto. Uma hora antes tinha sido o fim do mundo e Daniel sentia-se histórico. Agora, as ruas, lentamente, voltavam a si; Daniel passeava no fundo de um domingo anterior à guerra, nessa hora dúbia em que, na agonia da semana e do sol, uma bela segunda-feira se anuncia.

Alguma coisa ia começar: uma nova semana, uma nova história de amor. Levantou a cabeça e sorriu: uma janela em fogo devolvia-lhe o poente, era um sinal; um odor delicioso a morango esmagado encheu-lhe subitamente as narinas, era outro sinal; uma sombra, ao longe, atravessou a Rue Momparnasse a correr, ainda um sinal. De todas as vezes que a sorte lhe atravessava no caminho a radiosa beleza de um menino-deus a terra e o céu piscavam-lhe maliciosamente os olhos. Sentia-se desfalecer de desejo, faltava-lhe o ar a cada passo, mas tinha de tal modo o hábito de andar em silêncio ao pé de jovens vidas que de nada suspeitavam, que acabara por amar em si mesma a longa paciência pederástica. "Vigio-te, estás no fundo do meu olhar, possuo-te à distância, sem dar nada de mim, pelo odor e o olhar; já conheço as tuas ancas estreitas, acaricio-as com as mãos imóveis, entro em ti e tu nem te apercebes."

Inclinou-se para respirar o perfume desta nuca curvada e deparou-se-lhe, de repente, um forte odor a naftalina. Endireitou-se decepcionado, divertido: adorava estas alternativas de perturbação e de frieza, adorava o enervamento. "Vejamos se sou bom detective", disse para si, alegremente. "Um jovem poeta que se quer afogar no dia em que os Alemães entram em Paris; porquê? único indício, mas importante; o fato cheira a naftalina, portanto já não andava a uso. Porquê mudar de fato no dia do suicídio? Porque já não pode usar o que trazia ainda ontem. Portanto era esse fato que o teria denunciado e feito prender. É um soldado. Mas o que faz ele aqui? Mobilizado no Hotel Continental ou nos serviços do Ministério da Aeronáutica, já há muito que se teria pisgado para Tours, como os outros. Então? Então, está bem claro. Perfeita mente claro".

Parou para indicar a porta das traseiras:

— É ali.

Não quero — disse Philippe bruscamente.

— Quê?

— Não quero subir.

— Preferes ser apanhado pelos alemães?

— Não quero — repetiu Philippe olhando para os pés.

— Não tenho nada a dizer-lhe e não o conheço.

— Ah! É isso! — replicou Daniel.

— É então isso!

Pegou-lhe na cabeça com as duas mãos e levantou-lha à força:

— Tu não me conheces, mas conheço-te eu a ti — insistiu. — Posso contar-te a tua história.

Prosseguiu mergulhando o olhar no de Philippe:

— Estavas no exército do Norte, o pânico apoderou-se de vós e tu pisgaste-te. Depois, não foste capaz de tornar a encontrar o teu regimento, parece-me. Voltaste para casa, a tua família havia-se posto ao fresco e tu não tiveste outro remédio senão vestir um fato e ires atirar-te ao Sena. Não por seres especialmente patriota, mas porque não podes suportar a idéia de seres um cobarde. Enganei-me?

O rapaz não se mexia, mas os seus olhos aumentaram ainda mais; Daniel tinha a boca seca, sentia a angústia subir dentro de si como uma maré; repetiu com uma voz mais violenta do que convicta:

— Enganei-me?

Philippe emitiu um som vago e o seu corpo distendeu-se; a angústia dissipou-se, a alegria cortou a respiração de Daniel, o coração alvoroçou-se e dava-lhe pancadas surdas no peito.

— Sobe — murmurou.

— Tenho um remédio.

— Remédio para quê?

— Para tudo isso. Tenho muitas coisas para te ensinar.

Philippe tinha um ar cansado e aliviado; Daniel empurrou-o para a entrada. Nunca ousara levar para casa os belos rapazes que apanhava em Montmartre ou Montparnasse, mas agora a porteira e a maior parte dos inquilinos fugiam pelas estradas entre Montargis e Gien; agora, era uma festa. Subiram em silêncio. Daniel meteu a chave na fechadura sem deixar o braço de Philippe. Abriu a porta e afastou-se:

— Entra.

Philippe entrou com o passo sonolento.

— A porta em frente: é a sala.

Voltou-lhe as costas, tornou a fechar a porta, meteu a chave no bolso. Quando se aproximou do rapaz, este tinha-se plantado em frente da estante e olhava entusiasticamente para as estatuetas.

São formidáveis. Não são más — concordou Daniel.

— Não são más. E, sobretudo, são verdadeiras. Comprei-as aos índios.

— E isto? — perguntou Philippe.

— Isso, é o retrato de uma criança morta. No México, quando um tipo morria, chamavam o pintor dos mortos. Ele instalava-se e pintava o cadáver com a expressão de um vivo. Era este o resultado.

— Esteve no México? perguntou Philippe com um ar de vaga consideração.

— Estive lá dois anos.

Philippe olhava com êxtase para o retrato desta bela criança pálida e desdenhosa que olhava para ele do fundo da morte com a suficiência e a seriedade de um iniciado. “São parecidos”, pensou Daniel. Ambos loiros, ambos insolentes e lívidos; um deste lado do quadro e o outro do lado de lá, a criança que tinha querido morrer e a criança que estava verdadeiramente morta olhavam-se; a morte era o que os separava: nada, a superfície lisa da tela.

— Formidável! — repetiu Philippe.

Uma enorme fadiga apoderou-se subitamente de Daniel. Sus pirou e deixou-se cair numa poltrona. Malvina saltou-lhe para o colo.

— Ai! Ai! — disse ele acariciando-a. Porte-se bem, Malvina, seja bonita.

Virou-se para o rapaz, e com uma voz fraca:

— Há uísque no bar. Não: à direita, no movelzinho chinês; ali. Também lá há copos. Serve-nos, como se fosses a dona da casa.

Philippe encheu dois copos, estendeu um a Daniel e ficou de pé em frente dele. Daniel esvaziou o copo de uma só vez e sentiu-se rejuvenescido.

— Se fosse poeta — continuou ele tratando-o subitamente por você —, veria o que há de extraordinário no nosso encontro.

O rapaz teve um estranho riso provocante:

— Quem lhe diz que não o sou?

Olhava para Daniel bem de frente: desde que entrara na sala, mudara de ar e de modos. "São os pais de família que o intimidam", pensou Daniel contrariado: "Já não tem medo de mim porque adivinha que não é o meu caso". Fingiu hesitar:

— Pergunto a mim próprio — disse pensativamente — se me interessas.

— Teria feito melhor — replicou Philippe — se tivesse perguntado isso um pouco mais cedo.

Daniel sorriu:

— Ainda estou a tempo. Se me aborreceres, ponho-te na rua.

— Não se incomode com isso — atalhou Philippe.

Dirigia-se para a porta.

— Fica — pediu Daniel. — Sabes muito bem que precisas de mim.

Philippe sorriu tranqüilamente e tornou a sentar-se numa cadeira. Poppée ia a passar perto dele, pegou-lhe e pô-la sobre os joelhos, sem que ela protestasse. Acariciava-a docemente, voluptuosamente.

— Marca um ponto a teu favor — comentou Daniel espantado. — É a primeira vez que ela se deixa apanhar.

Philippe sorriu demorada e sinuosamente.

— Quantos gatos tem? — perguntou com os olhos baixos.

— Três.

— Um ponto para si. Fazia festas na cabeça de Poppée, que começara a ronronar.

"Este tipo está mais à vontade do que eu", — pensou Daniel, "Sabe que me agrada". Perguntou bruscamente, para o perturbar:

— Então? Como é que aconteceu?

Philippe abriu as pernas para deixar cair Poppée; a gata deu um salto e fugiu.

— Pois bem — respondeu —, foi como você disse. Não há mais nada a dizer.

— Onde estava?

— No Norte. Uma parvônia chamada Parny.

— E então?

— Então, nada. Resistíamos há dois dias quando chegaram os tanques e os aviões.

— Ao mesmo tempo?

— Sim.

— E tiveste medo?

— Nem por isso. Ou então o medo não é o que se pensa. O seu rosto tinha endurecido e envelhecido. Olhava o vazio com um ar cansado:

— Os tipos começaram a correr; fiz como eles.

— Depois?

— Fui andando, encontrei um camião, a seguir tornei a andar; cheguei aqui anteontem.

— Em que pensavas enquanto andavas?

— Não pensava.

— Porque esperaste até hoje para te matares?

— Queria tornar a ver a minha mãe.

— Ela não estava cá?

— Não. Não estava.

Levantou a cabeça e olhou para Daniel com os olhos brilhantes.

— Seria um erro considerar-me um cobarde — continuou com voz nítida e cortante.

— Sim? Então porque fugiste?

— Corri porque os outros também corriam.

— Querias-te matar, no entanto.

— Sim, de facto pensei nisso.

— Porquê?

— Demoraria muito tempo a explicar.

— Porque tens pressa? — perguntou Daniel. — Toma, bebe mais uísque. Philippe serviu-se. Corara. Esboçou um sorriso:

— Se se tratasse só de mim, não me importava de ser cobarde respondeu.

— Sou pacifista. A virtude militar, o que é isso? Falta de imaginação. Na frente os corajosos eram uns idiotas, verdadeiros brutos. Infelizmente a desgraça quis que eu nascesse numa família de heróis.

— Estou a ver — disse Daniel. — O teu pai é oficial de carreira.

— Oficial da reserva — explicou Philippe. — Mas morreu em vinte e sete, em conseqüência da guerra: tinha sido gascado um mês antes do armistício. Esta morte gloriosa deu nova oportunidade a minha mãe: seis anos depois tornou a casar, com um general.

— Arrisca-se a apanhar uma decepção — atalhou Daniel. Os generais morrem na cama.

— Aquele não — contrariou Philippe com desdém: — é como Bayard. Faz amor, mata, reza e não pensa. Está na frente?

— Onde quer que esteja? Traz com ele uma metralhadora ou dirige-se para o inimigo à frente das suas tropas. Conte com ele para permitir a chacina dos seus homens, até ao último.

— Estou a imaginá-lo moreno e peludo, com bigode.

— Exactamente — assentiu Philippe. — As mulheres gostam dele porque cheira a homem. Olharam um para o outro e riram-se.

— Não pareces gostar muito dele — observou Daniel.

— Detesto-o — disse Philippe. Corou e olhou fixamente para Daniel incrédulo. Tenho o complexo de Édipo — explicou. — o caso típico.

É pela tua mãe que estás apaixonado? — perguntou Daniel.

Philippe não respondeu: tinha um ar importante e fatal.

Daniel debruçou-se para a frente.

— Não será antes pelo teu padrasto? — perguntou docemente.

Philippe deu um salto e corou violentamente, depois desatou a rir olhando Daniel nos olhos:

— Você tem-nas boas! — observou.

— Meu Deus. Ouve lá — insistiu Daniel rindo também é mesmo por causa dele que te querias matar.

Philippe ainda se estava a rir.

— Mas claro que não! De modo nenhum.

— Então por causa de quem? Corres para o Sena porque não tiveste coragem e, no entanto, apregoas que detestas a coragem. Temes o desprezo.

— Tenho medo do desprezo da minha mãe — confessou Philippe.

— Da tua mãe? Estou certo de que ela é muito indulgente.

Philippe mordeu os lábios sem responder.

— Quando te pus as mãos no ombro estavas assustado — continuou Daniel. — Pensavas que era ele, não é?

Philippe levantou-se, os olhos brilhavam-lhe.

— Ele... ele quis bater-me.

— Quando?

— Há menos de dois anos. Depois disso, sinto-o sempre atrás de mim.

— Nunca sonhaste que estavas nu nos seus braços?

— Está doido — negou Philippe, sinceramente indignado.

— Em todo o caso, o que há de certo é que se apodera de ti. Pões-te de gatas, o general sobe para cima de ti, faz-te saltitar como uma égua. Nunca és tu próprio: tão depressa pensas como ele como contra ele. O pacifismo, sabe Deus como te estás nas tintas para isso; nem terias pensado em tal se o teu pai não tivesse sido soldado.

Levantou-se e pegou em Philippe pelos ombros.

— Queres que eu te liberte? Philippe esquivou-se, possuído pela desconfiança.

— Como podia fazê-lo?

— Já te disse, tenho muito a ensinar-te.

— Você é psicanalista?

— Qualquer coisa como isso.

Philippe inclinou a cabeça.

— Admitindo que é verdade — perguntou —, porque se interessaria por mim?

— Sou um amante de almas — replicou Daniel sorrindo.

Acrescentou emocionado:

— A tua deve ser deliciosa, desde que se desembarace do que a atormenta.

Philippe não respondeu, mas pareceu lisonjeado; Daniel deu alguns passos esfregando as mãos:

— Será preciso — continuou com alegre excitação — começar por liquidar todos os valores. És estudante?

— Era — respondeu Philippe.

— Direito?

— Letras.

— Muito bem. Então compreendes o que quero dizer; a dúvida metódica, sabes? O desregramento sistemático de Rimbaud. Destruímos tudo. Mas não por palavras: por actos. Tudo o que tens e não te pertence desfar-se-á em fumo. O que restar és tu. De acordo?

Philippe olhava para ele com curiosidade.

— No estado em que estás — retomou Daniel — que arriscas?

O rapaz encolheu os ombros.

— Nada.

— Muito bem — disse Daniel —, ficas comigo. Começamos desde já a descida aos infernos. Mas previno-te — acrescentou com um olhar penetrante — de que não transfiras para mim...

— Não sou tão parvo como isso — retorquiu Philippe devolvendo-lhe o olhar.

— Estarás curado quando me rejeitares como a um trapo velho — explicou Daniel sem deixar de olhar para ele.

— Não tenho medo — afirmou Philippe.

— Como um trapo velho! — insistiu Daniel rindo.

— Como um trapo velho — repetiu o rapaz. Riram os dois; Daniel encheu-lhe o copo.

— Sentemo-nos aqui — disse a rapariga de repente.

— Aqui porquê?

— É mais calmo.

— Estão a ver — gracejou Pinette. — Gostam do que é calmo, as meninas dos correios.

Despiu o capote e estendeu-o no chão:

— Toma — ofereceu ele —, senta-te aqui.

Deixaram-se cair na erva, à beira de um campo de trigo. Pinette fechou o punho esquerdo, olhando para a rapariga pelo canto do olho, meteu o dedo na boca e fingiu assobiar: o bíceps tornou-se saliente, como se enchido por uma bomba e a rapariga riu um pouco:

— Podes tocar. — Ela passou um dedo túmido pelo braço de Pinette: nesse instante o músculo desapareceu e Pinette imitou o barulho de um balão que se esvazia.

— Oh! — fez a rapariga.

Pinette voltou-se para Mathieu:

— Estás a ver? Mauron, se me visse sem capote, sentado à beira da estrada, o que não diria!

— Mauron — replicou Mathieu — ainda anda a correr.

— Se correr tão depressa como eu o detesto! Mauron — explicou curvado sobre a empregada dos correios — é o capitão. Anda a apanhar ar.

— A apanhar ar? — repetiu ela.

— Diz que é melhor para a saúde. — Troçou:

— Somos donos de nós próprios; não há ninguém para mandar em nós, podemos fazer o que quisermos: se te apetecer vamos para a escola e dormimos nos lençóis do capitão; a aldeia é nossa.

— Não por muito tempo — lembrou, Mathieu.

— Mais uma razão para aproveitarmos.

— Prefiro ficar aqui — disse a rapariga.

— Mas porquê? Estou a dizer que ninguém está lá para ver.

— Ainda há gente na aldeia.

Pinette olhou-a de alto a baixo com superioridade:

— É verdade — lembrou-se —, tu és funcionária. Precisas de tomar cuidado com a Administração. Nós — disse, rindo para Mathieu, com um ar cúmplice — não temos ninguém a quem obedecer, não, temos eira nem beira. Nem rei nem roque. Passamos: vocês ficam e nós passamos, vamo-nos embora, somos aves de arribação, ciganos. Somos lobos, animais de combate, grandes lobos maus, não é?

Tinha arrancado uma folhinha de relva e acariciava com, ela o queixo da rapariga; cantava olhando-a profundamente e sem parar de sorrir:

— Quem tem medo do lobo mau?

A rapariga corou, sorriu e cantou:

— Nós, não! Nós, não!

— Ah! — exclamou Pinette contente. — Ah, boneca.

Ah! — prosseguiu com um ar ausente —, bonequinha, bonequinha, menina boneca!

Calou-se bruscamente. O céu estava vermelho, a terra fresca e azul. Debaixo das mãos, das nádegas, Mathieu sentia as vidas entrelaçadas da erva, dos insectos e da terra, uma grande cabeleira áspera e molhada, cheia de piolhos; era uma angústia nua nas suas mãos. Perseguidos! Milhões de homens perseguidos entre os Vosgos e o Reno pela impossibilidade de serem homens: esta floresta plana ia sobreviver-lhes, como se não se pudesse permanecer no mundo, a não ser que se fosse paisagem ou prado ou alguma ubiqüidade impessoal.

Sob as mãos, a erva era tentadora como um suicídio; a erva e a noite que ela pisava no chão, e os pensamentos cativos que corriam à rédea solta nesta noite, e esta aranha que se balançava perto do sapato, que de repente desapareceu com todas as enormes patas. A rapariga suspirou.

— Que há, bebê? — perguntou. Pinette.

Ela não respondeu. Tinha um rostozinho, equilibrado e febril, com um nariz comprido e uma boca fina cujo lábio inferior avançava um pouco.

— Que há? Então, que há? Diz-me o que tens.

Ela calava-se. A cem metros dali, entre o sol e o campo, passavam quatro soldados, encobertos na bruma de ouro. Um deles parou e virou-se para leste, apagado pela luz, que não era escura, mas sim roxa, em virtude do vermelho do

poente; estava sem capacete. O seguinte veio esbarrar nele, empurrou-o, e os seus corpos deslizaram sobre o trigo como navios; outro escorregou atrás deles, com os braços no ar; um retardatário chicoteava as espigas com uma varinha.

— Mais esta! — protestou Pinette.

Pegara na rapariga pelo queixo e olhava-a: ela tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Ouve lá, tu não és muito divertida.

Esforçava-se por lhe falar com uma brutalidade militar, mas não estava muito seguro: ao passarem pela sua boca infantil, as palavras tornavam-se frouxas.

— É mais forte do que eu — justificou-se ela.

Ele puxou-a para si.

— Não chores, vamos. Vês-nos chorar, a nós? — acrescentou, a rir.

Ela encostou a cabeça ao ombro de Pinette, que lhe acariciou os cabelos; tinha um ar altivo.

— Vão-vos levar — lamuriou ela.

— Isso agora!

— Vão-vos levar — repetiu ela a chorar.

O rosto de Pinette endureceu:

— Não preciso que me lamentem.

— Não quero que vos levem.

— Quem te disse que nos vão levar? Vais ver como os Franceses se batem; estarás na primeira fila.

Ela levantou os grandes olhos muito abertos; tinha tanto medo que já não chorava.

— Não devem bater-se.

— Ora, ora.

— Não devem bater-se, acabou a guerra.

Ele olhou-a com um ar divertido.

— Ah! — disse ele. — Ah! Ah!

Mathieu voltou-se, tinha vontade de se ir embora.

— Conhecemo-nos desde ontem — retomou a rapariga.

O lábio inferior tremia-lhe, inclinava o rosto comprido, tinha um ar nobre, arisco e triste como um cavalo.

— Amanhã — disse ela.

— Oh!, daqui até amanhã... — replicou Pinette.

— Daqui até amanhã, falta só uma noite.

— Justamente: uma noite — concordou ele piscando o olho. O tempo de nos divertirmos um pouco.

— Não me apetece divertir.

— Não te apetece divertir? É verdade que não te apetece divertir?

Ela olhava-o sem responder. Pinette continuou:

— Estás triste.

Ela continuava a olhá-lo com a boca entreaberta.

— Por minha causa? — perguntou ele.

Inclinou-se para a rapariga com uma ternura selvagem, mas, a seguir, endireitou-se, com um trejeito velhaco nos lábios.

— Vamos — disse ele, vamos!

— Não te rales, boneca: outros virão. Um perdido, dez achados.

— Os outros não me interessam.

— Não dirás isso depois de os veres. São giros, sabes! E bem constituídos! O membro assim, ancas assim!

— De quem estás a falar?

— Dos "boches", claro!

— Não são homens.

— Que queres mais?

— Para mim, são animais.

Pinette fez um sorriso objectivo:

— Fazes mal — observou calmamente.

— São belos rapazes e bons soldados. Não são como os Franceses, mas são bons soldados.

— Para mim, são animais — repetiu ela.

— Não repitas isso muitas vezes — recomendou ele —, por que ficarás muito aborrecida por o teres dito quando tiveres mudado de idéias. São vencedores, sabes. Não podes lutar contra quem acaba de ganhar a guerra, tens de aceitar, por muito que te custe. Pergunta às parisienses! Estão-se nas tintas, neste momento, as parisienses. Ah! Até lhes abrem as pernas.

A rapariga afastou-se bruscamente.

— Causa-me nojo.

— Que tens, pequena? — perguntou Pinette.

— Sou francesa! — respondeu a rapariga.

— As parisienses também são francesas, isso não obsta.

— Deixe-me — pediu ela. — Quero ir-me embora.

Pinette empalideceu e começou a gozar.

— Não se zangue — atalhou Mathieu.

— Ele disse isso para a aborrecer.

— Exagera — protestou ela.

— Quem pensa ele que sou?

— Não é fácil sentir-se vencido — explicou Mathieu calmamente.

— É preciso tempo para se habituar. Não imagina como ele é calmo habitualmente, um cordeirinho.

— Ah! — exclamou Pinette.

— Ah! Ah! Está com ciúmes — disse Mathieu.

— De mim? — perguntou a rapariga, mais calma.

— Claro, está a pensar em todos os tipos que vão tentar cortejá-la enquanto ele andar a partir pedras.

— Ou estiver a fazer tijolo — acrescentou Pinette sempre a gozar.

— Proíbo-o de que se deixe matar — gritou ela.

Ele sorriu.

— Falas como uma mulher — observou. — Como uma rapariga, como uma rapariguinha — acrescentou fazendo-lhe cócegas.

— Mau! — disse ela, torcendo-se toda com as cócegas. Mau!, Mau!

— Não se preocupe muito com ele — interveio Mathieu figastado. —

Tudo se vai passar simplesmente e, de resto, nós não temos munições.

Voltaram-se para ele ao mesmo tempo e lançaram-lhe o mesmo olhar de ódio e desencanto como se ele os tivesse impedido de fazer amor. Mathieu olhou para Pinette com dureza; um instante depois Pinette baixou a cabeça e arrancou, amuado, um tufo de erva. Soldados passeavam pela estrada. Um deles tinha uma espingarda; levava-a como a uma tocha, zombando.

— Olha — exclamou um moreno entroncado e de pernas tortas.

O soldado pegou na espingarda pelo cano, com as duas mãos, balançou-a por momentos como um taco de golfe e bateu violenta mente com a coronha numa pedra, que deu um salto de vinte passos. Pinette olhava-os, franzindo a testa.

— Há quem já esteja a abusar — disse.

Mathieu não respondeu. A rapariga pegara na mão de Pinette e brincava com ela.

— Usa aliança — observou. — Nunca tinhas visto? — perguntou ele crispando um pouco as mãos.

— Já, já tinha.

— É casado?

— É como vês. Sim — disse ela tristemente. Olha o que eu faço da minha aliança.

Puxou o dedo fazendo uma careta, arrancou a aliança e atirou-a para o meio do trigo.

— Oh!, isso não — protestou a rapariga escandalizada.

Pegou na faca que estava em cima da mesa, Ivich sangrava, deu um grande golpe na palma da mão, gestos, gestos, pequenas destruições que não levam a nada.

— Tomei isto pela liberdade — bocejou.

— Era de ouro?

— Era.

Ela ergueu-se e beijou-o ligeiramente nos lábios. Mathieu endireitou-se e sentou-se:

— Vou-me embora! — disse.

Pinette olhou-o inquieto.

— Fica mais um bocado.

— Vocês não precisam de mim.

— Fica! — pediu Pinette —, não tens nada que fazer.

Mathieu sorriu e apontou para a rapariga:

— Ela não quer que eu fique.

— Ela? Mas claro que quer, ela gosta de ti. — Debruçou-se sobre ela e perguntou num tom insistente:

— É um camarada. Não é verdade que gostas dele?

— É. — respondeu a rapariga.

“Detesta-me”, pensou Mathieu; mas ficou. O tempo já nem sequer passava: deixava-se andar por essa planície loura. Um movimento mais brusco e Mathieu

senti-lo-ia de novo nos ossos, como a um velho reumatismo. Estendeu-se de costas. O céu, o céu, rosado e inútil; se se pudesse ir ao céu. Nada a fazer, somos criaturas cá de baixo, todo o mal é esse. Os quatro soldados que vira deslizar ao longo da seara tinham dado a volta ao campo para alcançarem a estrada: surgiram no prado, em fila indiana.

Eram tipos da rádio, Mathieu não os conhecia; o cabo que ia à frente era parecido com Pinette, estava em mangas de camisa como ele, havia desapertado a camisa sobre o peito peludo; o seguinte, moreno, trazia o capote pelos ombros, tinha uma espiga na mão esquerda e com a direita ia-lhe tirando os grãos; levou a mão à boca e engoliu os pequenos fusos dourados. O terceiro, mais alto e mais velho, penteava com os dedos os cabelos louros. Andavam devagar, sonhadores, com uma leveza de civis; o louro baixou as mãos que remexiam o cabelo, passou-as levemente pelos ombros e pelo pescoço como para se gozar deste corpo que finalmente jorrava, ao sol, da disforme embalagem militar. Pararam uns atrás dos outros, quase ao mesmo tempo, e olharam para Mathieu.

Sob estes olhares de outras eras, Mathieu sentiu-se transformar em erva, era um prado observado por animais. O moreno disse: Perdi o meu cinturão. A voz não perturbou este mundo calmo e desumano: não eram palavras; apenas um dos murmúrios que fazem parte do silêncio. Dos lábios do louro, escapou um murmúrio semelhante: Não te preocupes, de qualquer modo os "boches" ficariam com ele. O quarto chegou sem barulho; parou, levantou o nariz e o seu rosto reflectiu o vazio do céu.

— Eh! — exclamou ele.

Acocorou-se, apanhou uma papoila, meteu-a na boca. Ao levantar-se, viu Pinette, que abraçava a rapariga; pôs-se à rir:

— Isso vai bem.

— Bastante — reconheceu Pinette.

— O tempo está a arrefecer, não está?

— Parece que sim.

— Ainda bem.

As quatro cabeças ebanaram com um ar de inteligência bem francesa; a, inteligência dissipou-se, ficou apenas um imenso lazer e as cabeças continuaram a abanar. "Pela primeira vez na vida", pensou Mathieu, "estão a descansar". Descansavam das marchas forçadas, das revistas passadas, dos exercidos, das licenças, das esperas, das esperanças, descansavam da guerra e de uma fadiga mais antiga ainda: a paz. No meio do trigo, na orla do bosque, à saída da aldeia, havia outros, em pequenos grupos, que também repousavam: cortejos de convalescentes percorriam o campo.

— Ei, Pirard! — gritou o cabo.

Mathieu voltou-se. Pirard, a ordenança do capitão Mauron, parara à beira da estrada e mijava: era um camponês bretão, mesquinho e brutal. Mathieu olhou para ele surpreendido: o poente avermelhava o rosto terroso, os olhos tinham-se-lhe dilatado, perdera o ar desconfiado e malicioso; pela primeira vez, talvez, olhava os sinais traçados no céu e a marca misteriosa do sol. Um jacto amarelo saía-lhe das mãos, que pareciam esquecidas à volta da braguilha. Ei, Pirard! Pirard estremeceu.

— Que estás a fazer? — perguntou o. cabo.

— Estou a apanhar ar — respondeu Pirard.

Estás a mijar, porco! Há aqui senhoras.

Pirard baixou os olhos para as mãos, pareceu admirado apertou-se rapidamente.

— Foi sem querer — justificou-se.

— Não tem importância — disse a rapariga.

Aconchegou-se no peito de Pinette e sorriu para o cabo. A saia havia-se-lhe levantado, mas ela nem sequer pensou em a compor: vivia-se na inocência, Eles olharam-lhe para as coxas, mas gentilmente, com um encantamento triste: eram anjos, tinham olhares inocentes.

— Bem — despediu-se o moreno

— Então, adeus. Vamos continuar o passeio.

— O passeio de aperitivo — observou o louro alto, rindo.

— Bom apetite — disse Mathieu.

Riram-se: toda a gente sabia que já não havia nada para comer na aldeia; todas as reservas da Intendência tinham sido pilhadas às primeiras horas da manhã.

— Não é o apetite que falta.

Não se mexiam; pararam de rir e uma certa angústia subiu aos olhos do cabo! dir-se-ia que tinha medo de partir. Mathieu esteve quase a dizer-lhes que se sentassem.

— Vamos! — ordenou o cabo com uma voz demasiado calma.

Recomeçaram a andar para alcançar a estrada; a sua partida provocou uma fenda rápida na frescura da tarde; um pouco de tempo passou por este rasgão, os alemães deram um passo em frente, cinco dedos de ferro crisparam-se no coração de Mathieu. E depois a sangria parou, o tempo parou de novo, havia apenas um parque onde anjos andavam a flanar. “Que vazio!”, pensou Mathieu. Algo de imensamente grande se tinha retirado, deixando a Natureza guardada por soldados de segunda classe. Ouve-se uma voz sob um sol antigo: Pá morreu, sentiram a mesma ausência. Quem morreu, desta vez? A França? A cristandade? A esperança?

A terra e os campos voltaram docemente à sua primitiva inutilidade; no meio dos campos que não podiam cultivar nem defender, estes homens tornara-se gratuitos. Tudo parecia novo e, no entanto, a tarde estava bordada pela orla negra da próxima noite; no coração desta, um cometa chegaria à Terra. Bombardearão? Espera-se a todo o momento a cerimônia. Era o primeiro dia do mundo ou o último? As espigas, as papoilas que se viam escurecer, ,tudo parecia nascer e morrer ao mesmo templo. Mathieu percorreu com o olhar esta tranqüila ambigüidade, pensou: “É o paraíso do desespero.”

— Os teus lábios estão frios. — disse Pinette.

Estava inclinado sobre a rapariga e beijava-a.

Tens frio? — perguntou ele.

— Não.

— Gostas que te beije?

— Gosto. Muito.

— Então? Porque estão os teus lábios frios?
— É verdade que eles violam as mulheres? — perguntou ela.
— Estás maluquinha.
— Beija-me — pediu ela apaixonadamente.
— Não quero pensar em mais nada.
Pegou-lhe na cabeça com as mãos e puxou-o para si, deixando-se cair.
— Boneca — disse ele. — Boneca!
Deitou-se em cima dela. Mathieu só viu os cabelos na erva. Mas logo a seguir a cabeça levantou-se, a máscara arisca e orgulhosa caíra; os olhos, numa doce e lisa nudez, olharam para Mathieu sem o ver; transbordavam de solidão.
Meu querido, vem, vem — suspirou a rapariga.
Mas a cabeça não se baixava, direita, branca, cega. "Desempenha o papel de homem", pensou. Mathieu, olhando para estes olhos obscuros. Pinette deitara esta mulher debaixo dele, esmagava-a contra a terra, fundia-a à terra, à erva hesitante; mantinha o prado deitado debaixo de si, ela chamava-o, ele ia enraizar-se nela pelo ventre, ela era água, mulher, espelho, reflectia em toda a superfície o herói virgem das futuras batalhas, o macho, o soldado glorioso e vencedor; a Natureza, ofegante, de costas, absolvia-o, de todas as derrotas, murmurava: meu querido, vem, vem.
Mas ele queria fazer de homem até ao fim, apoiava as palmas das mãos no chão e os braços encolhidos pareciam asas, levantava a cabeça sobre esta docilidade transbordante, queria ser admirado, reflectido, desejado na sombra, sem o saber, desprezar esta glória que passava da terra para o seu corpo como um calor animal, emergir do vazio, da angústia, para pensar: "e depois?" A rapariga passou-lhe o braço pelo pescoço e puxou-o a si. A cabeça mergulhou na glória e no amor, o prado fechou-se...
Mathieu levantou-se sem barulho e foi-se embora; atravessou o prado, transformou-se num dos anjos que passeavam na estrada ainda clara, entre os choupos. O casal tinha desaparecido na erva escura; passavam soldados com ramos de flores; um deles, sempre a andar, levantou o ramo, mergulhou o nariz nas flores, respirou nelas o lazer, o desgosto e a sua injustificável gratuidade. A noite comia a folhagem, os rostos: toda a gente se assemelhava; Mathieu pensou: "Sou parecido com eles." Andou mais um pouco, viu iluminar-se uma estrela e passou por um transeunte que assobiava. O homem voltou-se, Mathieu viu-lhe os olhos que sorriram, era um sorriso da véspera, um sorriso de amizade.
— Está fresco — observou o tipo.
— Está — concordou Mathieu —, começa a estar fresco.
Não tinham mais nada a dizer e o, outro continuou. Mathieu seguiu-o com o olhar; será preciso que os homens percam tudo, mesmo a esperança, para que se leia nos seus olhos que podiam ter ganho? Pinette fazia amor; Guiccioli e Latex tinham rolado mortos de bêbedos pelo chão da Câmara; pelos caminhos, anjos solitários passeavam a sua angústia: ninguém precisava dele. Deixou-se cair no chão, à beira da estrada, porque não sabia para onde ir. A noite entrou-lhe na cabeça pela boca, pelos olhos, pelas narinas, pelos ouvidos: já não era nada, nem ninguém. Nada mais, além da desgraça e da noite. Pensou: "Charlot" e pôs-se imediatamente de pé: pensava em Charlot, sozinho com o seu medo, e teve

vergonha. “Meti-me com aqueles porcos bêbedos e durante esse tempo ele estava sozinho e tinha medo, e eu podia tê-lo ajudado.”

Charlot estava sentado no mesmo lugar debruçava-se sobre o livro. Mathieu aproximou-se e passou-lhe a mão pelos cabelos.

— Ficas sem olhos.

— Não estou a ler — respondeu Charlot. — Estou a pensar.

Tinha levantado a cabeça e os lábios grossos esboçaram um sorriso.

— A pensar em quê?

— Na minha loja. Pergunto se a terão saqueado.

— É pouco provável — disse Mathieu.

Apontou com a mão as janelas escuras de Câmara.

— Que estão eles a fazer lá dentro?

— Não sei — respondeu Charlot. — Há um bocado que não ouço nada.

Mathieu sentou-se num degrau.

— Isso não vai bem, pois não?

Charlot sorriu tristemente.

Foi por minha causa que voltaste? — perguntou. Chateio-me. Pensei que talvez tivesses necessidade de companhia. Dava-me jeito que assim fosse.

Charlot sacudiu a cabeça sem responder.

Queres que me vá embora? — perguntou Mathieu.

Não — respondeu Charlot —, não me incomodes. Mas não me podes ajudar. Que podes tu dizer-me? Que os Alemães não são selvagens? Que é preciso ter coragem? sei tudo isso.

Suspirou e pousou o livro ao lado dele, com preocupação:

— Era preciso seres judeu — continuou.

— Assim, não podes compreender. — Pousou a mão no joelho de Mathieu e prosseguiu em tom de desculpa:

— Não sou eu quem tem medo, é a raça dentro de mim. Não podemos fazer nada.

Mathieu calou-se; ficaram lado a lado, silenciosos, um desamparado, o outro completamente inútil, esperando que a escuridão os envolvesse. Era a hora em que os objectos saem dos seus contornos e se fundem na bruma esponjosa da noite; as janelas deslizavam pela penumbra com um longo movimento imóvel, o quarto era uma barcaça, vagueava; a garrafa de uísque era um deus asteca; Philippe era esta grande planta cinzenta,que não intimidava; o amor era muito mais do que o amor, e a amizade não era completamente amizade.

Daniel, escondido, falava de amizade, não era mais do que uma voz quente e calma. Retomou o fôlego e Philippe aproveitou para dizer:

— Como está escuro! Não acha que podíamos acender a luz?

— Se a electricidade não tiver sido cortada — comentou Daniel, secamente.

Levantou-se de má vontade: chegara o momento de passar a prova da luz. Abriu a janela, debruçou-se sobre o vazio e respirou o Odor a violeta do silêncio: tantas vezes, neste mesmo lugar, quis fugir e sentia passos que avançavam sobre o seu pensamento.

A noite era calma e selvagem, a carne tantas vezes rasgada pela noite tinha cicatrizado. Uma noite cheia e virgem, bela noite sem homens, bela sanguínea

sem estrias. Fechou as persianas contrariado, deu volta ao interruptor e a sala saiu da sombra, as coisas entraram em si próprias. O rosto de Philippe foi ao encontro dos olhos de Daniel, Daniel sentia remexer no seu olhar esta cabeça enorme e precisa, cortada de fresco, inclinada, com estes dois olhos cheios de espanto que se fascinavam, como se o tivessem visto pela primeira vez. "É preciso fazer o cerco apertado", — pensou ele. Levantou a mão, perturbado, para pôr termo a toda a fantasmagoria, apertou a borda do casaco entre os dedos, sorriu: tinha medo de ser descoberto.

Porque me olhas? Achas-me belo?

— Muito belo — respondeu Philippe com voz neutro.

Daniel voltou-se e viu no espelho, sem desagrado, o seu belo rosto sombrio. Philippe baixara as pálpebras; tapou a boca para se rir.

— Ris como uma criança.

O rapaz parou de rir. Daniel insistiu:

— Porque te ris?

— Porque sim. Estava meio embriagado, de vinho, de incerteza, de fadiga.

Daniel pensou: "Está na hora." Desde que tudo se passasse a rir, como uma farsa de colégio, o rapaz deixar-se-ia deitar sobre o divã, acariciar, beijar atrás da orelha: só se defenderia pelo riso. Daniel voltou-lhe bruscamente as costas e deu alguns passos através do quarto: demasiado cedo, nada de tolices. Amanhã iria matar-se ou tentaria matá-lo a ele. Antes de voltar para Philippe, abotoou o casaco e puxou-o para as coxas para dissimular a evidência da sua perturbação.

— Finalmente! — disse ele.

— Finalmente — repetiu Philippe. Olha para mim.

Mergulhou-lhe o olhar nos olhos e abanou a cabeça satisfeito; falou lentamente:

— Tu não és um cobarde, estava certo disso.

Avançou o indicador e bateu-lhe no peito:

— Tu, fugires por medo? Vejamos! Isso não é contigo. Foste-te embora, muito simplesmente; deixaste que o assunto se resolvesse sem ti. Porque havias de te deixar abater pela França, hem? Estás-te nas tintas, grande maroto.

Philippe fez um sinal com a cabeça. Daniel retomou a marcha através da sala.

— Tudo acabado — continuou com uma agitação cheia de alegria. — Acabado, liquidado. Tens uma sorte que eu não tive na tua idade. Não, não — e fez vivamente um gesto com a mão —, não, não, não quero falar do nosso encontro. A tua sorte é a coincidência histórica: queres minar a moral burguesa? Pois bem, os Alemães estão cá para te ajudarem.

Ah! Verás esta vassourada; verás os pais de família, de rastos, vê-los-ás lamber as botas e oferecerem os grandes cus aos pontapés; verás o teu padrasto reduzido a zero: é ele o grande vencido desta guerra, vais poder despistá-lo.

Riu até às lágrimas repetindo: "Que vassourada!", depois virou-se bruscamente para Philippe:

— É preciso amá-los.

— Quem? — perguntou o rapaz, assustado.

— Os Alemães. São nossos aliados.

— Amar os Alemães — repetiu Philippe. — Mas eu... não os conheço.

— Havemos de os conhecer, não tenhas medo: jantaremos com os Gauleiter, com os Feldmarschal, passearemos nos grandes Mercedes pretos, enquanto os Parisienses andarão a pé.

Philippe encobriu um bocejo; Daniel sacudiu-o pelos ombros:

— É preciso amar os Alemães — insistiu com um ar intenso. — Será o teu primeiro exercício espiritual.

O rapaz não tinha um ar particularmente emocionado; Daniel deixou-o, abriu muito os braços e disse maliciosamente:

— Chegou o tempo dos assassinos. — Philippe bocejou pela segunda vez; Daniel viu-lhe a língua pontiaguda.

— Tenho sono — disse o rapaz desculpando-se. — Há duas noites que não prego olho.

Daniel pensou em zangar-se, mas também estava exausto, como após cada novo encontro. À força de desejar Philippe, sentia as virilhas pesadas. Teve subitamente vontade de estar só.

Muito bem — concordou deixo-te. Encontrarás pijamas na gaveta da cômoda.

— Não vale a pena — replicou o rapaz calmamente tenho de voltar para casa.

Daniel olhou para ele sorrindo:

— Faz como quiseres; mas arriscas-te a cair no meio de uma patrulha e Deus sabe o que farão de ti: és bonito como uma rapariga e os alemães são todos pederastas. E depois, mesmo admitindo que chegas a casa, encontras lá aquilo de que foges. Há fotografias do teu padrasto nas paredes, não é? E o perfume da tua mãe paira no quarto.

Philippe Parecia não o ouvir. Fez um esforço para se levantar, mas tornou a cair no divã:

Ahhh! — disse com uma voz adormecida.

Olhou para Daniel e sorriu-lhe com um ar perplexo:

— Creio que fazia melhor em ficar aqui.

— Então, boa noite.

— Boa noite — respondeu Philippe bocejando.

Daniel atravessou o quarto; ao passar perto da lareira apoiou-se num rebordo e uma prateleira da estante girou sobre si própria, mostrando uma fila de livros de capas amarelas.

— Isto — mostrou — é o inferno. Lerás isto mais tarde: falam de ti.

— De mim? — repetiu Philippe sem compreender.

— Sim, enfim: do teu caso.

Puxou a prateleira e abriu a porta. A chave ficara por fora. Daniel pegou-lhe e atirou-a a Philippe.

— Se tens medo dos fantasmas ou dos ladrões, podes fechar-te — disse Daniel com ironia.

Puxou a porta atrás de si, foi às escuras até ao fundo do quarto, acendeu o candeeiro da cabeceira e sentou-na na cama. Em fim, só! Seis horas a andar e, durante quatro horas, este papel difícil de príncipe do mal: “Estou morto.”

Suspirou, pelo prazer de sentir a sua solidão; pelo prazer de não ser ouvido, gemeu efeminadamente: "Doem-me os colhões." Pelo prazer de não ser visto, fez um esgar de dor. Depois sorriu e deixou-se cair para trás como num banho: tinha o hábito destes longos desejos abstractos, destas vãs e furtivas erecções;, sabia por experiência que sofreria. menos se ficasse estendido. O candeeiro fazia um círculo de luz no tecto, as almofadas estavam frescas. "Calmo, vamos a estar calmo: fechei a porta da entrada à chave, tenho-a no bolso; de resto ele vai cair de fadiga, dormitá até ao meio-dia. Pacifista. vejam lá!"

Afinal, nem tudo batera certo, havia factos que não soubera explorar. Os Nothanaêl, os Rimbaud, Daniel conhecia-os; mas a nova geração desconcertava-o: "Que estranha mistura: narcisismo e idéias sociais não costumam andar a par." De qualquer modo, não correra mal como isso: o rapaz estava lá, e fechado à chave. Em caso de dúvida, não seria mau jogar até ao fim a cartada do desregramento sistemático. Dava sempre algum resultado, lisonjeava: "Serás meu", pensou, "lavarei os teus princípios, meu anjo. Idéias sociais! Verás no que elas se tornam!"

Este fervor arrefecido pesava-lhe no estômago, tinha vontade de uma boa dose de cinismo para. O varrer: "Se puder ficar com ele muito tempo, é uma boa coisa: preciso de desanuviar, de ter alguém em casa. As quermesses, Graffet Toto Tante d'Honfleur, Marius, Sens Interdít; acabou. Acabaram as esperas à volta da Gare de Pest e a vulgaridade objecta dos soldados que estão de licença e cheiram mal dos pés: vou entrar na ordem (Fim do Terror!)."

Sentou-se na cama e começou a despir-se: "Será uma ligação duradoira", decidiu ele. Tinha sono, estava calmo, pensou: "É curioso que não esteja angustiado." Nesse instante sentiu alguém atrás das costas, voltou-se, não viu ninguém e a angustia percorreu-o. "Mais uma vez! Mais uma vez." Tudo recomeçava, sabia tudo, sabia prever tudo, podia contar minuto por minuto os anos de desgraça que estavam para vir, os longos, longos anos quotidianos, aborrecidos e sem esperança, e depois o. fim imundo e doloroso: tudo estava aí. Olhou para a porta fechada, sofria, pensava: "Desta vez rebento", e sentia na boca o fel do sofrimento futuro.

— Arde bem! — comentou um velho.

Toda a gente estava na estrada, soldados, velhos e raparigas. O professor apontava com a bengala para o horizonte; na ponta da bengala rodava um falso sol, uma bola de fogo que escondia pálidas auroras: era Roberville que ardia. Arde bem!

— Se arde!

Os velhos bamboleavam-se um pouco, com as mãos atrás das costas, diziam "se arde!, se arde!" com as suas vozes profundas e calmas.

Charlot deixou o braço de Mathieu, e disse:

— É uma triste sorte!

Um velho respondeu:

— É a sorte do camponês. Quando não é a guerra, é o granizo ou a geada: para o camponês nunca há paz na Terra.

As mãos dos soldados apalpavam as raparigas no escuro e ouviam-se risos; atrás de si, Mathieu escutava os gritos dos garotos que brincavam nas ruelas abandonadas da aldeia. Uma mulher dirigiu-se a eles: trazia uma criança ao colo.

— Foram os franceses que lançaram o fogo? — perguntou ela.

— Está doida, mulher? — respondeu Lubéron. — Foram os "boches", claro.

Um velho abanava a cabeça, incrédulo:

— Os "boches"?

— Sim, os "boches": os alemães!

O velho não parecia muito convencido:

— Os "boches" já cá tinham estado na outra guerra. Não fizeram mal nenhum: não eram maus tipos.

— Porque haveríamos de lançar o fogo? — perguntou Lubéron indignado. — Não somos selvagens.

— Porque o terão feito? Onde estão alojados?

Um soldado barbudo levantou a mão: Devem ter sido malandros de cá que se quiseram armar: talvez tenham atirado. Basta os "boches" terem tido um morto para queimarem a aldeia.

A mulher virou-se para ele, inquieta.

— E vocês? — perguntou ela.

— Nós, o quê?

— Não vão fazer tolices?

Os soldados começaram a rir:

— Ah! — respondeu um deles convictamente — connosco podem dormir com os dois ouvidos tapados. Sabemos o que a vida vale. Olharam-se e riram-se com um ar conivente: Sabemos o que a vida vale e o que havemos de fazer. Pensam que nos íamos meter em complicações em vésperas de paz?

A mulher acariciava a cabeça do filho; perguntou com uma voz hesitante:

— É a paz?

— Sim, é a paz —, respondeu o professor, convicto.

— É a paz. É nisso que temos de pensar.

Um arrepio percorreu a Multidão; Mathieu ouviu atrás de si um murmúrio confuso de palavras quase alegres.

— É a paz, é a paz.

Viam queimar Roberville e repetiam para si: acabou a guerra, é a paz; Mathieu olhava para a estrada: escapava-se aa noite, a duzentos metros, corria numa brancura incerta até aos seus pés e continuava até atingir as casas de janelas fechadas. Bela estrada aventureira e mortal, bela estrada de sentido único. Tinha encontrado a selvajaria dos rios antigos: amanhã chegarão à aldeia navios carregados de assassinos. Charlot suspirou e Mathieu apertou-lhe o braço sem dizer nada.

— Ei-los! — gritou uma voz.

— O quê?

— Os alemães, estou a dizer-te: chegaram!

A sombra tinha-se mexido, soldados, de espingarda debaixo do braço, saíam um a um das negras águas da noite. Avançavam lentamente, prudentemente, prontos a atirar.

Ei-los! Ei-los!

Mathieu foi empurrado, atropelado: uma grande e vaga oscilação sacudia a multidão à sua volta.

— Fujamos, camaradas — gritou Lubéron.

— Estás parvo? Já nos viram, não temos mais do que esperar por eles.

— Esperam por eles? Vão atirar sobre nós.

A multidão deu um suspiro de desânimo; a voz aguda do professor atravessou a noite:

— As mulheres para trás. Os homens larguem as espingardas. E mãos ao ar.

— Corja de parvos! — gritou Mathieu fora de si. — Não estão a ver que são franceses?

— Franceses...

Houve um compasso de espera, um arrastar de pés e depois alguém disse, desconfiado:

— Franceses? Donde vêm?

Eram de facto franceses, uns quinze homens comandados por um tenente. Tinham rostos escuros e expressão carregada. As pessoas da aldeia recuaram para o fundo da estrada, viram-nos chegar sem amizade. Franceses, sim, mas que vinham de lugares estranhos e perigosos. Com armas. Ao cair da noite. Franceses que saíam da sombra e da guerra, que traziam a guerra para este burgo, já pacificado. cedo. Franceses. Parisienses, talvez, ou, bordeleses; não eram completamente alemães. Passaram entre duas alas de fria hostilidade, sem ver ninguém; tinham um ar altivo. O tenente deu uma ordem e eles pararam.

— Que divisão é esta? — perguntou.

Não se dirigia a ninguém em particular. Houve um silêncio e ele repetiu a pergunta.

— A sessenta e um — respondeu um tipo com maus modos.

— Onde estão os chefes? Rasparam-se o quê?

Rasparam-se — repetiu o soldado com manifesta complacência.

O tenente torceu a boca e não insistiu:

— Onde é a Câmara?

Charlot, sempre servil, avançou:

— À esquerda, ao fundo da rua. A cem metros.

O oficial voltou-se bruscamente para ele e olhou-o de alto a baixo:

— Que modos são esses de falar a um superior? Não pode corrigir a posição? E seria de mais pedir-lhe que dissesse: meu tenente?

Houve alguns segundos de silêncio. O oficial olhava Charlot nos olhos; à volta de Mathieu os tipos olhavam o oficial. Charlot pôs-se em sentido.

— Às suas ordens, meu tenente.

— Está bem.

O oficial olhou em volta com desprezo, fez um gesto e o grupo recomeçou a andar. Os tipos viram-no desaparecer na noite, sem uma palavra.

— Ainda não acabaram com os oficiais? — perguntou Lubéron, aborrecido.

— Com os oficiais? — repetiu uma voz nervosa e amarga. Não os conheces. Hão-de-nos chatear até ao fim.

Uma mulher gritou bruscamente:

— Não vão bater-se aqui, ao menos?

Houve risos na multidão e Charlot disse com voz indulgente:

— Não, tiazinha, eles não são doidos.

De novo o silêncio: todas as cabeças se tinham voltado para o norte. Roberville, isolada, inatingível, já lendária, ardia desgraçadamente em país estrangeiro, do outro lado da fronteira. A luta, a morte, o incêndio, isso é para Roberville; não são coisas que nos aconteçam a nós. Lentamente, descontraidamente, alguns tipos saíram da multidão e dirigiram-se à aldeia. Iam-se deitar, dormir, para estarem frescos quando os "boches" viessem, de madrugada. "Que porcaria!", pensou Mathieu.

— Pois bem — disse Charlot —, vou-me embora.

— Vais dormir?

— Parece que sim.

— Queres que vá contigo?

— Não vale a pena — respondeu Charlot bocejando.

Afastou-se; Mathieu ficou só. "Somos escravos", pensou, "escravos, sim". Mas não queria mal aos companheiros, não era por culpa deles: haviam feito dez meses de trabalhos forçados; agora, era a transmissão de poderes, passavam para as mãos dos oficiais alemães, saudariam Jeldwebel e Oberleutenant; não tinha grande importância, a casta dos oficiais é internacional; os trabalhos forçados continuavam, é tudo. "É a mim que tenho ódio", pensou ele. Mas censurava-se por se odiar porque era uma maneira de se pôr acima dos outros. Indulgente para toda a gente, exigente para consigo: mais uma armadilha do orgulho. Inocente e culpado, demasiado exigente e indulgente, impotente e responsável, solidário com todos e rejeitado por cada um, perfeitamente lúcido e total mente iludido, escravo e senhor: era como toda a gente. Alguém lhe agarrou no braço. Era a rapariga dos correios. Os olhos queimavam-lhe o rosto.

— Impeça-o, se é amigo dele.

— Quê? — Ele quer bater-se: impeça-o.

Pinette apareceu atrás dela, pálido, os olhos mortiços, com um sorriso malvado.

— Que queres fazer, pateta? — perguntou Mathieu.

— Estou a dizer-lhe que ele quer lutar, ouvi-o dizer: foi ter com o capitão e disse-lhe que estava pronto para se bater — insistiu a rapariga.

— Qual capitão?

— O que passou aqui com os homens.

Pinette ria-se, com as mãos atrás das costas.

— Não era capitão, era um tenente.

— É verdade que queres lutar? — perguntou Mathieu.

— Vocês são todos uns chatos — respondeu ele.

— Estão a ver! — disse a empregada dos correios.

— Estão a ver! Ele afirmou que queria lutar. Ouvi-o.

— Mas quem lhe disse que vai haver luta?

— Não os viu? Têm o mal nos olhos.

E ele — prosseguiu a rapariga, apontando para Pinette —, olhem para ele: mete-me medo, é um monstro.

Mathieu encolheu os ombros: Que quer que faça?

— Não é amigo dele?

— É justamente por isso.

— Se é amigo dele, deve dizer-lhe que não tem o direito de se deixar matar.

Ela agarrou-se aos ombros de Mathieu: Ele já não tem o direito. Porquê?

— Sabe muito bem.

Pinette fez um sorriso cruel e desdenhoso:

— Sou soldado, tenho de lutar: os soldados são para isso.

— Então, não me tivesses procurado!

Ela agarrou-o pelo braço e acrescentou com voz trêmula:

— És meu!

Pinette libertou-se:

— Não sou de ninguém.

— És! — insistiu ela —, és meu! — Virou-se para Mathieu e gritou-lhe furiosamente:

— Mas diga-lhe, então! Diga-lhe que já não tem o direito de se deixar matar! É um dever dizer-lho.

Mathieu calou-se; a rapariga dirigiu-se-lhe, com o rosto a arder; pela primeira vez Mathieu achou-a desejável.

— Diz que é amigo dele e não se importa que lhe aconteça uma desgraça?

— Não é verdade, importo-me.

— Então acha bem que ele se vá meter a lutar como um miúdo contra um exército inteiro? Se servisse para alguma coisa! Mas sabe muito bem que já ninguém está em guerra.

— Já sei! — disse Mathieu.

— Então? De que está à espera para lhe dizer?

— De que ele me peça a opinião.

— Henri! Peço-te que te aconselhes com ele: é mais velho do que tu, deve saber melhor.

Pinette levantou a mão para recusar, mas ocorreu-lhe uma idéia e deixou cair o braço, piscando os olhos com um ar matreiro que Mathieu não lhe conhecia:

— Queres que eu converse com ele?

— Quero; já que não gostas de mim o suficiente para me ouvires.

— Bom. Então, estamos de acordo.

— Mas vai-te embora. Porquê?

— Não quero falar à tua frente.

— Mas porquê?

— Porque sim!

— Não são negócios de mulheres.

— São negócios meus, já que se trata de ti.

Apre! — gritou ele desesperado, — és chata que te fartas!

Espetou o cotovelo nas costelas de Mathieu, que se apressou a dizer:

— Nem vale a pena ir-se embora: vamos dar um passeio pela estrada; espere-nos aqui.

— E depois vocês não voltam.

— Estás doida! — protestou Pinette. — Onde queres que vamos? Estaremos a vinte metros de ti, podes sempre ver-nos. E se o teu amigo te disser que não deves lutar, tu ouve-lo?

Certamente — respondeu Pinette. — Faço sempre o que.

Pendurou-se no pescoço de Pinette:

— Juras que voltas? Mesmo que decidas lutar? Mesmo que seja o teu amigo a aconselhar-te? Prefiro tudo a nunca mais te tornar a ver. Juras?

— Sim, sim, sim.

— Diz que juras! Diz: juro.

Juro — disse Pinette.

E você — perguntou ela a Mathieu —, jura trazer-mo?

— Naturalmente.

— Não se demorem muito — recomendou a rapariga — e não se afastem.

Deram alguns passos pela estrada, em direcção a Roberville; sebes e árvores sobressaíam da escuridão. Ao fim de uns instantes Mathieu voltou-se: muito direita, tensa, quase apagada pela noite, a empregada dos correios procurava distingui-los nas trevas. Mais um passo e deixaram de a ver. No mesmo instante ela gritou:

— Não se afastem mais, já não vos estou a ver!

Pinette começou a rir; pôs as mãos à volta dá boca e gritou:

— Oho! Ohoho! Ohoho!

Continuaram a andar. Pinette sempre a rir:

— Queria convencer-me de que era virgem; é por isso.

— Ah!

— Ela é que diz, sabes, eu não dei por isso. Há raparigas assim: pensamos que estão a mentir e afinal são mesmo virgens.

Imagina! — troçou Pinette. Acontece.

— Querias! E, mesmo admitindo que é verdade, era uma coincidência engraçada ter-me acontecido precisamente a mim. — Mathieu sorriu sem responder.

Pinette deu uma cabeçada no vazio: E depois, vamos lá! Não a violei. Quando uma rapariga é séria, bem podes tentar que não consegues nada. Olha, a minha mulher: Tínhamos muita vontade os dois; pois bem, antes da noite de núpcias não houve nada. Fez um gesto peremptório:

— Nada de misturas: esta rapariga estava com cócegas num certo sítio e eu não fiz mais nada do que prestar-lhe um favor.

— E se lhe fizeste um filho?

— Eu? — respondeu Pinette estupefacto.

— Ah!, isso agora! Não me conheces! Sou um tipo decente. A minha mulher não queria filhos porque éramos pobres e eu aprendi a dominar-me. Não continuou, não... Ela teve prazer e eu também: estamos pagos.

— Se, de facto, foi a primeira vez — replicou Mathieu —, é pouco provável que tenha tido prazer.

— Pois bem, pior! — disse Pinette secamente. — Nesse caso a culpa é dela.

Calaram-se. Ao fim de um instante, Mathieu levantou a cabeça e procurou os olhos de Pinette na sombra.

— É verdade que vão combater?

— É.

— Na aldeia?

— Onde queres que seja?

Mathieu sentiu o coração apertado. E depois, bruscamente, pensou em Longin a vomitar debaixo da árvore, em Guiccioli deitado no chão, em Lubéron que gritava, ao ver Roberville: é a paz. Riu-se de raiva.

— Porque te ris?

— Por causa dos camaradas — respondeu Mathieu.

— Vão ter uma estranha surpresa.

— Dizes bem.

— O tenente aceita-te?

— Se eu tiver uma espingarda.

Ele disse-me: "Se tiveres uma espingarda, vem."

— Estás decidido?

Pinette riu agressivamente.

— Sabes... — começou Mathieu.

Pinette voltou-se bruscamente para ele:

— Sou maior. Não preciso de conselhos.

— Muito bem — disse Mathieu.

— Então, voltemos.

— Não — atalhou Pinette. — Continua!

Deram alguns passos. Pinette disse de repente:

— Salta para a valeta.

— O quê?

— Anda! Salta!

Saltaram, subiram o talude e viram-se no meio do trigo.

— Á esquerda — explicou Pinette —, há um carreiro que vai ter à aldeia.

Mathieu tropeçou e caiu sobre um joelho.

— Santo Deus! — protestou. — Em que me meteste?

— Não a posso ver nem pintada — respondeu Pinette.

Ouviram uma voz de mulher que vinha da estrada:

— Henri! Henri!

— Que carraça! — disse Pinette.

— Henri! Não me deixes!

Pinette puxou Mathieu pelo braço e deitaram-se no meio do trigo; ouviram a rapariga a correr pela estrada; uma espiga arranhou Mathieu na cara, um bicho passou-lhe pelas mãos.

— Henri! Não me deixes, faz o que quiseres mas não me deixes, volta; Henri, já não te digo mais nada, prometo, mas volta, não me deixes assim! Henri! Não me deixes sem me beijares primeiro!

A rapariga passou ao pé deles, ofegante.

— Felizmente que ainda não há luar — murmurou Pinette.

Mathieu respirava um forte odor a terra, que estava húmida mole debaixo das suas mãos; ouvia a respiração touca de Pinette, pensava: "Vão combater na aldeia." A rapariga gritou mais duas vezes com uma voz angustiada e de repente arrepiou caminho e pôs-se a correr em sentido inverso.

— Ela ama-te — disse Mathieu.

— Que vá à merda! — respondeu Pinette.

Levantaram-se. Mathieu viu a nordeste, mesmo sobre as espigas, a bola de fogo que crepitava. Basta terem tido um morto, para queimarem tudo.

Então? — perguntou Pinette, provocador.

— Não a vais consolar?

— Ela chateia-me — respondeu Mathieu.

— E depois, de qualquer modo, as histórias de alcova agora não me interessam. Mas fizeste mal em a teres montado, se era para depois a abandonares.

— Ah! Merda! — protestou Pinette, nunca se tem razão.

— Aqui está o carreiro — disse Mathieu.

Andaram um bocado. Pinette exclamou:

— A Lua!

Mathieu levantou a cabeça e viu outro fogo no horizonte: era um incêndio de prata.

— Vamos ser bons alvos! — comentou Pinette.

— De qualquer modo — observou Mathieu —, não me parece que cheguem antes de amanhã de manhã.

Acrescentou, ao fim de um instante, sem olhar para Pinette:

— Vocês vão-se deixar matar até ao último.

— É a guerra — disse Pinette num tom rouco.

E — replicou Mathieu —, justamente já.

— Justamente, não, não há guerra.

— O armistício ainda não foi assinado.

Mathieu pegou na mão de Pinette e apertou-a ligeiramente entre os dedos: estava gelada.

— Estás certo de que queres ser abatido?

— Não quero ser abatido: quero abater um "boche".

— Uma coisa anda com a outra.

Pinette retirou a mão sem responder. Mathieu quis falar; pensava: "Morre por nada", e isso pesava-lhe. Mas bruscamente sentiu frio e calou-se: "Com que direito o posso impedir? Que tenho eu para lhe oferecer?" Voltou-se para Pinette, olhou-o e assobiou baixinho. Pinette estava fora de alcance; andava cegamente atrás da última noite; andava, mas não avançava: já tinha chegado; a sua ultima morte e o nascimento haviam-se juntado, andava ao luar e o próximo sol já lhe iluminava os ferimentos.

Deixara de correr atrás de si próprio, estava todo dentro de si, Pinette como um todo, denso e fechado. Mathieu suspirou e pegou-lhe no braço em silêncio, pegou no braço de um jovem empregado do metropolitano, nobre, calmo, corajoso e temo que fora morto em 18 de Junho de 1940. Sorriu-lhe; do fundo do passado, Pinette sorriu-lhe; Mathieu viu o sorriso e sentiu-se completamente só.

Para quebrar esta concha que o separa de mim, seria preciso não ver outro futuro além do seu, não ver outro sol além do que ele verá amanhã pela última vez; para viver ao mesmo tempo os mesmos minutos, seria preciso querer morrer da mesma morte. Disse lentamente: No fundo, eu é que devia morrer no teu lugar. Porque eu já não tenho muitas razões para viver. Pinette olhou-o alegremente; haviam-se tornado quase contemporâneos.

— Tu?

— Enganei-me desde o início.

— Pois bem — insistiu Pinette —, volta atrás. Esquecemos tudo e começamos de novo.

Mathieu sorriu:

— Esquecemos tudo mas não recomeçamos — replicou. Pinette passou-lhe o braço à volta do pescoço.

— Delarue, meu velho — continuou apaixonadamente —, vem comigo, vem. Dar-me-á prazer, sabes, sermos os dois: os outros não os conheço.

Mathieu hesitou: morrer, entrar na eternidade desta vida já morta, morrer a dois... Abanou a cabeça: Não.

— Não, o quê?

— Não quero.

— Tens medo?

— Não. Acho tudo isto estúpido. Cortar-se na mão com uma faca, deitar fora a aliança, atirar sobre os "boches" e depois? Partir, deteriorar, não é solução; uma cabeçada, não é a liberdade. Se ao menos pudesse ser modesto.

— Por que razão é estúpido? — perguntou Pinette irritado.

— Quero matar um "boche"; não é nada estúpido.

— Podes matar cem, a guerra estará perdida de qualquer modo.

Pinette gozou.

— Salvaria a honra!

— Aos olhos de quem?

Pinette andava de olhos baixos, sem responder.

— Mesmo que te erigissem um monumento — perguntou Mathieu —, mesmo que te pusessem as cinzas no Arco do Triunfo, valeria a pena fazer queimar uma aldeia?

— Que queimem — disse Pinette. — É a guerra.

— Há mulheres e crianças.

— Que fujam para os campos.

Ah! — exclamou com um ar idiota —, isto tem de estoirar!

Mathieu pousou-lhe a mão no ombro:

— Gostas assim tanto da tua mulher?

— Que tem ela a ver com a história?

— É por ela que te queres deixar abater? — perguntou

— Não me chateies! — gritou Pinette. — Estou farto dessas tuas tiradas. Se isso é tudo o que a instrução dá, fico consolado por não ser instruído.

Tinham chegado às primeiras casas da aldeia; de repente Mathieu pôs-se também a gritar:

— Estou farto! — gritou ele. — Farto! Farto!

Pinette parou para responder:

— Deu-te alguma coisa?

— Nada — respondeu Mathieu estupefacto. Estou doido.

Pinette encolheu os ombros.

— Tenho de ir à escola — observou. — As espingardas estão na sala de aula.

A porta estava aberta: entraram. Deitados nos azulejos do vestíbulo, soldados dormiam. Pinette tirou a lâmpada do bolso; um círculo luminoso desenhou-se na parede.

— É ali.

Havia espingardas amontoadas. Pinette pegou numa, inspeccionou-a longamente à luz da lâmpada, largou-a, pegou noutra, que examinou cuidadosamente. Mathieu tinha vergonha de haver gritado: é preciso esperar e manter a cabeça fresca. Guardar-se para uma boa ocasião. As cabeçadas não resolvem nada. Sorriu a Pinette.

— Estás com ar de quem escolhe um charuto.

Pinette, satisfeito, pôs a arma ao ombro.

— Fico com esta. Vamos.

— Dá-me a lâmpada — pediu Mathieu.

Passou a lâmpada pelas espingardas: tinham um ar aborrecido e administrativo, como máquinas de escrever. Era difícil acreditar que se podia matar com aquilo. Baixou-se e pegou numa ao acaso.

Que estás a fazer? — perguntou Pinette espantado.

— O que estás a ver: a pegar numa espingarda.

Não — disse a mulher —, fechando-lhe a porta na cara.

Ele fica no portão, de braços caídos, com o ar oprimido que toma quando já não pode intimidar; murmura: "Velha feiticeira", suficientemente alto para que eu possa ouvir, suficientemente baixo para que ela não ouça, meu pobre Jacques: tudo, mas não "velha feiticeira". Baixa, agora baixa os olhos azuis, olha para os pés: a justiça, esse brinquedo dos homens, desfez-se em migalhas, volta para o carro com o seu passo infinitamente doloroso, eu sei: o bom Deus tem contas a fazer contigo, mas vocês arranjar-se-ão no Dia do Juízo (ele voltou para o carro com o seu passo infinitamente doloroso). "Velha feiticeira", não; encontraria outra coisa, diria "farrapo, destroço, múmia", mas não "velha feiticeira", tens inveja do seu calão; não, não diria nada, as pessoas abrir-nos-iam a porta de par em par, dar-nos-iam a cama, os lençóis, as camisas, ele sentar-se-ia à beira da cama, com a grande mão pousada na colcha vermelha, diria corando: "Odette, tomam-nos por marido e mulher", e eu nada responderia, então ele diria: "Vou dormir para o chão" e eu contrariaria: "Não, deixa lá, uma noite passa depressa, deixa lá, durmamos na mesma cama; vem, Jacques, vem, tapa-me os olhos, esmaga o meu pensamento, ocupa-me, sê pesado, exigente, opressivo, não me deixes só com ele."

Ele viria, desceria os degraus, tão transparente, tão previsível que pareceria uma recordação, fungaria levantando o sobrolho direito, tamborilaria com os dedos no carro, olhar-me-ia profundamente; ele fungou, arqueou a sobrancelha, olhou profundamente e pensativamente, estava lá, inclinado sobre ela; ele pairava

sobre esta grande e pesada noite que ela acariciava com a ponta dos dedos, pairava, inconsistente, rotineiro e antigo, via através dele o celeiro obscuro e denso, a estrada, o cão que vagueia, tudo era novo, tudo menos ele, não é um marido, é uma idéia geral; "chamo-o, mas ele não me ajuda".

Ela sorri-lhe porque. é preciso sorrir-lhes sempre, ela ofereceu-lhe a calma e a doçura da Natureza, o optimismo confiante da mulher feliz; por baixo ela fundia-se na noite, diluía-se nesta grande noite feminina que escondia, algures no seu coração, Mathieu; ele não sorriu, coçou o nariz, é um gesto igual ao do irmão, ela sobressaltou-se: mas o que é que eu pensei, estou a dormir de pé, ainda não sou essa mulher velha e cínica, sonhei, a palavra enterrou-se na noite de sua garganta, tudo está esquecido, só estava à superfície a dupla e calma generalidade. Ela perguntou alegremente:

— Então?

— Nada a fazer. Dizem que não têm celeiro; mas eu bem o vejo. Está ao fundo do pátio. No entanto, não tenho ar de salteador.

— Sabes — observou ela —, após catorze horas de estrada, não devemos ter grande aspecto.

Ele olhou-a com atenção e ela sentiu, sob este olhar, o nariz iluminar-se como um farol. "Ele vai dizer-me que tenho o nariz a brilhar." Mas disse:

— Estás com olheiras, minha querida: deves estar exausta.

Tirou rapidamente a caixa de pó-de-arroz da carteira e olhou para o espelho com severidade, estava de meter medo: à luz da Lua o rosto parecia manchado de escuro; era feia, ainda, mas tinha horror à sujidade.

— Que vamos fazer? — perguntou Jacques, perplexo.

Ela tirara a esponja e passava-a ligeiramente pelas maçãs do rosto e sob os olhos.

— O que quiseres — respondeu ela.

— Estou a pedir-te um conselho.

Tinha agarrado de passagem na mão que pegava na esponja e imobilizava-a com uma autoridade sorridente. "Peço-te um conselho, desta vez peço-te um conselho, de todas as vezes que te peço um conselho"; "meu pobre amigo, sabes muito bem que não o vais seguir". Mas ele tinha necessidade de criticar o pensamento dos outros para tom-ar consciência do seu. Ela largou ao acaso:

Continuemos, talvez encontremos pessoas mais amáveis. Muito obrigado! Como experiência basta. Ah! — disse com convicção —, detesto os camponeses.

— Queres que andemos toda a noite?

Ele abriu muito os olhos:

— Toda a noite?

— Estaríamos amanhã de manhã em Grenoble, desceríamos em casa dos Blériot, partiríamos à tarde e íamos dormir a Castellane: depois chegaríamos a Juan.

— Nem penses nisso! Compôs um ar sério para acrescentar:

— Estou demasiado cansado. Adormeceria ao volante e acordaríamos na valeta.

— Posso substituir-te.

— Minha querida, convence-te, de que não te deixarei guiar de noite. Com a tua miopia, seria um crime. As estradas estão cheias de carroças, de camiões, de automóveis, pessoas que nunca tocaram num volante e que partiram às cegas, com medo. Não, não: são precisos reflexos de homem.

Abriu-se uma janela; apareceu uma cabeça:

— Será que não poderemos dormir sossegados? — perguntou uma voz rude.

— Vão conversar para mais longe, santo Deus!

— Muito obrigado — respondeu Jacques com uma ironia feroz —, o senhor é muito simpático e hospitaleiro.

Meteu-se no carro, bateu a porta e arrancou brutalmente. Odette olhou-o pelo canto do olho: o melhor era estar calada; ele ia a oitenta, pelo menos, com os faróis apagados porque tinha medo dos aviões; felizmente havia lua cheia; sentiu-se ir de encontro à porta: Que estás a fazer? Ele, quase sem abrandar, atirara com o carro para um caminho transversal. Andaram ainda um pouco, depois ele travou bruscamente e arrumou o carro no fim do caminho, debaixo de umas árvores.

— Dormimos aqui.

— Aqui? — Jacques abriu a porta e desceu sem responder.

Odette deslizou atrás dele, o ar estava quase fresco.

— Queres dormir ao ar livre?

— Não.

Ela olhou com desgosto para a erva escura e doce, baixou-se e apalpou-a como se fosse água.

— Oh! Jacques. Estaríamos tão bem; podíamos tirar os cobertores e uma almofada.

— Não — repetiu ele.

Acrescentou com firmeza:

— Dormiremos no carro, não se sabe quem anda pelas estradas numa altura destas.

Ela viu-o andar de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos, com o passo jovem e dançante; o violão do Diabo toca nas árvores, Jacques tem de saltar e dançar para o acompanhar. Ele voltou para ela um rosto preocupado e envelhecido, de olhos fugidios: há qualquer coisa que não está bem; dir-se-ia que tem vergonha; voltou para o automóvel, a juventude e animação do instrumento mágico tinham-se apoderado dele, deslizaram-lhe debaixo dos pés e levantaram-no alegremente. "Detesta dormir no carro. Quem estará ele a punir? A si próprio ou a mim?" Ela sentiu-se culpada sem saber de quê?

— Porque fazes essa cara? — perguntou ele.

— Estamos na estrada, à aventura: deverias estar contente.

Ela baixou os olhos. "Eu não queria vir, Jacques, estou-me nas tintas para os Alemães, preferia ter ficado em casa; se a guerra continua, perdemos o contacto com ele, se ele for morto nem sequer o saberemos." Acrescentou:

— Refiro-me ao meu irmão e a Mathieu.

— Neste momento — replicou Jacques com um sorriso amargo —, Raul está em Carcassone, na cama.

— Mathieu não está...

— Convence-te — respondeu Jacques com mau humor — de que o meu irmão foi para os serviços auxiliares e, por conseguinte, não corre perigo algum. Será feito prisioneiro, é tudo. Pensas que todos os soldados são heróis? Mas não, minha querida amiga: Mathieu é o encarregado da escrita de qualquer estado-maior; está tão em paz como na retaguarda; talvez mais do que nós neste momento. Chama-se a isso um "tacho". Felicito-o, de resto.

— Não é agradável ser prisioneiro — observou Odette sem levantar os olhos...

Olhou para ela gravemente:

— Não me faças dizer o que eu não disse! O destino de Mathieu preocupa-me muito. Mas é um tipo sólido e determinado. Sim, sim, muito mais determinado do que pensas, apesar do seu ar distraído; conheço-o melhor do que tu: há muita pose naquelas eternas hesitações; considera-se um tipo importante. Uma vez lá em baixo tratará de arranjar um bom lugar: imagino-o secretário de um oficial alemão ou então cozinheiro... assenta-lhe como uma luva!

Sorriu e repetiu complacentemente:

— Cozinheiro, sim, cozinheiro; como uma luva! Se queres saber o que penso, no fundo acrescentou em confidência —, penso que o cativeiro lhe trará um certo equilíbrio; volta outro.

— Quanto tempo durará? — perguntou Odette com um nó na garganta.

— Como queres que eu saiba?

Abanou a cabeça e prosseguiu:

— O que eu te digo é que não me parece que a guerra possa continuar por muito tempo. O próximo objectivo do exército alemão é a Inglaterra... e o canal é muito estreito.

— Os Ingleses defendem-se — retorquiu Odette.

— Claro, claro. — Abriu os braços desanimado. Nem sei se o devemos desejar. O que devemos desejar? O que devia desejar?

A principio, tudo lhe parecia simples: ela pensara que se devia desejar a vitória, como em 14. Mas ninguém tinha ar de querer isso. Sorrira alegremente, como vira a mãe sorrir no momento da ofensiva de Nivelle; repetira firmemente: "Sim, venceremos! Temos de dizer que não podemos deixar de vencer." E isso horrorizava-a, porque detestava a guerra, mesmo com a vitória. Mas as pessoas abanavam a cabeça sem responder, como se ela tivesse tido falta de tacto. Então, calara-se, tentara fazer-se esquecer por toda a gente; ouviu-os falar da Alemanha, da Inglaterra, da Rússia, nem conseguia compreender o que eles queriam; pensava: "Se ele cá estivesse, explicava-me.". Mas ele não estava, nem escrevia: em nove meses mandara duas cartas a Jacques. "Que pensa ele? Deve saber, deve compreender."

E se ele não compreendia? Se ninguém compreendesse? Levantou bruscamente a cabeça: gostaria de ver em Jacques este ar de segurança confortável que, por vezes, ainda a tranqüilizava, gostaria de ler no seu olhar que tudo estava bem, que os homens tinham razões para ter esperança, razões que lhe escapavam. Esperança de quê? Seria verdade que uma vitória dos Aliados só podia trazer proveito à Rússia? Interrogava este rosto tão familiar e de repente ele

pareceu-lhe novo: viu uns olhos escuros de inquietação; mas tens de reconhecer que é uma loucura.

— Sim — concordou ela. — Sim, é uma loucura.

Ele continuava a olhá-la. Apagou o cigarro no degrau do automóvel e esmagou-o com o pé; aproximou-se dela e disse em voz alta, como para a persuadir:

— Não corríamos qualquer risco.

Odette não respondeu; Jacques prosseguiu com uma voz insistente e calma:

— Estou certo de que os Alemães não vão fazer mal nenhum; farão gala em proceder bem. Era o que ela pensava. Acrescentou:

— Sabemos lá? E se tivessem posto Paris a ferro e fogo!

Ele encolheu os ombros:

— Mas como é que isso podia ser? São idéias de mulheres!

Inclinou-se sobre ela e explicou-lhe pacientemente:

— Ouve, Odette, procura compreender: Berlim desejará certamente, logo, depois do armistício, contar com a França entre os partidários do Eixo; até talvez contem com o nosso prestígio na América para manter os Estados Unidos fora da guerra. Estás a perceber? Numa palavra, mesmo vencidos, temos trunfos. Até teremos — acrescentou com um risinho — uma bela partida a jogar, se os nossos políticos forem capazes. Bom. Pois bem, nestas condições não se concebe que os Alemães se arrisquem a pôr a opinião francesa contra eles por meio de violências inúteis.

— Também é o que eu penso — concordou ela irritada.

— Ah!

Ele olhava-a mordendo o lábio. tinha um ar tão desconcertado que se apressou a acrescentar:

— Mas mesmo assim, como podemos estar certos? Imagina que atiram sobre eles, pelas janelas...

Os olhos de Jacques brilhavam.

— Se houvesse perigo eu teria ficado, decidi-me a partir por que estava certo de que não havia.

Ela via-o, entrando na sala com uma grande calma assustada, ouvi-o ainda dizer com a sua voz mais pausada, acendendo um cigarro com uma mão que tremia: “Odette, faz as malas, o carro está lá em baixo, partimos dentro de meia hora.” Onde quer ele chegar? Riu de modo desagradável.

— Enfim — concluiu Jacques —, é o que se chama abandonar o posto.

— Mas tu não tinhas posto.

— Era chefe de quarteirão — replicou.

Afastou com a mão um objecto possível:

— Sei que é ridículo; e só aceitei após insistência de Champenois. Mas até aí poderia ter sido útil. E, além disso, devíamos dar o exemplo.

Ela olhava-o sem amizade: “Pois bem, sim, sim, sim, devias ter ficado em Paris, não contes comigo para te dizer o contrário.” Suspirou:

— Enfim! O que está, está. Seria demasiado cômodo se só tivéssemos deveres conciliáveis. Aborreço-te, minha querida acrescentou Jacques.

— São escrúpulos masculinos.

— Parece-me que posso compreendê-los — admitiu Odette.

— Naturalmente, minha filha, naturalmente.

Fez um sorriso viril e solitário, depois pegou-lhe no pulso e falou-lhe com voz tranqüilizadora:

— Que poderia acontecer-me? Na pior das hipóteses teriam levado para a Alemanha os homens válidos, e depois? Mathieu está lá bem. É verdade que ele não tem o meu maldito coração. Lembras-te, quando aquele major imbecil me considerou inapto?

— Lembro.

— Fiquei doido, teria feito nem eu sei o quê: lembras-te? Lembras-te de como eu estava furioso?

— Lembro.

Sentou-se no degrau do automóvel e segurou a cabeça com as mãos; olhava em frente.

— Charvoz ficou — disse ele, com os olhos fixos.

— Quê?

— Ficou lá. Encontrei-o esta manhã na garagem, ficou espantado por eu partir.

— O caso dele não é bem o mesmo — replicou Odette maquinalmente.

Não, claro — concordou Jacques amargamente. — Ele é solteiro.

Odette continuava de pé, à sua esquerda, olhava para a cabeça dele, via o couro cabeludo brilhar-lhe nalguns sítios e pensava: "É então isso!" Tinha o olhar vago. Falou entre dentes:

— Não tinha ninguém a quem te confiar.

Ela pôs-se muito direita:

— Fazes o favor de te explicares?

— Disse que não te podia confiar a ninguém. Se tivesse ousado deixar-te em casa da tua tia...

— Queres dizer — perguntou Odette com uma voz trêmula que partiste por minha causa?

— Era um caso de consciência — respondeu ele.

Olhava-a afectuosamente:

— Nestes últimos dias, andavas tão nervosa: metias-me medo. Ela estava muda de espanto: "Mas porquê? Porque se sente obrigado?"

Jacques prosseguia com uma alegria nervosa:

— Deixavas as persianas fechadas, vivíamos no escuro todo o dia, coleccionavas conservas, eu andava todo o dia a pisar latas de sardinhas... E depois, parece-me que Lucienne te irritava, não eras a mesma quando ela saía: assusta-se muito e é parva, acredita em histórias de violações e mãos cortadas.

"Não quero. Não quero dizer-lhe o que ele me quer fazer dizer. O que me restará se o desprezar?" Deu um passo para trás. Ele fitava-a com um olhar de aço, parecia dizer: "Diz. Diz lá então!" E de novo, sob este olhar de águia, sob este olhar de marido, ela sentiu-se culpada. "Talvez ele pensasse que eu tinha vontade de partir, talvez eu tivesse um ar assustado, talvez sentisse medo sem saber. Onde está a verdade? Até aqui, a verdade era o que Jacques dizia; se não acreditar nele, em quem poderei acreditar?" Ela disse, baixando a cabeça:

— Não gostaria de ficar em Paris.

Voltou-se, cruzou os braços sobre o volante. e deixou cair a cabeça sobre as mãos. Ela continuava sentada, com o busto direito, oprimida: vigiava. "Dois suspiros, ainda não está, mexeu-se." Odette não podia pensar em nada enquanto ele tivesse na cabeça essa imagem dela. "Nunca, consegui pensar em nada quando ele estava ao pé de mim. Já está." Jacques dera os três suspiros; ela descontraiu-se um pouco: "É apenas um animal." Ele dormia, a guerra dormia, o mundo dos homens dormia metido naquela cabeça; muito direita no escuro, entre duas janelas cobertas de poeira, no fundo de um lago de luar, Odette velava, uma imagem muito antiga veio-lhe à idéia, corria por um caminho cor-de-rosa, tinha doze anos, parou com o coração a bater de uma alegria inquieta, disse em voz alta. "Sou indispensável." Repetiu: "Sou indispensável", mas não sabia porquê; tentava pensar na guerra, parecia-lhe que encontrara a verdade: "Será verdade que a vitória só trará proveito à Rússia?"

Sentiu-se ceder e a alegria deu lugar à angústia: não sei o suficiente. Teve vontade de fumar. Não era bem vontade era nervo sismo. A vontade aumentou, aumentou, encheu-lhe o peito. Um desejo peremptório e invasor como no tempo da sua infância irreverente; ele tem o maço no bolso do casaco. Porque há-de ser Jacques a fumar? Este gosto a tabaco, na sua boca, deve ser tão aborrecido, tão convencional; porque há-de ele fumar e não eu?

Inclinou-se sobre ele, meteu-lhe a mão no bolso, tirou os cigarros, depois abriu a porta devagarinho e saiu. A lua através da folhagem, os charcos de lua na estrada, o ar fresco, o grito do animal, era tudo dela. Acendeu um cigarro, a guerra dorme, Berlim dorme, Moscovo, Churchill, o Politburo, os nossos políticos dormem, tudo dorme, ninguém via a sua noite, era indispensável; as latas de conservas eram para os meus afilhados de guerra. Apercebeu-se subitamente de que detestava o tabaco; fumou mais um bocadinho e deitou fora o cigarro: já não sabia porque tinha querido fumar. A folhagem murmurava docemente, o campo rangia como um soalho. As estrelas eram animais: Odette tinha medo; Jacques dormia e ela encontrara o mundo obscuro da sua infância, a floresta das...

— Fogo à vontade. Podem acabar com as munições.

— Que é?

— Apelos.

Um arrastar de pés vinham da rua. O tenente sorriu:

— São os nossos queridos do estado-maior, que mandei prender na cave da Câmara. Estão um pouco apertados, mas é só por uma noite: amanhã de manhã os "boches" Ocupar-se-ão deles quando tiverem acabado connosco.

Mathieu olhou para os caçadores: sentia-se envergonhado pelos companheiros, mas os três rostos ficaram impassíveis.

— Ah! — lembrou-se o tenente — Ás onze horas, os habitantes do lugar reúnem-se na praça; não atirem sobre eles. Vou mandá-los passar a noite nos bosques. Depois de terem partido, fogo sobre tudo o que atravessar a estrada. E não desçam sob nenhum pretexto: atiraremos sobre vocês.

Dirigiu-se ao postigo. Os caçadores olhavam em silêncio para, Mathieu e Pinette.

— Meu tenente... — começou Mathieu.

O tenente voltou-se:

— Tinha-me esquecido de vocês. Estes querem combater disse para os outros.

— Têm espingardas e mandei dar-lhes munições. Vejam o que podem fazer com eles. Se atirarem muito mal, tirem-lhes as munições.

Olhou para os caçadores com amizade.

— Adeus, camaradas. Adeus.

— Adeus, meu tenente — saudaram cortesmente.

Hesitou um segundo abanando a cabeça, depois desceu de costas os primeiros degraus da escada e fechou o postigo atrás de si. Os três tipos olhavam para Mathieu e Pinette sem curiosidade nem simpatia. Mathieu deu dois passos para trás e encostou-se a um pilar. A espingarda incomodava-o: tão depressa pegava nela de um, modo desenvolto como a segurava como a um círio. Acabou por pô-la cautelosamente no chão. Pinette foi ter com ele; voltaram as costas à Lua. Os três caçadores, ao contrário, estavam em plena luz. As mesmas manchas escuras sujavam-lhes as faces poeirentas; tinham o mesmo olhar fixo das aves nocturnas.

— Parece que estamos a fazer uma visita — comentou Pinette.

Mathieu sorriu; os três tipos não sorriram. Pinette aproximou-se de Mathieu e segredou-lhe.

— Não gostam muito de nós.

— Também me parece! — concordou Mathieu.

Calaram-se, perturbados. Mathieu debruçou-se e viu, mesmo por baixo de si, as copas arredondadas dos castanheiros.

Vou conversar com eles — disse Pinette. — Fica quieto.

Pinette já se dirigia aos caçadores.

— Chamo-me Pinette. Este gajo é Delarue. Parou e esperou.

O mais alto fez um sinal com a cabeça, mas não disseram como se chamavam. Pinette afinou a voz e continuou:

— Estamos aqui para combater.

Continuavam sem responder. O alto e louro fez um ar carrancudo e virou a cara. Pinette hesitou, desconcertado.

— Que temos a fazer?

O alto e louro inclinara-se para trás; bocejou. Mathieu viu que ele era cabo.

— Que temos a fazer? — repetiu Pinette.

— Nada.

— Como, nada?

— Por agora, nada.

Chasseriau:

— E depois?

— Depois veremos.

Mathieu sorriu-lhes:

— Estamo-vos a chatear? Gostariam mais de estar sós?

O alto e louro olhou-o pensativamente, depois virou-se para Pinette:
— Que fazes tu?
— Sou empregado do metropolitano.
O cabo esboçou um breve sorriso. Mas os seus olhos não riam.
— Pensas que já és civil? Espera um pouco.
— Ah!, queres dizer: aqui?
— Sim.
— Observador.
— E ele?
— Telefonista.
— Auxiliar?
— Sim.
O cabo olhava-o com atenção, como se lhe custasse fixar a atenção sobre ele:
— Que é que não vai bem? Pareces forte...
— O coração.
— Já alguma vez atiraram?
— Nunca — confessou Mathieu.
O cabo voltou-se para os companheiros. Todos abanaram a cabeça.
Faremos o melhor possível — prometeu Pinette com voz sumida.
Fez-se um longo silêncio. O cabo olhava-os e coçava a cabeça. Por fim, suspirou e pareceu decidir-se. Levantou-se e disse abruptamente:
— Eu sou Clapot. É a mim que terão de obedecer. Os outros são Chasseríau e Dandieu e só têm de fazer o que eles disserem, porque há quinze dias que estamos a combater e estamos habituados. É isso?
— Há quinze dias? — repetiu Pinette incrédulo. — Como?
— Cobríamos a vossa retirada — respondeu Dandieu.
Pinette corou e baixou os olhos. Mathieu sentiu que se lhe contraiam os maxilares. Clapot explicou em tom mais conciliador:
— Missão de retardamento.
Olharam-se sem dizer nada. Mathieu não se sentia à vontade, pensava: "Nunca seremos dos deles. Bateram-se quinze dias seguidos e nós, nós fugíamos pelas estradas. Seria cômodo, se bastasse juntarmo-nos a eles quando,lançam o fogo-de-artifício final. Nunca dos seus, nunca. Os nossos estão lá em baixo, na cave, enterrados na vergonha e na desgraça, e o nosso lugar é com eles e deixámo-los no último instante, por orgulho."
Debruçou-se, viu as casas negras, a estrada que brilhava; repetiu: "o meu lugar é lá em baixo, o meu lugar é lá em baixo", e sentia no coração que nunca mais poderia descer. Pinette encavalitou-se no parapeito, com certeza para parecer mais à vontade.
— Desce daí! — ralhou Clapot. — Podes revelar a nossa posição.
— Os alemães ainda vêm longe.
— Que sabes tu disso?
— Estou a dizer-te que desças.
Pinette deu um salto para o chão, de mau-humor, e Mathieu pensou: "Nunca nos aceitarão." Pinette aborreci-o: mexia-se, falava quando devia estar

calado, suster a respiração e passar despercebido. Mathieu sobressaltou-se: uma enorme detonação, rouca e pesada, rebentou-lhe no ouvido. Houve uma segunda, uma terceira: gritos de bronze e o chão que vibrava debaixo dos pés. Pinette riu nervosamente:

— Não precisas de ter medo: é o relógio a dar horas.

Mathieu desviou os olhos para os caçadores e viu com satisfação que também se tinham sobressaltado.

— São onze horas — observou Pinette.

Mathieu arrepiou-se: tinha frio, mas não era desagradável. Estava num alto, acima dos tectos, acima dos homens e sentia frio, e estava escuro. "Não, não descerei por nada deste mundo."

— Olha para os civis que estão a partir.

Debruçaram-se todos sobre o parapeito. Viu manchas que remexiam sob a folhagem, dir-se-ia o fundo do mar. Na rua principal abriram-se as portas devagar, saíam homens, mulheres e crianças. A maior parte levava embrulhos ou malas. Formaram-se pequenos grupos na calçada: pareciam esperar. Depois os grupos fundiram-se num só cortejo, que se moveu lentamente para sul.

— Dir-se-ia um enterro — comentou Pinette.

— Pobre gente! — disse Mathieu.

— Não te preocupes com eles — respondeu secamente Dandieu. — Tornarão a encontrar o seu ninho. Raramente os alemães deitam fogo às aldeias.

— E aquilo? — perguntou Mathieu apontando para Roberville.

— Não é bem a mesma coisa: os aldeões combatiam connosco.

Pinette pôs-se a rir:

— Pois não, não era como aqui! Estes tinham imenso medo.

Dandieu olhou para ele:

— Se vocês não combatiam, como queriam que fossem os civis a começar?

— De quem é a culpa? — perguntou Pinette furioso, — De quem é a culpa de não combatermos?

— Não sei.

— Dos oficiais! Foram os oficiais que perderam a guerra.

— Não digas mal dos oficiais — disse Clapot. — Não tens o direito de dizer mal deles.

— Era mesmo o que faltava.

— Ao pé de nós não dizes — insistiu Clapot com firmeza. Porque repara bem: à parte o tenente, que não tem culpa nenhuma, todos os nossos lá ficaram.

Pinette quis explicar-se; estendeu os braços para Clapot e depois deixou-os cair:

— Não nos podemos entender — lamentou, desanimado.

Chasseríau olhava para Pinette com curiosidade:

— Mas que vieram cá fazer?

— Viemos para combater, já te disse.

— Mas porquê? Ninguém vos obrigou.

Pinette, a gozar:

— Porque sim. Para nos divertirmos.

— Pois então vão mesmo divertir-se — disse Clapot severamente —, sou eu que vo-lo digo.

Dandieu ria condoído:

— Estás a ouvi-los: vêm-nos visitar, para se divertirem, para verem como é a guerra; querem fazer um bocado de tiro aos pombos. E ninguém os obriga!

— E tu, espécie de idiota — perguntou Pinette —, quem te obriga a combater?

— Nós, não é bem assim: somos caçadores.

— E então?

— Um caçador é para lutar.

Abanou a cabeça:

— Se não fosse isso, não ia atirar por prazer.

Chasseríau olhava para Pinette com um misto de espanto e repulsa:

— Já pensaram que vão arriscar a pele?

Pinette encolheu os ombros sem responder.

— Porque, se já pensaste — prosseguiu Chasseríau —, és ainda mais parvo do que pareces. Ninguém arrisca a pele sem ser obrigado.

— Éramos obrigados — interveio bruscamente Mathieu — Éramos obrigados. Estávamos fartos e não sabíamos que fazer.

Apontou para baixo, para a escola:

— Para nós, era o campanário ou a cave.

Dandieu pareceu impressionado; a expressão descontraiu-se ligeiramente. Mathieu prosseguiu:

— Que fariam no nosso lugar?

Não respondiam. Insistiu:

— Que fariam?

Dandieu abanou a cabeça:

— Talvez tivesse escolhido a cave. Verás: isto não é muito divertido.

— Claro que não — concordou —, mas também não é divertido estar fechado na cave enquanto os outros se batem.

— Isso é verdade — assentiu Chasseríau.

— Pois é — reconheceu Dandieu.

— Não se devem sentir muito orgulhosos.

Mostravam-se menos hostis. Clapot olhou para Pinette com uma espécie de surpresa, depois voltou-se e aproximou-se do para peito. A dureza febril do seu olhar desapareceu, tinha um ar vago, olhava calmamente para a noite, para os campos infantis e lendários, e Mathieu não sabia se era a serenidade da noite que se reflectia neste rosto ou a solidão deste rosto que se reflectia na noite.

— Clapot! — chamou Dandieu.

Clapot endireitou-se e retomou o ar grave de especialista.

— Que é?

— Vou dar uma volta lá por baixo; pareceu-me ver qualquer coisa.

— Vai.

Quando Dandieu levantou o postigo, uma voz de mulher subiu até eles:

— Henri! Henri!

Mathieu debruçou-se para a rua. Retardatários corriam em todos os sentidos, como formigas apressadas; na estrada, ao pé do correio, viu uma sombra. Henri! A expressão de Pinette carregou-se, mas não disse nada. Algumas mulheres tinham agarrado a empregada dos correios pelo braço e tentavam levá-la. Ela debatia-se e gritava:

— Henri! Henri!

Libertou-se, correu para os correios e fechou a porta atrás de si.

— Que disparate! — disse Pinette entre dentes.

Tamborilava com os dedos no parapeito de pedra:

— Ela devia ir com os outros.

— Pois devia — concordou Mathieu.

— Vai acontecer-lhe alguma coisa.

— De quem é a culpa?

Ele não respondeu. O postigo levantou-se:

— Ajudem-me.

Abriram o postigo: Dandieu emergiu da sombra; trazia duas enxergas às costas.

— Encontrei isto.

Clapot sorriu pela primeira vez: parecia encantado.

— Estamos com sorte! — gracejou.

— Que vão fazer com isto? — perguntou Mathieu.

Clapot olhou para ele surpreendido.

— Para que pensas que serve uma enxerga? Para enfiar pérolas?

— Vocês vão dormir?

— Primeiro vamos comer — explicou Chasseríau.

Mathieu olhou para eles, muito atarefados à volta das enxergas e tirando latas de conservas das sacolas: "Será que não compreendem que vão morrer?" Chasseríau descobrira um abre-latas; abriu três com gestos rápidos e precisos, depois sentaram-se e tiraram os canivetes dos bolsos. Clapot olhou para Mathieu, por cima do ombro:

— Vocês não têm fome? — perguntou.

Há dois dias que Mathieu não comia; a saliva enchia-lhe a boca.

Eu! — respondeu. — Não.

— E o teu camarada?

Pinette não falou. Estava debruçado no para-peito e olhava para o correio.

— Vamos — insistiu Clapot. — Comam: não é comida que falta.

— Quem combate — observou Chasseríau — tem direito a comer.

Dandieu meteu a mão na sacola e tirou duas latas, que estendeu a Mathieu. Este pegou-lhes e bateu no ombro de Pinette, que estremeceu:

— Que é?

— É para ti: come!

Mathieu pegou no abre-latas que Dandieu. estendia; apoiou-se no rebordo de ferro e carregou com toda a força. Mas a lâmina deslizou sem cortar, saiu da ranhura e veio cortar-lhe o polegar esquerdo.

— Que falta de jeito — comentou Pinette. Magoaste-te?

— Não, disse Mathieu.

— Dá cá.

Pinette abriu as duas latas e comeram em silêncio, ao pé de um pilar: não tinham ousado sentar-se. Escavavam as latas com os canivetes e espetavam os bocados de carne com a ponta das lâminas. Mathieu mastigava conscienciosamente, mas sentia a garganta paralisada: a carne não lhe sabia a nada e custava-lhe a engolir. Sentados nas enxergas, os três caçadores debruçavam-se sobre a comida aplicadamente; os canivetes brilhavam ao luar.

Tenhamos calma — disse Chasseríau, sonhador, estamos a comer na torre de uma igreja.

Na torre de uma igreja. Mathieu baixou os olhos. Por baixo deles, um odor a pimenta e incenso, aqticla frescura e os vitrais que brilhavam tenuamente nas trevas da fé. Debaixo deles havia confiança e esperança. Tinha frio; via o céu, respirava o.céu, pensava para o céu, estava nu num glaciar, muito alto; muito longe, atrás dele, estava a sua infância. Clapot inclinava a cabeça para trás, comia e olhava para o céu:

— Olha para a Lua — disse a meia voz.

— Quê? — perguntou Chasseríau.

— A Lua. Não está maior do que habitualmente?

De repente baixou os olhos:

— Venham comer connosco, vocês: não se come de pé.

Mathieu e Pinette hesitavam.

— Vamos, vamos! — insistiu Clapot.

— Vem! — ordenou Mathieu a Pinette.

Sentaram-se; Mathieu sentia o calor de Clapot contra a sua anca. Tinham-se calado: era a última refeição e era sagrada.

— Temos rum — disse Dandieu. — Mas é pouco: apenas um gole para cada um.

Fizeram circular um cantil e cada um pôs os lábios onde os outros haviam bebido. Pinette inclinou-se sobre Mathieu: Parece-me que nos adoptaram. Parece. Não são maus tipos. Gramo-os.

— Eu também.

Dandieu! — ordenou, olhando para Mathieu. — Tu e ele fazem a guarda.

— Está bem. Chasseríau.

Pinette e Clapot estenderam-se lado a lado sobre as enxergas. Dandieu tirou um cobertor do saco e cobriu com ele os três corpos. Pinette estendeu-se voluptuosamente, piscou o olho idosamente a Mathieu e fechou os olhos.

— Eu vigio deste lado — disse Dandieu. — E tu, desse. Se houver alguma coisa, não faças nada sem me prevenir.

Mathieu foi para um canto e perscrutou os campos. Pensava que ia morrer e achava engraçado. Olhava para os tectos escuros, para a serena fosforescência da estrada por entre as árvores azuis, para toda esta terra sumptuosa e inabitável e pensava: “Morro para nada.” Um ressonar regular sobressaltou-o, virou-se: os tipos já estavam a dormir; Clapot, de olhos fechados, rejuvenescido, sorria aos anjos; Pinette também sorria. Mathieu inclinou-se sobre ele e olhou-o, demoradamente; pensava: “Que pena!” Do outro lado do terraço, Dandieu Tinha-se curvado para a frente, com as mãos nas coxas, em posição de guarda-redes.

— Ei! — chamou Mathieu em voz baixa.
— Que é?
— Eras jogador?
Dandieu virou-se para ele, espantado:
— Como sabes?
— Vê-se.
Acrescentou:
— E que tal?
— Com um pouco de sorte, talvez chegasse a profissional.

Acenaram com a mão e Mathieu voltou para o seu posto. Pensava: "Vou morrer para nada", e tinha pena de si próprio. Por um momento, as suas recordações agitaram-se como folhagem ao vento. Todas as suas recordações; amava a vida. Uma pergunta inquietante continuava dentro de si: "Teria o direito de abandonar os camaradas? Terei o direito de morrer para nada?" Endireitou-se, apoiou-se com as duas mãos no parapeito e abanou a cabeça furiosamente. "Basta! Pouco me importam os que lá estão em baixo, pouco me importam os outros. Acabam-se os remorsos, as reservas, as restrições: ninguém pensa em mim, ninguém se lembrará de mim, ninguém pode resolver por mim." Decidiu-se sem remorsos, com conhecimento de causa. Decidiu, e, neste momento, o seu coração escrupuloso e piedoso esvoaçou de galho em galho; já não tem coração: acabou-se. "Decido que a morte era o sentido secreto da minha vida, que vivi para morrer; morro para testemunhar que é impossível viver; os meus olhos apagarão o mundo e fechá-lo-ão para sempre." A Terra apresentava a este moribundo a sua face voltada, o céu naufragado corria, através dela com todas as estrelas: mas Mathieu vigiava sem se dignar aproveitar estas prendas inúteis. Terça-feira, 18 de Junho, cinco horas e quarenta e cinco minutos.

— Lola!

Acordou enjoada como todas as manhãs e, como todas as manhãs, tornou a instalar-se no seu velho corpo apodrecido.

— Lola! Estás a dormir?
— Não — respondeu.
— Que horas são?
— Cinco e quarenta e cinco.
— Cinco e quarenta e cinco? E o meu patife já está acordado? Modificaram-no.
— Vem cá! — pediu ele.
"Não", pensou ela. "Não quero,que ele me toque".
— Boris...

"O meu corpo repugna-me, mesmo que não te repugne a ti, é uma burla, está podre e tu não o sabes, se soubesses ficavas horrorizado."

— Boris, estou cansada...

Mas ele já a tinha agarrado pelos ombros; era um peso em cima dela. "Vais entrar numa ferida. Quando ele me tocava eu transformava-me em veludo. Agora, o meu corpo é de terra seca; debaixo dele sinto-me fender, e esboroar, ele funde-me." Rasgava-a até ao fundo do ventre como uma lâmina, tinha um ar distante e maníaco, de insecto, de uma mosca que sobe por uma vidraça e cai e

torna a subir. Ela só sentia a dor; ele estava a arfar, a transpirar, excitava-se. "É no meu sangue que ele se excita, na minha doença." Ela pensou: "Não admira! Há seis meses que não está com uma mulher; faz amor como um soldado num bordel." Alguma coisa se mexeu dentro dela, um bater de asas; mas não: nada. Ele colou-se-lhe, só os seios se mexiam, depois afastou-se bruscamente e os seios de Lola fizeram um barulho de ventosa que se descola; ela teve vontade de rir, mas olhou para Boris e a vontade de rir desapareceu; tinha uma expressão dura e carregada, fazia amor como quem se embriaga, devia querer esquecer alguma coisa. Acabou por se deixar cair sobre Lola, semimorto; ela acariciou-lhe maquinalmente a nuca e os cabelos; estava fria e tranqüila, mas sentia grandes badaladas que lhe subiam violentamente do ventre até ao peito: era o coração de Boris que batia dentro dela. "Estou velha, estou demasiado velha." Toda esta ginástica lhe pareceu grotesca e afastou-o docemente.

— Tira-te de cima de mim.

— Quê?

Ele levantara a cabeça e olhava-a surpreendido.

É por causa do meu coração — desculpou-se ela.

— Está a bater com muita força e tu abafas-me.

Boris sorriu, deixou-se escorregar de cima dela e ficou deitado de barriga para baixo, a cara na almofada, os olhos fechados, uma estranha ruga ao canto da boca. Lola apoiou-se num cotovelo e olhou para ele: tinha um ar tão familiar, tão habitual, já não o podia observar. Era como se ele fosse a sua própria mão; não sentia nada. E ontem, quando ele aparecera no pátio, belo como uma rapariga, não sentira nada. Nada, nem mesmo este gosto a febre, nem este imenso peso no ventre: olhava para esta cara demasiado conhecida e pensava: "Estou só."

Esta cabecinha, esta cabecinha por onde tantas vezes passavam estranhos segredos, quantas vezes a apertara nas mãos; persistia, interrogava, suplicava, gostaria de a abrir como uma romã e lamber o que estava lá dentro; por fim, o segredo escapava-se e, como nas romãs, ficava um pouco de água açucarada. Olhava para ele com rancor, censurava-o por não a ter sabido perturbar, olhava para a ruga amarga que ele tinha na boca: se perdeu a alegria, que lhe resta? Boris abriu os olhos e sorriu:

— Estou muito contente por estares aqui, minha doida.

Ela retribuiu-lhe o sorriso: "Agora, sou eu que tenho um segredo e bem podes tentar que eu to diga."

Ele endireitou-se, destapou-a e olhou atentamente para o corpo de Lola; passou-lhe a mão levemente pelos seios; ela sentiu-se perturbada.

— Como mármore — disse.

Lola pensou no bicho imundo que crescia na noite da sua carne e o sangue subiu-lhe ao rosto.

— Orgulho-me de ti — continuou Boris.

— Porquê?

— Porque sim!

Os tipos, no hospital, ficaram de boca aberta. Lola sorriu levemente:

— Não te perguntaram o que fazias com uma velha como eu? Não pensaram que eu era a tua mãe?

— Lola! — protestou Boris zangado.

Riu-se, iluminado por uma recordação, e a juventude reapareceu no seu rosto.

— De que te ris?

— De Francillon. Tem uma moça bem boa, que ainda não fez dezoito anos; pois bem, disse-me logo: "Se quiseres, trocamos já."

— É muito simpático — disse Lola.

Um pensamento passou como uma nuvem pelo rosto de Boris, e o olhar ensombrou-se-lhe. Ela olhava-o sem amizade: "Claro, claro, tens preocupações como toda a gente." Se lhe falasse das suas, que diria? Que faria se lhe dissesse: "Tenho um tumor no útero, tenho de ser operada e, na minha idade, pode correr mal." Arregalaria os olhos e responderia: "Não posso acreditar!" Dir-lhe-ia que sim, ele diria que não era possível, que se curaria com drogas, com raios X, que tinha manias. Lola explicaria: "Não foi por causa do dinheiro que voltei a Paris, foi para consultar Le Goupil e ele foi categórico".

Boris diria que Le Goupil é parvo, que não devia ter lá ido, negaria, protestaria, abanaria a cabeça com um ar aborrecido e depois calava, e, sem mais argumentos, olhava para ela com um olhar de catástrofe e cheio de rancor. Levantou o braço nu e agarrou Boris pelos cabelos.

— Vamos, meu tolo! Desembucha. Diz-me o que é que não vai bem.

— Está tudo bem — respondeu ele com um ar falso. — Espantas-me. Não está nos teus hábitos acordar às cinco da manhã.

Ele repetiu sem convicção:

— Está tudo bem.

— Estou a ver — continuou ela. — Tens qualquer coisa a dizer-me, mas queres que seja eu a arrancar-ta a ferros.

Sorriu e meteu a cabeça debaixo do braço de Lola. Respirou e disse:

— Cheiras bem.

Ela encolheu os ombros:

— Então? Falas ou não?

Abanou a cabeça, aterrorizado. Lola calou-se e deitou-se de costas: "Pois bem, não fales! Paciência. Está comigo, fazemos amor, mas morrerei sozinha." Ouviu Boris suspirar e virou a cabeça para ele. Tinha uma expressão triste e carregada que ela não conhecia. Pensou sem entusiasmo: "Bem! Vou tratar de ti." Seria preciso interrogá-lo, observá-lo, interpretar a sua mímica, como no tempo em que ele tinha ciúmes, passar maus bocados até que confessasse o que está morto por dizer.

— Sentiu-se bem! Dá-me o roupão e um cigarro.

— Para que é o roupão? Estás melhor assim.

— Dá-me o roupão. Tenho frio.

Levantou-se, nu e moreno, Lola desviou os olhos; Boris pegou no roupão, aos pés da cama, e deu-lho. Vestiu-o; hesitou um segundo, depois enfiou as calças e sentou-se numa cadeira. Pareceu-lhe ver um clarão nos olhos de Boris.

— Não é verdade! — disse ele.

— Sim, é verdade — concordou ela.

— Mas és um tolo, demasiado seguro dos teus encantos.

O clarão desapareceu; ele olhava para os joelhos e Lola via-lhe os maxilares a mexer.

— E agrada-te, essa vida? — perguntou ela.

— Estarei sempre bem se estiver contigo — replicou Boris amavelmente.

— Dizias que não gostarias nada de ser professor.

— Que queres que faça, nesta situação? Vou dizer-te o que se passa — prosseguiu.

— Enquanto combatia não fazia perguntas. Mas agora pergunto a mim próprio para que é que, fui feito.

— Querias escrever.

— Nunca pensei nisso muito a sério: não tenho nada a dizer. Compreendes, pensava que ficava na guerra, fui apanhado desprevenido.

Lola olhava para ele atentamente.

— Lamentas que a guerra tenha acabado?

— Não acabou — disse Boris. — Os Ingleses estão em combate; dentro de seis meses os Americanos estarão na brecha.

— Em todo o caso, para ti acabou.

— Sim — concordou Boris —, para mim.

Lola continuava a olhar para ele.

— Para ti e para todos os franceses — insistiu ela.

— Para todos, não — contrariou ele com ardor. — Há quem esteja em Inglaterra disposto a bater-se até ao fim.

— Estou a ver — disse Lola.

Ela acabou de fumar e atirou com a beata para o chão. Falou calmamente:

— Tens possibilidade de partir?

— Oh!, Lola! — exclamou Boris com um ar de admiração reconhecimento.

— Sim — confirmou —, sim. Tenho possibilidades.

— Como?

Tinha os ombros curvados e os braços caídos; pela primeira vez na vida, parecia não saber o que havia de fazer ao corpo. Lola estava-lhe grata por não se mostrar demasiado contente.

Lola! — exclamou ele. — Pois é: é preciso andar depressa.

— Tão cedo!

Foi até à janela e abriu-a: olhava para os mastros oscilantes dos barcos de pesca, os cais desertos, o céu rosado e pensava: "Amanhã à noite." Faltava romper uma amarra, só uma. Quando isso acontecesse, voltar-se-ia. Tanto faz ser amanhã à noite como noutro dia. A água remexia docemente nos charcos da aurora. Lola, ouviu ao longe a sereia de um barco. Quando se sentiu completamente liberta, olhou-o.

Se quiseres partir — disse —, não te prendas comigo.

A frase custara a sair, mas, agora, Lola sentia-se vazia e aliviada. Olhava para Boris e pensava, sem saber porquê: pobre rapaz, pobre rapaz. Boris tinha-se levantado bruscamente. Veio ter com ela e agarrou-a pelo braço:

Lola! Estás a magoar-me — protestou ela.

Largou-a; mas olhava-a, com um ar desconfiado.

— Não te custaria?

— Sim — respondeu compenetrada. — Custava-me, mas era melhor do que seres professor em Castelnaudary.

Pareceu aliviado:

— Tu também não gostarias de lá viver? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela —, também não.

Estendeu a mão e pousou-a no ombro de Lola; ela teve vontade de o afastar, mas conteve-se. Sorria-lhe, sentia o peso da sua mão ele já não lhe pertencia, estava em Inglaterra, já estavam os dois mortos, cada um para seu lado.

— Tinha recusado, sabes! — disse ele com voz trêmula. Tinha recusado!

— Eu sei.

— Não pareces muito aborrecida por me veres partir. Isso choca-me.

Choca-te? — repetiu Lola.

— Choca-me? Desatou a rir.

Seis horas da manhã. Mathieu resmungou, sentou-se e esfregou a cabeça. Um galo cantava, o sol estava quente e alegre, mas ainda baixo.

— Que lindo dia! — disse Mathieu.

Ninguém respondeu: estavam todos ajoelhados atrás do parapeito. Mathieu olhou para o relógio e viu que eram seis horas: ouvia um roncar longínquo e intenso. Agachou-se e dirigiu-se aos companheiros.

— Que é? Um avião?

— Não: são eles. Infantaria motorizada.

Mathieu endireitou-se atrás dos ombros dos companheiros.

— Atenção — respondeu Clapot. — Agüenta-te bem: eles têm binóculos.

Duzentos metros antes das primeiras casas, a estrada desviava-se para oeste, desaparecia atrás de uma colina cheia de ervas, deslizava entre os edifícios da fábrica de moagem, que a encobriam, para vir ter à aldeia, obliquamente, em direcção a sudoeste. "São alemães!", e teve medo. Estranho medo, quase religioso, uma espécie de horror sagrado. Aos milhares, olhos estranhos devoravam a aldeia. Olhos de super-homens e de insectos. Mathieu foi invadido por uma evidência horrível: "Verão o meu cadáver."

— Estarão cá dentro de minutos — disse sem querer.

Não responderam. Ao fim de um instante Dandieu. falou com voz pausada e lenta:

— Não duraremos muito.

— Para trás — ordenou Clapot.

Recuaram e sentaram-se os quatro numa enxerga. Chasseríau e Dandieu pareciam duas ameixas pretas e Pinette começava a parecer-se com eles: tinham o mesmo tom terroso e os mesmos grandes olhos doces, sem fundo. "Tenho esses olhos de corça", pensou Mathieu. Clapot deixara-se cair para trás; começou a falar-lhes por cima do ombro: Vão parar à entrada da aldeia e enviarão motorizadas em missão de reconhecimento. Não atirar sobre eles. Chasseríau bocejou; o mesmo bocejo, doce como uma náusea, abria a boca de Mathieu. Tentou lutar contra a angústia, aquecer-se no ódio, disse para consigo: "Somos combatentes, santo Deus! Não somos vítimas!" Mas não era um ódio verdadeiro. Bocejou de novo. Chasseríau olhava para ele com simpatia:

— Custa começar — animou-o ele.

— Depois, verás: habituas-te.

Clapot virou-se sobre si próprio e acocorou-se em frente deles:

— Só há uma ordem: defender a escola e a Câmara; eles não devem aproximar-se. Os camaradas que estão lá em baixo darão o sinal; quando começarem a atirar, fogo à vontade. E lembrem-se: enquanto eles puderem bater-se o nosso papel será apenas de protecção.

Olhavam para ele com um ar dócil e aplicado:

— E depois? — perguntou Pinette.

Clapot encolheu os ombros:

— Oh!, depois.

— Parece-me que agüentaremos muito tempo — disse Dandieu.

— Não se pode saber. É provável que tenham algum canhão de infantaria: temos de arranjar maneira de impedir que o utilizem. Arriscamo-nos, mas eles também, porque a estrada e a praça fazem ângulo.

Tornou a pôr-se de joelhos e deslizou até ao parapeito. Observava o campo, escondido atrás de um pilar.

Dandieu! Que é? — Vem cá.

Explicou sem se voltar:

— Nós os dois, Dandieu, atacamos de frente. Chasseríau, tu pões-te do lado direito e Delarue do lado esquerdo. No caso de eles tentarem cercar-nos, tu, Pinette, vais para o outro lado.

Chasseríau arrastou uma enxerga para oeste e pô-la contra o parapeito; Mathieu pegou no cobertor e pôs-se de joelhos em cima dele. Pinette estava furioso:

— A mim mandam-me para trás.

— Queixa-te — replicou Chasseríau.

— Eu vou ter de gramar o sol de frente.

Encostado ao pilar, Mathieu estava de frente para a Câmara; curvando-se ligeiramente para a direita, via a estrada. A praça era um fosso de sombra venenosa, uma armadilha; sentiu-se mal só de olhar para lá. Nos castanheiros, os pássaros cantavam.

— Atenção.

Mathieu reteve a respiração: dois motociclistas de negro com capacetes apareciam na rua; dois cavaleiros sobrenaturais. Procurou em vão distinguir-lhes as feições: impossível. Duas cinturas finas, quatro longas coxas paralelas, um par de cabeças redondas e lisas, sem olhos nem boca. Rolavam com sacudidelas mecânicas, com a empertigada nobreza de personagens articuladas que avançam no mostrador de velhos relógios quando a sua hora chega. E tinha chegado!

— Não atirem!

Os motociclistas deram a volta ao terreiro produzindo estampidos. Ninguém se mexeu, além dos pardais que levantaram vôo: a praça fingia-se morta.

Mathieu, fascinado, pensava: “São os alemães.” Deram uma volta em frente da Câmara, passaram mesmo por baixo de Mathieu, que viu estremecer as grandes patas de couro assentes no guiador, e meteram-se pela rua principal. Um instante depois reapareceram, muito direitos, pregados às suas selas e retomaram a toda a velocidade o caminho por onde tinham vindo.

Mathieu estava contente por Clapot os ter proibido de atirar: pareciam-lhe invulneráveis. Os pássaros voltejaram ainda por um momento, depois meteram-se por entre a folhagem. Clapot disse:

— É a nossa vez.

Um travão rangeu, as portas bateram, Mathieu ouviu vozes e passos: caiu num entorpecimento que se,.assemelhava a sono, tinha de lutar para manter os olhos abertos. Olhava para a estrada através das pálpebras semicerradas e sentia-se conciliador. Se descessem, largando as espingardas, cercá-los-iam; talvez dissessem: "Amigos franceses, acabou a guerra."

Os passos aproximavam-se. "Não nos fizeram nada, não pensam em nós, não nos querem mal." Fechou os olhos bem fechados: o ódio ia subir ao céu. "Verão o meu cadáver, dar-lhe-ão pontapés." Não tinha medo de morrer, tinha medo do ódio. Pronto! Ouviu estoiros, abriu os olhos: a rua estava deserta e silenciosa; tentou pensar que sonhara. Ninguém atirou, ninguém...

— Idiotas! — murmurou Clapot.

Mathieu sobressaltou-se; Que idiotas? — Os da Câmara. Atiraram demasiado cedo. Devem estar cheios de medo, senão tinham esperado.

O olhar de Mathieu percorreu com dificuldade a calçada, pelo pavimento, pelos tufos de erva do chão, até à esquina da rua. Ninguém. O silêncio; é uma aldeia em Agosto, os homens estão nos campos. Mas sabia que do outro lado do muro se forjava a sua morte: procuravam fazer-lhe o pior mal possível. Caiu, na ternura; gostava de toda a gente: dos Franceses, dos Alemães, de Hitler. Numa espécie de sonho ouviu gritos, seguidos de uma violenta explosão e de vidros partidos, depois tudo recomeçou a estoirar. Crispou a mão na espingarda para a impedir de cair.

— Curta de mais, a granada — observou Clapot entre dentes.

Estoiros consecutivos; os "boches" tinham começado a atirar; mais duas granadas explodiam. Se isto pudesse parar por um momento para eu me recompor. Mas continuava, estoirava, explodia cada vez mais; na sua cabeça, uma roda dentada rodava continua mente: cada dente desta engrenagem era um tiro. Santo Deus! E se, além de tudo, eu sou um cobarde!

Voltou-se e olhou para os camaradas: acocorados sobre os calcanhares, pálidos, com os olhos brilhantes e duros, Clapot e Dandieu observavam. Pinette voltara as costas, com a nuca muito direita; tinha coreia ou um ataque de riso: os ombros davam solavancos. Mathieu escondeu-se atrás do pilar e debruçou-se prudentemente. Conseguia manter os olhos abertos, mas não foi capaz de voltar a cabeça para a Câmara: olhava para o sul deserto e calmo, fugia para Marselha, para o mar. Mais uma explosão seguida de derrocadas secas na ardósia do campanário.

Mathieu esbugalhou os olhos, mas a estrada fugia a toda a velocidade debaixo dele, os objectos corriam, deslizavam, misturavam-se, afastavam-se, era um sonho, cavava-se um fosso que o atraía, era um sonho, a estrada de fogo rodopiava, rodopiava como a roda do vendedor de barquilhos; estava quase a acordar na sua cama quando viu um sapo que rastejava em direcção ao campo de batalha. Durante um momento Mathieu olhou com indiferença para este animal achatado, depois o sapo transformou-se num homem. Mathieu via com uma

nitidez extraordinária as duas rugas da sua nuca rapada, o casaco verde, o cinturão, as botas moles e pretas. “Deve ter dado a volta pelos campos, rasteja até à Câmara para lançar a granada.”

O alemão rastejava apoiado nos cotovelos e nos joelhos, a mão direita, que tinha levantada, agarrava num bastão terminado por um cilindro de metal em forma de marmita. “Mas”, disse Mathieu, “mas, mas...”; a estrada parou de correr, a roda dentada imobilizou-se, Mathieu deu um salto, encostou a espingarda ao ombro, o seu olhar endureceu: de pé e pesado num mundo de sólidos, tinha um inimigo na ponta da espingarda e apontava-lhe tranqüilamente para os rins. Fez um risinho de superioridade: o famoso exército alemão, o exército de super-homens, o exército de gafanhotos, era este pobre tipo, comovedor à força de tantas faltas cometidas, que se afundava em erros e ignorância, que se afadigava com o zelo cômico de uma criança.

Mathieu não tinha pressa, espiava o homem, tinha tempo: o exército alemão é sim, alguma coisa acontecera. “Alguma coisa de definitivo”, pensou ele rindo com vontade. Tinha os ouvidos cheios de detonações e gritos, mas mal os ouvia; olhava com satisfação para o morto; pensava: “Sentiu-a passar, santo Deus! Apercebeu-se, este apercebeu-se!” O seu morto, a sua obra, o rasto da sua passagem pela Terra. Veio-lhe o desejo de matar mais: era divertido e fácil; queria mergulhar a Alemanha no luto.

— Atenção!

Um tipo deslizava junto à parede, com uma granada na mão. Mathieu apontou para este ser estranho e desejável; o coração batia com força.

— Merda! Falhou.

A coisa encolheu-se toda, tornou-se um homem assustado que olhava à sua volta sem compreender. Chasseríau atirou. O tipo estendeu-se como uma mola, endireitou-se, deu um salto e, com um movimento do braço, atirou a granada e caiu de costas no meio da calçada. No mesmo instante partiram-se vidros e Mathieu viu, num atordoante e pálido clarão, sombras que se contorciam no rés-do-chão da Câmara, depois veio a escuridão; manchas amarelas passavam-lhe pelos olhos. Estava furioso com Chasseríau.

— Merda! — repetiu com raiva. — Merda! Merda!

— Não te inquietes — sossegou-o o outro. — Ele falhou: os camaradas estão no primeiro.

Mathieu piscava os olhos e sacudia a cabeça para se desembaraçar das manchas amarelas que o ofuscavam.

Atenção recomendou ele —, eu estou cego.

Já passa disse Chasseríau.

— Santo Deus, aponta para Mathieu debruçar-se; assim via o melhor. O “boche”, deitado de costas, com os olhos muito abertos, esperava. Mathieu encostou a espingarda ao ombro. O tipo que eu atingi ainda mexe.

Serás doido! — gritou Chasseríau. — Não desperdices balas.

Mathieu,largou a espingarda aborrecido. “Vai safar-se, aquele gajo!”, pensou.

A porta da Câmara abriu-se de par em par. Um tipo apareceu na soleira da porta e avançou com uma espécie de nobreza. Estava nu até à cintura: parecia

todo esfolado. Das suas faces vermelhas e raspadas pendiam pedaços de carne. Começou a gritar, vinte espingardas dispararam ao mesmo tempo, cambaleou e abateu-se nos degraus da entrada.

— Não é dos nossos — disse Chasseríau.

— É — replicou Mathieu com uma voz estrangulada pela .raiva.

— É dos nossos, chama-se Latex.

As mãos tremiam-lhe, os olhos doíam-lhe: repetiu com uma voz hesitante:

— Chamava-se Latex. Tinha seis filhos.

E depois, bruscamente, debruçou-se e apontou para o ferido, cujos olhos pareciam olhar para ele.

— Vais pagar-mas, patife.

— Estás doido! — gritou Chasseríau. — Disse-te que não desperdiçasses balas.

— Deixa-me — protestou Mathieu.

Não tinha pressa de atirar: "Se ele me está a ver, o patife, não deve estar muito contente." Apontou-lhe para a cabeça, atirou: a cabeça estoirou, mas o tipo continuava a mexer-se.

— Patife! — gritou Mathieu. — Patife!

— Presta atenção, santo Deus! Atenção ao lado esquerdo!

Cinco ou seis alemães tinham acabado de aparecer. Chasseríau e Mathieu puseram-se a atirar, mas os alemães haviam mudado de técnica. Continuavam de pé, escondiam-se pelos recantos e pareciam esperar.

— Clapot! Dandieu! Venham — chamou Chasseríau. — Vai haver tiroteio.

— Não posso — respondeu Clapot.

— Pinette! — gritou Mathieu.

Pinette não respondeu. Mathieu não ousou voltar-se.

— Atenção!

Os alemães tinham começado a correr. Mathieu atirou, mas já haviam atravessado a calçada.

— Santo Deus — gritou Clapot do seu lugar. — Há "boches" debaixo das árvores. Quem os deixou passar?

Não responderam. Debaixo das árvores, algo mexia. Chasseríau atirou ao acaso.

— Vai ser o fim do mundo para os tirar de lá.

Os tipos da escola tinham começado a atirar; os alemães, escondidos atrás das árvores, respondiam. Da Câmara já haviam deixado de disparar. A rua fumegava suavemente, rente ao chão.

— Não atirem para as árvores — recomendou Clapot. — É pólvora perdida.

Nesse instante explodiu uma granada contra a fachada da Câmara, à altura do primeiro andar.

— Estão a subir às árvores — avisou Chasseríau.

— Se sobem às árvores — disse Mathieu —, melhor para nós.

Procurava ver através da folhagem; viu um braço que se levantava e atirou. Demasiado tarde: a Câmara explodia, as janelas, do primeiro andar saltaram; foi novamente atingido por aquele horrível clarão amarelo. Disparou ao acaso: ouviu

grandes frutos que rolavam de ramo em ramo; não percebeu se desciam ou caíam.

— Da Câmara já não estão a atirar — verificou Clapot.

Ouviram, retendo a respiração. Os alemães continuavam a atirar, mas a Câmara não respondia. Mathieu arrepiou-se. Mortos. Bocados de carne em sangue num soalho esburacado, em salas vazias.

— Não tivemos culpa — observou Chasseríau. — Eram muitos.

De repente rolos de fumo começaram a sair pelas janelas do primeiro andar; através do fumo, Mathieu distinguiu chamas vermelhas e negras. Na Câmara alguém começou a gritar, era uma voz aguda e clara, uma voz de mulher. Mathieu sentiu subitamente que ia morrer. Chasseríau atirou.

— Estás doido! — gritou Mathieu. — Não dispares agora, tu que me acusas de desperdiçar cartuchos.

Chasseríau apontava para as janelas da Câmara; atirou três vezes para as chamas. Pinette, sem dizer nada, começou a disparar.

— Mais cuidado, santo Deus! — avisou Clapot. — Não se atira com os olhos fechados.

Pinette estremeceu e pareceu fazer um enorme esforço sobre si próprio; ganhou um pouco de cor; apontou, arregalando os olhos. Clapot e Dandieu, ao lado dele, atiravam continuamente. Clapot saltou um grito de triunfo.

— Já está! — gritou. — Já está! Tudo calado.

Mathieu pôs-se à escuto: não se ouvia nada.

— Sim — concordou ele. — Mas os camaradas já não estão a atirar.

A escola mergulhara em silêncio. Três alemães que se tinham escondido debaixo das árvores atravessavam a calçada,a correr e lançaram-se de encontro à porta da escola, que se abriu. Entraram e apareceram um pouco depois, debruçados das janelas do primeiro andar, fazendo gestos e gritando. Clapot atirou e eles desapareceram. Alguns instantes depois, pela primeira vez desde a manhã, Mathieu ouviu o silvo de uma bala. Chasseríau. Olhou para o relógio.

— Dez minutos — verificou ele.

— Sim — disse Mathieu, —, é o princípio do fim.

A Câmara ardia, os alemães ocupavam a escola: era como se a França fosse vencida pela segunda vez. — Atirem, por amor de Deus!

Apareceram alguns alemães, prudentemente, à entrada da rua principal. Chasseríau, Pinette e Clapot fizeram fogo. As cabeças desapareceram. Desta vez, fomos vistos. Novamente o silêncio. Um longo silêncio. Mathieu pensou: “o que estão eles a preparar?”

Na rua vazia, quatro mortos; um pouco mais além, mais dois: tudo o que pudemos fazer. Agora era preciso acabar o trabalho: deixar-se matar. E com eles, que se passaria? Dez minutos de atraso sobre a hora prevista.

— É a nossa vez — avisou Clapot de repente.

Clapot tornou a fechar o postigo.

— Não podemos perdê-las — concordou. — Tens razão.

Mathieu ouvia atrás de si um sopro rouco; voltou-se: Pinette empalideceu até às orelhas e respirava com dificuldade.

— Estás ferido?

Pinette olhou para ele com um ar agressivo.

— Não.

Clapot olhou para Pinette com atenção:

— Se queres descer, meu velho, ninguém te obriga a ficar. Já não devemos nada a ninguém. Nós, compreendes, estamos aqui por causa das munições. Não as podemos perder.

— Merda! — replicou Pinette. — Porque havia de descer se Delarue não desce?

Arrastou-se até ao parapeito e pôs-se a dar tiros.

— Pinette — gritou Mathieu.

Pinette não respondeu. As balas assobiaram por cima deles.

— Deixa-o estar — disse Clapot. — Assim entretém-se.

O canhão atirou duas vezes, uma após outra; ouviram um estrondo surdo sobre eles, uma avalancha de caliça caiu do tecto; à sua direita estava Chasseríau, de pé, curvado para a frente.

— Não é muito mau, doze minutos — disse. — Não é muito mau.

O ar assobiou, gritou, bateu em cheio na cara de Mathieu: um ar quente e pesado como uma papa: Mathieu caiu ao chão. O sangue cegava-o; tinha as mãos vermelhas até aos punhos; esfregava os olhos e misturava o sangue, dos olhos com o do rosto. Mas não era o seu sangue: Chasseríau estava sentado no parapeito sul, sem cabeça; um jacto de sangue e de bolhas saía-lhe do pescoço.

— Não quero — gritou Pinette —, não quero!

Levantou-se bruscamente, correu para Chasseríau e bateu-lhe em cheio no peito com a coronha da espingarda. Chasseríau oscilou e caiu de cima do parapeito. Mathieu viu-o cair sem emoção: era o início da sua própria morte.

— Fogo — gritou Clapot.

O tempo de disparar sobre o belo oficial altivo que corria para a igreja; atirou sobre o belo oficial, sobre toda a beleza da Terra, sobre a rua, sobre as flores, sobre os jardins, sobre tudo o que amara. A beleza deu um salto obsceno e Mathieu atirou mais uma vez. Disparou: era puro, todo-poderoso, era livre. Quinze minutos.

A noite, as estrelas; ao norte, uma luz vermelha, é uma aldeia a arder. A este e a oeste, grandes raios de calor, secos e cintilantes: os canhões. Estão em toda a parte, amanhã apanhar-te-ão. Entra na aldeia adormecida; atravessa uma praça, aproxima-se ao acaso de uma casa, bate, não obtém resposta, carrega no trinco, a porta abre-se. Entra, torna a fechar a porta: a escuridão. Um fósforo. Está no vestíbulo, um espelho distingue-se estranhamente na sombra, mira-se nele: "Preciso urgentemente de me barbear." O fósforo apaga-se.

Teve tempo de distinguir, à esquerda, uma escada que desce. Aproxima-se tacteando: a escada desce em caracol, Brunet vai-se voltando, apercebe-se de uma vaga claridade difusa, mais uma volta: a cave cheira a vinho e a cogumelos. Barris, um monte de palha. Um homem corpulento, em camisa.de noite e com calças, está sentado na palha ao lado de uma loura seminua que tem uma criança ao colo. Olham para Brunet, três bocas abertas têm medo.

Brunet desce os degraus da escada, o homem sempre a olhar para ele; Brunet desce, o tipo diz de repente: "A minha mulher está doente." — "E

então?”, pergunta Brunet. “Não, quis que ela passasse a noite no bosque.” — “Dizes-me isso”, disse Brunet. “Mas eu estou-me nas tintas”.

Neste momento, está na cave. O tipo olha para ele desconfiado: “Então, que pretende?” — “Dormir aqui”, responde Brunet. O tipo faz um trejeito — continua a olhar para ele. “É sargento?”, Brunet não responde. “Onde estão os seus homens?”, pergunta o tipo desconfiado. “Mortos”, disse Brunet. Aproxima-se do monte de palha, o tipo diz: “E os Alemães? Onde estão?” — “Em todo o lado.” — “Não quero que o encontrem aqui”, disse o homem.

Brunet tira o casaco, dobra-o, põe-no em cima dum barril. “Está a ou vir?”, grita o tipo. “Estou”, responde Brunet. “Tenho mulher e um filho, eu: não quero pagar pelas suas tolices.” — “Não tenhas medo”, disse Brunet. Senta-se, a mulher olhou para ele com ódio: “Há franceses que se estão a bater, devia estar com eles.” Brunet olha para ela, que tapa os seios com a camisa de noite e grita: “Vá-se embora! Vá-se embora! Perderam a guerra e além disso vão,provocar a nossa morte.” Brunet disse-lhe: “Não se preocupe. Basta que me acorde quando os alemães chegarem.” — “E o que vai fazer?” — “Render-me.” — “Que barbaridade!”, disse a mulher, “quando pensamos que há quem tenha sido massacrado”.

Brunet boceja, estende-se e sorri. Há oito dias que combate sem dormir e quase sem comer, por vinte vezes esteve para sucumbir. Deixou de se bater, agora a guerra está perdida e há muito que fazer. Muito trabalho. Estende-se na palha, boceja, adormece. “Vamos”, disse o homem, “chegaram”. Brunet abre os olhos, vê um grande rosto vermelho, ouve tiros e explosões. “Chegaram?” — “Sim. E não estão a brincar. Não posso tê-lo cá em casa.”

A mulher não se mexeu. Olhou para Brunet com um olhar agressivo, apertando nos braços o filho adormecido. “Vou-me embora”, disse Brunet. Levanta-se, boceja, aproxima-se de um respiradouro, remexe na sacola, tira um pedaço de espelho e uma navalha. O homem olha para ele, estúpido de indignação: “Não vai barbear-se, espero?” — “Porque não?” pergunta Brunet. O homem está vermelho de raiva: “Estou a dizer-lhe que me fuzilam se o encontram aqui.” Brunet disse: “É um instante.” O homem puxa-o pelo braço para o obrigar a sair: “Não permito, tenho mulher e um filho; se soubesse, não o tinha deixado entrar.”

Brunet safou-se com uma sacudidela, olha com desprezo para este gorducho que teima em viver, que viverá sob qualquer regime, humilde, mistificado, coriáceo, que viverá para nada. O homem atira-se a ele. Brunet espeta com ele contra a parede. “Está quieto ou rebento contigo.” O tipo fica quieto, arqueja, encolhido, esbugalha os olhos de alcoólico, cheira a morte e a esterco.

Brunet começa a barbear-se, sem sabão nem água, arde-lhe a pele; a seu lado a mulher estremece de medo e de raiva, Brunet apressa-se: se demorar muito, ela endoidece. Arruma a navalha na sacola: a lâmina ainda servirá duas vezes: “Estás a ver, já acabei. Não valia a pena fazer tanto barulho.” O homem não responde, a mulher grita: “Vá-se embora, patife, safado, vamos ser fuzilados por sua causa!” Brunet veste o casaco, sente-se limpo, novo e aprumado, tem a cara vermelha. “Vá-se embora! Vá-se embora!”

Cumprimenta com dois dedos, diz: “Obrigado, apesar de tudo!” Sobe a escada sombria, atravessa um vestíbulo: a porta da entrada está escancarada; lá fora a claridade do dia, o disparar maníaco das metralhadoras, a casa é sombria e fresca. Aproxima-se da porta da entrada; é preciso mergulhar na claridade. Uma praceta, a igreja, o monumento aos mortos, lixo em frente das portas. Entre duas casas que ardem, a estrada nacional, avermelhada pela madrugada.

Os alemães estão lá cerca de trinta homens atarefados, operários em plena actividade, atiram, sobre a igreja com um schwlleuerkanon, do campanário atiram sobre eles, é um campo de batalha. No meio da praça, debaixo de fogo cruzado, soldados franceses em mangas de camisa, olhos vermelhos de sono, andam em bicos de pés, com pequenos passos apressados, como se desfilassem para um concurso de beleza. Erguem as mãos pálidas acima das cabeças e o sol passa por entre os dedos. Brunet olha para eles, olha para o campanário,.à sua direita um grande prédio está em chamas, sente o calor no rosto, diz: “Merda.” Desce os três degraus da entrada. Pronto: está preso. Tem as mãos nos bolsos, pesadas como chumbo. “Mãos ao ar!”

Um alemão aponta para ele uma espingarda. Sente-se corar, as mãos levantam-se lentamente, ei-las no ar, acima da cabeça: pagar-me-ão com sangue. Junta-se aos franceses e dança com eles, é como no cinema, nada parece a sério, as balas que assobiam não matam, o canhão atira em vão. Um francês faz uma reverência e cai, Brunet passa-lhe por cima. Dá a volta à esquina da casa escura e mete pela rua principal, no momento em que o campanário desaba. Acabaram-se os “boches”, as balas, o cinema, é o verdadeiro campo, torna a meter as mãos nos bolsos. Estamos entre franceses.

Uma bicha de pobres franceses, vestidos de cáqui, mal barbeados, mal lavados, o rosto negro de fuligem, que riem, brincam, cochicham, um ondular de cabeças destapadas, de bonés, nem um capacete: reconhecem-se, cumprimentam-se: “Vi-te em Saverne em Dezembro.” — “Olá, Girard, é preciso sermos derrotados para nos vermos, como está Lisa?” Um soldado alemão, aborrecido, com a arma ao ombro, guarda o rebanho dos vencidos, acompanha com passadas grandes e lentas o seu trote apressado. Brunet vai a trote com os outros, mas é tão grande como o “boche”, tão bem barbeado como ele.

A estrada rosada corre por entre as ervas, nem um sopro de ar, um calor de derrota. Os homens cheiram intensamente, tagarelam e os pássaros chilreiam. Brunet vira-se para o vizinho, um gordo com ar calmo que respira pela boca: “Donde veio você?” — “Nós vínhamos de Saverne, passámos a .noite no campo.” — “Eu vim só”, disse Brunet. “É curioso, pensava que a aldeia estava deserta”.

Um jovem louro e bronzeado vai duas filas adiante dele, nu até à cintura, com uma grande crosta ensangüentada entre os ombros. Atrás de Brunet, um imenso rumor natural de risos, de gritos, de arrastar de pés na terra, assemelha-se ao barulho do vento nas árvores. Volta-se: neste momento tem atrás de si milhares de homens, vindos de todo o lado, dos campos, das aldeias, das quintas.

Os ombros e a cabeça de Brunet erguem-se solitários acima desta planície ondulante: “Chamo-me Moúlu”, diz o homem corpulento, “sou de Bar-lé-Duc”. Acrescenta, altivo: “Conheço a região.” À beira da estrada arde uma quinta; as

chamas, ao sol, são negras, um cão uiva. “Estás a ouvir o cachorro?”, pergunta Moúlu ao vizinho. “Prenderam-no”.

O vizinho é certamente do Norte, louro, não muito pequeno, com uma pele leitosa, parecido com o “boche” que os vigia. Franze o sobrolho e volta os grandes olhos azuis para Moúlu: “O quê?” —”O cão. Está preso.” — “E então?”, disse o outro. “É um cão”. Uau, uau!, uau!, uau! Desta vez não é o cão que ladra: é o jovem de tronco nu. Alguém o arrasta e lhe põe a mão na boca, Brunet teve tempo de lhe ver a enorme cara assustada de olhos sem cílios. “Chappin. não parece estar muito bem”, disse Moúlu ao nortenho. Este olhou para ele: “O quê?” — “Disse: Charpin, o teu camarada, não parece estar muito bem.” O nortenho ri, tem os dentes brancos: “Foi sempre um original.”

A estrada sobe, um odor de pedra aquecida, de madeira queimada, acompanha-os, o cão uiva atrás deles. Chegam ao cimo da encosta; a estrada desce abruptamente. Moúlu aponta com o dedo para a coluna interminável: “Oh! Olha! Donde vêm aqueles?” Volta-se para Brunet: “Quantos somos?” — “Não sei. Talvez dez mil, talvez mais.” Moúlu olha para ele, incrédulo. “És capaz de calcular assim, a olho?”

Brunet pensa nos Catorze de Julho, nos Primeiro de Maio; punham-se uns quantos tipos no Boulevard Richard-Lenoir, fazia-se a estimativa de acordo com a duração do desfile. Multidões silenciosas e quentes; no meio delas sentíamo-nos queimar. Esta é ruidosa mas fria e morta. Sorri, diz: “Estou habituado” — “Para onde vamos?”, pergunta o nortenho “Não sei” — “Onde estão os alemães? Quem comanda?” Há apenas uma dezena de alemães espalhados pela estrada.

O imenso rebanho deixa-se arrastar para a base da encosta, como se obedecesse apenas ao próprio peso. “É curioso”, disse Moúlu. “É”, disse Brunet, “é curioso”. É curioso; poderiam atirar-se aos alemães, estrangulá-los, fugir através dos campos: para quê? Vão direitos à frente deles, guiados pela estrada.

Chegam à base da encosta a um largo; neste momento sobem, têm calor. Moúlu tira do bolso um maço de cartas presas por um elástico e vira-o entre os dedos desajeitados. O suor deixa o papel manchado, a tinta roxa desbota nalguns sítios. Tira o elástico, começa a rasgar as cartas sem as reler, metodicamente, em pedacinhos que vai espalhando, com um gesto de quem semeia. Brunet segue com o olhar o vôo baixo dos pedaços de papel: a maior parte cai como confetti sobre os ombros dos soldados e daí para o chão; há um que esvoaça durante um segundo e vai pousar num tufo de ervas.

As ervas curvam-se ligeiramente e suportam-no como a um dossel. Há mais papéis ao longo da estrada, rasgados, amarrotados, enrolados, nas valetas, entre espingardas partidas e capacetes amolgados. Quando a letra é grande, Brunet, ao passar, distingue algumas palavras: come bem, não te exponhas, chegou a Hélène com os miúdos, nos teus braços, meu amor.

A estrada é toda ela uma grande e suja carta de amor. Pequenos monstros rastejam pelo chão e olham, com olhos sem pupilas, para o alegre rebanho de vencidos: máscaras de gás; Moúlu dá uma cotovelada em Brunet, aponta para uma máscara: “Pelo menos tivemos a sorte de não terem sido necessárias.” Brunet não responde; Moúlu procura outros cúmplices: “Lambert!”

Um tipo, à frente de Brunet, volta-se, Moúlu mostra-lhe uma máscara, sem comentários pôem-se a rir e os outros tipos riem também: detestavam-nas, a estas larvas parasitas, tinham medo delas e, no entanto, era preciso alimentá-las, tratar delas. Neste momento, fazem-lhes aos pés, mortas, olham para elas e apercebem-se de que a guerra acabou. Camponeses que vieram, como todos os dias, trabalhar para os campos, vêem-nos passar apoiando-se nas enxadas; Lambert alegra-se e grita-lhes: "Viva, meu velho! Somos uma escola." Dez vozes, cem vozes repetem numa espécie de desafio: "Uma escola, uma escola! Voltamos para casa."

Os camponeses não respondem, parecem nem ouvir. Um louro de cabelo encaracolado e de ar parisiense pergunta a Lambert: "Quanto tempo pensas que isto vai durar?" — "Vais ver. Onde estão os tipos que nos estavam a guardar? Se fôssemos prisioneiros a sério, verias como estávamos guardados" — "Então, porque nos prenderam?", perguntou Moúlu. "Prenderam? Não nos prenderam: puseram-nos de lado para não os incomodarmos enquanto avançam." — "Mesmo assim", suspira o lourinho, "isto ainda pode durar muito". — "Serás doido? Nem sequer podem correr tão depressa como nós a fugirmos."

Tem um ar trocista, goza: "Não se importam, os "boches", andam a passear: uma mulher em Paris, bom vinho em Dijon, um bom prato de peixe em Marselha. Meu Deus, em Marselha acabou-se, têm de parar: têm o mar pela frente. Nesse momento deixam-nos. Lá para meados de Agosto estaremos em casa." O lourinho abana a cabeça. "São dois meses. É muito." — "Estás com pressa: diz lá. É preciso arranjar as linhas para que os comboios possam passar." — "Não preciso de comboio", disse Moúlu. "Se o problema é esse, posso ir a pé." — "Bolas, eu não! Há quinze dias que estou a andar, estou farto, preciso de descansar." — "Não tens vontade de estar com a tua mulher? " — "Ora! Como! Andei de mais, já não tenho nada dentro das calças. Preciso de dormir e sozinho." Brunet ouve-os, vê-lhes as cabeças, pensa que há muito trabalho a realizar. Choupos, choupos, uma ponte sobre um riacho, mais choupos.

"Faz sede", diz Moúlu. "Não é bem sede", diz o nortenho, "é fome: não como nada desde ontem". Moúlu vai andando e transpira, respira fundo, tira o dólman, põe-no no braço, desaperta a camisa, diz com um sorriso: "Agora podemos tirar o dólman, somos livres."

Paragem brusca; Brunet bate com o peito nas costas de Lambert. Lambert volta-se; usa barba, tem pequenos olhos vivos e sobrancelhas espessas e negras: "Não vês onde pões os pés? Não tens olhos na cara?" Olha para o uniforme de Brunet com insolência: "Acabaram-se os sargentos. Ninguém manda. Apenas homens." Brunet olha para ele sem ódio e o tipo cala-se. Brunet pergunta a si próprio que pode ele ser na vida. Pequeno comerciante? Empregado? De qualquer modo, pertence à classe média. Há centenas de milhares assim, nenhum sentido de autoridade nem de dignidade pessoal. Será precisa uma disciplina de ferro. Moúlu pergunta: "Porque parámos?" Brunet não responde.

Outro pequeno-burguês, parecido com o primeiro, mas mais estúpido: não será fácil fazer alguma coisa deles. Moúlu suspira aliviado e avança: "Talvez tenhamos tempo de nos sentarmos um pouco." Põe a sacola no chão e senta-se em cima dela, o soldado alemão aproxima-se, volta para eles um longo rosto

inexpressivo e belo, uma vaga onda de simpatia aflora aos seus olhos azuis. Diz pausadamente: "Pobres franceses, acabou a guerra. Voltar para casa. Voltar para casa." — "Que diz ele, que diz ele, que vamos para casa, claro que vamos, merda, Julien, estás a ouvir, vamos para casa, pergunta-lhe quando, vá!, pergunta-lhe quando voltamos." — "Diz lá, "boche", quando voltamos para casa?"

Tratam-no por tu, servis e familiares. Um melro entre um bando de vitoriosos. O alemão repete, inexpressivo: "Voltar para casa, voltar para casa." — "Mas quando?" — "Pobres franceses, voltar para casa." Começam a andar, choupos, mais choupos. Moúlu geme, tem calor, tem sede, está cansado, gostaria de parar, mas ninguém pode travar esta corrida obstinada que ninguém comanda.

Um homem geme: "Tenho dores de cabeça", e vai andando, o barulho de vozes diminui, é cortado por longos silêncios, dizem: "Vamos assim até Berlim?" E continuam a andar; seguem os da frente, são empurrados pelos que vêm atrás. Uma aldeia, um monte de capacetes, de máscaras e de espingardas na praça principal. "Poudroux: passei aqui anteontem", disse Moúlu. "Olha, eu, ontem à noite", disse o lourinho, "ia de camião: havia pessoas nas soleiras das portas, pareciam não simpatizar muito connosco".

Continuam lá, nas soleiras das portas, de braços cruzados, silenciosas. Mulheres de cabelos escuros, de olhos negros, de vestidos pretos, gente velha. Olham Diante destas testemunhas, os prisioneiros aprumam-se, os rostos tornam-se cínicos e agressivos, há mãos que se agitam, risos, gritos: "Viva, tiazinha! Viva, tiozinho! Somos uma escola, acabou a guerra, viva." Passam e cumprimentam, miram, enviam sorrisos provocantes, — as testemunhas calam-se e olham. Só a merceeira, gorda e bondosa, murmura: "Pobres tipos." O nortenho sorri embevecido, diz a Lambert: "Felizmente que não estamos no Norte." — "Porquê?" — "Atiravam-nos com móveis à cabeça." Uma fonte, dez tipos, cem tipos saem da forma e, vão beber. Moúlu corre, debruça-se desajeitadamente, sofregamente; acaríciam-se à própria fadiga e os ombros tremem-lhes; a água escorre-lhes pelas faces.

A sentinela nem parece vê-los: se quiserem e se tiverem coragem de suportar os olhares podem ficar na aldeia. Mas não; voltam um a um, apressam-se como se tivessem medo de perder o lugar; Moúlu corre como uma mulher, dando uma volta aos joelhos, empurram-se, riem, gritam, escandalosos e provocantes como pederastas; as bocas abrem-se em chagas hilariantes por baixo dos olhos de cães batidos.

Moúlu limpa a boca, diz: "Foi bom." Olha para Brunet com espanto: "Tu não bebeste? Não tens sede?" Brunet encolhe os ombros sem responder; é pena que este rebanho não esteja enquadrado por quinhentos soldados com baionetas que espetem as nádegas dos retardatários e dêem coronhadas nos faladores: seria mais coerente. Olha para a direita, para a esquerda, volta-se, procura um rosto como o seu nesta floresta de rostos abandonados, bêbedos, torturados por uma euforia irreprimível. Onde estão os camaradas? Um comunista reconhece-se ao primeiro olhar. Um rosto. Apenas um rosto duro e calmo, um rosto de homem. Mas não: mesquinhos, vis e vivaços, caminham curvados para a frente, a velocidade arrasta-lhes os corpos frágeis e metediços, toda a inteligência francesa

está nestes rostos sebentos, repuxando os cantos dos lábios com cordéis, apertando e dilatando as narinas, enrugando as testas, inflamando os olhos; apreciam, distinguem, de batem, julgam, criticam, pesam os prós e os contras, saboreiam uma objecção, demonstram e concluem, interminável silogismo de que cada cabeça é uma proposição. Caminham suavemente, raciocinam enquanto andam, estão calmos: acabou a guerra, não houve grandes perdas; os alemães não parecem tão maus como diziam. Tranqüilos porque pensam ter apreciado com uma olha dela os novos chefes; os seus rostos recomeçaram a segregar inteligência porque é um artigo de luxo especificamente francês que poderá ser negociado com os "boches" no momento oportuno, em troca de pequenas vantagens.

Choupos, choupos, bate-lhes o sol, é meio-dia: "Ei-los!" A inteligência desaparece, o rebanho geme todo ele de volúpia, não é um grito, nem mesmo um suspiro: uma espécie de derrocada admirativa, murmúrio suave da folhagem que se dobra ao peso da chuva. "Ei-los!" A palavra vai passando da frente para trás, de boca em boca como boa notícia, ei-los! ei-los! As filas apertam-se, empurram-se para as valetas, a longa cadeia estremece: os alemães passam pela estrada, em motos, em carros de assalto, em camiões, barbeados, descansados, belos rostos calmos e distantes como pastagens. Não olham para ninguém, têm o olhar fixo no sul, embrenham-se na França, direitos e silenciosos. "Estás a ver, são transportados gratuitamente, é a infantaria em patins, eu chamo a isto fazer a guerra, olha só para as metralhadoras, oh!, e os canhões! Assim, não nos podemos admirar de ter perdido a guerra." Ficam encantados por os alemães serem tão fortes. Sentem-se menos culpados. "Invencíveis, não há dúvida, invencíveis."

Brunet olha para estes vencidos maravilhados, pensa: "É o que há." Valem pouco, mas paciência, é o que temos. Devemos trabalhar sempre e há certamente, no grupo, quem seja recuperável. Os alemães passaram, a lagarta desliza pela estrada, agora estão num campo de basquetebol, que enchem com o seu pez escuro, sentam-se, deitam-se, fazem chapéus com jornais de Maio; dir-se-ia o relvado de um campo de corridas, ou o Bosque de Vincennes ao domingo. "Como foi que parámos?" — "Não sei", disse Brunet. Olha irritado esta multidão deitada por terra, não lhe apetece sentar-se, mas é estúpido, não os deve desprezar, é o melhor processo de fazer mau trabalho, e, depois, quem sabe o que quer deve medir as suas forças, senta-se.

Um alemão passa por ele, depois, outro: olham-no e riem amigavelmente, perguntam com uma ironia paternal: "Onde estão os ingleses?" Brunet olha-lhes para as botas negras e moles, não responde e eles vão-se embora; um grande Jeldwebel fica para trás e repete com uma tristeza cheia de censura: "Onde estão os ingleses? Pobres franceses, onde estão os ingleses?"

Ninguém responde; abana a cabeça repetidas vezes. Quando os "boches" se afastam, Lambert responde-lhes entre dentes: "No cu é que eles estão, os ingleses, e vocês chateiam-nos de morte." — "É isso mesmo!", disse Moúlu. "Quê?" — "Os ingleses", explica Moúlu, "talvez chateiem os "boches", mas daí até serem chateados por sua vez, é bastante, não tarda muito". — "Não é certo." — "Claro que é, palerma — é sabido. Armam-se em bons porque estão em casa,

mas espera que os “boches” atravessem a Mancha e vais ver! Porque, digo-to eu, se o soldado francês não resistiu, não são os “bifes” que vão ganhar a guerra.” Onde estão os camaradas?

Brunet sente-se só. Há dez anos que não se sentia tão só. Tem fome e sede, tem vergonha de ter fome e sede; Moúlu vira-se para ele: “Vão dar-nos de comer.” — “Verdade?” — “Parece que foi o Jeldwebel que disse: vão distribuir pão e conservas.” Brunet sorri: sabe que não lhes darão nada para comer. Terão de agüentar; nunca sofrerão o suficiente. De repente há tipos que se levantam, depois outros, depois toda a gente se levante, começam a andar; Moúlu está furioso, vocifera: “Quem deu ordem de partir?”

Ninguém responde. Moúlu grita: “Parem, amigos, vão dar nos de comer.” Cego e surdo, o rebanho já se meteu pela estrada. Vão andando. Uma floresta; raios de luz pálidos e alaranjados passam através das folhas, três canhões abandonados ainda são ameaçadores; os camaradas estão contentes por irem à sombra; um regimento de pioneiros alemães desfila.

O lourinho, vê-os passar com um sorriso, diverte-se a observar os vencedores através das pálpebras semicerradas, brinca com eles como o gato com o rato, goza da sua superioridade; Moúlu agarra no braço de Brunet, sacode-o: “Ali! Ali! Aquela chaminé cinzenta.” — “E então?” É Baccarat.” Põe-se nas pontas dos pés, faz das mãos alto-falante e grita: “Baccarat! Amigos, deixem passar: estamos a chegar a Baccarat!” Os homens estão cansados, o sol dá-lhes nos olhos, repetem docilmente: Baccarat, Baccarat, mas estão-se nas tintas, o lourinho pergunta a Brunet: “É em Baccarat que fabricam rendas?” — “Não”, diz Brunet, “vidros”. — “Ah!”, diz o lourinho com um ar vago e respeitador. “Ah! Ah!”

A cidade está negra sob o céu azul, os rostos entristecem, um tipo diz com mágoa: “É estranho passarmos por uma cidade.” Metem por uma rua deserta; pedaços de vidro enchem o passeio e a calçada. O lourinho goza, aponta-os com o dedo, diz: “Lá estão os vidros de Baccarat.” Brunet levanta a cabeça: as casas estão indenines, mas os vidros estão todos partidos, atrás dele uma voz repete: “É engraçado, uma cidade.”

Uma ponte; a coluna pára; milhões de olhos viram-se para o rio: cinco “boches” completamente nus brincam na água, borrifam-se dando gritinhos; vinte mil franceses farruàcos e a transpirar nos seus uniformes olham para estes ventres e estas nádegas que durante dez meses estiveram protegidos pela muralha dos canhões e dos tanques e que agora, na sua fragilidade, se exibem com uma insolência tranqüila. Era isso, só isso: os vencedores eram aquela carne branca e vulnerável.

Um suspiro baixo e profundo atravessa a multidão. Suportaram sem ódio o desfile de um exército vitorioso em carros triunfantes; mas estes “boches” em pêlo, que jogam ao eixo na água, são um insulto. Lambert debruça-se no para— FOI— cas e a caserna, toda a gente está apertada.

Os homens sentem-se mal, parecem estar de visita, ninguém ousa sentar-se; todos têm as sacolas e os embrulhos na mão; o suor escorre-lhes pelas faces, a inteligência francesa abandonou-os, o sol entra-lhes pelos olhos vazios, fogem do passado e do futuro próximo através de uma morte inconfortável e provisória.

Brunet não quer confessar a si próprio que tem sede, pousou o saco no chão e meteu as mãos nos bolsos, assobia. Um sargento faz-lhe continência; Brunet sorri-lhe, mas não retribui o cumprimento.

O sargento aproxima-se: "Porque esperámos?" — "Não sei." É um tipo alto, magro e bem constituído, com grandes olhos ofuscados pela importância; um bigode atravessa-lhe o rosto ossudo; tem gestos vivos,e ferozes, que são estudados. "Quem comanda?", pergunta ele. "Quem querem que seja? Os "boches"." — "Mas aqui? Quem são os responsáveis?" Brunet ri-lhe na cara. "Procure-os." Os olhos do sargento enchem-se de uma censura cheia de desprezo: gostaria de ser o segundo-comandante, juntar a embriaguez de obedecer ao prazer de dar ordens; mas Brunet já não quer comandar de modo nenhum, o seu mandato acabou quando o último dos seus homens caiu. Agora tem outra idéia.

O sargento pergunta com impaciência: "Porque ficam estes pobres tipos de pé?" Brunet não responde; o sargento lança-lhe um olhar furioso e resigna-se a ser o primeiro-comandante. Perfila-se, põe as mãos à volta da boca e grita: "Toda a gente sentada! Façam passar." Voltam-se as cabeças, inquietas — mas os corpos não se mexem. "Toda a gente sentada!", repete o sargento. "Toda a gente!" Os tipos sentam-se com um ar sonolento; vozes repetem em eco: toda a gente sentada; a multidão ondula e deita-se.

A ordem passa-lhe por cima da cabeça, toda a gente sentada, chega ao outro extremo do pátio, bate no muro e é devolvida curiosamente transformada: toda a gente de pé, fiquem de pé, esperem ordens. O sargento olha para Brunet com inquietação: tem um concorrente, lá ao fundo, do lado do portão. Há homens que se levantam sobressaltados, apanham as sacolas e, apertam-nas contra o peito lançando a tudo olhares preocupados. Mas a maior parte fica sentada e, pouco a pouco, os que se haviam levantado sentam-se. O sargento contempla a sua obra com um sorriso enfatuado. "Bastava ordenar."

Brunet olha para ele e diz-lhe: "Sente-se, sargento." O sargento hesita, depois deixa-se escorregar entre Lambert e Moúlu: põe os braços à volta dos joelhos, olha para Brunet de alto a baixo com a boca entreaberta. Brunet explica-lhe: "Eu fico de pé porque sou sargento-ajudante." Brunet não se quer sentar: tem câimbras nas pernas, mas não se quer sentar... Vê milhares de costas e de ombros, vê cabeças que se mexem, ombros que se sobressaltam; esta multidão tem tiques. Sente-a ferver e palpitar, pensa sem mágoa nem prazer: é o material de que dispomos. Esperam, imóveis; já não-parecem ter fome: o calor deve-lhes ter dado volta ao estômago. Têm medo e esperam. Esperam o quê? Uma ordem, uma catástrofe ou a noite: qualquer coisa que os liberte de si próprios.

Um homem corpulento, da reserva, levanta o rosto lívido, aponta para um dos mirantes: "Porque não estão lá as sentinelas? Por onde andam?" Espera um momento, o sol enche-lhe os olhos revirados; acaba por encolher os ombros e, com uma voz suave e decepcionada: "Lá, como cá, há falta de organização."

Único em pé, Brunet olha para as cabeças, pensa: os camaradas estão lá dentro, perdidos como agulhas em palheiro, levará tempo a reagrupá-los. Olha para o céu e para o avião negro que passa, depois baixa os olhos, volta a cabeça, vê à sua direita um tipo alto que não está sentado. É um cabo; fuma um cigarro.

O avião passa fazendo barulho, a multidão, revolvida com um campo, muda como da noite para o dia, floresce; milhares de grandes camélias a abrir, em vez dos erânios duros e negros: há óculos que brilham como pedaços de vidro entre as flores. O cabo não se mexeu: tem os enormes ombros curvados e olha para o chão. Brunet repara com agrado que ele está barbeado. O cabo volta-se e olha também para Brunet: tem uns grandes olhos pesados e olheirentos; sem aquele nariz achatado seria quase belo. Brunet pensa: "Já vi esta cara nalgum lado." Mas onde? Já não se lembra: já viu tantas caras! Procura esquecer; não tem muita importância e além disso o tipo não parece tê-lo reconhecido.

De repente Brunet grita: "Ouve!", o tipo levanta os olhos: "Que é?" Brunet não está muito satisfeito: não tinha vontade alguma de o chamar. Mas ele estava de pé e mais ou menos limpo, barbeado... "Anda para aqui", disse Brunet sem entusiasmo. "Se queres ficar de pé, encosta-te ao muro". O tipo baixa-se, apanha os seus embrulhos e chega até Brunet, passando por cima dos corpos. É forte mas um pouco gordo, diz: "Viva, camarada." — "Viva", diz Brunet. "Vou ficar aqui", diz o tipo. "Estás sozinho?", pergunta Brunet. "Os meus homens morreram", diz o tipo. "Os meus também", diz Brunet. "Como te chamas?" — "Como?", responde o tipo. "Pergunto-te como te chamas." — "Ah! Sim. Pois bem. Schneider." — "E tu?" — "Brunet." Ficam em silêncio: "Que idéia a minha tê-lo chamado, vai me aborrecer." Brunet olhou para o relógio: cinco horas; o Sol escondeu-se atrás da caserna, mas o céu ainda está opressivo. Nem uma nuvem, nem uma aragem: um mar morto.

Ninguém fala; à volta de Brunet há tipos que tentam dormir com a cabeça metida entre os braços: mas a inquietação mantém-nos acordados: erguem-se, suspiram ou começam a coçar-se. "Olhe!", disse Moúlu. "Olhe! Olhe!" Brunet volta-se: atrás dele, conduzidos por uma sentinela alemã, uma dezena de oficiais passa rente às paredes. "Ainda há disto?" pergunta o lourinho entre dentes. "Então não desapareceram todos?"

Os oficiais afastam-se em silêncio, sem olhar para ninguém; os homens sorriem perturbados e voltam a cabeça à sua passagem: dir-se-ia que têm medo uns dos outros. Brunet procura o olhar de Schneider e sorriem um para o outro. No chão, uma pequena explosão de gritos: é o sargento que discute com o lourinho. "Todos!", diz o lourinho. "De carro, de, moto, todos se foram embora e nos deixaram no meio da merda." O sargento cruza os braços: "É triste ouvir isto. É mesmo triste." — "Até os "boches" O disseram", responde o lourinho. "Disseram-no quando nos apanharam, disseram: o exército francês é um exército sem chefes!" — "E a outra guerra, não a ganharam, Os chefes?" — "Não eram os mesmos." — "Como é que não eram os mesmos!" — "Tinham outras tropas!" — "Então? Fomos nós que perdemos a guerra? Os de segunda categoria? Vá diz, se é isso que pensas." — "Pois digo", responde o sargento. "Digo que vocês, fugiram perante o inimigo e entregaram a França".

Lambert, que os ouvia sem dizer nada, cora e inclina-se para o sargento: "Ouve lá, meu palerma, como estás aqui, se não recuaste perante o inimigo? Pensas que morreste no quadro de honra e que estamos no paraíso? A mim parece-me que te apanharam porque não te safaste a tempo." — "Não sou o teu

palerma: sou sargento e podia ser teu pai. Além disso não fugi: só me apanharam quando já estava sem munições."

De todos os lados aparecem tipos: o lourinho considera-os testemunhas, rindo: "Estão a ouvir?" Todos se riem. O lourinho vira-se para o sargento. "Claro, papá, claro, liquidaste vinte pára-quedistas e, sozinho, fizeste parar um tanque. Posso dizer o mesmo: não há provas." O sargento aponta para três marcas deixadas no casaco, os olhos brilham-lhe: "Medalha Militar, Legião de Honra, Cruz de Guerra: obtive-as em catorze quando vocês ainda nem eram nascidos, são as minhas provas." — "Onde estão as tuas medalhas?" — "Arranquei-as quando os alemães chegaram."

Todos gritam à sua volta; estão deitados de barriga para baixo, arqueados dos pés à cabeça, como focas; gritam, vermelhos de paixão; o sargento, sentado de pernas cruzadas, domina-os, só contra todos. "Olha presumido", grita um tipo, "pensas que tinha vontade de me bater quando a rádio de Pétain nos gritava aos ouvidos que a França pedira o armistício?" E um outro: "Querias que nos deixássemos matar enquanto os generais procuravam pôr-se de acordo com os "boches" num castelo histórico?" — "Porque não?", responde o sargento com convicção. "A guerra é para matar, não?" Calam-se um segundo, suspensos pela indignação: o sargento aproveita para continuar: "Há muito que vos topo, os gajos de quarenta, os merdas, os meninos bonitos, os recalcitrantes. Nem se podia falar convosco; o capitão tinha de tirar o chapéu para vos dirigir a palavra: perdão, desculpem, custar-vos-ia muito descascar as batatas? Eu dizia para comigo: atenção! Um destes dias isto estoira e depois estou para ver o que fazem estes senhores. Nem mais, foi o fim: começaram as licenças. Ah! Quando os vi começarem com os pedidos de licença, disse para comigo que já não havia nada a fazer! Licenças! Se calhar achavam-nos muito inchados, mandavam-nos às putas desinchar um pouco. Pensas que tinhamos licenças em catorze?" — "Sim, tinham, tinham licenças." "Como sabes, safado? Estavas lá?" — "Não estava, mas o meu velho estava e falou-me nisso." — "É porque fez a guerra em Marselha, o teu velho. Porque nós esperámos dois anos por licença, e mais ainda: por dá cá aquela palha eram suspensas. Sabes quanto tempo passei em casa em cinqüenta e dois meses de guerra? Vinte e dois dias. Sim, vinte e dois dias, meu filho, admiras-te? E ainda havia quem dissesse que eu tinha sorte." — "Está bem", disse Lambert, "não nos contes a tua vida". — "Não estou a contar a minha vida, estou a explicar porque ganhámos a guerra e por que razão vocês perderam a vossa."

Os olhos do lourinho brilham de cólera: "Já que és tão esperto, talvez nos pudesses explicar porque perderam vocês a paz?" — "A paz?", interrogou o sargento espantado. Os homens gritam: "Sim. A paz!, a paz! Perdeste a paz." — "Vocês", disse o lourinho, "vocês, os antigos combatentes, como defenderam os vossos filhos? Fizeram a Alemanha pagar? E a Renânia? E o Rhur? E a guerra de Espanha? E a Abissínia?" — "E o Tratado de Versalhes", disse um rapaz alto com a cabeça do feitio do Pão de Açúcar, "fui eu que o assinei?" — "Se calhar fui eu!", disse o sargento rindo indignado. "Sim, foste tu! Perfeitamente, foste tu! Votavas, não votavas? Eu não votava, tenho vinte e dois anos, nunca votei." — "Que prova isso?" — "Prova que votavas como um safado e que nos atiraste para

a maior das merdas. Tinhas vinte anos para preparar ou para evitar esta guerra e que fizeste? Porque eu, já te disse, meu palerma, valho tanto como tu. Mas diz, com que me havia de bater? Nem sequer tinha munições." — "De quem é a culpa?", pergunta o sargento; "quem votava em Estalíne? Quem se punha em greve por coisa nenhuma, só para chatear o patrão? Quem reclamava aumentos? Quem recusava horas suplementares? Automóveis, motos, não é? Mulheres, férias pagas, os domingos no campo, os albergues de juventude e o cinema? Não queriam era trabalhar. Eu trabalhei toda a minha vida, mesmo ao domingo." — O lourinho torna-se escarlate: aproxima-se de gatas do sargento e atira-lhe à cara: "Repete lá! Repete que eu não trabalhei! Repete lá! Sou filho de uma viúva, sabes! Patife! E deixei a escola aos onze anos para sustentar a minha mãe."

No fundo, estava-se nas tintas por ter perdido a guerra, mas não tolerava que o acusassem de não trabalhar. Brunet pensava que talvez se pudesse fazer alguma coisa. O sargento pôs-se de gatas, ele também, e gritam os dois, voltados um para o outro. Schneider curvou-se para a frente, como para intervir; Brunet põe-lhe a mão no braço: "Deixa lá: é uma maneira de passarem o tempo." Schneider não insiste, endireita-se, lançando a Brunet um olhar estranho. "Vamos!", disse Moúlu, "vamos, não se vão bater!"

O sargento torna a sentar-se com um sorriso: "Tens razão! Já é tarde para lutar: se ele estava muito interessado, que se tivesse atirado aos alemães." O louro encolhe os ombros e senta-se por sua vez. "Olha! Fazes-me dores de barriga!", diz ele. Um longo silêncio: estão sentados um ao lado do outro; o louro arranca tufos de erva e diverte-se a entrançá-los; os outros esperam um momento, depois voltam, de gatas, para os seus lugares. Moúlu estende-se e sorri; diz num tom conciliador: "Não está certo, isto! Não está certo."

Brunet pensa nos camaradas: perdiam batalhas, de dentes cerrados, e, de derrota em derrota, caminhavam para a vitória. Olha para Moúlu: não conhecia esta espécie. Tem necessidade de falar. Schneider está ali, Brunet fala com ele. "Estás a ver, não valia a pena interferir." Schneider não responde. Brunet goza, imita Moúlu: "Não está certo." Schneider não responde: o seu rosto pesado e belo mantém-se neutro. Brunet aborrece-se e volta-lhe as costas: detesta a resistência passiva. "Gostaria de comer", disse Lambert.

Moúlu aponta para o espaço que separa a cerca das estacas; fala com uma voz fervorosa e lenta, recita um poema: "Virá por ali o rancho, o portão abre-se, os camiões entram e atiram-nos pães por cima dos arames." Brunet olha para Schneider pelo canto do olho e goza: "Estás a ver", repete, "não nos devemos comover. A derrota, a guerra, nada disso interessa. O que conta é a comida".

Um breve olhar irônico aparece entre as pálpebras de Schneider. Diz com um ar de piedade: "Que te fizeram eles, meu velho? Não pareces gostar muito deles." — "Não me fizeram nada", disse Brunet secamente. "Mas estou a ouvi-los". Schneider tem os olhos baixos sobre a mão direita meio fechada, olha para as unhas, diz com a sua voz grave e indolente: "É difícil ajudar as pessoas quando não temos simpatia por elas." Brunet franze o sobrolho: apareceu muitas vezes na primeira página do L'Huma * e era facilmente reconhecível. "Quem te disse que os quero ajudar?" O rosto de Schneider torna-se outra vez inexpressivo; diz desinteressadamente: "Devemos ajudar-nos." — "Claro", diz Brunet.

Está desesperado consigo próprio: primeiro, não se deveria irritar. E, pior ainda, não deveria ter mostrado a sua irritação a este imbecil que se recusa a compartilhá-la. Sorri, acalma-se; diz sorrindo: "Não é deles que não gosto." — "É de quem, então?" Brunet olha para Schneider com atenção. Diz: "Dos que os mistificaram." Schneider fez um sorriso mordaz. Rectifica: "Que nos mistificaram. Somos todos hóspedes do mesmo lar." Brunet sente renascer a sua irritação, sufoca, mas fala com displicência: "Se quiseres. Mas, sabes, eu não tinha ilusões." — "Eu também não", diz Schneider. "E que pode isso fazer? Mistificados ou não, estamos aqui." — "E depois? Porque não aqui?"

Neste momento está completamente calmo, pensa: "Onde houver homens, tenho lugar e trabalho." Schneider. voltou os olhos para o portão; não diz mais nada. Brunet olha para ele sem antipatia: quem será este tipo? Um intelectual? Um anarquista? Que fazia ele? Gordura a mais, um tanto não te rales, mas, no fundo, bom: talvez sirva. A tarde cai, cinzenta e rosa, sobre as janelas, sobre a cidade escura que não se vê.

Os homens têm o olhar fixo; olham a cidade através dos muros; não pensam em nada, já não se mexem, a enorme paciência militar desceu sobre eles com a noite: esperam. Esperaram o correio, as licenças, o ataque alemão e esta era a maneira de esperar o fim da guerra. A guerra acabou e eles ainda esperam. Esperam os camiões carregados de pão, as sentinelas alemãs, o tão desejado armistício, simplesmente por terem na sua frente um pequeno pedaço de futuro, para não morrerem. No meio da noite, muito ao longe, no passado, toca o sino. Moúlu sorri: "Ouve!, Lambert, talvez seja o armistício." Lambert põe-se a rir; trocam olhares entendidos.

* L'Humanité, jornal diário, órgão do Partido Comunista Francês.

Lambert explica aos outros: "Tínhamos combinado que organizávamos uma grande farra!" — "Será no dia do armistício", disse Moúlu. O lourinho sente-se feliz com a idéia, diz: "No dia da paz, apanho uma bebedeira que dure quinze dias!" "Nem quinze dias! Nem um mês!" dizem os tipos à volta, "vai ser de caixão à cova, santo Deus!"

Será preciso destruir uma a uma pacientemente, as suas esperanças, matar-lhes as ilusões, fazer-lhes ver a situação miserável em que estão, criar-lhes horror a tudo, a todos e, para começar, a eles próprios. Só então... desta vez é Schneider que olha para ele, como se lesse o seu pensamento. Um olhar duro. Brunet devolve-lhe o olhar. "Vai ser difícil", diz Schneider. Brunet espera com as sobrancelhas arqueadas. Schneider repete: "Vai ser difícil." — "Que é que vai ser difícil? — "Tomarmos consciência. Não constituímos uma classe. Apenas um rebanho. Poucos operários: camponeses, pequenos burgueses. Nem sequer trabalhamos: somos abstractos." — "Deixa lá", disse Brunet involuntariamente. "Trabalharemos..." — "Sim, claro. Mas como escravos, não é um trabalho que emancipe e não passamos de um complemento. Que acção comum nos podes pedir? Uma greve dá aos grevistas a consciência da sua força. Mas, mesmo que todos os prisioneiros franceses cruzassem os braços, a maioria alemã não seria atingida."

Olham-se friamente; Brunet pensa: “Portanto, reconheceste-me; pior para ti, vigiar-te-ei.” Bruscamente o ódio ilumina o rosto de Schneider, depois tudo esmorece. Brunet não sabe a quem era dirigido este ódio. Uma voz, surpreendida e encantada: “Um “boche”.” — “Onde? Onde?” Toda a gente levanta o nariz. No mirante da esquerda acaba de aparecer um soldado com capacete, a metralhadora na mão, uma granada no cano das botas; atrás dele, outro com uma espingarda. “Pois bem”, diz um tipo, “Já não é sem tempo que se lembrem de nós. Toda a gente está aliviada: chegou o mundo dos homens com as suas leis, as suas certezas e os seus tabus; é a ordem humana.

As cabeças voltam-se para o outro mirante. Ainda está vazio, mas os homens esperam confiantes como se aguarda a abertura dos guichets do correio ou a passagem do comboio expresso. Um capacete aparece rente à parede, depois outro: dois monstros com capacetes que carregam em conjunto uma metralhadora, a qual assentam no tripé e apontam para os prisioneiros. Ninguém tem medo; os tipos instalam-se: os dois mirantes estão guarnecidos, estas sentinelas de pé no cimo do muro anunciam uma noite sem aventuras; nenhuma ordem irá tirar os prisioneiros do seu sono para os lançar nas estradas; sentem-se seguros.

Um gajo grande e com óculos de aros de metal tirou um breviário do bolso e lê-o, murmurando. “Está-se a preparar”, pensa Brunet. Mas a raiva passa por ele sem o atingir. Descansa. Pela primeira vez há quinze anos, um dia passa lentamente, chega a noite sem que ele tenha nada que fazer. Da sua infância chega-lhe uma enorme calma, o céu está lá, posto no muro, róseo, próximo, inutilizável. Brunet olha-o timidamente, depois olha para os tipos que se mexem a seus pés, que cochicham, que fazem e desfazem os embrulhos: emigrantes na coberta do navio. Pensa: “Não são culpados” e tem vontade de lhes sorrir. Pensa que lhe doem os pés; senta-se ao pé de Schneider, desaperta os sapatos. Boceja, sente o corpo, inútil como o céu, e diz: “Está a ficar frio.” Amanhã começará a trabalhar.

A terra está cinzenta, ouve matraquear baixinho, presta atenção, é um ruído irregular, procura encontrar o ritmo, diverte-se a pensar que é morte, de repente descobre: “É um tipo a bater os dentes.” Endireita-se; em frente dele distingue umas costas nuas com crostas escuras, é o tipo que gritava na estrada, rasteja até ele: o tipo está todo arrepiado. “Ouve!”, disse Brunet. O outro não responde. Brunet tira uma camisola da sacola. “Ouve!” Toca no ombro nu, o tipo põe-se a gritar; volta-se e olha para Brunet ofegante, escorre-lhe ranho das narinas até à boca. Brunet.vê-o de frente pela primeira vez: é um belo jovem, tem as faces azuladas e os olhos profundos mas sem cílios. “Não te excites, meu velho”, diz Brunet suavemente. “É só para te vestir uma camisola”.

O tipo pega na camisola cheio de medo, veste-a e fica imóvel, de braços abertos. As mangas são demasiado compridas, chegam-lhe aos dedos. Brunet ri-se: “Arregaça-as.” O outro não responde, continua a bater os dentes; Brunet segura-lhe nos braços e arregaça-lhe as mangas. “Esta noite”, diz o tipo. “A sério?”, pergunta Brunet. “Esta noite, o quê?” — “A hecatombe”, responde o tipo. “Está bem”, disse Brunet. “Muito bem”. Procura no bolso do outro, tira um

lenço sujo e manchado de sangue, deita-o fora, pega no seu próprio lenço e dá-lho: "Enquanto esperas, assoa-te."

O tipo assoa-se, põe o lenço no bolso e começa a titubear. Brunet acaricia-lhe suavemente a cabeça, como a um animal, diz-lhe: "Tens razão." O tipo acalma-se, já não bate os dentes. Brunet olha à sua volta: "Alguém o conhece?" Um tipo moreno e vivo ergue-se nos cotovelos: "É Charpin", diz. "Olha por ele", pede Brunet. "Para não fazer asneiras". — "Eu vou vendo", concorda o tipo. "Como te chamas?", pergunta Brunet. "Vernier." — "Que fazias?" — "Era tipógrafo em Lião." Tipógrafo: um em três; amanhã falaria com ele. "Boa noite", diz Brunet. "Boa noite", responde o tipógrafo. Brunet volta para o lugar. Torna a sentar-se, faz o balanço.

Moúlu: comerciante, está certo disso. Não há muito a fazer. Com o sargento também não: incorrigível, estilo Cagoule*. Lambert: um descontente. Com o seu cinismo, está neste momento em plena decomposição. Pode ser recuperado. O nortista: um campônio. O lourinho: Lambert e ele são a mesma coisa; mas o lourinho é mais inteligente e respeita o trabalho, está pronto para tudo. O tipógrafo: provavelmente um jovem camarada. Brunet olha de soslaio para Schneider, que está a fumar, imóvel, de olhos muito abertos. "Aquele, ver-se-á." O padre pousou o breviário, fala; deitados ao pé dele, três jovens ouvem-no com uma familiaridade piedosa. Três: vai bater-me, pelo menos nos primeiros tempos. "Aqueles tipos têm sorte", pensa Brunet. "Podem trabalhar à luz do dia; ao domingo dizem missa."

* La Cagoule é o nome dado pela imprensa e a opinião pública francesas ao Comité Secret d'Action Révolutionnaire (C. S. A. R.), organização de extrema-direita apoiada por certos grupos militares e econômicos e que agrupou, entre 1932 e 1940, várias redes de acção directa. Responsável por vários atentados, entre os quais o assassínio, em 1941, do ministro francês Marx Dormoy, La Cagoule foi profunda mente dividida durante a guerra, tendo alguns dos seus membros sido colaboracionistas, enquanto outros militaram na France Libre e até na Resistência.

Moúlu suspira:. "Já não vêm esta noite." — "Quem?", pergunta Lambert. "Os camiões, está muito escuro." Deita-se no chão e põe a cabeça em cima da sacola. "Espera", diz Lambert, "tenho um pedaço de lona. Quantos somos?" — "Sete", diz Moúlu. "Sete", repete Lambert, "cabemos todos. Deitamo-nos os sete". Estende a lona em frente da escadaria. "Quem tem cobertores?"

Moúlu tira um, o sargento e o nortista desdobram os deles; o lourinho não tem, Brunet também não. "Não faz mal", diz Lambert, "havemos de nos arranjar". Um rosto sobressai da escuridão, tímido e sorridente: "Se me deixarem deitar na lona podem compartilhar do meu cobertor." Lambert e o lourinho olham friamente para o intruso: "Já não há lugar", diz o lourinho. E Moúlu acrescenta mais amavelmente: "Compreendes, estamos entre camaradas." O sorriso desaparece, engolido pela noite.

Formou-se um grupo no meio da multidão, um grupo ao acaso, sem amizade nem verdadeira solidariedade, mas que já se fecha aos outros; Brunet

pertence-lhe. “Vem”, diz-lhe Schneider, “vamos dormir os dois debaixo do meu cobertor”. Brunet hesita: “Daqui a bocado, agora não tenho vontade de dormir.” — “Eu também não”, diz Schneider.

Ficam sentados um ao lado do outro enquanto os outros se enrolam nos seus cobertores. Schneider fuma, escondendo o cigarro por causa das sentinelas. Pega num maço de Gauloises, oferece a Brunet: “Um cigarro. Para o acenderes vais ali atrás do muro, eles não vêem a chama,” Brunet tem vontade de fumar. Recusa: “Obrigado, agora não.” Não brincará como os colegiais, já não tem dezasseis anos: desobedecer aos alemães nas pequenas coisas, é uma maneira de lhes reconhecer a autoridade.

Aparecem as primeiras estrelas; do outro lado do muro, muito ao longe, ouve-se uma música estridente, a música dos vencedores. O sono passa por cima de vinte mil corpos gastos, cada corpo é uma vaga. Este ondulamento obscuro ressona como o mar. Brunet começa a estar farto de não fazer nada; o céu, por muito belo que seja, já está visto. Antes dormir. Volta-se para Schneider a bocejar e subitamente os seus olhos tornam-se duros, endireita-se: Schneider não está bem, o cigarro apagou-se e ele não o tornou a acender, pende-lhe do lábio inferior; olha tristemente para o céu, é o momento de saber o que tem dentro dele.

“És de Paris?”, pergunta Brunet. “Não.” Brunet finge-se desinteressado, diz: “Eu moro em Paris, mas sou de Combloux, perto de Saint-Étienne.” Silêncio. Ao fim de algum tempo Schneider diz contrariado: “Sou de Bordéus.” — “Ah! Ah!”, diz Brunet. “Conheço bem Bordéus. É uma cidade bonita, mas triste, não é? Trabalhavas lá?” — “Sim.” — “Que fazias?” — “Que fazia?” — “Sim.” — “Era ajudante de notário.” — “Ah!”, diz Brunet. Boceja; terá de ver a caderneta militar de Schneider. “e tu?”, pergunta Schneider. Brunet sobressaltou-se: “Eu? Era representante.” — “Que representavas?” — “Um pouco de tudo.” — “Estou a ver.” Brunet deixa-se deslizar ao longo do muro, leva os joelhos à boca e diz com uma voz longínqua, como se fizesse o balanço do dia antes de adormecer: “Pois bem.” — “Bem”, diz Schneider com a mesma voz, “bem”. — “Uma bela derrota”, continua Brunet. “Era fatal”, diz Schneider. “Vencidos por vencidos”, insiste Brunet, “ainda bem que foi rápido: há menos sangue”. Schneider goza: “Ainda estamos a tempo.” Brunet lança-lhe uma olhadela: “Tens um ar estranhamente derrotista.” — “Não sou derrotista; verifico a derrota.” — “Qual derrota?”, pergunta Brunet. “Não há derrota nenhuma”.

Interrompe-se; pensa que Schneider vai protestar, mas não. Schneider olha para os pés com um ar desinteressado: a beata pende-lhe ainda do canto da boca. Presentemente, Brunet já não pode parar: tem de desenvolver a sua idéia; mas já não é a mesma idéia. Se este imbecil o tivesse interrogado, Brunet arranjaria oportunidade de lha atirar à cara; agora, aborrece-o ter de falar: as palavras vão deslizar sobre esta massa indiferente sem a penetrar.

“É por chauvinismo que os Franceses pensam que a guerra está perdida. Pensam sempre que se encontram sós no mundo, e quando o seu invencível exército sofre uma derrota julgam que tudo está perdido.” Schneider emite um som fanhoso, Brunet decide contentar-se com esta resposta. Prossegue: “A guerra está a começar, meu velho. Dentro de seis meses, lutar-se-á desde o Cabo até o

estreito de Bering.” Schneider diverte-se. Diz: “Nós?” — “Nós, os Franceses”, diz Brunet, “continuaremos a guerra noutras frentes. Os Alemães pretenderão nacionalizar a nossa, indústria o proletariado pode e deve impedi-los”.

Schneider não tem qualquer reacção; o seu corpo atlético mantém-se inerte. Brunet não gosta disso; os pesados silêncios desconcertantes são a sua especialidade; foi batido no seu próprio campo; queria fazer falar Schneider e, afinal, foi ele quem engoliu a pastilha. Cala-se por sua vez, Schneider continua calado: esta situação pode durar muito. Brunet começa a estar inquieto: esta cabeça ou é demasiado vazia ou demasiado cheia. Não longe deles, um tipo começa a ganir. Desta vez, é Schneider quem rompe o silêncio.

Fala acaloradamente: “Estás a ouvir? Considera-se cão.” Brunet encolhe os ombros: não é altura de se enternecer com um tipo que sonha, não tem tempo a perder. “Pobres tipos”, diz Schneider com uma voz apaixonada. “Pobres tipos!” Brunet cala-se. Schneider continua: “Não voltarão a casa. Nunca.” Voltou-se para Brunet e olha-o agressivamente: “Ouve lá!”, diz Brunet rindo, “não me olhes assim: não tenho culpa nenhuma”. Schneider põe-se a rir, a expressão desanuvia-se, o olhar esmorece: “Não, na verdade, não tens culpa.”

Calam-se; uma idéia vem a Brunet, aproxima-se de Schneider e pergunta-lhe em voz baixa: “Se é isso que pensas porque não tentas evadir-te?” — “Ora!”, diz Schneider. “És casado?” — “Até tenho dois filhos.” — “Não te dás bem com a tua mulher?” — “Eu? Adoramo-nos.” — “Então?” — “Ora!”, diz Schneider. “E tu? Vais-te evadir?” “Não sei”, responde Brunet, “ver-se-á mais tarde”. Tenta ver o rosto de Schneider, mas a noite alastra pelo pátio; já não se vê nada, salvo a sombra negra dos mirantes apontando para o céu. “Parece-me que vou dormir”, diz Brunet bocejando. “Bom”, replica Schneider, “então eu também vou”. Estendem-se na lona, encostam as sacolas ao muro; Schneider desdobra o cobertor e embrulham-se nele. “Boa noite”, diz Schneider. — “Boa noite.” Brunet volta-se de costas e põe a cabeça na sacola, tem os olhos abertos, pensa: “Que necessidade tinha eu de me meter com este tipo?”

Pergunta a si próprio qual deles foi o primeiro a manobrar o outro. De tempos a tempos, entre os grupos de estrelas, um raio luminoso atravessa o céu; Schneider mexe-se devagar debaixo do cobertor e cochicha. “Estás a dormir, Brunet?”, Brunet não responde, Espera um momento e depois ouve um roncar fanhoso: Schneider dorme, Brunet vela, única luz no meio destas vinte mil noites. Sorri, fecha os olhos e abandona-se, dois árabes riem no bosque: “Onde está Abd-el-Krim?” A velha responde: “Não me admira nada que esteja na loja de modas.” justamente, está, lá, sentado em frente do balcão, muito calmo, gritando: “Assassinos! Assassinos.” Arranca os botões da túnica; cada botão, ao saltar, provoca uma detonação seca e um relâmpago. “Atrás do muro, mexe-te!”, diz Schneider. Brunet senta-se, coça a cabeça, encontra uma noite estranha e cheia de rumores: “Que há?” — “Mexe-te! Depressa!” Brunet atira com o cobertor e estende-se atrás do muro com Schneider. Uma voz distingue-se: “Assassinos!”

Alguém grita em alemão, depois ouvem-se as detonações secas das metralhadoras. Brunet arrisca um olhar por cima do muro, à luz dos relâmpagos, vê um grupo de árvores enfezadas, levantando para o céu ramos nodosos e torcidos, doem-lhes os olhos, tem a cabeça vazia, diz: “Humanidade sofredora.”

Schneider puxa-o para trás: “Humanidade sofredora, uma ova: estão a massacrar-nos.” A voz soluça: “Como cães! Como cães!” A metralhadora já não atira, Brunet passa a mão pela testa, acorda finalmente: “Que se passa?” — “Não sei”, diz Schneider. “Atiraram duas vezes; a primeira foi talvez para o ar, mas a segunda foi a sério.”

A selva remexe à volta deles: o que é que houve? Chefes improvisados respondem: calem-se, não se mexam, fiquem deitados; os mirantes são negros, em contraste com o céu leitoso, lá dentro há homens que espreitam, com o dedo no gatilho das metralhadoras. De joelhos atrás do muro, Brunet e Schneider vêem ao longe o talho redondo de uma lâmpada eléctrica. Aproxima-se, balançada por uma mão invisível, varre com a sua claridade as larvas cinzentas e achatadas.

Duas vozes roucas falam alemão; Brunet apanha com a luz em cheio na cara; fecha os olhos, cego, uma voz pergunta com forte sotaque: “Quem gritou?”, Brunet responde: “Não sei.” O sargento levanta-se, está eufórico, muito aprumado à luz da lâmpada, correcto e distante ao mesmo tempo: “Foi um soldado que enlouqueceu, pôs-se a gritar, os camaradas tiveram medo e levantaram-se, então a sentinela atirou.” Os alemães não compreenderam; Schneider fala-lhes em alemão, os alemães resmungam e falam por sua vez; Schneider volta-se, para o sargento: “Pedem para perguntar se há feridos.”

O sargento aproxima-se, põe as mãos à volta da boca com um gesto vivo e preciso; grita: “Indiquem os feridos.” De todos os lados respondem vozes fracas; dois faróis iluminam-se bruscamente, neva uma luz férrica que acaricia a multidão consternada; alemães atravessam o pátio com macas, enfermeiros franceses juntam-se a eles. “Onde está o louco?”, pergunta o oficial alemão aplicadamente. Ninguém responde, mas o louro está lá, de pé, tem os lábios brancos e a tremer, lágrimas escorrem-lhe pela cara, os soldados rodeiam-no e levam-no, ele deixa-se levar, aparvalhado, limpa o nariz e a boca com o lenço de Brunet.

Soerguidos, os homens olham para este tipo que vive o sofrimento até ao fim; sabe a derrota e a morte. Os alemães desaparecem, Brunet boceja; a luz fere-lhe os olhos; Moúlu pergunta: “Que lhe vão fazer?” Brunet encolhe os ombros, Schneider diz simplesmente: “Os nazis não gostam dos loucos.” Homens vão e voltam com macas, Brunet diz: “Parece que nos podemos tornar a deitar.” Deitam-se. Brunet ri: — no sítio onde estava deitado, há um buraco na lona. Um buraco de bordos queimados. Mostra-o, Moúlu faz-se verde e as mãos tremem-lhe: “Oh!”, diz ele, “Oh!, oh!” Brunet diz sorrindo a Schneider: “Em suma, salváste-me a vida.” Schneider não sorri, olha para Brunet com um ar sério e perplexo, fala lentamente: “Sim. Salvei-te a vida.” — “Obrigado”, diz Brunet enrolando-se no cobertor. “Eu”, diz Moúlu, “vou dormir atrás do muro”.

Os faróis apagam-se de repente, a floresta humana geme, estala, murmura, cochicha. Brunet endireita-se, os olhos cheios de sol, a cabeça cheia de sono, olha para o relógio: sete horas; os homens apressam-se a dobrar as lonas e os cobertores. Brunet sente-se sujo e transpirado: suou durante a noite e tem a camisa colada ao corpo. “Santo Deus”, diz o lourinho, “não posso mais!” Com os olhos, Moúlu interroga melancolicamente o grande portão fechado: “Mais um dia sem comer!” Lambert abre um olho, furioso: “Não fales de desgraças.”

Brunet levanta-se, inspecciona o pátio, vê um grupo à volta de uma mangueira, aproxima-se: um homem gordo e todo nu toma um duche dando gritinhos de mulher. Brunet despe-se, põe-se na bicha, recebe nas costas e na barriga um jacto forte e gelado; veste-se sem se limpar, pega na mangueira e dá banho aos três seguintes. O duche tem poucos clientes, os homens agarram-se ao suor nocturno. "Quem está a seguir?", pergunta Brunet. Ninguém responde, pousa o tubo com uma espécie de raiva, pensa: "Estão a desmoralizar." Olha à sua volta, pensa: "São estes os homens." Vai ser duro.

Põe o dólman debaixo do braço, para esconder os galões, e, para apalpar terreno, aproxima-se de um grupo que fala a meia voz. Nove vezes em dez falam de comida. Brunet gostava de que assim fosse: é uma excelente maneira de começar, a comida; é simples e concreto, é verdadeiro: um tipo que tem fome é mais permeável. Não estão a falar de comida: um alto e magro, de olhos vermelhos, reconhece-o: "Eras tu que estavas ao lado do louco, não eras?" — "Sim, era eu", diz Brunet. "Que tinha ele feito, ao certo?" — "Tinha gritado." — "É tudo? Merda. Total: quatro mortos, vinte feridos." — "Como sabes?" — "Foi Gartiser que disse." Gartiser é um homem atarracado de carnes flácidas; tem uns grandes olhos tristes. "És enfermeiro?", pergunta Brunet. Gartiser faz um sinal com a cabeça: sim, é enfermeiro, os "boches" levaram-no para as cavalariças, atrás da caserna, para tratar dos feridos. "Houve um que me morreu nos braços." — "É chato", diz um tipo. "É mesmo chato morrer a oito dias da libertação." — "Oito dias?", pergunta Brunet. "Oito dias, quinze se quiseres. Têm de nos mandar embora, já nem nos podem alimentar." Brunet pergunta: "E o louco?" Gartiser cospe para o chão: "Não me fales nisso. Quiseram-no calar, houve um que lhe pôs a mão na boca, então ele mordeu-o. Oh!, minha mãe! Se os visses! Começaram a gritar, ninguém se entendia, levam-no para um canto da cavalariça e põem-se todos a bater-lhe, coma mão, comas armas, por fim isso divertia-os e havia tipos dos nossos que os excitavam porque, como diziam, foi o filho da puta que teve a culpa de tudo. No fim,. estava num lindo estado, o gajo, tinha a cara numa papa, um olho saído, puseram-no numa maca e levaram-no não sei para onde, mas ainda lhe devem ter feito mais, porque o ouvi gritar até às três horas da manhã."

Tira do bolso um pequeno objecto embrulhado num pedaço de papel de jornal: "Olha para isto." Desdobra o papel: "é um dente. Encontrei-o de manhã no sítio onde ele caiu." Torna a embrulhá-lo, mete-o no bolso e diz: "Guardo-o como recordação." Brunet voltou-lhes as costas e regressa lentamente para a escadaria. Moúlu grita-lhe de longe. "Sabes qual é o balanço?"_"Qual balanço?" — "Desta noite: vinte mortos e trinta feridos." — "Bolas!", diz Brunet "Nada mau", replica Moúlu. Sorri, vagamente lisonjeado, e repete: "Para uma primeira noite, não é nada mau." "Porque terão necessidade de desperdiçar munições?", pergunta Lambert. "Se se querem ver livres de nós, têm uma maneira mais simples: deixam-nos morrer de fome, como já estão a fazer." — "Não nos deixam morrer de fome", diz Moúlu. "Que sabes disso?" Moúlu sorri: "Faz como eu: olha para o portão, distrais-te e, além disso, é por ali que os camiões entram."

O barulho de um motor abafa-lhe a voz: "Olha o avião", grita o nortista. É um avião de reconhecimento, voa a cinqüenta metros, negro e brilhante, passa

por cima do pátio, vira à esquerda, duas vezes, três vezes; vinte mil cabeças o seguem, todo o pátio dá voltas com ele. “Se nos bombardeassem”, diz o de cabelo encaracolado com uma espécie de indiferença. “Bombardearem-nos?”, interrogou Moúlu. “Por quê?” — “Porque não nos podem alimentar.” Schneider olha para o avião piscando os olhos; diz, fazendo caretas ao Sol: “Parece-me que nos estão a fotografar...” — “Para quê”, perguntou Moúlu. Schneider explica laconicamente: “Correspondentes de guerra...”

As grandes bochechas de Moúlu enrubescem. O medo transforma-se em raiva, endireita-se subitamente, estende os braços para o céu e põe-se a gritar: “Deitem-lhes a língua de fora; camaradas, deitem-lhes a língua de fora, parece que nos estão a fotografar.” Brunet diverte-se: uma onda de ódio, percorre a multidão; um soldado ergue o punho, um outro, de ombros encolhidos, o ventre em evidência, mete os dedos na braguilha e aponta o polegar para o avião, como um sexo; o nortista pôs-se de gatas: de cabeça baixo, de rabo para o ar: “Que me fotografem o cu.” Schneider olha para Brunet: “Estás a ver”, diz ele. “Ainda reagimos”. — “Ora”, diz Brunet, “isto não prova nada!” O avião vai-se embora, ao sol. “Então”, diz Moúlu, “o meu focinho vai aparecer em Francoforte?”

Lambert desapareceu, volta muito excitado: — “Parece que podemos arranjar móveis baratos.” — “Quê?” — “Há móveis atrás da caserna, colchões, cântaros, jarros, é só trazê-los, mas é preciso ir depressa porque está lá um mar de gente.” Olha para os camaradas com os olhos brilhantes. “Vocês vêm, amigos? Eu vou”, diz o de cabelo encaracolado levantando-se de um salto. Moúlu não se mexe: “Anda, Moúlu”, chama Lambert. “Não”, diz moúlu “Estou a poupar-me. Enquanto não comer, não me mexo.” — “Então, toma conta das coisas”, diz o sargento. Levanta-se e vai ter com os outros a correr.

Quando chegaram à esquina da caserna, Moúlu grita-lhes com uma voz mole: “Estão a desperdiçar as vossas forças, cretinos!” Suspira, olha para Schneider e Brunet severamente e diz cochichando: “Nem devia gritar.” — “Vamos lá?”, pergunta Schneider. “Para que precisamos de um cântaro?”, interroga Brunet. “Foi só para desentorpecer as pernas.”

Do outro lado da caserna há um segundo pátio e um grande edifício de um só andar, com quatro portas: as cavalariças. A um canto, tudo misturado, amontoam-se colchões velhos, enxergas, camas, armários, mesas sem pernas. Os soldados empurram-se à volta destes destroços; um tipo atravessa o pátio com um colchão, outro leva um manequim de verga.

Brunet e Schneider dão a volta às cavalariças e descobrem uma pequena colina cheia de erva. “Trepamos?”, pergunta Schneider. “Trepamos.” Brunet sente-se mal: o que quer este tipo? Amizade? Já não tenho idade para isso. No cimo do monte, vêem três covas tapadas recentemente. “Estás a ver”, diz Schneider, “só mataram três”. Brunet senta-se na erva, ao lado das covas. “Dá-me o teu canivete.” Schneider dá-lho, Brunet abre-o e começa a tirar os galões. “Fazes mal”, diz Schneider. “Os sargentos estão isentos de trabalho”.

Brunet encolhe os ombros sem responder, põe os galões no bolso e levanta-se. Voltam para o primeiro pátio: os tipos andam em mudanças; um belo rapaz, de ar insolente, está numa cadeira de baloiço; ao pé de uma tenda montada, dois homens puseram uma mesa e duas cadeiras; jogam triunfalmente às cartas;

Gartiser está sentado de pernas cruzadas num tapete persa, todo queimado. “Faz-me lembrar a feira da ladra”, diz Brunet. “Ou um mercado árabe”, replica Schneider. Brunet aproxima-se de Lambert: “Que trouxera?” Lambert levanta a cabeça orgulhoso: “Pratos!”, responde apontando para uma pilha de pratos rachados e de fundo negro. “Que vão fazer disso? Comê-los?” — “Deixa lá”, diz Moúlu. “Talvez atraiam a comida”.

A manhã arrasta-se: os homens estão outra vez entorpecidos; tentam dormir ou deitam-se de costas, o rosto voltado para o céu, os olhos abertos e fixos; têm fome. O de cabelo encaracolado arranca pedaços da erva que cresce entre as pedras e mastiga-a; o nortista pegou num canivete e esculpe um bocado de madeira.

Um grupo de homens faz uma fogueira debaixo de uma panela ferrugenta, Lambert levanta-se, vai ver e volta desiludido: “É sopa de urtigas”, explica deixando-se cair entre o de cabelos encaracolados e Moúlu. “Não alimenta”. Rendição das sentinelas alemãs. “Vão comer?, diz o sargento com um ar ausente. Brunet vai sentar-se junto do tipógrafo. Pergunta-lhe: “Dormiste bem?” — “Dormi”, diz o tipógrafo. Brunet olha-o com satisfação: tem um ar limpo e asseado, com um brilho vivo nos olhos; duas probabilidades em três.— “Olha lá, queria perguntar-te: trabalhas em Paris?” — “Não”, diz o outro, “em Lião”. — “Onde?” — “Na Tipografia Levrault.” — “Ah!”, diz Brunet, “Levrault, conheço muito bem. Fizeram uma importante greve em trinta e seis, corajosa e bem orientada”. O tipógrafo ri orgulhosamente. Brunet pergunta: “Conheceste Pernu, então?” — “Pernu, o delegado sindical?” — “Sim.” — “Claro!” Brunet levanta-se: “Vem dar uma volta, preciso de te falar.”

Ao chegarem ao outro pátio, Brunet olha-o de frente: “És do Partido?” O tipógrafo hesita, Brunet diz-lhe: “Sou Brunet, de L’Humanité.” — “É então isso”, responde o tipógrafo. Também me parecia... “ — “Tens cá camaradas? “ — “Dois ou três.” — “São tipos corajosos?” — “Muito. Mas ontem perdi-os de vista.” — “Trata de os descobrir”, diz Brunet. “E venham ter comigo: temos de nos organizar”. Volta a sentar-se ao lado de Schneider; lança-lhe uma olhadela, o rosto de Schneider está calmo e inexpressivo. “Que horas são?”, pergunta este. “Duas horas”, responde Brunet. “Olha o cão”, diz o de cabelo encaracolado. Um grande cão preto atravessa o pátio, de língua pendente; os homens olham-no com um ar estranho. “Donde vem ele?”, pergunta o sargento. “Não sei”, diz Brunet. “Talvez estivesse nas cavalariças”.

Lambert apoiou-se num cotovelo, perplexo, segue o cão com o olhar. Diz, como para os seus botões: “A carne de cão não é tão má como dizem.” — “Já comeste?” Lambert não responde; tem um gesto de aborrecimento, depois deixa-se cair de costas, com um certo fatalismo: os dois tipos que estavam a jogar às cartas em frente da tenda abandonaram as cartas em cima da mesa e levantaram-se com um ar negligente; um deles leva debaixo do braço um pedaço da lona da tenda. “Demasiado tarde”, comenta Lambert.

O cão desaparece atrás da caserna; seguem-no sem se apressarem e desaparecem atrás dele. “Conseguirão? Não conseguirão?”, pergunta o nortista. Ao fim de um momento os dois homens regressam: enrolaram a lona à volta de um volumoso objecto e trazem-no, cada um pegando por seu lado, como uma

rede. Quando passam em frente de Brunet uma gota cai ao chão e avermelha as pedras. “Material de má qualidade”, nota o sargento. “A tela devia ser impermeável”. Abana a cabeça, resmunga: “É sempre assim... Como queriam que se ganhasse a guerra?” Os dois tipos atiram com o embrulho para a tenda. Um deles entra lá para dentro de gatas, o outro vai buscar lenha para fazer a fogueira. O de cabelo encaracolado suspira: “Teremos pelo menos dois sobreviventes.” Brunet adormece, acorda sobressaltado com um grito de Moúlu: “Ali! Ali! A comida.”

O portão abre-se lentamente. Levantam-se centenas de tipos: “Um camião.” O camião entra, camuflado, com flores e folhas na parte da frente, uma primavera, mil homens se levantam, o camião mete-se entre as paredes da cerca e a barreira de separação. Brunet levantou-se, foi empurrado, puxado, atirado, levado até aos arames. O camião está vazio. Um alemão, atrás, nu até à cintura, vê-os chegar, indolentemente. Pele morena, cabelos louros, músculos salientes, parece um desses jovens elegantes que faziam esqui, seminus, em Saint-Moritz.

Mil pares de olhos se levantaram para ele, isso diverte-o: olha com um sorriso estes animais nocturnos e esfomeados que se amontoam contra as grades da gaiola para o verem melhor. Um momento depois inclina-se para trás e interroga as sentinelas do mirante, que lhe respondem rindo. A multidão espera, deslumbrada, vigia os gestos do patrão, arqueja de impaciência e de prazer. O alemão baixa-se, apanha um bocado de pão do fundo do camião, tira um canivete do bolso, abre-o, afia-o na bota e corta uma fatia. Atrás de Brunet, um indivíduo começou a resfolegar.

O “boche” leva a fatia ao nariz e finge aspirar deliciado, com os olhos semicerrados, os animais rosnam, Brunet sente um nó ma garganta provocado pelo ódio. O alemão olha outra vez para eles, sorri, põe a fatia entre o indicador e o polegar, muito direita. Segurou-a mal — talvez propositadamente —, ela cai entre as estacas e o camião. Há homens que se baixam para passarem por baixo dos arames: a sentinela do mirante grita uma ordem seca e aponta-lhes a metralhadora. Os homens continuam apinhados contra a barreira, de boca aberta e olhos de loucos. Moúlu, muito encostado a Brunet, murmura: “Isto vai acabar mal, gostaria de me ir embora.” Mas a multidão empurra-o contra Brunet, ele tenta em vão libertar-se, grita: “Recuem, recuem, idiotas; não vêem que vai acontecer como esta noite?”

No camião o alemão corta uma segunda fatia, atira-a, ela dá uma volta no ar e cai entre as cabeças levantadas; Brunet é apanhado num enorme redemoinho, sente-se empurrado, deslocado, batido; vê Moúlu, levado por um turbilhão, levantando as mãos como se se estivesse a afogar. “Patifes!”, pensa, “patifes!” Queria bater com os punhos, dar pontapés nos homens que os rodeiam.

Uma segunda fatia cai, e uma terceira, os homens começam a bater-se; um, mais forte, liberta-se, traz uma fatia na mão, apanham-no, rodeiam-no, ele mete a fatia inteira na boca, empurrando-a com a mão para a fazer entrar; largam-no, ele vai-se embora, lentamente, revirando os olhos. O alemão diverte-se, atira fatias para a direita, para a esquerda, faz umas fintas para decepcionar a multidão. Um bocado de pão cai aos pés de Brunet, um cabo vê-a, atira-se a ela empurrando Brunet; este agarra-o pelos ombros e aperta-o contra si. A multidão amontoa-se

em cima do pão, que jaz na poeira. Brunet põe o pé em cima da fatia e esfrega a terra com a sola do sapato. Mas dez mãos agarram-lhe a perna, afastam-na, apanham migalhas cheias de terra.

O cabo debate-se furiosamente: um outro bocado acaba de cair em cima do seu sapato. "Larga-me, patife, larga-me." Brunet agüenta-se, o tipo tenta bater-lhe, Brunet apara com o cotovelo e aperta com todas as forças: está contente. "Abafas-me", diz, o tipo com uma voz lívida. Brunet continua a apertar, vê passar sobre a sua cabeça as fatias brancas, aperta, está contente, o tipo abandona-se-lhe nos braços. "Acabou-se", diz uma voz.

Brunet atira a cabeça para trás: o "boche" está a fechar o canivete. Brunet abre os braços: o cabo vacila, dá dois passos para o lado para reencontrar o equilíbrio e tosse olhando para Brunet com um espanto cheio de ódio. Brunet sorri; o tipo olha para os ombros dele hesita, depois murmura: "Patife" e volta-se.

A multidão destroça lentamente, decepcionada, não orgulhosa. Alguns privilegiados ainda mastigam, cheios de vergonha, com a mão a tapar a boca, revirando os olhos infantis. O cabo pôs-se em frente de uma .estaca: uma fatia de pão jaz na poeira acinzentada, entre o camião e a barreira: olha para ela. O alemão salta do camião, sempre rente ao muro, abre a porta de uma cabana. Os olhos do cabo brilham; espera. As sentinelas viraram a cabeça; pôs-se de gatas, passa por baixo dos arames, estende a mão; um grito: a sentinela aponta para ele. Ele quer recuar, a outra sentinela ordena-lhe que não se mexa. Ele espera, lívido, a mão ainda estendida, de traseiro para o ar.

O alemão do camião voltou atrás, aproxima-se sem se apressar, levanta o tipo com uma mão e com a outra esbofeteia-o violentamente. Brunet ri até às lágrimas. Atrás dele, uma voz diz severamente: "Não gostas muito de nós." Brunet sobressalta-se e volta-se. É Schneider. Faz-se um silêncio; Brunet segue com os olhos o cabo, que o "boche leva a pontapés para a cabana, depois Schneider fala com voz neutra: "Nós temos fome." Brunet encolhe os ombros: "Porque dizes "nós"? Apanhaste fatias, tu?" — "Naturalmente", responde Schneider. "Fiz como toda a gente." — "Não é verdade", insiste Brunet, "eu vi-te". Schneider abana a cabeça: "Que tenha apanhado ou não, é a mesma coisa." B

runet, de cabeça baixa, esfrega a terra com o salto do sapato para enterrar as migalhas; uma estranha sensação faz-lhe levantar a cabeça precipitadamente; no mesmo instante alguma coisa se apaga nos olhos de Schneider, resta apenas uma raiva surda que lhe endurece a expressão. Schneider diz: "Sim, somos gulosos! Sim, somos cobardes e servis. É nossa a culpa? Levaram-nos tudo: as nossas profissões, as nossas famílias, as nossas responsabilidades. Para ser corajoso, é preciso ter alguma coisa para fazer; senão não passa de um sonho. Já não temos nada a fazer, nem sequer ganhar o nosso sustento, já não contamos. Sonhamos; se somos cobardes, é em sonhos. Dá-nos trabalho e verás como acordamos."

O "boche" tornou a sair da cabana; está a fumar; o cabo sai atrás dele, coxeando: traz uma pá e uma picareta. "Não tenho trabalho para vos dar", diz Brunet. "Mas, mesmo sem trabalho, podemos comportarmo-nos correctamente". Um trejeito levanta o lábio superior de Schneider, depois o lábio descai; Schneider sorri. "Julgava-te mais realista. Claro que podes manter uma atitude correcta. Mas que muda isso? Não ajudarás ninguém, servirá apenas para tua

satisfação pessoal. A não ser que acredites na virtude do exemplo", acrescenta ele ironicamente. Brunet olha fria-mente para Schneider. Diz-lhe: "Reconheceste-me, não foi?" — "Sim", responde Schneider. "És Brunet de L'Huma. Vi muitas vezes a tua fotografia." — "Lias L'Huma?" — "Às vezes." — "És dos nossos?" — "Não, mas também não sou contra.", Brunet esboça um trejeito.

Voltam lentamente para a escadaria passando por cima dos corpos: esgotados pela violência do desejo e da decepção, os homens tornaram a deitar-se; estão lívidos e os olhos brilham-lhes. Perto da tenda, os dois jogadores começaram uma partida de manilha; debaixo da mesa há ossos e cinzas. Brunet fita Schneider pelo canto do olho; procura encontrar neste rosto o ar de familiaridade que lhe tinha visto na véspera. Mas. Já viu muitas vezes este nariz grosso, estas faces: a impressão desfez-se. Diz entre dentes: "Sabes o que significa ser comunista quando se caiu nas mãos dos nazis?" Schneider sorri sem responder, Brunet acrescenta: "Seremos severos com os tagarelas." Schneider continua a sorrir; diz: "Não sou tagarela."

Brunet pára, Schneider pára também, Brunet pergunta: "Queres trabalhar connosco?" — "Que vão fazer?" — "Dir-te-ei depois. Responde primeiro." — "Porque não?" Brunet, tenta decifrar este grande rosto macio e um tanto mole; insiste, sem deixar de olhar para Schneider: "Nem sempre será agradável." — "Já não tenho nada a perder", diz Schneider. "E depois, estarei ocupado." Tornam a sentar-se, Schneider deita-se com as mãos debaixo da cabeça; diz, fechando os olhos: "De qualquer modo, tu não gostas de nós, e isso inquieta-me."

Brunet deita-se por sua vez: que espécie de tipo é este? Um simpatizante? Bem! Foi ele que quis, pensa. Agora já não o largo. Adormece, acorda, é o entardecer, é a, noite, é o sol; levanta-se; olha à sua volta, pergunta a si próprio onde está, lembra-se, sente a cabeça vazia. O lourinho está sentado, tem um ar embrutecido e sinistro; os braços pendem-lhe entre as pernas abertas. "Sentes-te mal?", pergunta Brunet. "Estou fraco, cheio de fome. Achas que nos vão dar de comer esta manhã?" — "Não sei" — "Achas que nos querem matar à fome?" — Não sei nada." — "Estou chateado!", suspira o lourinho. "Não estou habituado a não fazer nada." — "Então vem lavar-te." O louro olhou sem entusiasmo para o sítio onde se encontrava a mangueira: "Deve estar fria." — "Vem."

Levantam-se, Schneider dorme. Moúlu dorme, o sargento está deitado de costas com os olhos muito abertos, mastiga o próprio bigode; há milhares de olhos no chão, milhares de olhos abertos e outros que o calor e o sol fazem abrir a pouco e pouco; as pernas do louro vacilam: "Merda, já não me agüento de pé, vou cair." Brunet pega na mangueira, fixa-a na tomada de água, abre a torneira. Sente-se pesado. O louro despiu-se; é duro e peludo, com grandes músculos. A carne avermelha-se e contrai-se com o jacto de água, mas o rosto continua cinzento. "Agora eu", diz Brunet. O louro pega no tubo, comenta: "É pesado!" Deixa-o cair e torna a apanhá-lo. Dirige o jacto para Brunet, fustiga-o é de repente deixa cair o tubo. Diz: "Cansa-me." Vestem-se.

O louro continua sentado no chão por largos momentos ainda, com as polainas na mão, olha para a água que escorre entre as pedras, segue com os olhos os sulcos lamacentos, diz: "Estamos a perder as forças." Brunet fecha a torneira, ajuda o de cabelo encaracolado a levantar-se, leva-o até à escadaria.

Lambert acordou, olha para eles rindo: “Vocês não vêm a direito; parecem embriagados.” O de cabelo encaracolado deixa-se cair na lona, resmunga: “Estou liquidado, nunca mais me recomponho.” Olha para as mãos trêmulas e peludas: “Assim, não se consegue reagir.” — “Anda passear”, diz Brunet. “Nunca mais!” Enrola-se nos cobertores e fecha os olhos. Brunet vai para o pátio de trás; está deserto; trinta voltas ao pátio em passo de ginástica.

Na décima sente a cabeça tonta; na décima nona é obrigado a apoiar-se a uma parede; mas resiste, quer dominar o corpo, vai até ao fim e pára arquejante. Até na cabeça sente o coração a bater, mas sente-se feliz: o corpo foi feito para obedecer; fará isto todos os dias, irá até cinqüenta. Não sente a fome, está feliz por não sentir a fome: hoje é o quinto dia de jejum, ainda se sente bem. Volta para o pátio da frente. Schneider continua a dormir, de boca aberta; todos os tipos estão deitados, imóveis e mudos, parecem cadáveres. Brunet queria falar ao tipógrafo, mas ele está a dormir.

Volta a sentar-se; o coração bate-lhe com força; o nortista põe-se a rir. Brunet volta-se: o nortista está a rir-se, de olhos baixos sobre o pedaço de madeira que esculpe; já gravou uma data; agora desenha flores com a ponta do canivete: “Que graça tem isso?”, pergunta Lambert. “Achas graça a isso, tu?” O nortista continua a rir. Explica sem levantar os olhos: “Estou-me a rir porque há três dias que não cago.” — “É normal”, diz Lambert. “Que querias cagar?” — “Mas há quem cague”, diz Moúlu. “Eu vi.” — “São uns felizardos”, diz Lambert. “Tipos que trouxeram latas de conservas de carne”. O sargento levanta-se. Olha para Moúlu puxando pelo bigode: “Então? Os teus camiões?” — “Vão chegar”, afirma Moúlu. “Vão chegar”. Mas a sua voz já não parece muito convicta. “Terão de se apressar”, diz o sargento. “Senão, já não encontrarão ninguém”.

Moúlu continua a olhar para o portão; ouve-se um gorgolejo líquido e prolongado, Moúlu desculpa-se, diz: “É o meu estômago!” Schneider acordou. Esfrega os olhos, sorri e murmura: “Um café com leite...” — “E um croíssant”, diz o de cabelo encaracolado. “Gostava mais de uma boa sopa”, replica o nortista. “Com um pouco de vinho tinto”. O sargento pergunta: “Ninguém tem cigarros?” Schneider dá-lhe o seu maço, mas Brunet interpela-o irritado: não gosta de generosidades individuais. “Ponhamo-lo à disposição do grupo.” — “Se quiseres”, diz Schneider. “Tenho um maço e meio.” — “Eu tenho um”, diz Brunet. Tira-o do bolso e põe-o em cima da lona. Moúlu tira também um maço da sacola e abre-o: “Ainda tenho dezassete.” — “É tudo?”, pergunta Brunet. “Lambert, tu não tens?” — “Não”, diz Lambert. “Não é verdade”, diz Moúlu, “o teu maço ontem estava cheio”. — “Fumei de noite.” — “Vai aldrabar outro! Ouvi-te ressonar.” — “Enfim, merda!”, diz Lambert. “Não me importo de dar um cigarro ao sargento se ele não tiver, mas se não os quero pôr à disposição do grupo, isso é comigo”. — “Lambert”, diz Brunet, “és livre de pegares na lona e de te ires embora, mas, se quiseres ficar connosco, é preciso teres espírito de equipa e habituares-te a viver em comunidade. Dá os teus cigarros”.

Lambert encolhe os ombros e atira com raiva um maço para cima do cobertor de Schneider. Moúlu conta os cigarros: “Oitenta. Onze para cada um e sobram três para tirar à sorte. Distribuem-se?” — “Não”, diz Brunet. “Se os

distribuíres, logo à noite haverá tipos que já fumaram tudo. Eu guardo-os. Vocês terão três por dia durante três dias; dois no quarto dia. De acordo?"

Os tipos olham para ele. Compreendem, vagamente, que estão a eleger um chefe. Brunet repete: "de acordo?" — Estão-se nas tintas: gostariam de comer, é tudo quanto sabem. Moúlu encolhe os ombros e diz: "De acordo." Os outros aprovam com a cabeça. Brunet distribui três cigarros por cada um e guarda os outros na sacola. O sargento acende um, dá quatro fumaças, apaga-o e põe-no atrás da orelha. O nortista pega num dos seus, rasga o papel e mete o tabaco na boca. "Tapa a fome", explica ele rindo.

Schneider não disse nada: é ele quem mais perde nesta combinação, mas não disse nada. Brunet pensa: "Talvez seja um bom achado." Pensa em Schneider e inclina-se para depois ainda noutra coisa; pergunta-se bruscamente em que está a pensar, já não consegue lembrar-se. Fica-se. por um instante de olhos fixos, um punhado de pedras na mão, depois levanta-se com dificuldade: o tipógrafo já acordou. "Então?", pergunta Brunet. "Não sei onde estão", responde o tipógrafo. "Dei três voltas ao pátio, não os consegui ver". — "Continua", diz Brunet, "não percas a coragem". Vai tornar a sentar-se, olha para o relógio, diz: "Não é possível. Que horas são?" — "Quatro e trinta e cinco", responde Moúlu. "Então, é isso, é mesmo isso. Quatro e trinta e cinco e eu, sem fazer nada, pensei que eram dez horas da manhã."

Parece-lhe que lhe roubaram tempo. E o tipógrafo que não encontrou os camaradas... Tudo é lento aqui. Lento, hesitante, complicado; serão precisos meses para fazer alguma coisa. O céu está azul-cru, o sol está duro. Amolece pouco a pouco, o céu torna-se rosado, Brunet olha para o céu, pensa em gaivotas, tem sono, sente a cabeça à roda, não tem fome, pensa: não tive fome durante o dia, adormece, sonha que tem fome, acorda, não tem fome, apenas uma ligeira náusea e um círculo de fogo à volta da cabeça. O céu está azul e alegre, o ar fresco, muito ao longe, no campo, ouve-se o cantar estridente de um galo, o Sol está encoberto mas os raios passam como bruma dourada por cima do muro; grandes sombras violentas estendem-se ainda pelo pátio.

O galo calou-se, Brunet pensa: que silêncio!, parece-lhe, por momentos, que está só no mundo. Endireita-se com dificuldade e senta-se: os homens estão ali, à volta dele, milhares, imóveis e deitados. Dir-se-ia um campo de batalha. Mas todos os olhos estão bem abertos. à sua volta, Brunet vê rostos voltados para cima no meio de cabelos espalhados e olhos vigilantes. Volta-se para Schneider e vê-lhe os olhos fixos. Diz suavemente: "Schneider! Eh! Schneider!" Schneider não responde. Brunet vê ao longe uma serpente mole que se baba: a mangueira. Pensa: "Tenho de me lavar." Tem a cabeça pesada, parece-lhe que ela o arrasta para trás, torna a deitar-se, sente-se flutuar. "Tenho de me lavar." Tenta levantar-se, mas o corpo não lhe obedece; tem as pernas e os braços moles, já não os sente, estão ao lado dele como objectos.

O Sol aparece por cima do muro: tem de se lavar, irrita-se por ser um morto no meio destes mortos de olhos abertos, crispa-se, procura juntar os membros, atira-se para a frente, está de pé, as pernas tremem-lhe, transpira, dá alguns passos, tem medo de cair. Aproxima-se do tipógrafo, diz: "Viva!" O tipo endireita,se e olha-o com um ar estranho. "Viva" diz Brunet. "Viva!" — "Não te

queres sentar?", pergunta o tipógrafo. "Como vai isso?" — "Vai bem", responde Brunet. "Vai mesmo muito bem. Prefiro ficar de pé". Senta-se, não está certo de ser capaz de se levantar.

O tipógrafo sentou-se, tem um ar vivo e fresco, os olhos cor de avelã brilham no seu lindo rosto de criança. "Encontrei um", diz ele alegremente. "Chama-se Perrin. É maquinista em Orleães — Perdeu os camaradas, anda à procura deles. Se os encontrar, vêm os três ao meio-dia". Brunet olha para o relógio; são dez horas, limpa com a manga o suor da testa, diz: "Muito bem." Parece-lhe que gostaria de dizer mais alguma coisa, mas não sabe o quê. Fica por momentos a cambalear por cima do tipógrafo, repetindo: "Muito bem! Está muito bem" e depois recomeça a andar com esforço, a cabeça em fogo; deixa-se cair pesadamente na lona, pensa: "Não me lavei."

Schneider apoiou-se num cotovelo e olha-o inquieto: "Não estás bem?" — "Estou", diz Brunet irritado. "Sim, sim. Estou". Pega num lenço e põe-no na cara por causa do sol. Não tem sono: não é bem isso. Sente a cabeça vazia e parece-lhe que está a descer de elevador. Alguém tosse por cima da sua cabeça. Arranca o lenço: é o tipógrafo com mais três tipos, Brunet olha-os admirado, diz com uma voz pastosa: "Já é meio-dia?" Depois tenta erguer-se: tem vergonha de haver sido surpreendido; pensa que não está barbeado, que está tão sujo como os outros; faz um esforço violento e levanta-se. "Viva", diz ele.

Os tipos olham-no com curiosidade; são tipos que lhe agradam: sólidos e limpos e de olhar duro. Bom material. Observam-no, ele pensa: "Aqui só me têm a mim" e sente-se melhor. Diz: "Vamos andar um pouco?" Seguem-no. Dá a volta ao edifício, vai até ao fundo do pátio, volta-se, sorri. "Conheço-te", diz um moreno de cabelo rapado. Parece-me que já te vi algures", concorda brunet "Fui ter contigo em trinta e sete", lembra o moreno, "chamo-me Stephen; era da Brigada Internacional".

Os outros apresentam-se também: Perrin, de Orleães; Dewrouckère, mineiro em Lens. Brunet encosta-se à parede das cavalariças. Olha para eles, pensa, sem prazer, que são jovens. Pergunta a si próprio se terão fome. "Então", diz Stephen. "Que teremos de fazer?" Brunet olha para eles, já não se lembra do que lhes queria dizer; cala-se, vê o espanto nos seus olhos, por fim fala: "Nada. Por agora não há nada a fazer. Ficamos em contacto." "Queres vir connosco?", pergunta Perrin. "Temos uma tenda." "Não", responde Brunet apressadamente. "Fiquemos onde estamos e tratem de procurar o maior número possível de tipos, contactem os camaradas, arranjem maneira de saber um pouco do que se passa na cabeça dos outros. E nada de propaganda. Ainda não".

Dewrouckère faz um trejeito: "Que se passa na cabeça deles sei eu", diz ele. "Não se passa nada. Pensam no estômago". Parece a Brunet que a cabeça lhe incha; semicerra os olhos, fala: "Talvez isto mude. Há padres nos vossos sectores?" — "Há", diz Perrin. "No meu, há. E trabalham bastante." — "Deixem-nos", recomenda Brunet. "Não se façam notar. E se eles tentarem contactar-vos, não os mandem passear. Percebem?" Fazem que sim com a cabeça e Brunet diz-lhes: "Encontramo-nos amanhã ao meio-dia."

Olham para ele, hesitam um pouco, ele fala meio agastado: "Vão! Vão! Eu fico aqui!" Vão-se embora. Brunet vê-os partir, espera que tenham voltado a

esquina para dar um passo: não está certo de não cair. Pensa: "Trinta voltas em passo de ginástica." Dá dois passos cambaleando, a raiva faz-lhe subir o sangue ao rosto, sente marteladas violentas na cabeça: trinta voltas e já! Afasta-se da parede, anda três metros, cai de barriga para baixo. Levanta-se e torna a cair, magoando-se na mão. Trinta voltas, todos os dias. Agarra-se a uma argola de ferro presa na parede, torna a pôr-se de pé, toma balanço. Dez voltas, vinte voltas, as pernas tremem-lhe, cada passo é como uma queda, mas sabe que se irá abaixo se parar. Vinte e nove voltas; depois da trigésima, vai a correr até à esquina da caserna e só abranda quando chega ao pátio da frente. Passa por cima dos corpos, chega à escadaria.

Ninguém se mexeu: são um cardume de peixes mortos a flutuar de barriga para cima. Sorri. O único de pé. Agora, vou barbear-me. Agarra na sacola, aproxima-se de uma janela e barbeia-se a seco; a dor fá-lo fechar os olhos. A navalha cai, baixa-se para a apanhar, larga o espelho, que vai partir-se a seus pés, cai de joelhos. Desta vez sabe que já não se levantará. Volta para o seu lugar, de gatas, deixa-se cair de costas; o coração bate-lhe com força no peito. De cada vez que o coração bate sente uma ponta de fogo no crânio. Schneider levanta-lhe a cabeça sem uma palavra e põe-lhe um cobertor dobrado em quatro debaixo da nuca. As nuvens passam; há uma que parece uma freira, outra uma gôndola.

Puxam-no pela manga: "De pé! Vamos mudar-nos." Levanta-se sem compreender, arrastam-no para a escada, a porta está aberta; uma corrente contínua de prisioneiros entra para o quartel. Sente que sobe uma escada, quer parar, empurram-no por trás, uma voz diz-lhe: "Mais acima." Falta-lhe o pé, cai com as mãos para a frente. Schneider e o tipógrafo seguram-no cada um por seu braço e levam-no. Quer libertar-se, mas não tem forças. Diz: "Não compreendo." Schneider ri suavemente: "Precisas de comer. — Como nós, nem mais nem menos." — "És mais alto e mais forte", observa o tipógrafo. "Precisas de mais comida." Brunet já não consegue falar; sobem até ao sótão.

Um corredor comprido e sombrio atravessa o quartel de um lado ao outro. De cada lado do corredor há seis compartimentos, separados uns dos outros por grades. Entram para um deles. Três caixotes vazios, nada mais Não há janela. Apenas uma clarabóia de três em três compartimentos; a do quarto ao lado fornece uma luz oblíqua que projecta no chão inclinadas, as grandes sombras das grades de madeira. Schneider estende o cobertor no chão e Brunet deixa-se cair. Vê o rosto do tipógrafo debruçado sobre ele, diz-lhe: "Não, fiques aí, afasta-te, e até amanhã ao meio-dia."

O rosto desaparece e o sonho começa. A sombra das grades espalha-se lenta-mente pelo chão, espalha-se e dança sobre os corpos virados para cima, sobe para os caixotes, dá voltas, voltas, empalidece, a noite sobe pela parede; através das grades a clarabóia parece uma chaga, primeiramente pálida, em seguida escura e depois, de repente, um olho claro e alegre, as grades recomeçam a andar à roda, dão voltas, a sombra gira como um farol, o animal está enjaulado, os homens movem-se durante um momento, depois desaparecem, o barco anda à deriva com todos os forçados mortos de fome nas suas jaulas.

A chama de um fósforo, uma palavra brota da sombra em letras vermelhas, inclinadas, num dos caixotes: FRÁGIL; há chimpanzés na jaula ao lado, metem

as cabeças, curiosas, pelas grades, estendem os braços longos através das grades, têm olhos tristes e enrugados, o macaco, depois do homem, é o animal que tem os olhos mais tristes. Aconteceu alguma coisa, pergunta a si próprio o que poderia ter sido: uma catástrofe. Que catástrofe? Talvez o sol tenha arrefecido? Ouve-se uma voz do fundo das jaulas: "Uma noite, dir-lhes-ei lindas coisas." Uma catástrofe? Que vai fazer o Partido? É um gosto delicioso a ananás fresco, um gosto jovem e alegre, infantil; mastiga o ananás, desfaz-lhe a elasticidade fibrosa, quando foi que comi ananás,pela última vez?

Gostei, era como um pedaço de madeira indefesa, descascada; mastiga. O jovem gosto amarelo da madeira. tenra sobe docemente do fundo da garganta como o crescer do sol hesitante, alastra-lhe pela língua, quer dizer alguma coisa, o que quererá ele dizer, este elixir de sol? Gostava do ananás, oh!, há muito tempo, no,tempo em que gostava de esqui, das montanhas, de desafios de boxe, de iates à vela, de mulheres. Frágil. O que é frágil. Somos todos frágeis. O gosto, na língua, dança, turbilhão solar, um gosto antigo, esquecido, tinha-se esquecido, o formigar do sol nas folhas dos castanheiros, a chuva de sol na minha testa, eu lia estendido numa rede, a casa branca atrás de mim, atrás de mim a Touraine, gostava das árvores, do sol e da casa, gostava do mundo e da felicidade, oh!, dantes.

Mexe-se, debate-se: tem qual quer coisa para fazer, qualquer coisa para fazer imediatamente. Tem um encontro urgente, com quem? Com Kroupskiia. Torna a cair: frágil. O que eu fiz dos meus amores; disseram-me: não gostas de nós o suficiente. Venceram-me, tiraram-me um pedaço de seiva nova, quando sair daqui comerei um ananás inteiro. Tenta endireitar-se, um encontro urgente, torna a cair numa infância calma, num parque, afastem as ervas e encontrarão um sol; o que fizeste dos teus desejos? Não tenho desejos, sou um galho seco, a seiva morreu; os macacos agarrados às grades olham-nos com olhos frios, aconteceu alguma coisa. Lembra-se, levanta-se, grita: "O tipógrafo." Pergunta: "O tipógrafo veio aqui?" Ninguém responde, torna a cair no meio da seiva viscosa, na SUBJECTIVIDADE, perdemos a guerra e vou morrer aqui, Mathieu debruça-se e murmura: "Não gostavas o suficiente de nós, não gostavas de nós"; os macacos divertem-se batendo nas coxas: não gostavas de nada, não!, de nada.

A sombra das grades dança-lhe no rosto, a sombra, o sol, a sombra, isso diverte-o. Sou do Partido, gosto dos camaradas; para os outros não tenho tempo a perder, tenho um encontro. "Uma noite, dir-lhes-ei lindas coisas, uma noite dir-lhes-ei como gosto deles." Sentou-se, respira fundo, olha para eles, Moúlu sorri aos anjos, a cara virada para o tecto, uma sombra fresca acaricia-o, desliza-lhe pela face, o sol faz-lhe brilhar os dentes: "Eh! Moúlu."

Moúlu continua a sorrir, diz, sem se mexer: "Estás a ouvir?" — "A ouvir o quê?", pergunta Brunet. "Os camiões." Ele não ouve nada; tem medo deste enorme desejo que de repente se apodera dele, desejo de viver, desejo de amar, desejo de acariciar uns seios brancos, Schneider está deitado à sua direita, chama-o aflito: "Schneider!" Schneider responde com uma voz fraca: "Isto está muito mal." Brunet diz: "Tira os cigarros do meu saco. Três por dia."

Os rins deslizam-lhe lentamente pelo chão, está novamente deitado, de cabeça voltada para cima, olha para o tecto, gosto deles, claro que gosto deles,

mas é preciso que sirvam, que desejo é este? O corpo, o corpo mortal, floresta de desejos, em cada galho um pássaro, servem presunto da Vestefália em pratos de madeira, a faca corta a carne, sente-se, quando se espeta, a leve aderência da madeira húmida, venceram-no, é apenas desejo e estavam todos enterrados em merda e iam morrer ali. Que desejo é este?

Erguem-no, sentam-no, Schneider fá-lo engolir uma sopa: "Que é?" — "Sopa de cevada." Brunet põe-se a rir: "Era isto, era só isto. Este imenso desejo carregado de culpabilidade era só fome." Adormece, acordam-no, come a segunda sopa. Sente o estômago a arder; as grades dançam, a voz calou-se; diz: "Estava um tipo a cantar." — "Estava", responde Moúlu. "Já não canta mais?" — "Morreu", diz Moúlu. "Levaram-no ontem". Mais uma sopa e, desta vez, com pão. Diz: "Já estou melhor." Senta-se sem auxílio, sorri: A infância, o amor, a "subjectividade", não era nada: apenas um sonho de inanição. Chama alegremente Moúlu: "Então, sempre vieram os camiões?" — "Vieram", responde Moúlu. "Vieram!" Moúlu trabalha um pedaço de pão com o canivete, fura-o e esvazia-o de onde em onde. Esculpe-o.

Explica sem levantar os olhos: "É um bocado de pão bolorento, se comeres o bolor faz-te caganeira, mas pode aproveitar-se o resto." Dá uma fatia de pão a Brunet; mete outra na sua boca enorme, diz orgulhosa mente: "Estivemos seis dias sem comer. Estava a enlouquecer." Brunet ri, pensa na "subjectividade": "Eu também", diz ele. Adormece, é acordado pelo sol, ainda se sente fraco mas consegue levantar-se. Pergunta: "O tipógrafo procurou-me?" — "Sabes, nestes dias não prestámos muita atenção às visitas." — Onde está Schneider?", pergunta Brunet. "Não sei."

Brunet vai até ao corredor; Schneider está a falar com o tipógrafo; estão os dois a rir. Brunet olha para eles, agastado. O tipógrafo vem ter com ele, diz-lhe: "Schneider e eu trabalhámos bastante." Brunet volta-se para Schneider, pensa: mete-se por todo o lado. Schneider sorri-lhe, fala: "Andámos por todo o lado, e anteontem descobrimos novos camaradas." "Hum!", diz Brunet secamente. "Preciso de os ver."

Desce a escada, Schneider e o tipógrafo vão atrás dele. No pátio, pára e pisca os olhos ofuscado: está um belo dia. Sentados nos degraus das escadas há homens que fumam tranqüilamente, parecem estar em casa repousando do trabalho da semana; de vez em quando há um que abana a cabeça e diz algumas palavras; então toda a gente se põe a abanar a cabeça. Brunet olha para eles furioso, pensa: "Pronto!, já se estão a adaptar."

O pátio, os mirantes, o muro da cerca são deles, estão sentados na soleira da porta das suas casas, comentam com a velha sabedoria popular os acontecimentos da aldeia: "Que se pode fazer com gajos como estes? Têm a ambição do poder; prendem-nos e três dias depois já não se sabe se são prisioneiros ou donos da prisão." Outros passeiam, em grupos de dois ou três, andam descontraidamente, conversam, riem, dão voltas: parecem burgueses no picadeiro. Passam aspirantes, em uniforme, sem olhar para ninguém e Brunet ouve-lhes as vozes aristocráticas: "Não, meu velho, desculpa, mas não abriram falência; chegaram a falar nisso, mas o Banco de França deitou-lhes a mão." Muito rodeados, dois tipos de óculos jogam xadrez sobre os joelhos; um careca lê franzindo o sobrolho; de vez em

quando pousa o livro para consultar apressadamente um livro enorme. Brunet passa por trás dele: o livro grande é um dicionário. “Que estás a fazer?”, pergunta Brunet. “A aprender alemão.”

A volta da mangueira há homens completamente nus que dão gritinhos e se empurram, rindo; encostado à sebe, Gartiser, o alsaciano, fala em alemão com uma sentinela alemã que o ouve aprovando com a cabeça. Bastou um bocado de pão!, um bocado de pão, e este pátio sinistro onde o exército vencido agonizava trans formou-se em praia, em solário, numa quermesse.

Dois tipos completamente nus bronzeiam-se ao sol, deitados num cobertor; Brunet gostaria de dar violentos pontapés nestas nádegas douradas: deitem-lhes fogo às terras, às Idéias, levem-nos para o exílio, em toda a parte tratarão de reconstruir teimosamente a sua felicidade de pobres; como se pode trabalhar com gente assim! Volta-lhes as costas e vai para o outro pátio; pára, estupefacto: costas, milhares de costas, uma campainha que toca, milhares de cabeças que se inclinam. “Não me digas!”, exclama. Schneider e o tipógrafo riem: “É como vês! É como vês! Hoje é domingo. Queríamos fazer-te uma surpresa.” — “É então assim!”, diz Brunet. “É domingo!” Olha para eles, perplexo: que fanatismo! Inventaram um domingo sintético, um domingo das cidades e do campo, porque viram num calendário que era domingo. N

o outro pátio era domingo na aldeia, domingo na rua principal da cidade de província, aqui é domingo na igreja, só falta o cinema. Volta-se para o tipógrafo: “Não há cinema, à noite?” O tipógrafo sorri: “Os da J.O.C. dão um espectáculo.” Brunet cerra os punhos, pensa nos padres: trabalharam bem enquanto esteve doente. Nunca devíamos estar doentes. O tipógrafo diz timidamente: “Lindo dia.” — Sem dúvida”, murmura Brunet. Sem dúvida: um lindo dia. Um belo dia em toda a França: as linhas de caminho de ferro arrancadas e torcidas brilham ao sol, que amarelece as folhas das árvores desenraizadas, a água brilha no fundo das crateras cavadas pelas bombas, os mortos apodrecem nas searas e os seus ventres, cantam sob um céu sem nuvens. Já se esqueceram? Os homens são como a borracha. As cabeças ergueram-se, o padre está a falar.

Brunet não o ouve, mas vê-lhe a cara avermelhada, os cabelos grisalhos, os óculos de aros metálicos e os ombros largos; reconhece-o: é o tipo do breviário que ele tinha visto no primeiro dia. Aproxima-se. A dois passos dele, de olhos brilhantes, de ar humilde, o sargento de bigode ouve apaixonadamente:

“...Que muitos de vós são crentes, mas também sei que há outros que me ouvem por curiosidade, para se instruírem ou simplesmente para passar o tempo. São todos meus irmãos, irmãos muito queridos, irmãos de armas e irmãos perante Deus, dirijo-me a todos, católicos, protestantes, ateus, porque a palavra de Deus é para todos. A mensagem que vos transmito neste dia de luto, que é também o dia do Senhor, consiste nestas duas palavras simples: não desesperem!..., porque o desespero não é só pecado contra a adorável bondade divina: até os descrentes concordarão comigo ao dizer que é um atentado do homem contra si próprio e, direi mesmo, um suicídio moral. Entre nós, meus queridos irmãos, há sem dúvida quem, enganado por um ensinamento sectário, tenha aprendido a ver no encadear admirável dos acontecimentos da nossa história apenas uma sucessão de acidentes sem significado nem relação. Hoje, repetem que fomos vencidos por

não termos tanques em número suficiente, aviões em número suficiente. Desses, o Senhor disse que têm ouvidos para não ouvir e olhos para não ver e, sem dúvida, quando a cólera divina se desencadeou sobre Sodoma e Gomorra, houve nas cidades ímpios pecadores suficientemente endurecidos para pretenderem que a chuva de fogo que reduzia as cidades a cinzas era apenas uma precipitação atmosférica ou um meteoro. Meus irmãos, e ou não verdade que pecavam contra eles próprios? Porque, se o raio caiu sobre Sodoma por acaso, então não há obra do homem, não há produto da sua paciência ou do seu trabalho que não possa, de um momento para o outro, ser reduzido a nada, sem razão nem porquê, por forças obscuras. Para quê construir? Para quê plantar? Para quê fundar uma família? Eis-nos aqui, vencidos e cativos, humilhados no nosso legítimo orgulho nacional, sofrendo na nossa carne, sem notícias dos seres que nos são queridos. E tudo isto para quê? Para nada? Sem outra origem além das forças mecânicas? Se assim fosse, meus irmãos, digo-vos: deveríamos abandonar-nos ao desespero, porque não há nada mais desesperante e mais injusto do que sofrer para nada. Mas, meus irmãos, pergunto a esses espíritos fortes: Porque não Tínhamos tanques em número suficiente? Porque não Tínhamos canhões em número suficiente? Responderão, sem dúvida: Porque não produzimos o suficiente. E assim se descobre o rosto desta França pecadora que, há um quarto de século, esquecera os seus deveres e o seu Deus. Na verdade, porque não produzimos o suficiente? Porque não trabalhámos. E donde vem, meus irmãos, esta vaga de preguiça que se tinha abatido sobre nós como os gafanhotos nos campos do Egipto? Porque estávamos divididos pelas nossas querelas intestinais: os operários, conduzidos por agitadores cínicos, detestavam os patrões; os patrões, cegos pelo egoísmo, preocupavam-se pouco em satisfazer as reivindicações mais legítimas; os comerciantes invejavam os funcionários, os funcionários viviam como parasitas; os nossos representantes, na Assembléia, em vez de defenderem, serena-mente, os interesses do público, discutiam, insultavam-se, chegavam a agredir-se. E porquê estas discórdias, meus queridos irmãos, porquê estes conflitos de interesses, porquê estes desregramentos nos costumes? Porque um materialismo sórdido se tinha espalhado pelo país como uma epidemia. E que é o materialismo senão o estado do homem que se desviou de Deus: pensa que nasceu da terra e que voltará à terra, só lhe interessam os bens terrestres. Responderei, pois, aos cépticos: têm razão, meus irmãos, perdemos a guerra por falta de material. Mas só em parte têm razão porque a vossa resposta é materialista e por serem materialistas é que foram vencidos. Foi a França, filha mais velha da Igreja, que inscreveu na História a deslumbrante sucessão das suas vitórias; foi a França sem Deus que conheceu a derrota em 1940."

Fez uma pausa; os homens ouvem em silêncio, de boca aberta, o sargento aprova com a cabeça. Brunet assenta o olhar no padre; repara no seu ar triunfante: os seus olhos brilhantes vão de uma ponta a outra do auditório, enrubesce, levanta a mão e retoma a palavra com um arrebatamento quase eufórico: "Assim, meus irmãos, abandonemos a idéia de que a nossa derrota é fruto do acaso: é ao mesmo tempo uma punição e uma falta. Não é acaso, irmãos, é castigo; é esta a nova que hoje vos trago."

Faz mais uma pausa e observa os olhos cravados nele para avaliar o efeito produzido. Depois inclina-se e prossegue com uma voz mais insinuante "É uma notícia dura e desagradável, compreendo, mas, apesar de tudo, uma boa notícia. Aquele que se crê a vítima inocente de uma catástrofe e que não compreende porquê, não se anuncia uma boa nova quando se lhe revela que expia a sua própria falta? Por isso vos digo: alegrem-se, irmãos! Alegrem-se no fundo do abismo dos nossos sofrimentos, porque, se há falta e expiação, também há remissão. E digo-vos: alegrem-se, alegrem-se na Casa do Senhor, porque ele é mais um motivo de alegria. Nosso Senhor, que sofreu para todos os homens, que chamou a Ele as nossas faltas, que sofreu e ainda sofre para as expiar, Nosso Senhor escolheu-vos, Sim, a todos, camponeses, operários, burgueses, que não são nem completamente inocentes nem certamente os mais culpados, escolheu-vos para um incomparável destino: escolheu vos vossos sofrimentos para que, assim como os seus, resgatem os peca dos e as faltas de toda a França, que Deus não deixou de amar e que puniu com amargura. Meus irmãos, é aqui que temos de optar: ou hão-de gemer ou hão-de arrancar os cabelos, dizendo: porque é a mim que acontecem estas coisas? Porquê a mim e não o meu vizinho, que era um mau rico, ou aos políticos, que leva ram o nosso país à derrota? Já nada tem sentido, resta-nos morrer no ódio e no rancor. Ou então, dirão: não éramos nada e agora somos os eleitos do sofrimento, os oblatos, os mártires. Então, enquanto um homem providencial, digno filho dos que o Senhor sempre suscitou em França quando esta estava a dois passos da ruína..."

Brunet sai nas pontas dos pés. Encontra Schneider e o tipógrafo encostados à parede. Diz: "Sabe o que está a fazer." — "Pois, sabe!", diz o, tipógrafo. "Dorme ao pé de mim, à noite só ele se ouve: catequiza os camaradas". Passam dois tipos por eles, um alto e magro de cabeça alongada e de lunetas e um baixo e gordo de boca desdenhosa. O alto diz com uma voz suave e convencida: "Falou muito bem. Simplesmente. E disse o que convinha." Brunet riu-se: "Sem dúvida!" Dão alguns passos. O tipógrafo olha para Brunet com confiança; pergunta: "Então?" — "Então?", repete Brunet. "O sermão, que achaste?" — "Tem bom e mau. Num certo sentido trabalha para nós: explicou-lhes que o cativeiro não era divertido; e parece-me que ainda vai insistir neste ponto: é do seu interesse e do nosso. Enquanto estes gajos estiverem convencidos de que vão ver as mulheres no fim do mês, não poderemos fazer nada." — "Quê?"

Os belos olhos do tipógrafo estão enrugados, tem as faces cinzentas. Brunet prossegue: "Por esse lado vocês podem aproveitar-se dele. Apanham um tipo a sós e dizem-lhe: ouviste o padre?, Disse que íamos passá-las boas." O tipógrafo pergunta com dificuldade: "Pensas, então, que ainda estaremos aqui muito tempo?" Brunet olha para ele duramente: "Acreditas no Pai Natal?"

O tipógrafo cala-se, engole a saliva; Brunet vira-se para Schneider e continua: "Só não pensei que tomassem posição tão cedo, pensei que queriam ver primeiro. Mas não importa; o sermão era um verdadeiro programa político: a França, filha mais velha da igreja, e Pétain, chefe dos Franceses. É chato." Bruscamente, olha para o tipógrafo: "Que pensam dele, lá no teu sector." — "Gostam dele." — "Quê?" — "Não há nada a censurar-lhe. Partilha tudo o que tem; mas faz sentir que toma essa atitude. Parece estar sempre a dizer: dou-te isto

por Amor de Deus. Eu preferia não fumar a pegar no tabaco dele; mas sou o único." — "É tudo o que sabes dele?" — "Sabes", diz o tipógrafo desculpando-se, "ele só lá está à noite". — "Que faz ele durante o dia?" — "Trabalha na enfermaria." — "Agora há uma enfermaria?" — "Há. No outro edifício." — "Ele é enfermeiro?" — "Não, mas é amigo do major, joga o bridge com ele e dois oficiais feridos." — "Estou a ver!", diz Brunet. "E que dizem os tipos?" — "Não dizem nada: não querem ter dúvidas. Soube-o por Garliser, que é enfermeiro. " — "Bom, tens de falar no assunto; pergunta-lhes como se arranjam os padres para estarem sempre metidos com os oficiais." — "Está bem." Schneider olha para eles com um sorriso estranho. Diz: "O outro edifício é dos "boches"." — "Quê?", exclama Brunet. Schneider vira-se para o tipógrafo; sempre a sorrir: "Estás a ver o que tens a dizer: que o padre abandona os companheiros para ir lamber as botas aos "boches"." — "Oh! Sabes, não me parece que ele ande muito com os "boches." Schneider encolhe os ombros com uma impaciência fingida: Brunet tem a impressão de que ele se diverte. "Tu tens o direito de andar a passear no edifício dos alemães?", pergunta Schneider ao tipógrafo.

O tipógrafo encolhe os ombros sem responder. Schneider, sente que ganhou. "Vês! Estou-me nas tintas para as suas intenções: talvez queira salvar a França, mas, objectivamente, é um prisioneiro que passa os dias com o inimigo. É isto que os companheiros devem saber."

O tipógrafo, desconcertado, volta-se para Brunet. Brunet não gostou nada do tom de Schneider, mas não o quer desmentir. Diz: "Com calma. Para já, não procures destruí-lo. De resto, temos cá mais de cinqüenta, tu, sozinho, não chegarias para todos. Procura dizer, no meio da conversa: o padre pensa que não saímos daqui tão cedo e ele deve estar bem informado porque freqüenta os oficiais e conversa com os "boches". É preciso que, a pouco e pouco, percebam que os padres não são feitos da mesma massa que nós. Percebes?" — "Percebo", responde o tipógrafo. "Há algum dos nossos no grupo do padre?" — "Há." — "É desenrascado?" — "Bastante." — "Que se deixe levar, que finja estar convencido, precisamos de um informador." Encostou-se à parede, reflectiu um pouco e disse ao tipógrafo: "Vai buscar os camaradas. Dois ou três. Dos novos."

A sós, Brunet diz a Schneider. "Teria preferido esperar um pouco: dentro de um mês ou dois, os tipos estarão preparados. Mas os padres têm muita força. Se não começarmos já, seremos ultrapassados. Sempre estás de acordo em trabalhar connosco?" — "Trabalhar em quê?", pergunta, Schneider. Brunet franze o sobrolho: "Pensei que querias trabalhar connosco. Mudaste de idéias?" — "Não mudei de idéias", responde Schneider. "Estou a perguntar em que vamos trabalhar." — "Pois bem", observa Brunet, "Ouviste o padre? Esses gajos não estão sós: dentro de um mês teremos cá uma quantidade deles. Além disso, não me admirava nada se os "boches" escolhessem entre nós dois ou três quisling e os encarregassem de nos transmitir a boa doutrina. Antes da guerra podíamos opor-lhes formações sólidas, o Partido, os sindicatos, o comitê de vigilância. Aqui não temos nada. Trata-se, pois, de reconstruir alguma coisa. Naturalmente, muitas vezes ficaremos pelas palavras, nunca gostei muito disso, mas, enfim, não temos por onde escolher. Portanto: referendar os elementos válidos, organizá-los, iniciar uma contrapropaganda clandestina, são os objectivos imediatos. Dois

temas a desenvolver: recusarmo-nos a reconhecer o armistício; a democracia é a única forma de governo que podemos aceitar neste momento. Inútil avançar mais: de início temos de ser prudentes. Eu encarrego-me de procurar os camaradas do P.C. Mas há os outros, os socialistas, os radicais, todos os tipos mais ou menos "de esquerda", os simpatizantes como tu".

Schneider sorri friamente: "Os moles. Ou seja: os indecisos." Brunet apressa-se a acrescentar: "Pode estar-se ,indeciso e ser-se honesto. Não estou certo de usar a linguagem deles. Tu não terás essa dificuldade. É a tua." — "Está bem", diz Schneider. "Em suma, trata-se de recriar o espírito Frente Popular?" — "Já não seria mau", responde Brunet. Schneider abana a cabeça. Diz: "Será, portanto, o meu trabalho. Mas... estás certo de que é o teu?" Brunet olha-o, espantado: "O meu?" — "Oh!", diz Schneider com indiferença, "se estás certo..." — "Então, explica-te", replica Brunet. "Não gosto de subentendidos". — "Não tenho nada a explicar. Só queria dizer: que faz o Partido neste momento? Quais são as suas palavras de ordem, as suas directivas? Suponho que as conheces." Brunet olha para ele, a sorrir: "Dás-te conta da situação?", pergunta. "Os Alemães estão em Paris há quinze dias, toda a França ficou de pernas para o ar: há camaradas mortos, outros prisioneiros, outros que desapareceram com as suas divisões, foram para Páti ou Montpellier, outros, na cadeia. Se queres saber o que faz o Partido neste momento, vou dizer-te: reorganiza-se." — "Estou a ver", diz Schneider. "E tu, por teu lado, tratas de contactar os camaradas que estão aqui. Perfeito." — "Bem", observa Brunet, para concluir: "Se estás de acordo..." — "Mas, meu velho", diz Schneider, "claro que estou de acordo. Tanto mais que não me diz respeito. Não sou comunista. Dizes-me que o Partido se está a reorganizar: é tudo o que desejo. O que eu gostaria de saber, se estivesse no teu lugar..."

Mete a mão no bolso do casaco, procura talvez um cigarro, depois tira a mão e deixa-a cair ao longo da parede. "Em que bases se está a reorganizar? É esse o problema." Acrescenta sem olhar, para Brunet: "Os Soviéticos aliaram-se à Alemanha." "Não", replica Brunet com impaciência. "Fizeram um pacto de não agressão, e é provisório. Pensa um pouco, Schneider: após Munique, a U.R.S.S. Já não podia mais..." Schneider suspira: "Já sei", diz. "Sei tudo o que me vais dizer. Vais dizer-me que a U.R.S.S. perdeu a confiança nos Aliados e que contemporiza enquanto espera ser suficientemente forte para poder declarar a guerra aos Alemães. É isso?" Brunet hesita. "Não é bem isso", responde. "Penso que estão certos de que serão atacados". — "Mas acreditas que fazem o que podem para retardar essa data?" "Penso." — "Então", diz lentamente Schneider, "se eu estivesse no teu lugar, não estaria tão certo de que o Partido vai tomar posição firme contra os nazis: isso poderia prejudicar a U.R.S.S.".

Fixa Brunet com um olhar baço. Tem um olhar mortiço, melancólico, mas dificilmente sustentável. Brunet, agastado, volta a cabeça: "Não te faças mais parvo do que és. Sabes perfeitamente que não se trata de uma tomada de posição pública. O Partido está na ilegalidade desde trinta e nove e a sua acção continuará clandestina." Schneider sorri: "Clandestina, sim. Mas que quer isso dizer? Por exemplo, que se vai imprimir clandestinamente L'Humanité? Então ouve: em dez mil exemplares difundidos, pelo menos cem cairão nas mãos dos "boches"; é

fatal: na ilegalidade, consegue-se, com um pouco de sorte, esconder o local de origem dos panfletos, as tipografias, a redacção, etc., mas não os panfletos propriamente ditos, pois estes são feitos para se distribuírem. Dou três meses à Gestapo para se pôr perfeitamente ao corrente da política do P.C." — "E depois? Não podem imputá-la à U.R.S.S." — "E o Komintern?", pergunta Schneider. "Pensas que nunca se discute o Komintern entre Ribbentrop, e Molotov?"

Fala sem agressividade, com voz neutra. No entanto, há qualquer coisa de suspeito na sua inocência. "Não podemos estar aqui a discutir estratégias", diz Brunet. "O que Ribbentrop diz a Molotov não posso saber, não estou debaixo da mesa. Mas o que eu sei, porque é evidente, é que as relações estão cortadas entre a U.R.S.S. e o Partido." — "Achas?", pergunta Schneider. De pois acrescenta: "Em todo o caso, se actualmente estão cortadas, serão restabelecidas mais tarde. Há a Suíça."

Acabou a missa, os soldados passam por eles, silenciosos e longínquos. Schneider baixa a voz: "Estou convencido de que o Governo nazi considera a U.R.S.S. responsável pela actividade do P.C." — "Admitamos", concorda Brunet. "A que é que isso nos leva?" — "Imagina", responde Schneider, "que a U.R.S.S., para ganhar tempo, reduz ao silêncio os comunistas na França e na Bélgica". Brunet encolhe os ombros. "Reduz! Como imaginas as relações da U.R.S.S. e do P.C.? Não sabes que há células no P.C. e pessoas que discutem e que votam nas células?"

Schneider sorri e retoma, pacientemente: "Não queria magoar-te. Dou outro sentido à minha frase: imagina que o P.C., desejoso de não causar problemas à U.R.S.S. , resolve calar-se... Seria a primeira vez?" — "Não" — "Que fizeram à declaração de guerra? E, depois, a situação piorou para a U.R.S.S. Se a Inglaterra capitular Hitler ficará com as mãos livres." — "A Alemanha teve tempo de se preparar. Está à espera." — "Estás certo disso? O Exército Vermelho não foi brilhante, este Inverno. E, tu próprio dizias que Molotov contemporiza... " — "Se existem entre a U.R.S.S. e o P.C. as relações que tu dizes, os camaradas serão informados na altura oportuna sobre o grau de preparação do Exército Vermelho." — "Os camaradas, sim. Em Paris. Mas tu não. E és tu quem trabalha aqui..." — "Em fim, onde queres chegar?", pergunta Brunet levantando a voz. "Que queres provar? Que o P.C. se tornou fascista? " — "Não, mas que a vitória nazi e o pacto germano, soviético são duas realidades que talvez não agradem ao P.C., mas a que ele tem de se acomodar." — "Queres que cruze os braços?" — "Não digo isso", corrige Schneider. "Estamos a conversar..." Depois continua, passando o indicador pelo seu grande nariz: "O P.C. não é mais favorável do que os nazis às democracias capitalistas, embora por outras razões. Enquanto foi possível imaginar uma aliança da U.R.S.S. e das democracias ocidentais, vocês escolheram como plataforma a defesa das liberdades políticas contra a ditadura fascista. Estas liberdades são ilusórias, sabe-lo melhor do que eu. Hoje em dia, as democracias estão de rastos, a U.R.S.S. aproximou-se da Alemanha, Pétain tomou o Poder, é numa sociedade fascista ou fascizante que o Partido tem de continuar o seu trabalho. E tu, sem chefes, sem palavras de ordem, sem contactos, sem notícias, vais, retomar esta plataforma caduca por tua conta e risco. Falávamos há pouco do espírito Frente Popular: mas a Frente Popular

morreu. Está morta e enterrada. Tinha sentido em trinta e oito, no contexto histórico. Hoje não tem nenhum. Toma cuidado, Brunet, vais trabalhar às escuras."

A sua voz tornara-se áspera; quebra subitamente esta aspereza e continua suavemente: "Por isso te perguntei se estavas seguro do teu trabalho." Brunet põe-se a rir: "Vamos!", diz ele, "não sejamos assim tão pessimistas. Agrupe mos os companheiros, tratemos de vencer os padres e os nazis; o resto ver-se-á: as tarefas surgem por si próprias". Schneider aprova com a cabeça: "claro", concorda ele, "claro". Brunet olha-o nos olhos: "Tu inquietas-me", diz. "Acho-te muito pessimista". — "Oh! Eu", replica Schneider com indiferença, "se queres a minha opinião, penso que o que vamos fazer não tem nenhuma importância prática: a situação é abstracta e nós somos irresponsáveis. Aqueles, entre nós, que voltarem, encontrarão, mais tarde, uma sociedade organizada, com os seus quadros e os seus mitos. Nesse campo, pelo menos. Porque, por outro lado, se pudermos dar um pouco de coragem aos companheiros, se os impedirmos de desesperar, se lhes dermos uma razão de viver aqui, mesmo ilusória, então vale a pena tentar." — "Pois bem, está perfeito", concorda Brunet...

Ao fim de um momento de silêncio continua: "Vou passear um pouco, já que é a minha primeira saída. Até já." Schneider despede-se acenando com dois dedos e vai-se embora. Um espírito negativo, um intelectual, era mesmo o tipo que lhe faltava! Estranho: tão depressa era amigável e caloroso, como distante, quase cínico, onde já o viu? Porque diria ele os camaradas ao falar dos tipos do Partido e não os "teus camaradas", como seria de esperar? Precisa de lhe ver a caderneta militar.

No pátio endomingado, os homens têm todo o ar de estar em dia de folga; nestes rostos lavados, barbeados, a mesma ausência. Esperam e a sua espera faz crescer do outro lado da cerca uma cidade de guarnição militar com jardins, bordéis e cafés. No meio do pátio alguém toca harmônica, há pares que dançam, a cidade fantasma eleva os seus tectos e os seus verdes acima da cerca da prisão, reflecte-se nos rostos cegos destes dançarinos fantasmas. Brunet dá meia volta, regressa ao outro pátio.

Mudança de ambiente: transplantaram a igreja; os homens jogam à barra, gritam, correm como loucos. Brunet acaba por subir para o pequeno monte atrás das cavalariças; olha para os túmulos, sente-se bem. Puseram flores na terra batida, enterraram três cruzes ao lado umas das outras. Brunet senta-se entre dois túmulos, os mortos estão debaixo dele, ao comprido; isso acalma-o; também para ele a inocência virá um dia. Desenterra uma lata de sardinhas aberta e ferrugenta, atira-a para longe: é um domingo de piquenique e cemitério; andava a passear numa colina; em baixo, na cidade, crianças jogavam à barra e os seus gritos subiam até ele.

Onde era? Já não sabe; pensa: "É certo que vamos trabalhar às escuras." Então? Não fazer nada? Aqui, a sua força revolta-se. Se voltasse, no fim da guerra, e dissesse aos camaradas: "Aqui estou. Vivi." Seria bonito fugir? Olha para os muros, não são muito altos: bastaria chegar a Nancy, os Poullain escondê-lo-iam. Mas há estes três mortos por baixo dele, há as crianças que gritam nesta eterna tarde: põe a palma da mão na terra fresca, decide que não

fugirá. Calma. Agrupar os companheiros e deixar correr, dar-lhes a pouco e pouco confiança e esperança, em todo o caso incitá-los a denunciar o armistício e depois estar pronto a modificar as directivas ao sabor dos acontecimentos.

O Partido não nos abandonará, pensa Brunet. O Partido não pode abandoná-los. Deita-se ao comprido como os mortos, sobre, eles; olha para o céu; levanta-se, torna a descer a passos lentos, pensa que está só. A morte anda à volta dele como um odor, como o fim de um domingo; pela primeira vez na vida sente-se vagamente culpado. Culpado de estar só, culpado de pensar e viver. Culpado de não estar morto.

Para além dos muros há casas mortas e negras com todos os olhos fechados; a eternidade de pedra. Este clamor da multidão dominical desde sempre que sobe ao céu. Só Brunet não é eterno: mas a eternidade inclina-se sobre ele como um olhar. Anda: quando volta cai a noite, passeou o dia inteiro, precisava de matar qualquer coisa, não sabe se conseguiu: quando não se faz nada, tem-se destes estados de espírito, é normal. O corredor do sótão cheira a pó, os compartimentos estão cheios, é a multidão dominical que se arrasta.

No chão, um céu constelado de estrelas cadentes: os homens fumam às escuras. Brunet pára, diz, sem se dirigir a ninguém em particular: "Cuidado com os cigarros: não deitem fogo à barraca." Os tipos resmungam ao ouvir esta voz que lhes vem de cima. Brunet cala-se, desorientado; sente-se a mais. Dá mais alguns passos: surge um astro vermelho que vem rolar a seus pés, pisa-o com um sapato; a noite está serena e azul, as janelas desenham-se na sombra, cor de malva como as imagens que nos permanecem nos olhos quando olhamos demasiado para o Sol.

Não encontra o seu compartimento, grita: "Schneider!" — "Ali, ali", diz uma voz. "Por ali!" Volta atrás, um tipo canta baixinho, para si: "Na estrada, na estrada principal, um jovem cantava...", Brunet pensa: "Gostam da noite." — "Por aqui", diz Schneider, "avança um pouco, já chegaste". Entra, olha para a clarabóia através das grades, pensa num bico de gás que se acendia quando a noite estava azul. Senta-se em silêncio, olha para a clarabóia; o bico de gás, onde estava? À sua volta, os tipos murmuram. De manhã gritam, à noite murmuram porque gostam da noite; com a noite, a paz entra a grandes passos na enorme caixa obscura, a paz e os anos que passaram; dir-se-ia que tinham gostado das suas vidas.

"Eu", diz Moúlu, "gostaria de uma cerveja sem espuma. A esta hora estaria a beber uma, no Cadran Bleu, a ver passar as pessoas". — "Onde é o Cadran Bleu?", pergunta o lourinho. "Nos Gobelins. Na esquina da Avenue des Gobelins e do Boulevard Saint-Marcel, não sei se estás a ver." — "Ah! Já sei. Onde há o Cinema Saint-Marcel?" — "A duzentos metros; conheço aquilo, moro em frente do quartel Lourcine. Depois do trabalho ia a casa comer qualquer coisa e a seguir tornava a descer, ia ao Cadran Bleu ou, então, às vezes, ao Canon des Gcobelins. Mas no Cadran Bleu há uma orquestra." — "E havia boas atracções no Cinema Saint-Marcel." — "Estou a ver. Havia Trenet, Marie Du bas, vi-a sair em carne e osso, tinha um carro mais ou menos assim." — "Eu ia lá", diz o lourinho. "Moro em Vanves à noite voltava a pé quando estava bom tempo." — "Não é muito perto." — "Não, mas era jovem." — "A mim", diz Lambert, "não é a cerveja que

me faz falta, nunca fui muito apreciador. É o vinho. Podia perfeitamente beber dois litros por dia. Até três. Mas precisava de os suar. Imagina só que Tínhamos vinho esta noite, um bom Médoc." — "Quê?", diz Moúlu. "Três litros! Pois bem. Eu, se beber mais do que um litro, fico com azia." — "É porque bebes do branco." — "Ah! Sim", diz Moúlu. "Branco. Só bebo desse." "Não vás mais longe. Olha, a minha velha tem sessenta e cinco anos, moro com ela. Pois bem, com essa idade, ainda bebe a sua litrada por dia. E é do tinto!"

Cala-se por um instante, sonha. Os outros também sonham; ouvem tranqüilamente, sem procurar interromper, estas vozes que falam para todos. Brunet pensa em Paris, na Rue Montmartre, num barzinho onde ia beber uma taça de vinho branco ao sair de L'Huma. "Num domingo como este", diz o sargento, "teria ido com a minha mulher à minha quinta. Tenho uma quintazita a vinte e cinco quilômetros de Paris, pouco depois de Villeneuve-Saint-Geórges, produz belos legumes".

Uma voz grossa aprova do lado de lá das grades: "Ah! Ali a terra é muito boa." — "Voltávamos a esta hora", continua o sargento. "Ou talvez um pouco mais cedo, mesmo ao pôr do Sol; não gosto de pedalar à noite. A minha mulher trazia flores no guiador da bicicleta e eu punha os legumes no porta-bagagens da minha." — "Eu", diz Lambert, "não saía ao domingo. Há muita gente nas ruas, e depois, estás a ver, trabalho à segunda-feira e não é muito perto, é na estação de Lião". — "Que fazes na estação de Lião?" — "Estou nas informações; no edifício cá de fora. Quando quiseres fazer uma viagem, procura-me para te marcar as reservas. Mesmo que seja na véspera, trato-te disso." — "Eu", interrompe Moúlu, "não conseguiria ficar em casa, aborrecia-me. Vivo sozinho". — "Até ao sábado", prossegue Lambert, "muitas vezes acontecia-me não sair". — "E então as mulheres?" — "As mulheres? Faço-as subir." — "Em tua casa", diz o lourinho estupefacto. "E o que dizia a tua velha?" — "Não dizia nada. Fazia-nos a sopa e depois ia ao cinema." — "Ah! Bom!", comenta o lourinho. "Tens sorte, quando penso que a minha mãe me dava uma tarefa, aos dezoito anos, de cada vez que me via com uma rapariga". — "Moras com ela, também?" — "Já não, arranjei companhia e montei casa."

Cala-se um instante, depois continua: "Esta noite não teria mos saído. Teríamos feito amor." Há um longo silêncio, Brunet ouve-os; sente-se quotidiano, eterno, diz quase timidamente: "Eu, a esta hora estava num barzinho da Rue Montmartre, bebia uma taça de vinho branco com os amigos." Ninguém responde, um tipo canta Mon cabanon, com uma voz bem timbrada. — Brunet pergunta a Schneider: "Quem é aquele gajo?" Schneider responde: "É Gás sou, cobrador das Finanças, é de Nimes." O tipo canta, Brunet pensa: "Schneider não disse o que fazia ao domingo."

Um sobressalto, uma longa chamada melodiosa, que era? O vidro da clarabóia está branco; no chão branco projectam-se as sombras das grades, três horas da manhã. As vinhas repousam debaixo da sulfatagem da lua, Allier acaricia-se nos seus tufos, em Pont-de-Vau-Fleurville os vinhateiros esperam o comboio das três horas esfregando os pés no chão, Brunet pergunta alegremente: "Então o que era?" Sobressalta-se porque alguém lhe responde: "Psiu! Psiu! Ouve!" Não estou em Mâcon na minha cama, não são as férias grandes.

Novamente a longa chamada branca: três assobios que se prolongam, se estendem, se desfazem. Aconteceu alguma coisa. Todo o sótão murmura, o enorme animal mexe-se no Chão; no fundo da noite sem idade, uma voz anuncia: "Um comboio! Um comboio!" Era então isso: o primeiro comboio.

Alguma coisa começa: a noite abstracta vai tornar-se espessa e reviver, a noite vai recomeçar a cantar. Toda a gente começa a falar ao mesmo tempo: "O comboio, o primeiro comboio, a via está reparada, temos de reconhecer que fizeram bom trabalho, o Alemão foi sempre bom operário; ora essa, é no interesse deles, têm de recompor tudo; nesse comboio verão a França; nesse comboio; para onde vai? Nancy, talvez Paris; oh!, amigo, oh!, amigos; se levasse prisioneiros, prisioneiros de regresso, estão a imaginar?"

O comboio prossegue lá fora sobre uma via provisória e há toda uma enorme casa que está de vigia. Brunet pensa: é um comboio de munições; tenta, por prudência, recusar a infância; tenta ver as carruagens ferrugentas, as cisternas, um deserto de ferro e aço; não consegue: mulheres dormem sob a luz azul de uma lâmpada, um odor de salpicão e vinho, um homem fuma no corredor e a noite, contra ,os vidros, devolve-lhe a sua imagem; amanhã de manhã, Paris. Brunet sorri, torna a deitar-se, enrolado na infância sob a luz murmurante da Lua, amanhã Paris, dormita no comboio, a cabeça encostada a um ombro nu e suave, acorda no meio de uma imensa luz de seda, Paris! Volta os olhos para a esquerda, sem mexer a cabeça: seis morcegos agarram-se às paredes com as patas, as asas caídas como saias.

Acorda completamente: os morcegos são as sombras dos casacos pendurados na parede, naturalmente Moúlu, não tirou o casaco: obrigá-lo a tirá-lo quando dorme e a mudar de camisa, acabará por lhe pegar os piolhos. Brunet boceja, mais uma manhã; o que era, esta noite? Ah!, sim, o comboio. Ergue-se brusca-mente, afasta o cobertor e senta-se. O seu corpo é de pau, sente o cansaço em ziguezague, uma alegria lenhosa nos músculos entorpecidos como se a rudeza do soalho lhe tivesse passado para a carne; estende-se, pensa: "Se voltar, nunca mais durmo numa cama."

Schneider ainda dorme, de boca aberta, com uma expressão dolorosa; o nortista sorri aos anjos; Gassou, despenteado, de olhos vermelhos, parte bocados de pão em cima do cobertor e come-os; de vez em quando abre aboca e esfrega com o polegar a ponta da língua para tirar um pêlo de lã que ficou numa migalha; Moúlu, coça a cabeça perplexo, estrias negras marcam-lhe as rugas, parece ter os olhos pintados — descobrir uma maneira de o forçar a lavar-se; o lourinho pisca os olhos com um ar mole de quem procura alguma coisa, de repente o rosto ilumina-se-lhe: "Não me digas!" Só com a cabeça fora do cobertor, tem um ar espantado e satisfeito. "Que tens, pateta?", pergunta Moúlu. "Tesão", responde o lourinho. "Tesão", diz Moúlu incrédulo, "ah!, bem vejo! Parece um pau!"

O lourinho afasta o cobertor, a camisa está levantada sobre as pernas louras e peludas: "É verdade", comenta Moúlu. "Felizardo!" — "Felizardo?", pergunta Gassou agastado. Eu acho que é uma desgraça!" — "Grande invejoso!", diz o lourinho, "bem gostarias que te acontecesse esta desgraça.". Moúlu sacode Lambert pelo braço, Lambert grita e sobressalta-se: "Que ê?" — "Olha!", exclama Moúlu. Lambert esfrega os olhos e examina. "Merda!", comenta

simplesmente. Olha mais uma vez: “Pode-se tocar?” “Vai doer-me muito”, diz o lourinho. “Se calhar é postiço.” “Postiço! Postiço”, repete o lourinho zangado. “Em casa acordava todas as manhãs com uma coisa duas vezes mais grossa do que esta”.

Está deitado de costas, de braços cruzados, de olhos semicerrados, com um sorriso infantil. “Já estava a ficar inquieto”, continua, vigiando através dos cílios o pênis que se levanta e se baixa ao ritmo da sua respiração. “É que eu tenho uma mulher”. Riem-se. Brunet volta a cabeça sufocado de raiva. Moúlu diz: “Eu ia ao bordel, só te digo: se já não tornasse a ser preciso, era da maneira que fazia economias.” Riem-se mais, o lourinho acaricia o sexo com uma mão negligente e paternal, conclui: “Paraíso, terrestre!” Brunet volta-se bruscamente para o lourinho, diz-lhe entredentes: “Esconde isso!” — “De quê?”, pergunta o de cabelo encaracolado cheio de volúpia. Gassou, que é culto, diz, troçando de Brunet: “Cachez ce sein que je ne saurais voir.”* — “Vocês são uns porcos!”, diz Brunet secamente. Voltaram a cabeça para ele, olham-no e Brunet pensa: “Não me gramam muito.” Gassou resmunga qualquer coisa. Brunet inclina-se sobre ele: “Que dizes?” Gassou não responde, Moúlu diz, conciliador: “De vez em quando não é crime falar de amor, refresca as idéias.” — “Os impotentes é que costumam falar de amor”, diz Brunet. “O amor faz-se quando se pode.” — “E quando não se pode?” — “Temos de nos calar.”

Molière, Le Tartulle: “Tape esse seio que me perturba.” (N. da T.)

Os outros estão todos com um ar perturbado e matreiro; lenta ,mente, sem grande vontade, o lourinho tapa-se. Schneider ainda dorme; Brunet debruça-se sobre o nortista e sacode-o, o nortista resmunga e abre os olhos: “Ginástica!”, diz Brunet. “Vamos!”, concorda o nortista. Levanta-se e pega no casaco, descem até ao pátio das cavalariças. Em frente de uma das barracas o tipógrafo, Dewrouckère e os três caçadores esperam-nos. Brunet grita-lhes ao longe: “Como vai isso?” — “Vai indo. Ouviste o barulho, esta noite? “ — “Ouvi”, responde Brunet agastado, “Ouvi”.

Esta irritação desaparece rapidamente: eles são jovens, vivos, asseados; o tipógrafo pôs o barrete à banda com um arremedo de vaidade. Brunet sorri-lhe. Está a chuviscar; no fundo do pátio, a multidão espera pela missa; Brunet verifica, com prazer, que é menos numerosa do que no primeiro domingo. “Fizeste o que eu te disse?” Dewrouckère, sem responder, abre a porta da barraca: espalhou palha pelo chão, Brunet respira um odor húmido a estrebaria. “Onde a apanhaste?” Dewrouckère sorri: “Desenrascamo-nos.” — “Está bem”, diz Brunet; olha para eles com amizade. Entram, despem-se, ficam só com as cuecas e as peúgas; Brunet enterra os pés na palha fofa e quebradiça, está satisfeito, diz: “Vamos.”

Os homens põem-se em fila, de costas voltadas para a porta. Brunet, à frente deles, faz os movimentos e vai contando. Imitam-no e a respiração assobia-lhes através dos dentes. Brunet olha para eles com prazer enquanto se põem de cócoras, com as mãos na nuca, fortes, com longos músculos em forma de us. Dewrouckère e Brunet são os mais fortes, mas têm os músculos

arredondados; o tipógrafo é demasiado magro; Brunet olha para ele, inquieto, e depois vem-lhe uma idéia, endireita-se, grita: "Parem."

O tipógrafo está satisfeito por parar, respira fundo. Brunet chega-se ao pé dele: "Ouve! Estás muito magro!" — "Perdi seis quilos desde vinte de junho." — "Como sabes?" — "Há uma balança na enfermaria." — "Tens de engordar", diz Brunet. "Não comes o suficiente." — "Como é que queres?" — "Há uma maneira muito simples", responde Brunet, "cada um de nós vai dar-te parte da sua ração". — "Eu...", protesta o tipógrafo. Brunet impõe-lhe silêncio. "Sou eu o médico e receito-te uma alimentação super. De acordo?", pergunta ele, voltado para os outros. "De acordo", dizem eles. "Bem, então, vais todas as manhãs ter connosco para fazer a recolha. Sentido!" Flexão e rotação do tronco; um instante depois o tipógrafo vacila, Brunet franze o sobrolho: "Que há?" O tipógrafo sorri, desculpando-se: "É muito duro." — "Não pares", recomenda Brunet, "sobretudo, não pares".

Os corpos viram-se como rodas, os cabeças desafiam o céu e metem-se entre as pernas, tornam a levantar-se, precipitam-se de novo. "Basta!" Deitam-se de barriga para baixo para fazerem movimentos abdominais, acabarão por fazer a ponte, o que os diverte, pois fá-los sentirem-se lutadores. Brunet começa a sentir os músculos, tem uma dor fina na virilha, sente-se bem; é o único bom momento do dia, as vigas escuras do tecto andam para trás, a palha salta-lhe para a cara, respira-lhe o odor amarelo, as mãos tocam-na à frente, longe dos pés. "Vamos!", diz. "Vamos!" — "Isto custa", comenta o caçador. "Tanto melhor. Vamos! Vamos!" Levanta-se: "Agora tu, Marbot!"

Marbot praticava catch antes da guerra; é massagista de profissão. Aproxima-se de Dewrouckère e segura-o pela cintura; Dewrouckère ri, tem cócegas, e deixa-se cair para trás, sobre as mãos. É a vez de Brunet, sente estas mãos quentes bem assentes nas suas ancas, atira-se para trás: "Não, não", diz Marbot, "não te crispes. Com leveza, santo Deus, não preciso força". Brunet estica as coxas, sente-se estalar, é demasiado velho, nodoso, mal consegue tocar o chão com a ponta dos dedos, levanta-se, contente apesar de tudo, transpira, volta-lhes as costas e põe-se a solicitar: "Parem!" Volta-se bruscamente: o tipógrafo caiu. Marbot deita-o na palha, diz com um leve tom de censura: "É demasiado duro para ele." — "Não", replica Brunet agastado. "É apenas por não estar habituado".

De resto, o tipógrafo torna a abrir os olhos. Está pálido e respira com dificuldade: "Então, rapaz?", pergunta Brunet amigavelmente. O tipógrafo sorri-lhe confiado: "Estou bem, Brunet, estou bem. Peço desculpa, eu..." — "Bem, bem", diz Brunet, "estarás melhor quando comeres mais. É tudo por hoje, camaradas... Para o duche e em passo de ginástica". De cuecas, as roupas debaixo do braço, correm até à mangueira; atiram com as roupas para cima de uma lona, enrolam-na para o embrulho se tornar impermeável, tomam banho debaixo de chuva. Brunet e o tipógrafo pegam na mangueira e dirigem o jacto para Marbot. O tipógrafo olha ansiosamente para Dewrouckère, afina a voz e diz a Brunet: "Queremos falar-te."

Brunet volta-se para ele sem largar a mangueira: o tipógrafo baixa os olhos, Brunet está levemente irritado: não gosta de meter medo. Diz secamente: "Esta

tarde, às três horas, no pátio.” Marbot esfrega-se com um bocado de cáqui e torna a vestir-se. Exclama: “Eh!, rapazes!, há novidades!” Um moreno muito alto discursa no meio de um grupo de prisioneiros: “É Chaboche, o secretário”, esclarece Marbot muito excitado. “Vou ver o que há”. Brunet vê-o afastar-se: o imbecil nem sequer teve tempo de pôr as polainas, leva uma em cada mão. “Que pensas que há?”, pergunta o tipógrafo. Procura ter um ar descontraído, mas a sua voz não engana: é a voz que todos eles têm, cem vezes por dia, a voz da esperança. Brunet encolhe os ombros: “Que os Russos tenham desembarcado em Brême ou os Ingleses tenham pedido o armistício: não muda nada.”

Olha para o tipógrafo sem simpatia. O rapaz morre de vontade de ir ter com os outros, mas não ousa. Brunet sabe perfeitamente que é só por timidez: se ele voltasse as costas, desataria a correr, plantar-se-ia diante de Chaboche, de olhos esbugalhados, narinas dilatadas, ouvi dos à escuta, todo ele aberto. “Dá-me banho”, diz Brunet. Tira as cuecas, a carne regozija-se debaixo do jacto adstringente, gotas de água, milhares de pequenas bolinhas de carne, força; esfrega o corpo, com as mãos, olhos fixos nos basbaques: Marbot meteu-se no meio do grupo, levanta para o orador o nariz arrebitado. Meu Deus, se ao menos perdessem a esperança; se ao menos tivessem alguma coisa para fazer. Antes da guerra, era o trabalho que lhes servia de pedra de toque, que decidia da verdade, que regulava as suas relações com o mundo. Agora, que não têm nada que fazer, acreditam que tudo é possível, sonham, já não sabem o que é verdade. Estes três homens que passeiam leves e lentos, que avançam por ondulações naturais, com sorrisos vegetais no rosto, estarão acordados? De vez em quando uma palavra sai-lhes da boca, como em sonhos, e eles, não parecem aperceber-se disso. Com quem sonham? Fabricam, de manhã à noite, uma toxina própria, o sensacional de que se sentem privados; dia a dia, vão contando a história que deixaram de viver: uma história cheia de golpes teatrais e sangue. “Está bem assim.”

O jacto baixa, há espuma entre as pedras, Brunet limpa-se, Marbot vem ter com eles, com um ar cego e glorioso. Balança-se um pouco, depois decide-se a falar. Diz com uma indiferença fingida: “Vamos ter visitas.” O rosto do tipógrafo torna-se escarlate: “Quê? Que visitas?” — “As famílias.” — “A sério?”, pergunta Brunet irônico. “E quando?” Marbot torna e levantar-se rapidamente e olha-o nos olhos com um ar de sensação: “Hoje.” — “Claro”, diz Brunet. “E encomendaram vinte mil camas para que os prisioneiros possam fazer amor com as mulheres”. Dewrouckère ri-se; o tipógrafo não se atreve a não se rir, mas os seus olhos continuam esfomeados. Marbot sorri tranqüilamente: “Não, não”, explica. “É oficial! Foi Chaboche quem o disse”. — “Ah! Se foi Chaboche!”, troça Brunet rindo. “Diz que será afixado esta manhã”. — “Afixado no meu cu!”, adianta Dewrouckère. Brunet sorri-lhe. Marbot tem um ar surpreendido. “É a sério; também disseram a Gartiser, foi um camionista alemão quem lho disse, parece que elas vêm de Épinal e de Nancy.” — “Elas, quem?” — “As famílias, quem havia de ser! Chegaram ontem de motocicleta, a pé, de carroça, no comboio de mercadorias, dormiram em enxergas, na Câmara, e foram suplicar, esta manhã, junto do comandante alemão. Olha”, exclama. “Olha! Ali está o papel.”

Um tipo está a colar qualquer coisa na porta, é uma corrida, a multidão amontoa-se à volta da entrada; Marbot aponta para e porta com um gesto largo:

“Então?”, pergunta triunfalmente, “foi no teu cu que afixaram o papel? Foi no teu cu?”

Dewrouckère encolhe os ombros. Brunet enfia lentamente a camisa e as calças, aborrecido por não ter tido razão. Diz: “Adeus, rapazes. Depois fechem a torneira.” Vai tranqüilamente juntar-se à multidão que se esmaga de encontro à porta; pode ser um boato como os outros, Brunet detesta as pequenas felicidades imerecidas que vêm alegrar de vez em quando os corações cohardes, um prato de sopa, visita das famílias, tudo isto complica o trabalho.

Lê ao longe, por cima das cabeças: “O comandante do campo autoriza os prisioneiros a receber visitas das suas famílias (parentesco directo). Uma sala do rés-do-chão será reservada para esse efeito. As visites efectuar-se-ão, até nova ordem, ao domingo, das catorze às dezassete horas. Em nenhum caso ultrapassarão vinte minutos. Se o compartimento dos prisioneiros não justificar esta medida excepcional, as visitas serão suspensas.”

Godchaux levanta a cabeça com um desabafo feliz: “Temos de ser justos: não são safados.” À esquerda de Brunet, Gallois ri-se. Um estranho riso adormecido. “De que te estás a rir?”, pergunta Brunet. “Oh!”, diz Gallois. “Está a começar. Está a começar a pouco e pouco”. — “Está a começar, o quê?” Gallois tem um ar desconcertado, faz um gesto vago, para de rir e repete: “Está a começar.” Brunet atravessa a multidão e atinge a escada: à sua volta, no sombrio rés-do-chão, um formigueiro, levanta a cabeça e vê mãos de um azul-pálido sobre o corrimão e uma longa espiral oscilante de rostos azuis; empurra, empurram-no, sobe agarrando-se às grades, esmagam-no de encontro ao corrimão, que abana; durante todo o dia há tipos que sobem e descem sem terem nenhuma razão; pensa: “Não há nada a fazer, não são suficientemente infelizes.”

Tornaram-se capitalistas, proprietários, a caserna é deles, organizam expedições ao telhado, às caves, descobriram livros num celeiro. Claro que não há medicamentos na enfermaria nem mantimentos na cozinha, mas existe uma enfermaria, uma cozinha, um secretariado e até barbeiros.; sentem-se administrados. Escreveram às famílias e, há dois dias, o tempo das cidades recomeçou a andar. Quando o Kommandante os obrigou a acertar os relógios pela hora alemã, apressaram-se a obedecer, mesmo os que desde o mês de Junho traziam, em sinal de luto, os relógios parados nos pulsos: este tempo vago que passava desordenadamente militarizou-se, deram-lhes o tempo alemão, verdadeiro tempo de vencer, o mesmo que corre em Dantzig, em Berlim: tempo sagrado. Não são suficientemente infelizes: enquadrados, administrados, alimentados, alojados, governados, irresponsáveis. De noite houve este comboio e eis que,as famílias vão chegar com os braços carregados de conservas e de consolações. Tantos gritos, choros e beijos! Era o que lhes estava a fazer falta; até agora, pelo menos eram modestos. Agora vão sentir-se importantes. As mulheres e as mães tiveram todo o tempo de criar o mito heróico do prisioneiro, encarregar-se-ão de o transmitir.

Chega ao sótão, mete-se pelo corredor, entra no seu compartimento e olha para os companheiros com raiva. Estão lá, deitados como habitualmente, sem fazer nada, a sonhar, confortáveis, e mistificados; Lambert, de sobrancelhas arqueadas, com um ar amuado e surpreendido, está a ler Les Petites Filles

MoMes. Basta um olhar para compreender que a novidade ainda não chegou ao sótão. Brunet hesita: deverá anunciá-la? Imagina-lhes os olhos brilhantes, a exaltação e a tagarelice... "Sabê-la-ão sempre demasiado cedo." Senta-se em silêncio. Schneider desceu para se lavar; o nortista ainda não subiu, os outros olham para Brunet consternados. "Que há?", pergunta Brunet. Não respondem logo, depois Moúlu responde baixando a voz: "Há piolhos na número seis." Brimet sobressalta-se e faz uma careta. Sente-se nervoso, enerva-se ainda mais, diz violentamente: "Não quero aqui piolhos."

Pára bruscamente, morde o lábio inferior, olha para eles com incerteza. Ninguém reage: os rostos que se voltam para ele continuam mortiços e como que envergonhados. Gassou pergunta: "Diz, Brunet, o que vamos fazer?" Sim, sim, não gostam muito dele, mas quando há qualquer coisa má é a ele que vêm chamar. Responde, mais calma mente: "Não se quiseram mudar quando eu vos disse..." — "Mudar para, onde?" — "Havia compartimentos livres. Lambert, eu Tinha-te dito que fosses ver se a cozinha estava livre, no rés-do-chão." — "A cozinha!", diz Moúlu, "muito, obrigado, dormir em cima dos ladrilhos para ficarmos com diarréia e, além disso, há muitas baratas". — "Sempre são melhores do que os piolhos. Lamber, estou a falar contigo! Foste lá ver?" — "Fui" — "Então?" — "Ocupada." — "Então, olha: há oito dias que lá devias ter ido." Sente-se corar, muda de tom, grita: "Não haverá aqui piolhos! Não haverá!" — "Calma!, calma!", pede o lourinho. "Não te excites; a culpa não é nossa". Mas o sargento grita também: "Ele tem razão! Tem razão! Fiz toda a guerra de catorze e nunca tive piolhos, não vou começar agora a tê-los por culpa de uns chatos como vocês que nem sequer se sabem lavar!"

Brunet acalmou; fala com ar tranqüilo: "Temos de tomar medidas urgentes!" O lourinho goza: "Bem gostaríamos, mas quais?" — "Primeiro", diz Brunet, "vocês todos passam a ir todos os dias ao duche. Segundo, todos têm de catar os piolhos todas as noites." — "Que queres dizer com isso?" — "Que se põem em pêlo, pegam nos casacos, cuecas, camisas e vêem se há piolhos nas costuras. Se têm roupas de flanela é aí que se metem de preferência." Gassou suspira: "Vai ser lindo!" — "Quando se deitarem", prossegue Brunet, "penduram as roupas nos pregos, as camisas também: dormimos nus debaixo dos cobertores." — "Merda!", diz Moúlu. "Vou apanhar uma bronquite".

Brunet volta-se vivamente para ele. "Tu, Moúlu, tu és um ninho de piolhos, isto não pode continuar." — "Não é verdade!", protesta Moúlu congestionado pela indignação. "Não é verdade, não tenho piolhos". — "Podes não os ter neste momento, mas se os houver num raio de vinte quilômetros é tão certo que virão ter contigo como nós termos perdido a guerra." — "Não há razão para isso", diz Moúlu agastado. "Porquê em mim e não em ti? Não há nenhuma razão." — "Há uma", diz Brunet com voz forte, "é que tu és mesmo um porco!"

Moúlu lança-lhe um olhar envenenado, abre a boca, mas já os outros se puseram a rir e a gritar. "Ele tem razão, cheiras mal, fedes, pareces uma rapariga que não se lava, és imundo, tiras-me o apetite, não consigo comer ao pé de ti!" Moúlu endireita-se e encara-os. "Lavo-me", diz ele surpreendido. "Lavo-me mais do que vocês. Mas não sou como vocês, que se põem nus no meio do pátio para se armarem". Brunet põe-lhe o dedo debaixo do nariz: "Lavaste-te ontem?" —

“Naturalmente.” — “Então mostra cá os pés.” Moúlu dá um salto: “Estás doido?” Senta-se em cima das pernas: “Nunca te mostrarei os pés”. — “Tirem-lhe as botas”, ordena Brunet. Lambert e o lourinho atiram-se a Moúlu, deitam-no ao chão, Gassou faz-lhe cócegas. “Então”, diz o sargento, “fica quieto”. Moúlu pára, ainda sacudido pelos arrepios; Lambert sentou-se-lhe em cima do peito; o sargento desaperta-lhe o sapato direito, puxa-o, aparece o pé, o sargento empalidece, larga o sapato e levanta-se subitamente: “Santo Deus”, exclama. “Sim”, diz Brunet, “santo Deus!”

Lambert e o lourinho levantam-se em silêncio, olham para Moúlu com uma surpresa admirativa. Moúlu, calmo e digno, torna a sentar-se. Uma voz furiosa grita do quarto. ao lado: “Que se passa, tipos da quatro? Que estão a fazer? Cheira mal, cheira a manteiga rançosa.” — “É Moúlu que está descalço”, explica Lambert com simplicidade. Olham para o pé de Moúlu: o dedo grosso sai, negro, da peúga toda rota. “Viste a sola dos pés?” —, pergunta Lambert. “Já não é peúga, é renda”. Gassou respira para dentro do lenço. O lourinho abana a cabeça e repete com uma espécie de respeito: “Ah! Ora isto! Ora isto!” — “É horrível”, diz Brunet. “Tapa isso!”

Moúlu calça precipitadamente o sapato. “Moúlu”, prossegue Brunet muito sério, “és um perigo público. Vais tomar, um banho e já depressa. Se não estiveres lavado dentro de meia hora, não comes e não dormes aqui esta noite”. Moúlu olha-o com raiva, mas levanta-se sem protestar; diz apenas: “Então tu é que mandas aqui?” Brunet evita responder; Moúlu sai, os tipos gozam, Brunet não se ri; pensa nos piolhos: “Em todo o caso eu não terei piolhos.” — “Que horas são?”, pergunta o lourinho, “sinto o estômago vazio”. — “Meio-dia”, responde o sargento. “Meio-dia, é a hora da distribuição, quem é que está de serviço?” — “É Gassou.” — “Pois bem! Despacha-te, Gassou.” — “Temos tempo”, replica este. “Despacha-te, já te disse; quando estás de serviço, somos sempre os últimos a comer.” — “Está bem!” Gassou enfia o barrete e sai. Lambert recomeçou a ler. Brunet, nervoso, sente comichão entre os ombros; Lambert vai lendo e coçando a perna, o lourinho olha para ele: “Tens piolhos?” — “Não”, responde Lambert, “mas como falámos nisso”. — “Olha!”, diz o lourinho, “eu também”. Coça o pescoço. “Brunet, não tens comichões?” — “Não”, diz Brunet.

Calam-se, o lourinho coça-se com um sorriso crispado, Lambert lê e coça-se; Brunet enfia as mãos nos bolsos e não se coça. Gassou torna a aparecer à porta, com um ar zangado: “Estão a gozar comigo? Onde está o pão?” — “O pão? Cretino, não está ninguém lá em baixo, as cozinhas nem sequer estão abertas.” Lambert mostra uma expressão aflita: “Será que isto vai recomeçar como em Junho?” As almas proféticas e preguiçosas estão sempre prontas a acreditar no pior ou no melhor.

Brunet volta-se para o sargento: “Que horas são?” — “Meio-dia e dez.” — “Tens a certeza de que o teu relógio regula bem?” O sargento sorri e olha para o relógio complacentemente. “É um relógio suíço”, responde ele simplesmente. Brunet grita para os companheiros do quarto ao lado: “Que horas têm vocês?” — “Onze e dez”, responde uma voz. O sargento exulta: “Que vos tinha eu dito?” — “Disseste: meio-dia e dez, grande parvo”, exclama Gassou rancoroso. “Pois está

bem: meio-dia e dez, hora de França, onze e dez, hora dos "boches"." — "Idiota!", exclama Gassou cheio de raiva. Passa por cima do corpo de Lambert e deixa-se cair em cima do cobertor.

O sargento prossegue tranqüilamente: "Não é por a França estar mergulhada em merda que vou deixar a hora francesa!" — "Já não há hora francesa, ouviste? De Marselha a Estrasburgo os "boches" impuseram a deles." — "Talvez", replica o sargento, tranqüilo e teimoso. "Mas ainda está para nascer quem me há-de fazer mudar a minha hora". Volta-se para Brunet e explica: "Quando os "boches" estiverem em debandada, vocês ficarão muito contentes por a reencontrar." — "Olhem", grita Lambert, "vejam Moúlu todo elegante". Moúlu entra, rosado e fresco, com ar de domingo. Os tipos põem-se a rir: "Então, Moúlu, estava boa?" — "Quê?" — "A água." — "Sim, sim", responde Moúlu distraidamente, "muito boa." — "Perfeito", diz Brunet. "Fica combinado, de futuro mostra-nos os pés todas as manhãs".

Moúlu parece não ouvir, arvora um sorriso importante e misterioso. "Tenho notícias, rapazes,. ponham-se direitos!" "Que é, que ê? Notícias, que notícias?" Os rostos brilham, coram, abrem-se, Moúlu declara: "Vamos ter visitas!" Brunet levanta-se sem barulho e sai, há gritos atrás dele, apressa o passo, mete-se pela floresta movediça da escada, o pátio está repleto, os tipos andam às voltas debaixo de chuva, uns atrás dos outros; olham todos para o interior do círculo que descrevem; todas as janelas ostentam cabeças curiosas: aconteceu alguma coisa.

Brunet entra na roda, põe-se também às voltas mas sem curiosidade: todos os dias neste mesmo lugar acontece qualquer coisa, há tipos que param e parecem esperar, os outros dão voltas olhando para eles. Brunet dá voltas, o sargento André sorri-lhe: "Olha, ali está Brunet, aposto que anda à procura de Schneider." — "Viste-o?", pergunta Brunet vivamente. "Vi", responde André rindo. "Por sinal, até anda à tua procura". Volta-se para os outros e goza: "Aqueles dois são unha com carne, sempre juntos ou um à procura do outro." Brunet sorri: unha com carne, porque não? A sua amizade por Schneider, tolera-a porque não lhe faz perder tempo: é como um conhecimento de bordo, não compromete; se voltarem do cativeiro, não tornarão a ver-se. Uma amizade sem exigências, sem direitos, sem responsabilidades: apenas um pouco de calor no estômago. Dá voltas, André também, a seu lado, em silêncio. No centro deste lento torvelinho, há uma zona de calma absoluta: homens com capote, sentados no chão ou em cima das sacolas.

André, ao passar, agarra Clapot: "Quem são aqueles gajos?" "São os castigados", responde Clapot. "Os quê?" Clapot solta-se com impaciência: "Os castigados, já te disse." Recomeçam às voltas sem deixar de olhar para estes homens imóveis e mudos. "Castigados!", resmunga André. "É a primeira vez que eu vejo castigados. Castigados porquê? Que fizeram?" Brunet alegra-se: Schneider está lá, do lado de fora do círculo, olha para o grupo dos castigados e coça o nariz. Brunet gosta muito desta maneira que Schneider tem de pôr a cabeça à banda; pensa com prazer: "Vamos conversar."

Schneider é muito inteligente. Mais inteligente do que Brunet. A inteligência não é muito importante, mas torna as relações agradáveis. Põe a mão

no ombro de Schneider e sorri-lhe; este corresponde com um sorriso sem alegria. Brunet pergunta por vezes a si próprio se Schneider tem prazer em o ver: nunca se largam, mas, se Schneider tem alguma simpatia por Brunet, não a manifesta muitas vezes. No fundo, Brunet agradece-lhe: detesta as demonstrações. "Então?", pergunta André, "encontraste o teu Schneider?" Brunet ri-se, Schneider não. André pergunta a Schneider "Diz! Porque foram castigados?" — "Quê? Aqueles gajos?" — "Não são castigados", responde Schneider. "São os alsacianos. Não vês Gartiser na primeira fila?" — "Ah! É isso!", diz André. "É isso!" Parece satisfeito, fica um momento ao pé deles, com as mãos nos bolsos, informado, liberto; depois perturba-se brusca mente: "Porque estão ali?" Schneider encolhe os ombros: "Pergunta-lhes."

André hesita; depois, devagar, aproxima-se deles fingindo indiferença. Os alsacianos, aprumados e inquietos, sentados muito direitos na sua insegurança, embrulhados nos capotes, como saiotes, parecem emigrantes no tombadilho de um navio. Gartiser está sentado de pernas cruzadas, as mãos espalmadas nas coxas, com grandes olhos de galinha, muito abertos. "Então, rapazes", pergunta André, "há alguma novidade?" Não respondem; o rosto de André, cheio de incertezas, move-se acima das suas cabeças. "Há novidade?" Nenhuma resposta. "Pensei que havia, quando vos vi sentados em círculo. Eh! Gartiser?" Gartiser decidiu-se a levantar a cabeça, olha para André com arrogância. "Para que estão juntos, vocês, os alsacianos?" — "Porque nos mandaram." — "E os capotes, as bagagens, disseram-vos para as trazerem?" — "Sim." — "Porquê?" — "Não sei."

André está vermelho de indignação: "Enfim, sempre têm uma idéia?" Gartiser não responde; atrás dele fala-se alsaciano com impaciência. André endireita-se, ofendido: "Basta", diz. "Neste Inverno, vocês estavam menos orgulhosos, não avançavam com o vosso dialecto, mas agora, que fomos vencidos, já não sabem falar francês". As cabeças nem sequer se levantam; o alsaciano é o barulho contínuo e natural da folhagem ao vento. André goza, o olhar fixo neste canteiro de cabeças: "Não é muito agradável ser francês hoje em dia, não é, rapazes?" — "Não te preocupes connosco", responde-lhe vivamente Gartiser, "não o seremos por muito tempo".

André hesita, franze o sobrolho, pro cura a resposta exacta e não a encontra. Dá meia volta e vai ter com Brunet: "Pronto!" Atrás das costas de Brunet há vozes que se levantam, irritadas: "Para que vais falar com eles, tu? Deixa-os quietos, são "boches"." Brunet olha para eles; rostos azedados e lívidos, leite coalhado: a inveja. A inveja dos pequenos-burgueses, pequenos comerciantes de bairro, tiveram inveja dos funcionários, depois dos soldados dos serviços especializados. Agora, dos alsacianos. Brunet sorri: vê estes olhos inflamados pelo despeito, sentem-se vexados por serem franceses: é melhor do que a resignação passiva; até a inveja deve poder ser trabalhada: "Já alguma vez te emprestaram alguma coisa, ou te ajudaram?" — "Serás doido? Havia alguns que tinham carne nos primeiros dias, comiam-na mesmo ao pé de ti, eram capazes de te deixar morrer de boca aberta."

Os alsacianos ouvem; voltam para os franceses os rostos vermelhos e louros, ainda vai dar asneira. Um grito rouco: os franceses. dão um salto para

trás, os alsacianos põem-se de pé e em sentido: nos degraus da escadaria acaba de aparecer um oficial alemão, alto e frágil, com olhos fundos num rosto manchado. Fala, os alsacianos ouvem Gartiser, escarlate, estende o pescoço. Os franceses também ouvem, sem compreender, com um interesse cheio de consideração. Os ânimos acalmam-se: têm consciência de assistir a uma cerimônia oficial. Uma cerimônia é sempre agradável. O oficial fala, o tempo passa, impune e sagrado, esta língua estranha é como o latim na missa; os alsacianos, já ninguém ousa invejá-los: assumiram a dignidade de um coro.

André meneia a cabeça, diz: "Não é muito feia a língua deles." Brunet não responde: são como os macacos, não conseguem estar zangados mais de cinco minutos. Pergunta a Schneider: "Que diz ele?" — "Diz-lhes que foram libertados." A voz do comandante sai aos safanões entusiásticos da sua face negra; grita, mas os seus olhos não brilham. "Que diz ele?" Schneider traduz em voz baixa: "Graças ao Führer, a Alsácia vai voltar ao seio da mãe-pátria."

Brunet olha os alsacianos; têm rostos lentos, sempre atrasados relativamente aos sentimentos. Dois ou três, no entanto, coraram. Brunet diverte-se. A voz alemã levanta-se e precipita-se, salta de degrau em degrau, o oficial ergueu os punhos acima da cabeça, com os coto velos marca o ritmo à sua voz de glória, toda a gente está emocionada, como ao içar da bandeira, ao passar da banda militar; os dois punhos abrem-se no ar, os tipos estremecem, o oficial grita: "Heil Hitler!"

Os alsacianos estão petrificados; Gartiser volta-se para eles e fulmina-os com o olhar, depois vira-se para o comandante, estica o braço e grita: "Heil!" Um silêncio imperceptível, depois os braços levantam-se; sem querer, Brunet pega no pulso de Schneider e aperta-o com força. Agora há gritos. Há quem grite "Heil" com uma espécie de arrebatamento e outros que abrem simplesmente a boca sem imitir um som, como as pessoas que fingem cantar na igreja.

Na última fila, de cabeça baixa, as mãos enfiadas nos bolsos, um rapagão parece sofrer. Os braços descaem, Brunet larga o punho de Schneider; os franceses calam-se, os alsacianos tornam a pôr-se em sentido, têm rostos de mármore branco, cegos e surdos, sob a chama loura dos seus cabelos. O comandante dá uma ordem, a coluna desfaz-se, os franceses afastam-se, os alsacianos desfilam entre duas alas de curiosos. Brunet volta-se, olha para os rostos ofegantes dos camaradas. Gostaria de ver neles a fúria e o ódio, apenas vê um leve e hesitante desejo.

Ao longe, abriu-se o portão; em pé na escadaria o comandante alemão olha com um sorriso bondoso para a coluna que se afasta. "Caramba", diz André. "Caramba!" — "Merda para tudo isto", exclama um barbudo, "quando penso que nasci em Limoges..." André abana a cabeça, repete: "Caramba!" — "Que é que não está bem?", pergunta-lhe Charpin, o cozinheiro. "Bolas!", respondeu André. O cozinheiro tem um ar alegre e animado; pergunta: "Ouve lá, pateta, se te bastasse gritar "Heil Hitler" para te mandarem para casa, tu não gritavas? Não te compromete. Gritas, mas não dizes o que pensas." — "Oh! Eu, claro que gritava", diz André, "gritava o que eles quisessem, mas com estes o caso é outro: são alsacianos; têm deveres para com a França".

Brunet faz sinal a Schneider; escapam-se, refugiam-se no outro pátio, que está deserto. Brunet encosta-se à parede, debaixo do telheiro, em frente das estrebarias; não muito longe, sentado no chão, rodeando os joelhos com os braços, está um soldado, alto, de cabeça pontiaguda e pouco cabelo. Não os perturba. Parece o bobo da aldeia. Brunet olha-lhe para os pés. Diz: "Viste os dois socialistas alsacianos?" — "Quais socialistas?" — "Tínhamos descoberto dois socialistas entre os alsacianos; Dewrouckère contactara com eles na semana passada, queriam dar cabo de tudo." — "E então?" "Levantaram o braço como os outros."

Schneider não responde: Brunet fixa o olhar no bobo da aldeia, é um jovem, com um nariz aquilino, cinzelado, um nariz de rico; na sua face de elegante, marcada por trinta anos de vida burguesa, com rugas finas, transparências e todas as sinuosidades da inteligência, reflecte-se a estupidez tranqüila dos animais. Brunet encolhe os ombros: "É sempre a mesma história: um dia contactas com um tipo, ele está de acordo: no dia seguinte já não, mudou de idéias, ou finge não te conhecer." Aponta com o dedo para o bobo: "Estava habituado a trabalhar com homens. Mas com isto..." Schneider sorri: "Isto era um engenheiro da Thompson. O que se chama um rapaz com futuro à frente dele." — "Pois bem", diz Brunet, "agora tem, o futuro atrás dele". — "Ao certo", pergunta Schneider, "quantos somos?" "Já te disse que não posso saber, varia. Enfim, admitamos que somos cerca de cem." — "Cem, em trinta mil?" "Sim. Cem em trinta mil."

Schneider formulou a pergunta com voz neutra; não faz nenhum comentário: no entanto, Brunet não ousa olhar para ele. "Há qualquer coisa que não bate certo", prossegue Brunet. "Calculando na base de trinta e seis, devíamos poder agrupar um terço dos prisioneiros." — "Já não estamos em trinta e seis", observa Schneider. "Eu sei", concorda Brunet. Schneider toca numa narina com a ponta do indicador. "O que acontece é que recrutamos os tipos mais regateiros, o que explica a instabilidade da nossa clientela. Um regateiro não é necessariamente um descontente; pelo contrário, está contente por regatear. Se lhe pro puseres tirar as conclusões do que ele diz, pretende naturalmente que está de acordo para não ter de desarmar, mas mal viras as costas transforma-se em corrente de ar: já fiz a experiência mais de vinte vezes." — "Eu também", diz Brunet. "Era necessário recrutar os verdadeiros descontentes", continua Schneider, "todos os verdadeiros tipos de esquerda que liam Marianne e Vendredi, que acreditavam na democracia e no progresso". — "Pois é!", diz Brunet.

Olha para as cruzes de madeira no cimo do monte e para a erva brilhante depois do chuvisco; acrescenta: "De vez em quando passo por um tipo isolado que se arrasta como um convalescente e digo para mim: ali está um. Mas que queres? Se te aproximas, eles têm medo. Desconfiam de tudo." — "Não é só isso", insiste Schneider. "Parece-me que têm muita vergonha. Sabem que são os grandes vencidos e nunca mais se reabilitarão." — "No fundo", interrompe Brunet, "não conseguem retomar a luta: preferem convencer-se de que a derrota é irremediável; é mais consolador!"

Schneider diz entre dentes, com um ar estranho "Pois é, é consolador." — "Quê?" — "É sempre consolador pensares que a tua derrota é a de todo o

mundo.” — “Suicidas!”, exclama Brunet aborrecido. “Talvez”, diz Schneider. Acrescenta suavemente: “Mas, sabes, a França, são eles. Se não os. atingires, o que fizeres não serve de nada.” Brunet volta a cabeça e olha para o bobo, este rosto deserto fascina-o; o bobo boceja voluptuosamente e chora, um cão espreguiça-se, a França espreguiça-se, Brunet espreguiça-se: pára de bocejar, pergunta sem levantar os olhos, com uma voz baixa e rápida: “Devemos continuar?” “Continuar o quê?” — “O trabalho.” Schneider tem um riso seco e desagradável: “Perguntas-me isso a mim!”

Brunet levanta a cabeça, surpreende nos lábios grossos de Schneider um sorriso sádico e doloroso quase a apagar-se. Schneider pergunta: “Que fazias se desistisses?” O sorriso desapareceu, a expressão tornou-se calma e pesada, um mar morto, nunca se perceberá nada deste rosto. “Que fazia? Ia-me embora, ia ter com os camaradas a Paris.” — “A Paris?” Schneider coça a cabeça, Brunet pergunta viva mente: “Pensas que lá se está a passar a mesma coisa que aqui?” Schneider reflecte: “Se os Alemães forem correctos...” — “Correctos”, diz Brunet, “devem ser! Podes estar certo de que ajudam os cegos a atravessar as ruas”. — “Então”, continua Schneider, “acho que deve ser a mesma coisa” Endireita-se bruscamente e olha para Brunet com uma curiosidade sem dor: “Por que esperas?”

Brunet endireita-se: “Não espero nada; nunca esperei nada, estou-me nas tintas para a esperança: eu sei.” — “Então, que sabes?” — “Sei que a U.R.S.S. entrará tarde ou cedo na dança”, diz Brunet, “sei que espera a hora exacta e quero que os nossos camaradas estejam prontos”. — “A hora já passou”, replica Schneider. “Antes do Outono a Inglaterra estará de rastos. Se a U.R.S.S. não interveio quando havia uma esperança de criar duas frentes, como queres que intervenha agora que seria a única a bater-se?” — “A U.R.S.S. é o país dos trabalhadores”, observa Brunet. “E os trabalhadores russos não permitirão que o proletariado europeu seja dominado pelos nazis”. — “Então porque permitiram que Molotov assinasse o pacto germano-soviético?” — “Naquele momento não havia outra coisa a fazer. A U.R.S.S. não estava pronta.” — “Que te prova que hoje o esteja?” Brunet põe a. mão na parede irritado: “Não estamos no Café du Commerce”, grita, “não vou discutir isso contigo: sou um militante e nunca perdi o meu tempo a fazer altas especulações políticas: tinha o meu trabalho e realizava-o. Quanto ao resto, confio no Comitê Central e na U.R.S.S.; não é agora que vou modificar-me”. — “É o que eu pensava”, conclui Schneider tristemente, “vives de esperança”.

Este tom fúnebre desespera Brunet: parece-lhe que a tristeza de Schneider é fingida. “Schneider”, diz sem levantar a voz, “não é impossível que o Politburo tenha sido todo ele acometido de loucura. Mas, pelo mesmo raciocínio, também não é impossível que este tecto te caia em cima da cabeça; no entanto, não passas a vida a olhar para ele. Claro que podes dizer-me, se quiseres, que tens fé em Deus ou no arquitecto, são apenas palavras: sabes muito bem que há leis naturais e que os prédios se mantêm de pé porque são construídos de acordo com essas leis. Então, como queres que passe o tempo a interrogar-me sobre a política da U.R.S.S. e porque me vens falar na minha confiança em Estaline? Sim, tenho confiança nele, e em Molotov e em Jdanov: na mesma medida em que tu

acreditas na solidez destas paredes. Ou seja, sei que há leis históricas e que, devido a essas leis, o país dos trabalhadores e os proletários europeus têm interesses idênticos. De resto, não penso muitas vezes nisso, não mais do que tu pensas nos alicerces da tua casa: há o tecto em cima, o chão em baixo, há uma certeza que me transporta e me permite prosseguir os objectivos concretos que o Partido me indica. Quando estendes a mão para pegar na tua gamela, o teu gesto, só por si, postula o determinismo universal; comigo, é também assim: o mínimo dos meus actos afirma implicitamente que a U.R.S.S. está na vanguarda da Revolução mundial".

Olha para Schneider com ironia e conclui: "Que queres? Sou apenas um militante." Schneider não abandonou o seu ar desencorajado; tem os braços pendentes; os olhos mortiços. Dir-se-ia que quer esconder a sua agilidade de espírito atrás da lentidão da sua mímica. Brunet notou-o muitas vezes: Schneider tenta tornar mais lenta a sua inteligência como se quisesse aclimatar dentro de si um determinado gênero de pensamento paciente e tenaz que ele acredita, sem dúvida, ser próprio dos camponeses e dos soldados. Porquê? Para afirmar no fundo de si próprio a sua solidariedade com eles? Para protestar contra os intelectuais e contra os chefes? Por horror ao pedantismo?

"Pois bem", diz Schneider, "milita, rapaz, milita. Só que a tua acção se assemelha estranhamente aos faladores do Café du Commerce: com muita dificuldade conseguimos juntar uma centena de idealistas infelizes e impingimos-lhes uma série de asneiras sobre o futuro da Europa". — "É fatal", replica Brunet: "enquanto não trabalharem, não posso dar-lhes trabalho a realizar; conversa-se, contacta-se. Espera que sejamos transportados para a Alemanha, verás se não nos metemos ao trabalho". — "Oh! Sim, esperarei", concorda Schneider com a sua voz adormecida. "Esperarei: terei de esperar. Mas os padres e os nazis, esses, não esperam. E a propaganda deles é muito mais eficaz do que a nossa". Brunet olha-o nos olhos: "Então? Onde queres chegar?" — "Eu", responde Schneider espantado, "mas... a nada. Estávamos à falar das dificuldades de recrutamento..." — "Será culpa minha", pergunta Brunet violentamente, "se os Franceses são uns safados que não têm força nem coragem? Será culpa minha, se..." Schneider endireita-se e corta-lhe a palavra; a expressão tornou-se dura, a voz sai tão rápida e gaguejante que parece ter sido um outro que lhe roubou a boca para insultar Brunet: "Tu és... tu és sempre... És tu o safado", grita, "és tu! É fácil assumir um ar de superioridade quando se tem um partido por trás; quando se tem uma cultura política e o hábito dos maus momentos, é fácil desprezar os pobres enterrados na merda".

Brunet não se comove: lamenta apenas ter perdido a paciência. "Não desprezo ninguém", observa. "E, quanto aos companheiros, concedo-lhes todas as circunstanciais atenuantes". Schneider não o ouve: os seus grandes olhos abrem-se, parece esperar um acontecimento interior. De repente, põe-se a gritar: "Sim, a culpa é tua! Naturalmente, a culpa é tua!" Brunet olha-o sem compreender: o rosto de Schneider, vermelho e afogueado, traduz mais do que raiva, dir-se-ia um velho ódio de família durante muito tempo reprimido e que se regozija por, finalmente, poder rebentar. Brunet olha para esta cabeça enorme e carrancuda, este ar de confissão pública, e pensa: "Vai acontecer alguma coisa."

Schneider agarra-o pelo braço e mostra-lhe o engenheiro da Thompson, que dá voltas aos dedos inocentemente. Há um instante de silêncio porque Schneider está demasiado emocionado para falar; Brunet sente-se frio e calmo: o ódio dos outros acalma-o sempre. Espera; vai saber o que Schneider tem para dizer. Schneider faz um esforço violento: "Ali está um! Um desses safados que não têm força nem coragem. Um tipo como eu, como Moúlu, como todos nós; não como tu, claro. É verdade que se tornou um safado, é verdade, é de tal modo verdade que ele próprio está convencido. Só que eu vi-o em Toul, em Setembro, tinha o horror da guerra, mas estava lá porque pensava ter razões para se bater e juro-te que não era um safado e... olha o que fizeste dele. Vocês estão todos de acordo. Pétain com Hitler, Hitler com Estaline, todos os convencem de que são duplamente culpados: culpados de ter feito a guerra e culpados de a haverem perdido. Agora estão a tirar-lhe todas as razões que eles tinham para se baterem. Este pobre tipo, que se imaginava a partir para a cruzada do Direito e da Justiça, vocês querem convencê-lo de que se deixou arrastar por leviandade para uma guerra imperialista; ele já não sabe o que quer, já não reconhece o que faz. Não é apenas o exército inimigo que triunfa: é a sua ideologia; ele fica ali, fora do mundo e da história, com as suas idéias mortas, tenta defender-se, repensar a situação. Mas com quê? Até os utensílios de que se servia para pensar morreram: vocês puseram-lhe a morte na alma."

Brunet não se pode impedir de rir: "Mas", pergunta por fim, "com ,quem estás a falar? Comigo ou com Hitler?" — "Falo com o redactor de L'Huma", responde Schneider, "com o membro do P.C., com o tipo que escrevia, a 29 de Agosto de 1939, duas colunas para celebrar a assinatura do pacto germano-soviético". — "Lá chegámos", diz Brunet. "Pois é, Schneider: chegámos. O P.C. era contra a guerra, sabe-lo muito bem", continua Brunet tranqüilo. "Contra a guerra, sim. Gritava-o bem alto, pelo menos. Mas ao mesmo tempo aprova o pacto que a tornava inevitável." — "Não", diz Brunet com ênfase: "O pacto que era a única maneira de a impedir".

Schneider desata a rir: Brunet sorri e cala-se. Schneider pára de rir bruscamente: "Sim, olha para mim, olha; com o teu ar de médico legista. Já te surpreendi mil vezes a observar os companheiros com os teus olhos frios, dir-se-ia que assinavas uma certidão de óbito. E então? Que achas? Que eu sou uma excrescência do processo histórico? De acordo. Excrescência, se quiseres. Mas morto não, Brunet, morto não, infelizmente. A minha decadência, tenho de a viver, é um gosto que trago na boca, nunca perceberás isso. Tu és um abstracto e são vocês todos, os abstractos, que fizeram de nós as excrescências que somos."

Brunet cala-se, olha para Schneider: Schneider hesita, os seus olhos estão duros e assustados, parece ter palavras irremediáveis na ponta da língua. Empalidece de repente, uma nuvem de horror ensombra o seu olhar, fecha a boca. Um instante depois recomeça com a sua voz grossa, tranqüila e monótona: "Enfim, já se sabe! Somos todos uns merdas, tu como eu, é a tua desculpa. Claro, tu continuas a considerar-te o processo histórico, mas já não o sentes. O P.C. reconstitui-se sem ti e em bases que tu ignoras. Podias, fugir e não te atreves, porque tens medo do que podias encontrar lá fora. Tu também, tu também tens a morte na alma."

Brunet sorri: não. Não é assim. Assim não o levarão, são palavras que não o atingem. Schneider cala-se e estremece: afinal, não aconteceu nada. Absolutamente nada; enervou-se um pouco, e foi tudo. Quanto à história do pacto germano-soviético, é talvez a centésima vez que Brunet a ouve desde Setembro. O soldado deve ter percebido que estavam a falar dele: levanta-se lentamente e vai-se embora com as suas enormes patas de aranha, andando de lado como um animal assustado. Quem é Schneider? Um intelectual burguês? Um anarquista da direita? Um fascista que se ignora? Os fascistas também não desejavam a guerra. Brunet volta-se para ele: vê um soldado maltrapilho que não tem nada a defender, nada a perder e que coça o nariz com um ar ausente. Brunet pensa: "Quis magoar-me." Mas não consegue querer-lhe mal por isso. Pergunta docemente: "Se pensas assim, porque estás connosco?"

Schneider parece envelhecido e gasto; diz com uma voz miserável: "Para não ficar só." Um silêncio, depois Schneider levanta a cabeça com um sorriso incerto: "É preciso fazer alguma coisa, não? Qualquer coisa. Mesmo que não esteja de acordo em alguns pontos..." Cala-se. Brunet cala-se. Um instante depois, Schneider olha para o relógio: "É a hora das visitas. Vens?" — "Não sei", responde Brunet. "Vai andando; talvez vá ter contigo". Schneider olha para ele um instante, como se lhe quisesse falar, depois volta-se, afasta-se e desaparece. O incidente está sanado.

Brunet põe as mãos atrás das costas e passeia pelo pátio, debaixo de chuva; não pensa em nada, sente-se vazio e sonoro, gotas minúsculas crepitam-lhe nas faces, nas. mãos A morte na alma. Bem. E depois? "Isso é psicologia!", diz ele com desprezo. Pára, pensa no Partido. O pátio está vazio, inconsistente e cinzento, cheira a domingo; é um exílio. De, repente Brunet desata a correr e precipita-se para o outro pátio. Os homens amontoam-se junto à cerca e calam-se, todas as cabeças se voltam para o portão: estão ali, do outro lado do muro, debaixo da mesma chuva miudinha. Brunet vê as costas largas de Schneider na primeira fila; abre caminho, põe-lhe a mão no ombro. Schneider volta-se e faz um sorriso caloroso: "Ah!", diz ele, "estás aqui". — "Estou." — "São duas e cinco", observa Schneider; "O portão vai-se abrir". Ao lado deles um aspirante inclina-se para o companheiro e murmura: "Talvez haja mulheres." — "Diverte-me ver civis", diz Schneider com animação, "faz-me lembrar os domingos no colégio". — "Eras interno?" — "Era. Fazíamos bicha no parlatório para ver a chegada dos pais." Brunet sorri sem,responder: os civis, está-se nas tintas; sente-se contente porque tem todos os companheiros à sua volta a darem-lhe calor.

O portão abre-se rangendo, um murmúrio de desilusão percorreu as fileiras: "Só estes?" Cerca de trinta. Mais alto do que eles, Brunet vê um pequeno grupo negro e compacto, levado por guarda-chuvas. Dois alemães vão ter com eles, falam-lhes sorrindo, verificam os papéis, depois afastam-se para os deixarem entrar. Mulheres e velhos, quase todos de negro, um enterro debaixo de chuva; trazem malas, sacos, cestos cobertos com toalhas. As mulheres têm rostos pardos com olhos duros e uma expressão de cansaço; avançam com passos curtos, coxas bem apertadas, perturbadas por estes olhos que as devoram. "Merda! São feias", suspira o aspirante. "Olha!", observa o outro "não é tanto assim: olha a peitaça daquela morena".

Brunet olha para elas com simpatia. Claro que são feias, têm um ar.duro e fechado, dir-se-ia que vêm dizer aos maridos: "Não serás doido por te teres deixado apanhar? Como queres que me safe, sozinha com o garoto?" No entanto vieram, a pé ou em vagões, com cestos pesados cheios de comida; são sempre elas que vêm e esperam imóveis, inexpressivas, às portas dos hospitais, dos quartéis, das prisões: as bonitas de olhos meigos usam o luto em casa. Nas suas expressões Brunet vê com emoção o tormento e a miséria da paz; tinham os olhos febris, reprovadores e fiéis quando os maridos faziam greve e elas lhes iam levar o farnel.

Os homens, na maior parte, são velhos, sólidos e de ar calmo. Andam lentamente, pesadamente, são livres: ganharam a guerra no seu tempo e têm boa consciência. Desta derrota, que não é deles, aceitam, apesar de tudo a responsabilidade; trazem-na em cima dos largos ombros porque, quando se faz um filho, têm de se pagar os vidros que ele partir: sem ódio e sem vergonha, vêm ver o rebento que fez a sua última asneira de jovem. Nestes rostos, meio camponeses, Brunet reencontra de repente o que perdera: o sentido da vida. Falava com eles, não se apressavam a compreender, ouviam com o mesmo ar de calma reflectida, hesitando um pouco; o que tinham compreendido, já não esqueciam. No seu coração um velho desejo desponta: trabalhar, sentir sobre ele olhares adultos e responsáveis.

Encolhe os ombros, vira as costas a este passado, olha para os outros, o grupo dos nervosos de rostos inexpressivos e caricatos: é este o material de que disponho. Em bicos dos pés, espetam o pescoço e seguem os visitantes com um olhar simiesco, insolente e medroso. Contavam com a guerra para os transformar em homens, para lhes conferir os direitos de chefe de família e de antigo com batente; era um rito solene de iniciação, devia ofuscar a outra, a Grande, a Mundial, cuja glória lhes oprimia a infância; devia ser ainda maior, ainda mais mundial; atirando sobre os "boches", de viam ter cumprido a chacina ritual dos pais, pelo qual cada geração inicia a vida. Não atiraram sobre ninguém, não chacinaram nada, tudo se malogrou: continuaram menores e os pais desfilam perante eles, bem vivos; desfilam, detestados, invejados, adorados, temidos, e mergulham novamente, vinte mil guerreiros, numa infância de inúteis. Bruscamente há um que,se volta, que encara os prisioneiros: todas as cabeças recuam: tem sobrancelhas espessas e faces coradas, traz uma trouxa na ponta do bastão.

Aproxima-se, põe uma mão no arame e olha para eles por baixo dos seus olhos de animal, lento, inexpressivo e arisco, os homens,esperam, retraí dos, retendo a respiração, prontos a revoltarem-se: estão à espera do par de bofetadas. O velho diz: "Então, cá estão vocês!" Silêncio, depois alguém murmura: "Pois é, papá, cá estamos." O velho continua: "Isto é mesmo uma miséria!" O aspirante afina a garganta e cora; Brunet lê a mesma desconfiança crispada na sua expressão. Sim, papá, cá estamos: vinte mil tipos que queriam ser heróis e que se renderam sem lutar. O velho abana a cabeça diz profundamente, pesadamente: "Pobres tipos!"

Toda a gente se distende, sorriem-lhe, os bustos inclinam-se sobre ele. A sentinela alemã aproxima-se, toca no braço do velho, cortesmente, faz-lhe sinal

para que se afaste; ele mal se volta, diz: “Um momento, santo Deus, já vou.” Pisca um olho conivente aos prisioneiros e os tipos sorriem, estão contentes porque é um velho que não tem papas na língua, um velho coriáceo que é da terra deles, sentem-se livres por procuração. O velho pergunta: “Custa muito?” Brunet pensa: “Pronto, vão começar as queixas.” Mas vinte vozes alegres respondem: “Não, papá. Não, não, agüentamo-nos.” — “Pois bem, tanto melhor. Tanto melhor.”

Não tem mais nada a dizer-lhes mas continua ali, pesado, hirto, a sentinela puxa-o pela manga; ele hesita, percorre os rostos com o olhar, dir-se-ia que procura o do filho: um momento depois sobe-lhe uma idéia à cabeça, tem um ar inseguro, diz, por fim, com a sua voz rouca: “Sabem, rapazes, a culpa não é vossa.” Os tipos não respondem: estão hirtos, quase em posição de sentido. O velho quer precisar a sua idéia, recomeça: “Ninguém. pensa que a culpa é vossa.” Os tipos continuam sem responder, ele diz: “Adeus, rapazes.” E vai-se embora.

Então, de repente a multidão é percorrida por um arrepio; começam a gritar, apaixonadamente: “Adeus, papa, até breve. Até breve! Até breve!” E as suas vozes incham à medida que o velho se afasta; mas ele não se volta. Schneider diz a Brunet: “Estás a ver!” Brunet sobressalta-se, responde: “Quê?” Mas sabe muito bem o que Schneider lhe vai dizer. Schneider diz: “Basta ter um pouco de confiança em nós.” Brunet sorri e diz: “Tenho ar de médico legista?” — “Não”, responde Schneider, “neste momento não”.

Olham um para o outro com amizade, Brunet volta-se bruscamente e diz: “Olha aquela mulherzinha.” Coxeia, pára, pequena e acinzentada, deixa cair o embrulho na lama, passa para a mão direita o ramo de flores que traz na mão esquerda e ergue o braço direito acima da cabeça. Decorre um instante, dir-se-ia que este braço. triunfante que lhe puxa o ombro e o pescoço se mantém erguido sem ele saber como; para terminar faz um movimento desajeitado que atira com as flores para o chão. Estas espalham-se, flores campestres, borda-rios, dentes-de-leão, papoilas: devia tê-las apanhado à beira da estrada.

Os homens empurram-se; arrastam os pés na terra e apanham os caules com as unhas sujas; levantam-se a rir e mostram-lhe as flores como se a estivessem a homenagear. Brunet sente um nó na garganta; volta-se para Schneider e.diz raivosa mente: “Flores! O que teria sido se tivéssemos ganho a guerra!” A mulher não sorri, apanha o embrulho, recomeça a andar, só se vêem as suas costas aos ziguezagues sob o impermeável. Brunet abre a boca para falar, mas olha para a expressão de Schneider e cala-se.

Schneider afasta-se empurrando os vizinhos, sai das fileiras. Parece não estar muito bem. Brunet segue-o, põe-lhe a mão no ombro: “Que há?” Schneider levanta a cabeça e Brunet volta-se, sente-se perturbado pelo seu próprio olhar, o olhar de médico legista. Repete, olhando para os pés: “Que ê? Que é que não está bem? Estão sozinhos no meio do pátio debaixo de chuva. Schneider diz: “É estúpido!” Silêncio, depois acrescenta: “Foi por ter visto civis.” Brunet fala sem levantar os olhos: “Sou estúpido como tu.” — “Tu”, diz Schneider, “não és a mesma coisa; tu não tens ninguém”.

Um momento depois Schneider desaperta o casaco, procura qualquer coisa no bolso interior, tira uma carteira estranhamente vazia. Brunet pensa: rasgou

tudo. Schneider abre a carteira: apenas uma fotografia do tamanho de um postal. Schneider estende-a a Brunet sem olhar para ela. Brunet vê uma jovem de olhos tristes. Sob os olhos um sorriso: Brunet nunca viu um assim. Ela parece saber muito bem que há no mundo campos de concentração, guerras e prisioneiros amontoados em quartéis; sabe-o e, no entanto, sorri: é aos vencidos, aos deportados, as excrescências da História que ela sorri.

Brunet procura em vão nos seus olhos o ignóbil darão sádico da caridade; ela sorri-lhe confiadamente, tranqüilamente, como se lhes pedisse que perdoassem os vencedores. Brunet tem visto muitas fotografias na vida, e muitos sorrisos. A guerra acabou com eles todos, já não se vêem. Mas este ainda se vê: nasceu agora, é endereçado a Brunet, apenas a Brunet. A Bruna, o prisioneiro, a Brunet, a excrescência, a Brunet, o vitorioso.

Schneider debruçou-se sobre o ombro de Brunet. Diz: "Ela desespera." — "Sim", responde Brunet, "devias ir-te embora". De volve-lhe a fotografia cintilante de chuva; Schneider limpa-a cuidadosamente com a manga e torna a metê-la na carteira. Brunet pergunta: "É bonita?" Não sabe; não teve tempo, de se aperceber. Levanta a cabeça, olha para Schneider, pensa: "Era para ele que ela estava a sorrir." Parece-lhe vê-lo com outros olhos. Rapazes muito novos, caçadores, vão a passar; puseram papoilas nas lapelas; não falam, têm pálpebras de quem acaba de comungar. Schneider segue-os com o olhar: Brunet hesita, uma velha frase sobe-lhe à cabeça, diz: "Acho-os comovedores." — "A sério?", pergunta Schneider.

Atrás deles, o grupo de curiosos afastou-se, os visitantes entraram para o quartel. Dewrouckère vem direito a ele bamboleando-se, atrás dele Perrin e o tipógrafo. "É verdade", pensa Brunet, "são três horas". Vêm os três de expressão carregada. Brunet aborrece-se ao pensar que estiveram os três a conversar: São coisas que não se podem impedir. Grita ao longe: "Então, rapazes?" Aproximam-se, param e olham-se, intimidados. "Vamos lá", diz Brunet sem rodeios, "que há?" O tipógrafo olha para ele com os seus belos olhos inquietos; tem mesmo mau aspecto. Diz: Fizemos sempre o que nos pediste, não foi?" — "Foi", concordou Brunet com impaciência. "Sim, foi. Então?"

O tipógrafo não consegue acrescentar mais nada, Dewrouckère fala por sua vez, sem levantar os olhos: "Nós queremos continuar e continuaremos enquanto nos pedires. Mas é tempo perdido." Brunet não diz nada. Perrin diz: "Os gajos não querem saber de nada." Brunet continua sem dizer nada, o tipógrafo recomeça com voz neutra: "Ainda ontem me peguei com um tipo porque eu disse que os "boches" nos iam levar para a Alemanha. O tipo era doido, disse-me que eu era da quinta-coluna."

Levantam os olhos e olham para Brunet com altivez. "É de tal modo que nem se pode dizer mal dos Alemães." Dewrouckère junta toda a sua coragem e olha de frente para Brunet: "Francamente, Brunet, não nos recusamos a trabalhar, se fizemos mal recomeçaremos melhor. Mas tens de nos compreender. Nós andamos por todo o lado. Por dia., é raro não falar mos a mais de duzentos tipos, apalpamos terreno; tu, é natural que fales. com menos, não te chegas a aperceber." — "Pois bem, tal como são, se amanhã libertassem os vinte mil prisioneiros, Tínhamos mais vinte mil nazis."

Brunet sente-se corar, olha-os um por um; pergunta: “é isso que pensam?” Os três tipos respondem: “sim”, e bruscamente ele estoira: “Há cá operários camponeses, deviam ter vergonha de pensar que eles se tornarão nazis ou então a culpa é vossa: um homem não é um pedaço de madeira, compreendem? Tem de ser trabalhado, meu Deus, persuadido: se vocês não conseguem virá-los é porque não sabem trabalhar.”

Volta-lhes as costas, dá três passos e volta-se novamente para eles, de dedo espetado: “A verdade é que vocês se consideram superiores. Desprezam os vossos camaradas. Pois bem, fixem isto: um tipo do Partido não despreza ninguém.” Vê-lhes os olhos estupefactos, irrita-se ainda mais, grita: “Vinte mil nazis, são doidos! Não farão nada deles se os desprezarem. Procurem primeiramente compreendê-los: têm a morte na alma, esses gajos, já não sabem o que fazer; serão do primeiro que lhes inspirar confiança.” A presença de Schneider irrita-o. Diz-lhe: “Anda, vem!”, e, ao partir, volta-se para os outros, que continuam mudos e derrotados: “Parece-me que tiveram um momento de desânimo. Está esquecido. Mas não me venham mais com histórias. Até amanhã.”

Sobe as escadas a correr. Schneider vai atrás dele; entra para o seu compartimento, deixa-se cair em cima do cobertor, estende a mão e pega num livro; Leurs Soeurs, de Henri Lavedan. Lê com atenção, linha por linha, palavra por palavra;, acalma-se. Quando a tarde começa a cair, pousa o livro e lembra-se.de que não almoçou: “Guardaram-me o pão?” Moúlu dá-lho, Brunet corta o bocado que deve dar no dia seguinte ao tipógrafo, guarda-o na sacola e começa a comer; Cantrelle e Livard aparecem no limiar da porta:,é a hora das visitas. “Olá! Olá!”, dizem os tipos sem levantar a cabeça. “Então?”, pergunta Moúlu. “Que há de novo?” — “Parece que há quem seja destemido!”, responde Livard. “E quem paga, naturalmente? Nós.” — “Hã!”, diz Moúlu, “então sempre há novidade?” — “Há”, responde Livard, “um sargento-ajudante acaba de se evadir.” — “Evadir-se? Porquê?”, pergunta o lourinho, que a surpresa torna brutal.

Levam tempo a digerir a notícia, há nos seus olhos uma leve desorientação, um ligeiro horror, como antigamente nas multidões cansadas do metropolitano quando um louco se punha inopinadamente aos gritos. “Evadido”, repete Gassou lentamente. O nortista pousou o pedaço de madeira que estava a esculpir. Parece inquieto. Lambert mastiga em silêncio, com os olhos fixos e duros. Diz, ao fim de um instante, com um sorriso desagradável: “Há sempre quem se julgue com mais pressa do que os outros.” — “Ou então”, observa Moúlu, “é porque gosta de andar a pé”. Brunet, com a ponta da faca, tira migalhas podres do pão e deixa-as cair no cobertor; sente-se mal.

O ar acinzentado da rua entrou pelo quarto; lá fora, na cidade morta, há um tipo perseguido que se esconde. Nós, nós estamos aqui, comemos, dormiremos esta noite debaixo de tecto. Pergunta contrariado: “Como é que ele se safou?” Livard olha para ele com superioridade e diz: “Adivinha!” — “Pois bem! Não sei, pelo muro das traseiras se calhar.” Livard meneia a cabeça, faz uma pausa, depois, triunfante: “Pelo portão, às quatro da tarde, nas barbas dos “boches”!”

Os tipos ficam.de boca aberta, Livard e Cantrelle gozam com a admiração geral, depois Cantrelle explica com a sua voz aguda e rápida: “Veio cá a mãe vê-

lo, trazia-lhe roupa numa mala; ele mudou-se dentro de um armário e depois saiu dando-lhe o braço." — "Não havia ninguém para o prender?", pergunta Gassou indignado. Livard encolhe os ombros: "Prender, como?" — "Eu", diz Gassou, "se o tivesse reconhecido à saída, chamaria um "boche" e tê-lo-ia feito prender!" Brunet olhou-o pasmado: "Serás doido?" — "Doido?", interroga Gassou arrebatadamente. "Pobre França! Agora somos chamados doidos quando queremos cumprir o nosso dever".

Lança um olhar à sua volta para ver se o aprovam e continua com mais convicção: "Vais ver se sou doido quando proibirem as visitas. Porque, fica sabendo, eles não eram obrigados a autorizá-las. Não acham, rapazes?" Moúlu e Lambert abanam a cabeça, Gassou acrescenta em tom severo: "É verdade! Por uma vez que os "boches" foram simpáticos, é assim que lhes agradecemos? Cagando-lhe na mão. Vai haver bronca e com razão." Brunet abre a boca para lhe chamar patife — mas Schneider lança-lhe um olhar rápido e grita: "Gassou, és ignóbil."

Brunet cala-se, pensa amargamente: "Apressou-se a injuriá-lo para me impedir de o julgar. Não julga Gassou, nunca julga ninguém: à minha frente tem vergonha por ele?" Gassou olha para Schneider com os olhos brilhantes, Schneider retribui-lhe o olhar: Gassou baixa os olhos: "Bem", observa, "bem, bem! Vamos lá a ver. Suprimam as visitas; eu, por mim, estou-me nas tintas: os meus velhos estão em Orange." — "E eu então!", replica Moúlu. "Sou órfão. Mas é preciso pensar nos companheiros". — "Com efeito", diz Brunet. "E tu és o mais indicado para o dizeres, tu que te lavas tão cuidadosamente todos os dias para evitares que os teus companheiros apanhem piolhos..."— "Não é a mesma coisa", contraria bruscamente o lourinho. "Moúlu é porco, de acordo, mas só nos chateia a nós. Enquanto o outro se está nas tintas para vinte mil gajos ao safar-se sozinho." — "Se os "boches" O apanharem", insiste Lambert, "e o meterem numa cela, não sou eu que o vou lamentar." — "Estás a ver", diz Moúlu, "a seis sema nas do fim, o cavalheiro pira-se. Não podia fazer como nós? Não?"

Pela primeira vez o sargento concorda com eles: "É o temperamento francês", comenta ele suspirando, "e foi por isso que perdemos a guerra". Brunet goza, diz-lhes: "O que não vos impede de gostarem de estar no lugar dele e de sentirem vergonha de não terem tentado o golpe." — "Aí é que te enganas", contraria vivamente Cantrelle; "se ele tivesse arriscado alguma coisa, não importa o quê, um tiro no traseiro, por exemplo, não digo que não poderia pensar-se: é um patife, uma cabeça de vento, mas é valente. Em vez disso, o cavalheiro vai-se embora tranqüilamente, protegido por uma mulher como um cobarde, não é uma evasão, é um abuso de confiança".

Um arrepio gelado percorre a espinha de Brunet, endireita-se e olha-os nos olhos, cada um por sua vez: "Bem, pois bem, nestas condições previno-vos: amanhã à noite, salto o muro e safo-me. Veremos se há alguém que me denuncie." Os tipos parecem perturbados, mas Gassou não se deixa desarmar. Diz: "Não te denunciaremos, sabe-lo muito bem, mas quando sair daqui conta comigo para te ir pedir contas: porque, se o fazes, podes crer que nós pagaremos as favas." — "Pedir contas", exclama Brunet com um riso insultante, "pedir

contas, tu?" — "Oh!, claro; se for preciso vamos vários." — "Falamos nisso daqui a dez anos quando voltares da Alemanha."

Gassou quer responder, mas Livard corta-lhe a palavra: "Não discutas com ele. Seremos libertados a catorze, data oficial." — "Oficial?", pergunta Brunet a gozar. "Viste isso escrito?" Livard esforça-se por não responder, volta-se para os outros e diz: "Não vi escrito, mas é como se tivesse visto." Os rostos iluminam-se na sombra: lâmpadas de rádio, sombrias e leitosas. Livard olha para eles com um sorriso confiante, depois explica: "Hitler disse-o!" — "Hitler!", repete Brunet estupefacto.

Livard ignora a interrupção. Prossegue: "Não é que eu goste desse gajo, claro que é nosso inimigo. E quanto ao nazismo, não sou contra nem a favor: com os "boches" pode ser que dê resultado, mas não se coaduna com o temperamento francês. Mas Hitler tem uma coisa a seu favor: faz sempre o que diz. Afirmou: a 15 de junho estarei em Paris; e estava, até chegou antes." — "Falou em nos libertar?" pergunta Lambert. "Falou. Disse: a 15 de junho estamos em Paris e no 14 de julho vocês dançarão com as vossas mulheres." Uma voz tímida atreve-se, é a do nortista: "Pensei que ele tinha dito: nós dançaremos com as vossas mulheres. Nós: nós, os "boches"!"

Livard examina-o: "Estavas lá?" — "Não", diz o nortista. "Foi o que me disseram". Livard goza, Brunet pergunta-lhe: "E tu, estavas lá?" — "Claro que estava! Foi em Haguenau; os companheiros tinham um rádio; quando entrei acabara de o dizer!" Abana a cabeça e repete complacentemente: "A 15 de junho estamos em Paris e a 14 de julho vocês dançarão com as vossas mulheres." — "Ah!", repetem os tipos excitados, "a 15 de junho em Paris e nós dançaremos a 14 de Julho". As mulheres, a dança. Com o pescoço enfiado nos ombros, a cabeça para trás, as palmas das mãos apoiadas nas lonas, os tipos dançam; o chão estala, rodopia e valsa sob as estrelas, entre as grandes, falésias da Place Chateaudun.

Mais calmo, Gassou inclina-se para Brunet e explica-lhe com lógica: "Hitler, compreendes, não é parvo. És capaz de me dizer porque havia ele de instalar um milhão de prisioneiros na Alemanha? Um milhão de bocas a alimentar?" — "Para os pôr a trabalhar", explica Brunet. "Trabalhar? Com os operários alemães? Não há dúvida! Os "boches" sentir-se-iam bem depois de falarem connosco!" — "Em que língua?" — "Numa qualquer, por gestos, em esperanto: o operário francês nasceu esperto, discute, é independente, em dois tempos abriria os olhos aos "boches", e podes crer que Hitler pensou nisso. Oh!, não, ele não é parvo!, não. Eu sou como Livard: não gosto dele, mas respeito-o e não há muitos de quem eu diria o mesmo."

Os tipos aprovam com a cabeça, gravemente: "Temos de ser justos: ama o seu país." — "É um homem que tem um ideal. Não o nosso, claro: mas é,digno de respeito." — "Todas as opiniões são respeitáveis, desde que sejam sinceras." — "E os nossos, então, os nossos deputados, qual era o ideal deles? Encher os bolsos, claro, e mulheres e tudo o resto. Pagaram,grandes banquetes com o nosso dinheiro, Na terra deles não é assim: pagas os teus impostos, mas sabes para onde vai o teu dinheiro. Todos os anos recebes uma carta: o senhor pagou tanto; pois bem, isso representa tanto de medicamentos para os doentes ou tantos metros

quadrados de auto-estrada. É como te digo." — "Ele não nos queria fazer a guerra", diz Moúlu: "nós é que lha declarámos. Espera lá: nem sequer fomos nós; Daladier nem consultou a Câmara." — "É o que te digo. Então ele, compreendes, que não é parvo, disse: já que a querem, vão ver como é. E em menos de nada foi o que se viu. Bem. E agora? Pensas que está contente com um milhão de prisioneiros? Vais ver; dentro de alguns dias, diz-nos: rapazes, vocês estão a embaraçar-me, vão para casa. E depois volta-se para os Russos e o, resto é lá com eles. A França, para que é que lhes interessa? Não precisa dela. Vai ficar com a Alsácia, por uma questão de prestígio, isso é certo. Mas, só te digo: estamo-nos nas tintas para os Alsacianos; cá por mim nunca os gramei."

Livard ri em silêncio, para si próprio: parece satisfeito: "Nós, se tivéssemos tido um Hitler!" — "Ah!, meu pobre amigo!", exclama Gassou. "Hitler com o soldado francês? Seria terrível! A esta hora estaríamos em Constantinopla. Por que", acrescenta com um piscar de olhos malicioso, "O soldado francês é o melhor do mundo, quando bem comandado". Brunet pensa que Schneider deve estar envergonhado, não se atreve a olhar para ele. Levanta-se, volta as costas aos melhores soldados do mundo, pensa que não há nada a fazer; sai. No patamar hesita, olha para a escada que mergulha, às voltas, na escuridão: a esta hora a porta deve estar fechada... Pela primeira vez sente-se prisioneiro. Mais tarde ou mais cedo, terá de voltar para a sua jaula, estender-se ao lado dos outros e ouvir-lhes os sonhos. Por baixo dele, o murmúrio da caserna, gritos e cânticos sobem pela caixa da escada. O soalho range, volta-se apressadamente; Schneider avança para ele pelo corredor sombrio atravessando um a um os últimos raios do dia.

Vou dizer-lhe: "Ainda tens coragem de os defender!" Schneider está mesmo ao pé dele, neste momento, Brunet olha para ele e não diz nada. Encosta-se ao corrimão; Schneider vem encostar-se ao pé dele, Brunet diz: "Dewrouckère tem razão." Schneider não responde: que pode ele responder? Um sorriso, flores vermelhas debaixo de chuva, basta ter confiança neles um pouco, só um pouco, ah!, quero acreditar; repete furioso: "Nada, a fazer. Nada! Nada! Nada!" Claro que a confiança não basta! Confiança em quê? É preciso sofrimento, medo e ódio, é preciso a revolta e a chacina, é preciso uma disciplina de ferro. Quando não tiverem nada a perder, quando a vida for pior do que a morte...

Debruçam-se os dois sobre o escuro, cheira a pó, Schneider pergunta baixando a voz: "É verdade que queres fugir?" Brunet olha para ele sem responder, Schneider diz: "Sentirei a tua falta." Brunet diz amargamente: "Serias o único." No rés-do-chão vozes cantam em coro: bebamos um gole, bebamos dois, à saúde dos namorados; fugir, deixar vinte mil homens, deixá-los sucumbir no meio de toda esta merda, teremos o direito de dizer: não há nada a fazer? E se é em Paris que o esperam? Pensa em Paris com uma nostalgia cuja violência o espanta.

Diz: "Não fugirei: disse isso num momento de revolta." — "Se pensas que já não há nada a fazer!" — "Temos de trabalhar onde estamos e com os meios de que dispomos. Mais tarde, veremos." Schneider suspira; bruscamente Brunet diz: "Tu é que devias fugir." Schneider abana a cabeça, Brunet diz timidamente: "Tens a tua mulher à espera." Schneider torna a abanar a cabeça; Brunet pergunta: "Mas porquê? Não tens nada que te retenha aqui.", Schneider

responde: “Noutro lado, será ainda pior.” Bebamos um gole, bebamos dois, à saúde dos namorados. Brunet diz: “O mais depressa possível para a Alemanha!” e, pela primeira vez, Schneider repete com uma espécie de vergonha: “Sim, para a Alemanha! Depressa! E merda para o rei de Inglaterra, que nos declarou a guerra.”

Vinte e sete homens, o vagão chia, o canal estende-se ao longo da via, Moúlu diz: “Afinal, não está destruída como diziam.” Os alemães não fecharam a porta corrediça, a claridade e as moscas entram para o vagão; Schneider, Brunet, o tipógrafo estão sentados no chão, junto à porta, com as pernas para fora, é um belo dia de Verão. “Não”, comenta Moúlu satisfeito, “afinal não está, muito destruída”. Brunet levanta a cabeça: Moúlu, de pé, vê passar os campos e os prados com satisfação — Está calor, sente-se o odor dos homens; um tipo ressona no fundo do vagão. Brunet debruça-se: no furgão, capacetes alemães brilham sobre os canos das espingardas. Um belo dia de Verão, tudo está calmo; o comboio desliza, o canal passa; de onde em onde uma bomba abriu um buraco no caminho, perfurou um campo; no fundo das covas, há água que reflecte o céu.

O tipógrafo diz para si próprio: “Não seria difícil saltar.” Schneider aponta para as espingardas com um gesto de ombros: “Abater-nos-iam como coelhos.” O tipógrafo não responde, debruça-se como se fosse mergulhar; Brunet segura-o pelo ombro. “Não seria muito difícil”, repete o tipógrafo fascinado. Moúlu acaricia-lhe a nuca: “Já que vamos para Châlons!” — “Mas é verdade? Será que vamos mesmo?.” — “Viste o edital tão bem como eu.” — “Não estava escrito que íamos para Châlons.” — “Não, mas estava escrito que ficaremos em França. Não é, Brunet?”

Brunet não respondeu logo: é verdade que, na antevéspera, na parede, tinha visto o edital assinado pelo comandante: “Os prisioneiros do campo Baccarat ficarão em França.” No entanto, estão no comboio, rumo a um destino desconhecido. Moúlu insiste: “É verdade ou não?” E vozes gritam atrás deles, impacientes: “Sim; é verdade! Não chateiem, sabem muito bem que é verdade.” Brunet lança uma olhadela ao tipógrafo e diz docemente: “É verdade.”

O tipógrafo suspira, diz com um sorriso descansado: “É curioso, sinto-me sempre bem quando viajo.” Ri francamente, agora, voltado para Brunet: “Já andei muitas vezes de comboio; em todos eles sinto a mesma impressão.” Ri, Brunet vê-o rir e pensa: “Ele não está muito bem.” Lucien está sentado um pouco atrás, rodeando os joelhos com os braços, diz: “Os meus pais tinham ficado de vir no domingo.” É um jovem, de ar calmo e que usa óculos. Moúlu diz-lhe: “Não preferes encontrá-los em casa?” — “Sim, claro, mas já que vinham no domingo, seria melhor partirmos só na segunda-feira.” Toda a gente protesta: “Está ali um que queria ficar mais três dias; bolas, há tipos que não sabem o que dizem; mais dia menos dia, já agora porque não até ao Natal?”

Lucien sorri-lhes docemente, explica: “Eles já não são novos, sabem, custa-me pensar que se deslocam para nada.” “Ora!”, replica Moúlu, “quando regressarem, serás tu quem os recebe”. — “Bem gostaria”, diz Lucien, “mas não terei essa sorte: vão levar pelo menos oito dias a desmobilizarem-nos”. — “Quem sabe?”, interroga Moúlu. “Quem sabe? Com os “boches”, talvez isto ande depressa”. — “Eu”, interrompe Jurassien, “tudo o que desejo é estar em casa para

a colheita da alfazema". Brunet volta-se: o vagão está branco de pó e de fumo, uns estão de pé, outras sentados; através dos troncos arqueados de uma floresta de pernas, vê os rostos plácidos e vagamente sorridentes.

Jurassien é um tipo gordo, de ar duro, com a cabeça totalmente rapada e uma venda preta num olho. Está sentado de pernas cruzadas, para ocupar menos espaço. "Donde és?", pergunta Brunet. "De Manosque; estava na marinha, agora moro com a minha mulher; não gostaria que ela fizesse a,colheita sem mim.",o tipógrafo continua a olhar para a via, diz: "Já era tempo." — "Que há, pateta?", pergunta Brunet. "Já era tempo de nos libertarem." — "Sim?" — "Estava farto", prossegue o tipógrafo. Brunet pensa: também ele! Mas vê-lhe os olhos brilhantes e olheirentos e cala-se. Pensa: "Depressa se aperceberá." Schneider diz: "É verdade, pateta, nunca mais nos fizestes rir que tens?" — "Oh!", responde o tipógrafo, "agora estou bem".

Queria explicar qualquer coisa, mas faltam-lhe as palavras. Faz um gesto de desculpa e diz simplesmente: "Sou de Lião." Brunet sente-se perturbado, pensa: "Tinha-me esquecido de que ele era de Lião. Há dois meses que o faço trabalhar e não sei nada dele. Agora tenho-o aqui,ao pé de mim, cheio de saudades da terra." O tipógrafo voltou-se para ele, Brunet lê lhe no fundo dos olhos uma espécie de doçura angustiada: "É mesmo verdade que vamos para Châlons?", pergunta o tipógrafo bruscamente. "Ah! Lá vens tu com isso!", comenta Moúlu impaciente. "Vamos", diz Brunet. "Vamos lá, vamos lá! Mesmo que não seja para Châlons, acabaremos por voltar." — "Devia ser para Châlons", continua o tipógrafo, "de via ser para Châlons". Parece fazer uma oração. "Sabes", diz ele a Brunet, "se não fosse por tua causa, há muito que me tinha pirado". — "Se não fosse por minha causa?" — "Sim, uma vez que havia um responsável, era obrigado a ficar." Brunet não responde. Pensa: "Naturalmente, é por minha causa." Mas isso não lhe dá nenhum prazer.

O tipógrafo recomeça: "Estaria hoje em Lião. Estou mobilizado desde Outubro de trinta e sete. Já nem me lembro da minha profissão." — "Isso volta depressa", anima-o Lucien. O tipógrafo abana a cabeça com ar de ponderação. "Oh!", insiste. "Não é assim tão rápido. Vão ver, vai custar a habituarmo-nos". Fica imóvel, de olhos vazios, depois diz: "À noite, em casa dos meus pais, limpava tudo, não gostava de, estar sem fazer nada, tudo tinha de estar asseado." Brunet olha-o pelo canto do olho: perdeu o ar fresco e alegre, as palavras saem-lhe da boca com vagar; tufos de pelos crescem-lhe, ao acaso no rosto emagrecido.

Um túnel engole os vagões da frente; Brunet olha para o buraco negro onde o comboio se enfia, volta-se bruscamente para o tipógrafo: "Se queres fugir, é agora." — "Quê?", pergunta o tipógrafo. "Basta saltares quando estivermos no túnel." O tipógrafo olha para ele e depois tudo escurece. Brunet apanha com fumo na cara e nos olhos; tosse. O comboio abranda. "Salta", diz Brunet a tossir. "Vamos, salta". Nenhuma resposta; o dia desponta através do fumo, Brunet limpa os olhos, o sol inunda-o; o tipógrafo continua lá. "Então?", pergunta Brunet. O tipógrafo pisca os olhos e diz: "Para quê? Já que vamos para Châlons."

Brunet encolhe os ombros e olha para o canal. Há uma taberna à beira da água, um tipo bebe, vê-se-lhe o capacete, o copo e o nariz comprido por cima do

rebordo. Dois homens caminham pela margem do rio; usam chapéus de palha e conversam tranqüilamente; nem sequer olham para-o comboio. “Olha!”, grita Moúlu. “Olha! Aqueles gajos!” Mas eles já estão longe. Outra taberna, toda moderna: A la Bonne Pêche. O som estridente de um piano mecânico passa rapidamente por Brunet, depois desaparece; agora são os “boches” do furgão que o estão a ouvir. Brunet vê um castelo que eles ainda não podem ver, um castelo no meio de um parque, muito branco e com duas torres pontiagudas; no parque uma garotinha com um arco olha muito séria: através destes olhos uma França inocente e ultrapassada vê-os passar. Brunet olha para a garota e pensa em Pétain; o comboio desliza através deste olhar, através deste futuro cheio de bons brinquedos, bons pensamentos, de preocupações sem importância, desliza através dos campos de batatas, das manufacturas e das fábricas de armamento, em direcção ao futuro negro e verdadeiro dos homens. Os prisioneiros, atrás de Brunet, acenam; em todos os vagões Brunet vê mãos com lenços: mas a garota não responde, aperta o arco contra ela.

“Podiam ao menos dizer adeus”, diz André. “Estavam muito contentes, em Setembro, por os irmos defender”. — “Pois é”, acrescenta Lambert, “O pior é que não os defendemos”. — “E então, foi por nossa culpa? Somos prisioneiros franceses, temos direito a um cumprimento.” Um velho pesca à linha, sentado num banco por Jurassien goza: “Retomaram tátil, nem sequer levanta à cabeça; à sua vidinha...” — “Também me parece”, concorda Brunet. O comboio desliza através da paz; pescadores à linha, tabernas, chapéus de palha e um céu tão tranqüilo. Brunet dá uma olhadela para trás, vê rostos preocupados mas encantados. “Calma, diz Martial, “O velho tem razão. Daqui a oito dias, sou eu quem vai pescar”. “Como é que pescas? À linha?” — “Ah! Não, merda: de barco.”

Vêem-na, a libertação, quase a tocam nesta paisagem familiar, o velho regressará à noite cheio de cadozes, daqui a oito dias eles serão livres: a prova está ali, insinuante e doce. Brunet sente-se mal: não é agradável ser o único a conhecer o futuro. Volta a cabeça, vê fugir as traves da outra linha. Interroga-se: “Que posso eu dizer? Não me acreditarão.” Pensa que deveria estar satisfeito, que eles vão finalmente compreender, que poderá, então, trabalhar. Mas sente no ombro e no braço o calor febril do tipógrafo e um desânimo sombrio, semelhante ao remorso, apodera-se dele.

O comboio abranda: “Que é?” — “Ah!”, explica Moúlu com um ar conhecedor, “é a agulhagem. Conheço bem esta linha, Há dez anos, era viajante, passava aqui todas as semanas, vão ver: vamos virar à esquerda. À direita, sobe-se em direcção a Lunéville e Estrasburgo”. — “Lunéville?”, pergunta o lourinho. “Mas eu tinha precisamente pensado que passávamos por Lunéville”. — “Não, não, já te disse que conheço a linha. É provável que ela esteja cortada na direcção de Lunéville, descemos por Saint-Dié, agora estamos a subir.” — “À, direita, é a Alemanha?”, pergunta a voz ansiosa de Ramelle. “É, e nós vamos para a esquerda. Para a esquerda é Nancy, Bar-le-Duc e Châlons.” Têm belos rostos tranqüilos, alguns sorriem. Apenas Ramelle, o professor de piano, morde o lábio inferior e mexe, nos óculos com um ar agitado e deprimido. Após um pequeno silêncio Moúlu põe-se a gritar: “Eh! Queridas! Um beijo, amores, um beijinho.”

Brunet volta-se bruscamente: são seis, de vestidos leves, seis que olham para eles, do outro lado da barreira. Moúlu atira-lhes beijos.

Elas não sorriem; uma morena gorda, mas não feia, põe-se a suspirar; os suspiros levantam-lhe o peito forte; as outras olham com grandes olhos desolados; nestes rostos rústicos e inexpressivos, as seis bocas fazem beicinho como uma criança que vai chorar. "Vá lá!", pede Moúlu. "Vá lá, um gesto de amizade!" Acrescenta, tomado de súbita inspiração: "Não se atiram beijos aos gajos que vão para a Alemanha?" Atrás dele há vozes que protestam: "Não fales de coisas tristes.", Moúlu volta-se, completamente à vontade: "Calem-se, digo isto para que nos façam um sorriso." Os tipos gritam, riem: "Vamos! Vamos."

A morena continua a olhar para eles com olhos amedrontados; levanta uma mão hesitante, apóia-a nos lábios descaídos e projecta-a com um movimento mecânico. "Melhor do que isso!", diz Moúlu. "Melhor do que isso!" Uma voz furiosa fala com ele em alemão; mete precipitadamente a cabeça para dentro. "Cala-te", diz Jurassien, "ainda fazes com que nos fechem o vagão". Moúlu não responde, resmunga para si próprio: "São estúpidas, as Mulheres desta terreola."

O comboio começa a trabalhar, anda lentamente, os tipos calam-se, Moúlu perde o equilíbrio e encosta-se ao ombro de Schneider, dando um grito de vitória: "Pronto, rapazes! Pronto! Vamos para Naney." Toda a gente ri e grita. A voz nervosa de Ramelle eleva-se: "Então é certo, vamos para Nancy?" — "Basta olhar", explica Moúlu apontando para a linha. De facto, o comboio virou à esquerda, descreve um arco de círculo; neste momento, sem se debruçarem, vêem a locomotiva. "E depois? É directo?" Brunet volta-se, Ramelle está ainda lívido, os lábios continuam a tremer. "Directo?", pergunta Moúlu a gozar, "pensas que nos vão fazer mudar de comboio?" — "Não, mas quero dizer: não há mais mudanças de agulha?" — "Ainda há mais duas", diz Moúlu. "Uma antes de Frouard, outra em Pagny-sur-Meuse. Mas não te preocupes com isso: nós, nós vamos para a esquerda, sempre para a esquerda: para Bar-le-Duc e Châlons". — "Quando teremos a certeza?" — "Que mais queres? Estamos certos." — "E as mudanças de agulha?" — "Ah!", diz Moúlu, "se é o que tu queres dizer, é na segunda. Se virássemos para a direita, seria para Metz e Luxemburgo. A terceira não conta. à direita é a linha de Verdun e de Sedan, que íamos fazer para lá?" — "Então é a segunda", observa Ramelle. "O próximo..."

Não diz mais nada, encolhe-se todo, os joelhos no queixo, com um ar friorento e perdido. "Ouve lá, não nos chateies", adverte-o André. "Vais ver". Ramelle não responde; um silêncio pesado caiu sobre o vagão; os rostos estão inexpressivos, mas um tanto contraídos. Brunet ouve o som abafado de uma gaita de beiços; André dá um salto: "Ah!, não, música não!" — "Tenho o direito de tocar", diz uma voz do fundo do vagão. "Música, não", pede André. O tipo cala-se. O comboio a pouco e pouco adquiriu velocidade; passa sobre uma ponte.

"Acabou o canal", suspira o tipógrafo. Schneider dorme sentado, com a cabeça descaída. Brunet aborrece-se, olha para os campos, tem a cabeça vazia; por fim, o comboio abranda e Ramelle endireita-se, de olhos esbugalhados: "Que é?" — "Não te preocupes", responde Moúlu. "É Nancy". O balastro eleva-se acima do vagão, como um muro. No cimo do muro uma enfiada de pedras

brancas; por cima destas uma balaustrada de ferro. “Há uma rua lá em cima”, explica Moúlu.

De repente Brunet sente-se esmagado por um enorme peso. Os tipos debruçam-se apoiando-se nele; viram a cara para cima; o fumo entra em, rolos espessos pelo vagão, Brunet tosse. “Olhem aquele tipo lá em cima”, diz Martial. Brunet inclina a cabeça para trás, sente contra si um contacto duro, mãos puxam-lhe os ombros: na verdade, está um tipo debruçado na balaustrada. Através das grades, vê-se-lhe o casaco preto e as calças às riscas. Traz uma pasta de coiro; deve ter quarenta anos. “Viva”, grita Martial. “Bom dia”, responde o tipo. Usa um bigode bem aparado numa face magra e dura; tem olhos azuis muito claros. “Viva! Viva!”, dizem os tipos. “Então”, pergunta Moúlu, “como vai isso em Nancy? Não está muito destruída?” — “Não”, diz o tipo. “Melhor”, diz Moúlu. “Melhor”.

O tipo não responde; olha-os fixamente, com um ar de curiosidade. “Os negócios vão bem?”, pergunta Jurassien. A locomotiva apita; o tipo põe a mão no ouvido e grita. “Quê?”, Jurassien faz gestos por cima da cabeça para explicar que não pode gritar mais alto; Lucien diz-lhe: “Pergunta-lhe pelos prisioneiros de Nancy.” — “Sobre quê?” — “Se ele sabe alguma coisa dos prisioneiros.” — “Espera”, diz Moúlu, “Já não se ouve”. — “Pergunta depressa, o comboio vai começar a andar.” O apito parou. Moúlu grita: “Os negócios? Recomeçaram?” — “Nem pensar nisso”, responde o civil. “Com todos os alemães que há na cidade.” — “Os cinemas reabriram?”, pergunta Martial. “Quê?”, interroga o civil. “Merda”, diz Lucien, “estamo-nos nas tintas para os cinemas, deixa-nos em paz com isso, deixa me conversar”. E acrescenta de um fôlego: “E os prisioneiros?” — “Quais prisioneiros?”, pergunta o civil. — “Não havia cá prisioneiros?” — “Sim, mas já não há.” — “Para onde foram?”, grita Moúlu.

O civil olha para ele um tanto espantado e responde: “Mas... para a Alemanha!” — “Eh!”, exclama Brunet, “não empurrem”. Finca as mãos no chão; os tipos esmagam-no e gritam todos ao mesmo tempo: “Para a Alemanha? És doido? Para Châlons, queres tu dizer? Para a Alemanha? Quem te disse que iam para a Alemanha?” O civil não responde, ouvia-os com o seu ar tranqüilo. “Calem-se, rapazes”, diz Jurassien. “Não falem todos ao mesmo tempo”. Os tipos calam-se e Jurassien grita: “Como soube isso?”

Um grito furioso; uma sentinela alemã, de baioneta na espingarda, salta do furgão e põe-se à frente deles. É um jovem, vermelho de raiva, grita em alemão, muito depressa, com uma voz rouca; Brunet sente-se subitamente aliviado do enorme peso que o esmaga, os tipos devem ter-se sentado precipitadamente. A sentinela cala-se, fica em frente deles, de arma na mão. O civil contínua lá, debruçado. sobre a balaustrada, olha; Brunet adivinha, dentro do vagão, todos os olhos febris que se ergueram e que interrogam em silêncio. “É estúpido!”, murmura Lucien atrás “É estúpido”.

O tipo continua imóvel, mudo, sem préstimo e, no entanto, cheio de uma ciência secreta. A locomotiva apita, um turbilhão de fumo entra pelo vagão, o comboio dá um esticão e recomeça a andar. Brunet tosse; a sentinela espera que o comboio passe por ele e atira a espingarda lá para dentro; Brunet vê dois pares de

mãos saindo das mangas acinzentadas, que o seguram pelos ombros e o puxam. "Que sabe aquele tipo? Se partiram, ele viu-os partir e é tudo."

As vozes enraivecidas explodem atrás de Brunet, Brunet sorri sem dizer nada. "É o que ele pensa", diz Ramelle. "Pensa que foram para a Alemanha". O comboio anda mais depressa, passa ao longo dos grandes cais desertos, Brunet lê num cartaz: "Saída. Passagem subterrânea." O comboio desliza. A estação está morta. Contra o ombro de Brunet, o ombro do tipógrafo treme, e este explode brutalmente: "Então é um patife por o ter dito,se não tem a certeza." — "Tens razão", diz Martial, "um grande patife". — "E de que maneira!", insiste Moúlu. "Não são coisas que se façam. É preciso ser muito estúpido..." — "estúpido?", repete Jurassien. "Não olhaste para ele! Juro-te que ele não é estúpido, aquele tipo. Sabia o que estava a fazer." — "Sabia o que estava a fazer?"

Brunet volta-se, Jurassien sorri com um ar brutal. "É um dos da quinta-coluna", diz. "Ouçam lá, rapazes", pergunta Lambert, "e se ele tinha razão?" — "Cala-te, não sejas parvo. Se queres ir para a terra dos "boches", alista-te como voluntário, mas não nos chateies." — "Olha, merda, sabê-lo-emos na mudança de agulhas." "Quando é isso?", pergunta Ramelle. Está verde. Tamborila com os dedos no capote. "Daqui a um quarto de hora, ou vinte minutos." Os outros já não dizem nada, esperam. Têm expressões duras, olhos fixos que Brunet não lhes via desde a derrota. Depois tudo caiu no silêncio, ouve-se apenas o chiar dos vagões.

Está calor. Brunet gostaria de tirar o casaco, mas não pode, está apertado entre o tipógrafo e a parede. Escorrem-lhe gotas de suor pelo pescoço. O tipógrafo fala sem olhar para ele: "Ouve, Brunet! Estavas a gozar comigo quando me disseste para saltar?" — "Porquê?", pergunta Brunet. O tipógrafo volta para ele a sua cabeça infantil e encantadora, que as rugas, a sujidade e a barba não conseguem envelhecer. Diz: "Não poderia suportar a ida para a Alemanha." Brunet não responde. O tipógrafo repete: "Não poderia suportar. Morreria lá. Tenho a certeza de que morreria." Brunet encolhe os ombros, diz: "Farás como toda a gente." — "Mas toda a gente morrerá", insiste o tipógrafo. "Toda a gente, toda a gente, toda a gente". Brunet põe-lhe uma mão no ombro. "Não te enerves, pateta", diz-lhe afectuosamente. O tipógrafo treme, Brunet continua: "Se gritas assim, ficarão todos cheios de medo."

O tipógrafo engole a saliva, tem um ar dócil, diz: "Tens razão, Brunet." Faz um pequeno gesto de desespero e de impotência, acrescenta tristemente: "Tens sempre razão." Brunet sorri. Ao fim de um momento o tipógrafo recomeça com uma voz surda: "Então, não era a sério?" — "Deixa isso", diz Brunet. "Se eu saltasse agora", pergunta o tipógrafo, "ficarias aborrecido comigo?" Brunet olha para os canos das espingardas que saem do furgão e brilham ao sol. Recomenda: "Não faças asneiras, vais ser abatido." — "Deixa-me tentar a minha sorte", pede o tipógrafo. "Deixa-me, deixa-me tentar a minha sorte." — "Agora não...", avisa Brunet. "De qualquer modo", insiste o tipógrafo, "se for lá para baixo, morro. Morrer por morrer..." Brunet não responde; o tipógrafo diz: "Diz-me só se ficavas aborrecido comigo." Brunet continua a olhar para os canos das espingardas. Fala lentamente, com frieza: "Ficava. Proíbo-te de saltares."

O tipógrafo baixa a cabeça, Brunet vê-lhe o maxilar a tremer. “És mesmo chato”, diz Schneider. Brunet volta a cabeça: Schneider está a olhar para ele com um ar duro. Brunet não responde, encosta-se à parede; gostaria de lhe dizer: “Se não o proibir de saltar, não vês que ele vai morrer?” Mas não pode porque o tipógrafo ouviria, tem a desagradável impressão de estar a.ser julgado por Schneider. Pensa: “É estúpido.” Olha para a nuca magra do tipógrafo e pensa: “E se ele morrer?” Pensa: “Merda. Já não sou o mesmo.”

O comboio abranda: é a agulhagem. É evidente que todos sabem que é a agulhagem, mas não dizem nada. O comboio pára, silêncio. Brunet levanta a cabeça. Debruçado sobre ele, Moúlu olha para a linha, de boca aberta; está lívido. Na erva do aterro, ouvem-se cantar os grilos. Três alemães saltam para a linha para desentorpecer as pernas; passam pelo vagão rindo. O comboio começa a andar; dão meia volta e correm para alcançar o furgão. Moúlu dá um grito: “À esquerda, rapazes, vamos para a esquerda.” O vagão vibra e chia, dir-se-ia que vai sair da linha. Brunet sente de novo sobre os ombros o peso de dez corpos debruçados para a frente. Os tipos gritam: “Esquerda! Esquerda! Vamos para Chálofis!” À porta dos outros vagões aparecem cabeças negras de fumo, que riem. André grita: “Eh, Chábot! Vamos para Châlons!” Chábot, que se debruça do quarto vagão, ri e grita: “Vai tudo bem, rapazes, vai tudo bem.” Toda a gente ri, Brunet ouve a voz de Gassou: “Olha!, eles tiveram medo como nós.” — “Estão a ver, rapazes!”, exclama Jurassien. “Ele era da quinta-coltina”. Brunet olha para o tipógrafo.

O tipógrafo não diz nada, continua a tremer e uma lágrima escorre-lhe pela face esquerda, traçando um sulco na sujidade e no carvão. Um tipo põe-se a tocar gaita, outro canta para acompanhar: “Minha querida farda, ser-te-ei fiel.” Brunet sente-se horrivelmente triste, vê fugir a linha, tem vontade de saltar. O vagão vai à frente, o comboio canta. Como os comboios-surpresa de antes da guerra: “Haverá uma surpresa no fim.” O tipógrafo dá um grande suspiro de alívio e alegria. Diz: “Ah!, lá, lá!; ah!, lá, lá!” Olha para Brunet com um ar malicioso, diz: “Tu, tu pensavas que íamos para a Alemanha.”

Brunet endireita-se um pouco, sente o seu prestígio atingido; mas não responde. De resto, o tipógrafo está conciliante, acrescenta vivamente: “Toda a gente se pode enganar, eu também pensava como tu.” Brunet cala-se, o tipógrafo assobia; diz, um momento depois: “Preveni-la-ei antes de chegar.” — “Quem?”, pergunta Brunet. “A minha pequena”, responde o tipógrafo. “Senão pode desmaiar.” — “Tens uma namorada?”, pergunta Brunet. “Com essa idade?” — “Tenho”, responde o tipógrafo. “Se não fosse a guerra, já nos Tínhamos casado.” — “Que idade tem ela?”, interroga Brunet. “Dezoito anos”, diz o tipógrafo. “Encontraste-a no Partido?” — “Não”, esclarece o tipógrafo. “Num baile.” — “Ela pensa como tu?” “Sobre quê?” — “Sobre tudo.” — “Bem, não sei o que ela pensa. No fundo, parece-me que não pensa nada: é uma rapariguinha engraçada. Mas é corajosa e trabalhadora e além disso... é boa!”

Põe-se a sonhar, depois continua: “Deve ter sido por isso que fiquei triste. Estava a pensar nela. Tens uma mulher, Brunet?” — “Não tenho tempo para isso”, responde ele. “Então como te arranjas?” Brunet sorri: “Às vezes, por acaso, acontece.” — “Não poderia viver assim”, replica o tipógrafo. “Não te diz nada,

um lar a sério, uma mulher?" — "Nunca lá poderia estar." — "É verdade", reconhece o tipógrafo. "É verdade". Parece confundido diz como para se desculpar: "Não preciso de muita coisa; ela também não. Três cadeiras e uma cama."

Sorri no vazio acrescenta: "Sem a guerra, teríamos sido felizes." Brunet irrita-se e olha para o tipógrafo sem simpatia; neste rosto que a magreza torna demasiado expressivo, lê um apetite guloso de felicidade. Fala docemente: "Não foi por acaso que houve esta guerra. E sabes bem que não se pode viver feliz em regime de opressão." — "Oh!", insiste o tipógrafo, "eu teria a minha casinha..." Brunet levanta a voz e diz-lhe secamente: "Então, porque és comunista? Os comunistas não são feitos para estarem metidos na sua casinha." — "por causa dos outros", responde o tipógrafo. "Havia tanta miséria no meu bairro, gostaria que isso mudasse". — "Quando se entra para o Partido, apenas o Partido conta", diz Brunet. "Devias saber no que te metias". — "Mas eu sabia", replica vivamente o tipógrafo. "Já alguma vez me recusei a fazer o que me pedias? Mas, diz-me lá, quando estou a fazer amor, o Partido não está lá para pegar na vela. Há momentos em que..."

Olha para Brunet e pára. Brunet não diz nada, pensa: "Está assim porque pensa que me enganei. Devíamos ser infalíveis." Está cada vez mais quente, o suor ensopa-lhe a camisa, o sol dá-lhe em cheio na cara: todos estes jovens deviam saber porque entram para o P.C.; quando entram por generosidade, há sempre um momento em que fraquejam. E tu, e tu, porque entraste? Ora, já foi há tanto tempo que já não tem importância, sou comunista porque sou comunista, é tudo. Com a mão direita limpa o suor dos olhos, olha para o relógio. Quatro e meia. Com estes desvios nunca mais chegamos. Os "boches", à noite, fecham os vagões e nós dormimos num desvio da linha.

Boceja, chama: "Schneider! Tu não dizes nada." — "Que queres que diga?", pergunta Schneider. Brunet boceja, vê fugir a linha, uma face lívida ri no meio dos carris, ah, ah, ah, a cabeça cai-lhe, acorda sobressaltado, doem-lhe os olhos, chega-se para trás para fugir ao sol, alguém disse: "Condenação à morte", a cabeça cai-lhe e resvala ao queixo molhado: babei-me, devo ter dormido de boca aberta, tem horror a isso. "Queres comer?" Estendem-lhe uma lata de carne, aberta, está quente, ele diz: "Que é... Ah! Bem." Vira-a para fora, o líquido amarelo cai sobre a linha. "Vá! Passa-a depressa." Estende-a sem se voltar, tiram-lha das mãos, quer tornar a adormecer, batem-lhe no ombro; pega na lata e esvazia-a. "Dá-ma", pede o tipógrafo. Brunet estende a lata ao tipógrafo, que se põe de pé com dificuldade. Brunet limpa os dedos húmidos ao dólman; um momento depois um braço estende-se-lhe sobre a cabeça e inclina a lata, o líquido amarelo espalha-se e escorre em gotas brancas para o fundo do vagão. O tipógrafo torna a sentar-se limpando os dedos, Brunet deixa cair a cabeça sobre o ombro do tipógrafo, ouve a música da gaita de beiços, vê um belo jardim cheio de flores, adormece. Um choque acorda-o, grita: "Que é?" O comboio parou no meio do campo: "Que é?" — "Não é nada", responde Moúlu, "podes dormir: é Pagny-sur Meuse".

Brunet volta-se, tudo está calmo, os homens habituaram-se à sua alegria, há quem jogue às cartas e cante, outros estão silenciosos e encantados, contam

histórias a si próprios, com os olhos cheios de recordações, que finalmente ousam deixar sair do fundo dos seus corações; ninguém presta atenção ao comboio que para, Brunet está completamente adormecido, sonha com uma estranha planície onde homens totalmente nus e magros como esqueletos, com barbas grisalhas, estão sentados à volta de uma grande fogueira; quando acorda, o Sol está a baixar no horizonte, o céu está arroxeado, duas vacas pastam num prado, o comboio continua a não se mexer, há tipos que cantam; no campo, soldados alemães apanham flores. Há um pequeno e gordo, muito forte, de faces coradas, que se aproxima dos prisioneiros, com uma margarida na boca e um sorriso muito aberto. Moúlu, André e Martial sorriem-lhe.

Os alemães e os franceses ficam um momento a olhar uns para os outros, a sorrir, depois Moúlu diz bruscamente: "Cigaretten. Bitte schön Cigaretten." O soldado hesita e vira-se para a valeta; os três companheiros, curvados, estão de costas; procura no bolso e atira o maço de cigarros para o vagão; Brunet ouve todo um alvoroço atrás de si. Ramelle, que não fuma, endireitou-se e grita: "Danke schön", sorrindo. O gordo faz-lhe sinal para que se cale.

Moúlu diz a Schneider: "Pergunta-lhe para onde vamos." Schneider fala em alemão com o soldado, que responde a sorrir; os outros acabaram a colheita, aproximam-se trazendo os ramos na mão esquerda, as flores voltadas para baixo; há um sargento e dois soldados; parecem eufóricos e metem-se, rindo, na conversa. "Que dizem?", pergunta Moúlu também a sorrir. "Espera", diz Schneider impaciente. "Deixa-me perceber."

Os soldados lançam um último gracejo e voltam sem pressa para o furgão, o sargento pára para urinar contra a roda, abotoa a braguilha, de pernas abertas, olha para os seus homens e, enquanto eles estão de costas, atira um maço de cigarros para o vagão. "Ah!", exclama Martial, sentindo-se feliz, "eles não são muito maus". — "É porque fomos libertados,", diz Jurassien, "querem deixar-nos. boa impressão". — "Deve ser", continua Martial, sonhador. "Tudo o que fazem é propaganda". — "Que disseram eles?", pergunta Moúlu a Schneider. Este não responde; está com um ar estranho. "Sim", insiste André, "que disseram?" Schneider engole a saliva com dificuldade, responde: "São de Hannôver. Combateram na Bélgica." — "Para onde disseram que íamos?" Schneider abre os braços, sorri desculpando-se e diz: "Para Trèves." — "Jrèves", exclama Moúlu. "Onde é isso?" — "No Palatinat", responde Schneider.

Há um silêncio imperceptível, depois Moúlu diz: "Trèves, na Alemanha? Então estiveram a gozar contigo." Schneider não responde. Moúlu diz, com uma segurança tranqüila: "Não se vai para a Alemanha por Bar-le-Due." Schneider continua sem dizer nada, André pergunta desinteressado: "Estavam a gozar ou quê?" — "Viste bem que sim", diz Lucien. "E não era pouco!" — "Não estavam a gozar quando me responderam isso", replica Schneider contrariado. "Não ouviste o que Moúlu disse?", pergunta Martial furioso. "Não se passa por Bar-le-Luc para ir para a Alemanha. Não tem sentido." — "Não se passa por Bar-le-Duc", — insiste Schneider, — "vira-se à direita".

Moúlu põe-se a rir: "Ah!, então não! Se me permites, conheço o caminho melhor do que tu. À direita fica Verdun e Sedan. Se continuasses pela direita, talvez fosses para a Bélgica, mas para a Alemanha não!" Vira-se para os outros

com um ar de tranqüila evidência: “Já vos disse que dantes passava muito por aqui. Em certas alturas, duas vezes por semana!”, e o seu rosto exprime desesperadamente a convicção. “Evidentemente”, concordam os outros, “é evidente que ele não pode estar enganado”. — “Passa-se pelo Luxemburgo”, explica Schneider.

Esforça-se por falar; agora que começou, Brunet tem a impressão de que ele lhes quer meter a verdade na cabeça, está pálido e fala sem olhar para ninguém. André chega a cara à de Schneider e grita-lhe: “Então, porque demos esta volta? Porquê?” Os outros gritam atrás dele: “Porquê? Porquê? É estúpido. Porquê? Bastava termos passado por Lunéville.” Schneider faz-se vermelho, vira-se todo para o fundo do vagão e volta-se para os tipos: “Não sei nada, não sei nada, nada”, grita furioso. “Talvez por as,linhas estarem destruídas ou por haver composições alemãs estacionadas, não me façam dizer mais do que sei e acreditem no que quiserem.” Uma voz aguda grita acima de todas as outras: “Não se preocupem, rapazes, já vamos saber ao certo.” E todos repetem: “é verdade, veremos, veremos, não vale a pena zangarmo-nos.”

Schneider torna a sentar-se sem responder; no penúltimo vagão aparece uma cabeça encaracolada, uma voz jovem chega até eles: “Eh!, rapazes! Eles disseram para onde vamos?” — “Que disse ele?” — “Pergunta para onde vamos.” O vagão agita-se, desatam a rir: “Vem mesmo na altura, não há dúvida de que é o momento de vir com essa pergunta.”

Moúlu debruça-se, com as mãos à volta da boca, grita: “Para o meu cu!” A cabeça desaparece. Todos riem, depois param; Jurassien convida: “Vamos jogar, rapazes? Vale mais do que estar mos aqui a remoer.” — “Vamos”, dizem eles. Sentam-se de pernas cruzadas à volta de um capote dobrado em quatro. Jurassien trouxe as cartas, distribui-as. Ramelle rói as unhas em silêncio; a gaita de beiços toca uma valsa; de pé, encostado à janela do fundo, um tipo fuma um cigarro alemão com ar pensativo. Diz, para si próprio: “É um prazer fumar.”

Schneider volta-se para Brunet e fala-lhe em ar de desculpa: “Não lhes podia mentir.” Brunet encolhe os ombros sem responder. Schneider insiste: “Não, não podia.” — “Não teria servido de nada”, concorda Brunet; “de qualquer modo daqui a pouco sabê-lo-ão”. Apercebeu-se de que falou sem convicção; está irritado com Schneider, por causa dos outros. Schneider, olha para ele com um ar estranho e diz: “É pena que não saibas alemão.” — “Porquê?”, pergunta Brunet surpreendido. “Porque tu ficarias contente por os teres esclarecido.” — “Enganas-te”, replica Brunet pausadamente. “Esta partida para a. Alemanha”, diz Schneider, “chegaste a desejá-la”. — “É verdade”, concorda Brunet, — “desejei-a”.

O tipógrafo recomeçou a tremer. Brunet rodeia-lhe os ombros com o braço e aperta-o contra si. Com a cabeça aponta-o a Schneider e diz: “Cala-te.” Schneider olha para Brunet com um sorriso de, espanto; parece dizer: desde quando te preocupas em poupar as pessoas? Brunet volta a cabeça, mas é para reencontrar o rosto ávido do tipógrafo. Olha para ele, os lábios mexem, os grandes olhos doces esmorecem-lhe no rosto. Brunet vai dizer-lhe: “Tinha-me enganado?”

Mas não diz nada, olha para os pés que pendem sobre as rodas imóveis, assobia; o Sol põe-se, está menos quente; um garoto enxota as vacas com uma cana, elas assustam-se, depois acalmam e metem-se pela estrada majestosamente; um garoto que regressa a casa, vacas que regressam ao estábulo: uma dor de alma. Ao longe, sobre os campos, esvoaçam aves negras: os mortos não estão todos enterrados. Esta angústia que o domina,. Brunet já não sabe se é sua ou dos outros; volta-se, olha-os para se manter à distância: rostos cinzentos e distraídos, quase tranqüilos, reconhece o ar ausente das multidões que vão incendiar-se em ódio. Pensa: "Está bem assim. Está muito bem." Mas sem alegria.

O comboio abana, roda por alguns minutos, depois pára. Debruçado para fora do vagão, Moúlu perscruta o horizonte, diz: "A agulhagem fica a cem metros." — "Não vês", diz Gassou, "que nos vão deixar aqui até amanhã?" — "A disposição geral vai ser óptima!", exclama André. Até nos ossos Brunet sente a imobilidade pesada do vagão. Alguém diz: "Vai começar a guerra de nervos." Um crepitar seco percorre o vagão, é um riso. Apaga-se. Brunet ouve a voz imperturbável de Jurassien: "Trunfo. Outra vez trunfo!" Sente um esticão, volta-se; a mão de Jurassien, que segurava um ás de copas, ficou no ar, o comboio recomeçou a andar; Moúlu espreita. Um momento depois o comboio ganha um pouco de velocidade, depois surgem dois trilhos por baixo das rodas, duas faíscas paralelas que se perdem à esquerda, entre os campos. "Merda!", grita Moúlu. "Merda! Merda!"

Os tipos calam-se: compreenderam; Jurassien deixa cair o ás no capote e passa; o comboio desliza suavemente com um sopro regular, o sol-poente avermelha a face de Schneider, começa a estar frio. Brunet olha para o tipógrafo e agarra-o bruscamente pelos ombros: "Não faças asneiras, ouviste? Não faças asneiras, meu rapaz!" O corpo magro crispa-se sob os seus dedos, ele aperta mais, o corpo distende-se, Brunet pensa: "Protegê-lo-ei até à noite." À noite os "boches" virão fechar o vagão, de manhã ele estará calmo.

O comboio desliza sob o céu cor de malva, num silêncio absoluto: eles sabem, agora, em todos os vagãos, eles sabem. O tipógrafo abandonou-se, como uma mulher, sobre o ombro de Brunet, que pensa: "Terei o direito de o impedir de fugir?" Mas continua a apertá-lo. Um riso atrás de si, uma voz: "E a minha mulher que queria um filho! Terá de ser o vizinho a fazer-lho!" Riem-se. Brunet pensa: "Riem da miséria." O riso enche o vagão, a raiva aumenta; uma voz alegre repete: "Que parvos que fomos! Que parvos que fomos!" Um campo de batatas, fábricas de aço, minas, trabalhos forçados: com que direito?, Com que direito o pode impedir? "Que parvos que fomos!", repete a voz. A raiva alastra e aumenta. Sob os dedos, Brunet sente tremer os ombros magros e os músculos desfeitos, pensa: "Não vai agüentar." Aperta-o, com que direito? Aperta-o mais, o tipógrafo diz: "Estás a magoar-me!" Brunet aperta a vida de um comunista, pertence-nos enquanto viver. Olha para esta cara de esquilo: enquanto viver, sim; mas ainda viverá? Acabou-se, as molas partiram-se, nunca mais trabalhará.

"Deixa-me", grita o tipógrafo. "Santo Deus, deixa-me". Brunet sente-se mal; tem nas mãos este farrapo: um membro do Partido que já não tem préstimo. Gostaria de lhe falar, de o exortar, de o ajudar, não pode: as suas palavras pertencem ao Partido, foi o Partido que lhes deu um sentido; no interior do

Partido, Brunet pode amar, persuadir, consolar. O tipógrafo saiu desse imenso facho de luz, Brunet já não tem nada a dizer-lhe. No entanto, esta criança ainda sofre. Morrer por morrer... Ah!, que se decida! Tanto melhor se conseguir safar-se; se morrer, a sua morte servirá de exemplo. O vagão ri cada vez mais; o comboio desliza lentamente; dir-se-ia que vai parar; o tipógrafo diz com uma voz intencional: "Passa-me a lata, preciso de mijar." Brunet não diz nada, olha para o tipógrafo, vê a morte. A morte, esta liberdade. "Merda", diz o tipógrafo, "não me podes passar a lata? Queres que mije nas calças?" Brunet volta-se, grita — "A lata!..."

Da sombra reluzente de raiva, sai uma mão que estende a lata, o comboio abranda mais. Brunet hesita, enterra os dedos nos ombros do tipógrafo, depois, bruscamente, deixa tudo,pega na lata; como fomos parvos, como fomos parvos! Os homens param de rir. Brunet sente um encontrão no cotovelo, o tipógrafo passou-lhe por baixo do braço, Brunet estende a mão, agarra o vazio: a massa acinzentada voltou-se dobrada ao meio, um vôo pesado, Moúlu grita, uma sombra abate-se sobre o aterro, de pernas abertas,braços cruzados. Brunet espera os tiros, já os sente nos ouvidos, o tipógrafo salta, está de pé, todo negro, livre. Brunet vê os tiros: cinco horrorosos clarões. O tipógrafo desata, a correr ao longo do comboio, tem medo, quer tornar a subir, Brunet grita-lhe: "Salta pela rampa, santo Deus! Salta!" Todo o vagão grito: "Salta! Salta!"

O tipógrafo não ouve, galopa, chega à altura do comboio, estende os braços, grita: "Brunet! Brunet!" Brunet vê-lhe os olhos aterrorizados: grita: "Pela rampa!" O tipógrafo está surdo, tem apenas uns imensos olhos, Brunet pensa: "Se subir depressa, tem uma probabilidade." Debruça-se: Schneider compreendeu e, com o braço esquerdo, aperta-o pela cintura para o impedir de cair. Brunet estende os braços. A mão do tipógrafo toca na sua, os "boches." atiram três vezes, o tipógrafo deixa-se cair para trás, tomba, o comboio afasta-se, as pernas do tipógrafo levantam-se, tornam a cair, a trave e as pedras à volta da sua cabeça estão negras de sangue. O comboio pára bruscamente, Brunet cai para cima de Schneider e diz, de dentes cerrados: "Viram muito bem que ele queria subir. Tiveram prazer em o abater." O corpo está lá, a vinte passos, já é uma coisa, é livre. Teria a minha casinha...

Brunet apercebe-se de que continua com a lata na mão, estendeu os braços ao tipógrafo sem a largar. Está morna. Deixa-a cair nas pedras. Quatro "boches" saem do furgão e correm para o corpo; atrás de Brunet os tipos resmungam; finalmente a raiva desencadeou-se. De um dos vagões da frente saiu uma dezena de alemães. Sobem pelo aterro e viram-se para o comboio, com as metralhadoras na mão. Os tipos não têm medo; alguém grita atrás de Brunet: "Patifes!" O sargento gordo está furioso, ergue o corpo, deixa-o cair e dá-lhe um pontapé. Brunet volta-se bruscamente: "Ouçam lá!, vão atirar-me ao chão!" Há vinte tipos que se debruçam. Brunet vê vinte pares de olhos cheios de ódio: capazes de assassinar. Grita: "Não saltem, rapazes, vão ser abatidos."

Levanta-se com dificuldade, debatendo-se, grita: "Schneider!" Schneider levanta-se também. Enlaçam-se pela cintura e, com os braços livres, agarram os batentes da porta. "Não passarão." Os homens empurram; Brunet vê todo este ódio, o seu ódio, o seu instrumento de trabalho, e tem medo. Três alemães

aproximam-se do vagão e apontam para os homens. Os tipos resmungam, os alemães olham-nos; Brunet reconhece o gordo de cabelo encaracolado que lhes atirara cigarros: tem olhos de assassino. Os franceses e os alemães olham-se, é a guerra: desde Setembro de 39, é a primeira vez que há guerra. A pouco e pouco a pressão diminui, os homens recuam, ele pode respirar, o sargento aproxima-se, diz "Hineiffi! Hineiffi" Brunet e Schneider comprimem-se contra o peito dos outros, atrás deles um "boche" fecha a porta corrediça, o vagão mergulha na escuridão, cheira a suor e a carvão, o ódio aumenta, os pés esfregam-se no chão, dir-se-ia uma multidão em marcha.

Brunet pensa: "Nunca mais esquecerão. Ganhámos." Sente-se mal, respira mal, tem os olhos abertos no escuro: de vez em quando sente-os inchados, duas grandes laranjas que lhe vão rebentar as órbitas. Chama em voz baixa: "Schneider! Schneider!" — "Estou aqui", responde Schneider. Brunet tacteia à sua volta, tem necessidade de tocar em Schneider. Uma mão agarra na sua. "És tu, Schneider?" "Sou." Calam-se, lado a lado, de mãos dadas. Um esticão, o comboio parte rangendo. Que fizeram ao corpo? Sente a respiração de Schneider no ouvido. Bruscamente Schneider retira a mão, Brunet quer conservá-la, mas Schneider afasta-se com um safanão. dilui-se na escuridão.

Brunet fica só e hirto, desconfortável, no calor de um forno. Equilibra-se num só pé, o outro está entalado num amontoado de pernas e sapatos. Não tenta retirá-lo, sente necessidade de se manter no provisório: está de passagem, o seu pensamento está de passagem na sua cabeça, o combóio está de passagem em França, as idéias brotam, indistintas, e caem na via férrea, atrás dele, antes que tenha tempo de as reconhecer, ele afasta-se, afasta-se, afasta-se; é a esta velocidade que é suportável viver. Paragem completa: a velocidade. desliza e cai-lhe aos pés; ainda sabe que o comboio se move; range, sacode e vibra; mas ele já não sente o movimento. Está numa grande lata de lixo, alguém lhe dá pontapés. Atrás dele, numa berma, está o corpo, desossado; Brunet sabe que se afastam cada vez mais dele, queria senti-lo, não pode: tudo estagnou. Sobre o morto e o vagão inerte, a noite, a noite passa, única sobrevivente. Amanhã a aurora cobri-los-á do mesmo orvalho, a carne morta e o aço enferrujado estarão banhados do mesmo suor. Amanhã chegarão os pássaros negros.